

# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCAR LEAL

SERIE I

Lisboa 28 de Outubro de 1894

ANNO I

## ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos) ... 10\$000  
Seis mezes ou meia serie, réis. .... 5\$000  
Em notas ou em sellos remetidos dentro de  
carta registrada ao director d'esta folha.

Editor — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

Correspondencia para o n. 222, Correio Geral—Lisboa

## ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis. .... 1\$500  
Seis mezes, ou meia serie, réis. .... \$800

## NUMERO PROGRAMMA

### EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por meia serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cedulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil ou vale postal.

Esta empresa encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser illustrada com gravuras de Pastor.

N'estas condições considera a direcção como meio mais proficuo e consoante ao seu patriotico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos differentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para a Rua do Desterro, 35, 1.º

Convidamos para nossos collaboradores-correspondentes no Brazil os Ex.<sup>mos</sup> Srs:

Estevam de Mendonça — Matto-Grosso.  
Alberto Rodrigues — Rio Grande do Sul.  
Arthur Goulart, Carlos Ferreira, Lafayette Toledo, Furtado Filho e Alberto Veiga — S. Paulo.  
Luiz Monteiro — Goyaz.  
Dr. Salazar Pessoa e Dr. Alfredo Fleury — Minas.  
Augusto Cardoso e João Barbosa — Rio de Janeiro.  
Arthur d'Albuquerque — Pernambuco.  
Servulo Juaçaba e Dr. Aurelio Lavor — Ceará.  
Luiz Pinheiro e Dr. Oscar Galvão — Maranhão.  
Conego Ulysses Pennafort — Pará.  
Dr. Benjamin Graça — Iquitos.

Lisboa 28 de Outubro de 1894

Não deixa de ser algum tanto ardua a missão que abraçamos mais uma vez, principalmente quando ainda nos acompanha a convicção intima de sermos apenas inspirados pela consciencia da nossa pobre obscuridade.

Incerto o nosso destino, vagas as nossas aspirações, vemos que a nossa vida até aqui tem sido inquieta e errante, cortada de sabores e dissabores de toda a especie, que só tem servido para mais robustecer a nossa vontade de ferro.

Felizmente a cultura das letras nunca poudé constituir a nossa unica occupação, mas sim um passatempo proveitoso, quando nos julgamos ao abrigo das necessidades, segundo as exigencias do nosso espirito.

Como as escripturas da *Sybilla*, ao capricho dos ventos revoando, nossos escriptos estão dispersos e a impressão de cada um d'elles lembra uma fadiga, um contratempo.

No grande meio em que ousamos de novo entrar, cremos haver um lugar para nós, e, que ao menos acreditem os illustres confrades, que não é a jactancia fôfa do pedante, e sim um dever, nascido de um lugar que immerecidamente occupamos nas fileiras dos operarios do progresso—o que aqui nos traz.

A imprensa e a tribuna, como já disse abalisado escriptor, são os dois polos da vida intellectual e o diametro de uma é o proprio diametro da outra.

A imprensa devemos a liberdade de que gozamos, as delicias que fruimos, e a substituição das ficções pela realidade.

Mãos á obra, pois, e que nos recebam de braços abertos aquelles que ora não podemos estreitar em fraternal amplexo, pela distancia a que se encontram, é este um dos nossos mais vehementes desejos.

O titulo d'esta folha recorda a hora tardia em que nas longas noites de insomnia, deixamos a quentura fôfa do leito para nos entregarmos ao estudo.



PADUA CARVALHO

Contando com um excellente corpo de collaboradores, escolhidos entre os melhores escriptores portuguezes, a *Madrugada*, espera que nenhuma nuvem virá toldar a aurora brilhante do seu futuro.

Esperamos, pois, que o leitor acolherá de bom grado um jornal em que se não poupa trabalho nem despeza, para que seja digno de sua estima e possa preencher o fim a que nos propuzemos.

A DIRECÇÃO

Padua Carvalho

Antonio de Padua Carvalho foi um dos poetas mais distinctos e inspirados do Pará.

Pertencia a uma brilhante pleiade de jovens bardos paraenses como Paulino de Brito, Eustachio de Azevedo, Marques de Carvalho, Luiz Tavares, Frederico Rhossard, Mucio Javrot, João do Rego, Julio Cezar e outros.

Padua Carvalho foi sempre considerado o principe dos poetas d'este elegante grupo.

Nasceu o distincto bardo na capital do Pará no anno de 1860. Depois de ter recebido alguma instrucção matriculou-se na Escola Normal d'aquelle Estado, onde fez um curso invejavel e brilhantissimo. Mesmo como estudante, Padua Carvalho já salientava-se como maviioso poeta e emerito jornalista.

Mais tarde entrou para a redacção do *Diario de Noticias*, onde deu sobejas provas do seu talento jornalístico e litterario.

Padua Carvalho foi um dos litteratos mais apreciados do Pará. Como conteur foi inimitavel. Com que naturalidade e elegancia de estylo elle descrevia os panoramas mais bellos da natureza! Seus versos são correctos, bellos e inspirados.

Dizem que o illustre moço muito soffreu com os zoilos perversos e invejosos. Mas isto da-se em toda a parte. No Brazil não há critica, há somente despeito.

Um seu amigo e collega disse o seguinte sobre a critica, de que foi o poeta um martyr: «Padua Carvalho» não deixou contudo de soffrer o aguilhão dos criticos protervos, dos pretenciosos litteratos de encomenda, que offuscar quizeram por vezes o brilho do seu talento. Foi um martyr. Ouvia as phrases moribundas do pessimismo caturra sem ligar-lhes importancia. Sabia que os seus adversarios eram os bemaventurados poetastros incongruentes e réles, que, por serem pretenciosos, se julgam os corypheus da litteratura Amazonica.»

Na verdade, no Brazil poucos são os que criticam com imparcialidade e com merito. Um d'elles infelizmente já não existe, este era o sol da critica brasileira. Foi Tito Livio de Castro, fallecido ha poucos annos no Rio do Janeiro com 25 annos de idade.

Outro é o Dr. Silvio Romero, critico severo, mas justo. Os mais são zoilos, que não tendo assumpto para rabiscarem, procuram, não digo criticar, por que não sabem, mas ridicularisar as obras de outrem.

Padua Carvalho foi um eximio poeta e digno de ser lido.

Leiam leitores este mimoso soneto:

### CHROMO

Com olhar embaciado  
Ao pé d'um crucificado  
Fazia chorar o esposo  
E o filhinho tão formoso.

Vendo-lhe o corpo gelado  
Diz o pae desventurado  
Ao filhinho lacrimoso  
«Tua mãe está em repouso,

A mãesinha já morreu!»  
E o filhinho pensativo  
Muito a custo adormeceu.

De manhã por entre ais  
Não a vendo, ao pae pergunta  
«Minha mãe não volta mais!»



.....  
Não poderá haver um soneto tão natural e inspirado como este. É uma joia.

Por elle, o leitor poderá fazer um juizo perfeito do merito do bardo paraense.

Padua, Carvalho falleceu em sua propria terra no dia 6 de Abril de 1889, contando somente 29 annos de idade.

Morreu quasi esquecido.

Diz o seu amigo e tambem poeta Eustachio de Azevedo, que o proprio *Diario de Noticias*, jornal que o poeta levantou e deu vida, não passou do enfadonho *fallecimento*, ao dar a funesta noticia de sua morte!

Ingrato! diz elle «que assim pagavam os sacrificios que por elle passou».

As obras do inditoso moço dão para formar um grosso volume e o Pará as publicando, não fará mais do que render uma homenagem ao mais distincto dos seus filhos.

ARTHUR GOULART.

## Dr. Lauro Sodré

Lauro Sodré é o actual governador do estado do Pará, e o primeiro eleito no actual regimen. Republicano historico, e militar distinctissimo, tem sabido erguer o seu nome no plyntho dos grandiosos patriotas.

Nascido na capital paraense, o nosso illustre amigo tem envidado todos os seus esforços para transformar aquella cidade em um verdadeiro eden, animando os membros do Congresso estadual e da Intendencia na decretação de reformas e melhoramentos extraordinarios, dos quaes resultam enormes beneficios para a população, que até bem pouco nem um logradouro tinha onde ir espairar nas horas menos calidas do dia.

Respeitado como homem de espirito adeantado, e possuindo a mais alta comprehensão das cousas, o Dr. Sodré, deixa-se concitar pela admiração dos seus proprios adversarios.

Para alcançar a invejavel posição que occupa, nunca deixou de orientar a sua politica no mais acrisolado patriotismo, não descendo da região encantadora das maximas fundamentaes, á vasa atoladiça das discussões colericas e atrabiliarias.

Publicando o seu retrato não fazemos mais do que dar ao illustre paraense uma prova da nossa gratidão e do nosso reconhecimento.

## Lafayette de Toledo

Lafayette de Toledo, filho legitimo do capitão Antonio Augusto de Toledo e D. Thomasia de Toledo, nasceu na cidade do Araxá em Minas Geraes a 12 de Novembro de 1865.

Em 1878, tendo concluido os seus estudos de escripturação mercantil, partiu para Uberaba, onde se empregou como guarda livros de uma casa commercial.

Em Dezembro de 1885, levado pelo desejo de estudar e desenvolver-se em um meio mais adiantado, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, onde viu perderem-se todas as suas esperanças e partiu para Casa Branca, cidade de oeste do estado de S. Paulo, onde até pouco residia exercendo a sua antiga profissão. Alli se casou com D. Maria Farani, de cujo enlace conta já tres filhos.

Nunca ponde matricular-se em academias, tendo apenas frequentado escolas nocturnas de preparatorios. Chegou a matricular-se ou ter o logar reservado na Escola Militar do Rio, não conseguindo frequental-a por motivos oppostos por sua familia. O que sabe deve a si mesmo e ao seu esforço incessante.

Houve tempo em que dedicou-se ao estudo da philosophia positiva, sob que modelou sempre os seus trabalhos, tendo traduzido alguns trechos de escriptores d'aquella escola. Estuda hoje tambem a sciencia juridica e deve bacharelar-se ainda na faculdade de S.

Paulo. Sua feição característica é o estudo das linguas, historia e geographia do paiz.

Tem escripto varias obras e na imprensa representado papel saliente, principalmente na propaganda das idéas abolicionista e republicana, em cujas fileiras alistou-se quando tinha 15 annos de idade.

Foi socio fundador de varias associações e é membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sob proposta do illustre general Visconde de Beaurepaire Rohan e proclamado na sessão de 17 de Junho de 1892.

Comquanto viva modestamente em uma cidade de provincia, entregue aos affazeres, á familia e aos livros, Lafayette de Toledo mantem relações com muitos escriptores nacionaes e estrangeiros que muito o distinguem.

Eis a relação das obras que tem publicado, algumas das quaes lhe valeram optimos elogios da imprensa paulistana, do paiz e do estrangeiro.

*Santistas illustres* (opusculo sob o pseudonymo de Tancredo Lucas, Campinas). 1888 e 1889.

*Almanach de Casa Branca* (de collaboração com Wenceslau d'Almeida) 1887.

*Pela patria* (panphleto republicano sob o pseudonymo de Lafitte Junior). 1888.

*Positivismo e catholicismo* (traducção).

*Silva Jardim* (biographia).

*Monographia da Casa Branca*.

*Poetas mineiros* (estudo historico).

*Ensaio lexicologico* (publicados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro).



DR. LAURO SODRÉ

*Noticia historica de Araxá* (de collaboração com Octaviano de Toledo.)

Possue o illustre mineiro muitos outros trabalhos ineditos de valor, assim como algumas comedias já representadas com acceitação.

Tem redigido e collaborado nas seguintes folhas: *Denunciante*, *Nevoeiro*, *Mineiro*, *Paladino*, *Aurora Mineira*, *Volitivo*, *Monitor Uberanense*, *Gazeta de Uberaba*, *Tiradentes*, *Capira*, *Paranahiba*, *Gazetinha de Passos*, *Município*, *Bem Publico*, *Diario do Povo*, *Correio e Diario de Campinas*, *Diario Popular*, *Diario Mercantil* e *Correio Paulistano* de S. Paulo, *Diario da Manhã* de Santos, *Semana*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta Nacional* do Rio e muitas outras folhas que seria longo enumerar.

O nome do nosso biographado é já bastante conhecido no Brazil, apesar da vida isolada e monotona que frue no doce conchego do lar, no interior do estado de S. Paulo.

Lafayette de Toledo tem uma cousa contra si que muito o honra. É como o auctor d'estas linhas, homem de poucos amigos ou por outra prefere ter poucos mas escolhidos. Embora pobre é soberbo, mas sabe manter illeso o seu caracter.

O principal na vida dos artistas, assim como na dos escriptores, não é ter muitos por si; — o numero não vale tanto como a qualidade: e nada ha mais invejavel, do que, como o caso sujeito, a fama alcançada entre os verdadeiros apreciadores, por uma serie de trabalhos, n'um genero que não supporta a mediocridade;

sustentada pela franqueza e nobriedade do caracter, que communica ao talento o tom altivo e livre, de quem se compraz no trabalho e na diligencia de attin-gir ao sonhado ponto de perfeição, aspiração permanente das naturezas privilegiadas, para quem o gosto é tudo.

## LITTERATURA CHINEZA



### ZÉLEDON

Com certeza alguém poderá estranhar que me occupe da litteratura chinesa, considerando o tempo gasto, como perdido; mas quando muito, isso será um grandissimo erro. A litteratura chinesa é uma das mais brilhantes que existem «soberbamente classica», disse já um distincto escriptor.

Para que ella se cubra de gloria basta o nome de Ten-Hian auctor de uma preciosa narração *A legenda do amor*, digna da penna brilhante de Catulle Mendez ou de Armandó Silvestre.

Ten-Hian era um artista consummado, e dos mais inspirados poetas do celeste imperio. Possuia um bonito estylo e polia a phrase assombrosamente como o fazem hoje esses hodiernos escriptores da França, chamados decadentes.

Trad. «E' a vida um regato  
«que se deslisa  
Entre espinhos esparsos  
«Pela brisa.  
«Tenue suspiro  
«que em tuas ondas recolhes  
«Mar de olvido.

Isto pertence a Ten-Hian. E' uma composição mui delicada, que melhor não seria escripta pelos nossos poetas.

Kien-Long é auctor da *Ode ao chá*, e *A casa do tigre*. Outros muitos, como Kang-Yng, Ten-Yng, Lam-Jechao, e outros muitos cujos nomes é impossivel reter na memoria, tem dado lustre ás lettras chinezas.

Na actualidade a China do mesmo modo que o Japão parecê entrar em moda na Europa.

A esposa de Catulles Mendez falla e escreve versos no mesmo idioma.

Vega Armentero, litterato hespanhol, auctor do *Duplo adulterio*, nos offerece varias traducções do grande e celeste imperio. E' elle o auctor da traducção da *Legenda do amor*, que já mencionamos. O sector dos seus imperadores, diz Vega, é ás vezes substituido pela lyra do poeta.

Young-Tchin, illustrado imperador, escreveu magnificos discursos e inspiradas poesias.

Kang-Hi, que reinou de 1662 a 1722. manejava a penna com felicidade.

Meng-Tsen, que nasceu em Tson no principio do seculo IV, antes da era christã, quando na Grecia existiam Socrates e Xenofonte, illustrou seu nome nas lettras.

Meng-Tsen, diz o mesmo Armantero, escreveu um livro famoso, em cujo trabalho demonstrou que a bondade e a justiça tiveram sua origem no ceo, e que só o aproveitamento d'esses dons devem encaminhar tudo quanto a moral e a politica encerram.

Entre os poetas chinezes destaca-se um chamado Kang-Jug, que morreu muito jovem.

Tinha grande fama de improvisador.

D'elle é o seguinte soneto que encontramos traduzido em castelhano:

«Por fin la aurora de fulgores llena  
«Vierte en prodiga luz, rico tesoro  
«En las ondas del mar ancho y sonoro  
«Donde armonia languida resuena.



«Ya sale el sol; en la menuda arena  
 «Do brillan refulgentes tonos de oro  
 «Rumores se oy en mil formando coro  
 «Con la rosa, el clavel y la azucena.  
 «Y en horizonte la rosada nube  
 «Y en el follaje el límpido rocío  
 «Y del aroma que ondulante sube  
 «Todo anuncia la vida del estío  
 «Que el ángel protector, el gran querube  
 «Baña en su luz los golfos del vacío.

A poesia dos chinezes não depende como a europeia d'uma inflexível medida; o sentido e a cadencia faz advinhar o metro aos inteligentes. Nem pontos, nem vírgulas empregam, e aquillo que para nós seria um defeito, torna-se como perfeição nos escriptos d'aquelles homens.

OSCAR LEAL.

## «CENONTOLOGIA»



Foi com summo prazer que li a ultima obra — CENONTOLOGIA — do conego Ulysses Pennafort, a qual me ha despertado bastante a attenção pelos variadissimos e profundos conhecimentos philosophicos que o seu auctor n'ella revelou. Se os seus trabalhos parecem pouco volumosos, tem todavia o dom do merito que grandemente os recommenda.

Não obstante, esta lacuna será breve preenchida pela publicação projectada de outras obras de peso e volume, cujo autographos já tive occasião de ver e examinar com os meus proprios olhos. Sou, pois, um incompetente bem o sei, mas vou dizer com lealdade o que sinto e qual a impressão que me causou a leitura dos magnificos *Ensaio de Sciencia e Religião* do meu amigo conego Ulysses de Pennafort.

— Sob o ponto de vista scientifico e litterario, o novo Livro do meu amigo conego Ulysses Pennafort, é um livro primoroso, de longo folego, onde as mais graves questões philosophicas, sociologicas e scientificas são tratadas com tanta harmonia e profundeza quanto competência.

Adepto da escola scientifica seja qual for a sua origem, não posso deixar de salientar as bellezas reaes da nova obra do meu illustrado amigo.

Sei de experiencia propria como já notou o grande naturalista Zola, o formidavel romancista francez, em seu ultimo livro—O DR. PASCAL, que no interior do homem sceptico, descrente mesmo da propria existencia, e que as vezes blasphema contra as leis da propria natureza, existe —*quelque chose au dedans*— um quer que seja de vacuo, de ignoto, de sublime, de divino, no organismo que o super-excita e faz brotar-lhe n'alma pensante—*psyché*—a esperança azulea e diaphana d'um futuro melhor.

A sua obra é a synthese acabada de um bello ideal, d'este *inconnu* de que nos falla Gauthier e Maupassant, d'este ideal—« qui est l'apogée du progrès » supposé possible dans toutes les branches de l'activité humaine »

Este fim tão nobre e tão anciosamente almejado é a propria experiencia que o designa; atravez da philosophia da historia este idial surge como um prisma fascinante; assim é que vemol-o ora no sectario d'Odin—na doce perspectiva d'uma—*chasse quotidienne*,—ora no paraíso de Mahomet, onde um esplendido *serail*, cheio de formosas e divinas *houris* encantam os seus benvindos, ora emfim na Nirvana do boudhismo, até encontre-o de todo encantador, ineffavel, na mystica morada do christão onde se contempla metaphysicamente um ser immenso, infinito, e se ouve eternamente o concerto monotono da grande harmonia celica.

Este ultimo ideal supremo destaca-se admiravelmente das paginas brilhantes do livro ontologico do nosso amigo. N'elle vem cabalmente demonstrado que cada seculo, substituin-do a seu turno uma noção positiva á alguma esteril hypothese, ha produzido e produzirá sempre sua parte de verdade, de progresso e de civilisação.

Alli vem philosophicamente, determinada a maneira, de como o espirito humano procede na indagação da verdade, e como sua primeira synthese foi dominada pela noção positiva de sua importancia intellectual—em face de problemas scientificos inextricaveis.

É o dominio do *ignoto*, de que nos dá conta o genio de Hugo em muitas de suas obras! Graças ao desejo insaciavel de saber, essa sede que atormenta os Fausts hodiernos, graças a experimentação, esse dominio tem-se alargado estupendamente com o progredir incessante das sciencias modernas. Pois bem, este vello d'ouro foi sabiamente aproveitado pelo nosso amigo na textura de sua importante obra. S. Rvm. diz, que o que caracteriza a religião—é o dogma e o mysterio; a sciencia tambem as vezes os admite, posta de parte a subtilidade metaphisica. O *incommaissable*, o *indiscutable*, o *infranchissable*—ahi vem categoricamente extremados e inacessiveis aos ensaios das novas concepções experimentaes.

Em lendo este livro precioso não pude deixar de exclamar com o illustre Mr. Olivier;—« Certes, nous devons tenir grand compte du fait historique — Religion. Il'a exercé sur la marche des civilisations une immense influence! » O meu illustrado amigo como amante estremecido da sciencia debaixo ainda deste ponto de vista estudou *tudo que é—illud quod est*, e a final conseguiu eclecticamente relacionar-nos com variadissimos phenomenos, que só nos era permittido consatar com os proprios dados das ideias hypotheticas.

O livro do conego Pennafort vein-nos provar que hoje no seculo XIX—o antagonismo de Josué e Gallien não pôde mais ter lugar; porque, demonstrou sobeja-



LAFAYETTE DE TOLEDO

mente que—a Religião e a Sciencia teem cada uma a sua esphera d'acção; e que conservando-se cada uma os seus limites e não se procurando invadil-os, é facil traçar a verdadeira linha de demarcação. Felizmente não é só este trabalho que hade sahir da penna aurea do nosso douto amigo como já disse acima. A sua obra magistral que vai publicar «A Evolução Religiosa no seu passado, no seu presente, e no seu futuro» é uma esplendida concepção philosophica digna realmente d'este *fim de seculo*!

OSCAR LEAL.

## NOTICIARIO



O «Othelo» de Verdi

Segundo lemos em alguns jornaes parisienses, o *Othelo* de Verdi, pretendendo ser um drama lyrico moderno, nem sequer é uma boa opera antiga. A criação

gigantesca de Shakespeare torna-se incolor, amesquinhada e inexplicavel. A musica do octogenario maestro italiano não faz mais do que rebaixal-a.

Aleçaram applausos o duetto do primeiro acto entre Desdemona e Othelo; no segundo acto, o *adieu sante memorie* e o *Credo* de Yago; e no quarto a *Ave Maria* de Desdemona. O terceiro acto passou em medio da frieza do publico; e o bailado, introduzido na opera para gaudio dos sexagenarios lascivos dos *fautouils*, é insignificante e falto de inspiração.

A orçestra, magnifica, não pôde tirar grandes effeitos, por causa das pessimas condições acusticas da enorme sala. O unisono de contrabaixos do quarto acto ouviu-se como... quem ouve chover.

Verdi não devia ter ficado nada satisfeito.

Para o compensar do pouco entusiasmo com que lhe receberam a opera em Paris, o presidente da republica, sr. Casimiro Pèrier, chamou o maestro ao camarote, no intervalo do primeiro para o segundo acto e, conforme é já sabido, poz-lhe a tiracolo, á vista do publico, a gran-cruz da Legião de Honra, fazendo-o em seguida assentar no logar superior.

Seria ocioso elogiar o luxo do scenario e do vestuario, sabendo-se que as despesas feitas com ambas ascendem a 130.000 francos (23.400\$000 réis).

Quanto ao exito do *Othelo*, foi apenas um *succès d'estime*. A opera de Verdi não está — afirma-se — á altura do estrepitoso reclame que lhe foi feito.

## Distingo!

Montado en un borriquillo,  
 iba un cura el otro día  
 y al pasar le dijo un chusco  
 de los muchos que allí había:  
 — Señor cura; V. que sabe  
 de fiyo filosofar:  
 ¿Quién es mas burro, el que monta,  
 ó el que se deja montar?  
 Distingo — contestó el cura  
 no se me oculta á mi qué,  
 será mas burro el que monta  
 si el que monta es como usted.

HERACLIO P. PLACER

## Guiomar Torrezão

Esta distincta escriptora, accedendo amavelmente ao convite que lhe fizemos, dignou-se offerecer-se para collaborar na *Madrugada*.

Por tão brilhante aquisição felicitamos os nossos leitores.

O noticiario d'esta folha, assim como a sua secção bibliographica, estão a cargo do sr. L. Carqueija.

Fazem tambem parte do nosso corpo de colaboradores o conhecido escriptor Diogo Soromenho e o distincto poeta Sousa Vieira.

## Demosthenes d'Olinda

Acha-se em Lisboa, a passeio, o nosso presado amigo Demosthenes Marcondes de Olinda, distincto poeta, residente em S. Paulo.

Já lhe quebramos os ossos n'um abraço.

No *Amazonas* de Manãos encontramos noticia dos nossos jovens confrades pernambucanos Manoel Arão e Olympio Galvão. O primeiro tinha no prelo um novo trabalho com o titulo de *Notas pessimistas* e o segundo achava-se enfermo em consequencia da queda que levára d'uma mula.

Felicitamos ao primeiro e desejamos que o segundo já se ache restabelecido.

Martins Junior, o sympathico poeta pernambucano achava-se á ultima data ainda no Rio de Janeiro, onde occupa uma cadeira de deputado no Congresso Federal.





O rouxinol canta à noite  
Cantigas de quem namora;  
Eu namoro uma menina,  
Canto sempre a toda a hora!

Continua em Cascaes o illustre escriptor Ramalho Ortigão.

### Já nem na paz dos sepulchros creio!

Diz-se que em Napoles, n'um convento, uma jovem chamada Silvia Palmieri, foi victima d'um ultrage commettido, entre outras pessoas, pela superiora Maria Thereza Ferranto.

Ah Celestina!

Depois d'isto não ha mais que exclaimar:

*Te-Deum laudamus!*

Ou Ave Maria purissima!

Noticiando o regresso à Europa do director d'esta folha, assim se expressou o *Patriota*:

«Chegou a Lisboa o nosso amigo Dr. Oscar Leal distincto escriptor e infatigavel viajante brasileiro.

Acaba, segundo fomos informados, de fazer uma longa viagem no rio Amazonas, tendo conseguido ir embarcado até Jurimaguas, de vista dos Andes, seis dias de viagem além de Iquitos, no Perú.

Em Pernambuco, onde residiu algum tempo, soffreu tambem como muitos outros, seus encommodos durante a revolução e o estado de sitio.

Sendo accusado por um tal Alf. Gibson de conservar occulto em sua casa o Dr. Seabra, um dos revoltosos do «Aquidaban»; teve o seu consultorio varejado alta noite, indo no dia seguinte depois de calorosa discussão, parar á questura, de onde sahiu pouco depois de intimado a não dar a ninguém explicações a respeito do que havia entre aquelles senhores.

A policia alli, julgava que o Dr. Seabra havia sido companheiro de viagem d'um tal Silvino de Macedo, que lá foi fuzilado n'essa mesma occasião.»

Tudo tem seu tempo...

Se as nuvens do ceo soubessem,  
Quanto me fazem penar,  
De certo se desfaziam,  
Para o sol me consolar.

Se abrigo no teu peito,  
Minhas queixas não merecem;  
Eu seria menos triste...  
Se as nuvens do ceo soubessem.

FERNANDES COSTA.

A reunião da direcção da Sociedade de Geographia não se realison a 17 por falta de numero.

Os officiaes dos torpedeiros russos visitaram ha dias o edificio da sociedade, analysando minuciosamente todas as installações.

### Abandonada pelo marido

No governo civil apresentou-se ha dias, com tres filhos menores, Dorothea Alves, de 33 annos, natural de Midões, que foi abandonada em Villa Nova da Barquinha por seu marido, José Pereira.

A pobre mulher vinha munida de uma guia passada pelo administrador de Villa Nova da Barquinha, sr. João Alves Pimenta de Avellar Machado. Dorothea Alves, como no governo civil lhe não dessem attenção alguma, foi mendigar pelas ruas da cidade, acompanhada pelos filhos.

Um examinador do lyceu de Villa Real, reprovou um estudante, levando depois uma data de bordoadas.

Madame Cassinelly, bicylista de Marselha, acaba de fazer em setenta e duas horas, uma corrida entre Paris e aquella cidade.

Que satisfeito deve estar o esposo da madame por ver sua esposa montar tão bem!

Porque... setenta e duas horas montada ainda mesmo em byciclete...

### Os toiros em França

E' assumpto de todas as conversações, em Paris, a corrida de toiros que no dia 14 se realison em Nimes, e a que assistiram mais de 15:000 pessoas.

Na praça tinham sido affixados uns poucos de cartazes, onde se lia:

*Le Midi triomphera!*

Gallo, Pepete, Bonarillo, Quinito, Litri e o nosso conhecido Faico, foram applaudidissimos.

O poeta pelibre, Mistral, occupou a presidencia de honra.

Os cavallos estavam couraçados, e apenas foi morto um.

O gado, magnifico, prestou-se á lide.

Os toireiros, o empresario e Mistral foram á noite obsequiados com uma serenata.

No mesmo dia tentou-se realisar uma corrida em Dax, mas o commissario de policia oppoz-se, apoderando-se das garrochas dos picadores.

O publico, indignado invadiu a arena. No meio do tumulto, escapou-se da praça um toiro, que percorreu as ruas da povoação em gyro rapido, sendo morto a estoque pelo espada Robert.

O deputado do circulo e ex-maire de Dax proferiram discursos violentos, excitando o povo á resistencia.

Houve grande numero de prisões, e decretou-se a expulsão dos seis espadas hespanhoes do territorio francez.

O decreto, porém, chegou muito tarde, porque os *toreadores* já tinham partido.

Lê-se n'uma folha do Brazil:

«Noticias de Parnahyba, estado do Piahy, dizem que tendo chegado a 15 de Setembro ao porto da Amarração o vapor *Cabral*, foi este abordado por uma lancha a vapor pertencente ao estado, a qual metten a pique mais um bote pertencente a um habitante d'aquella localidade.

O bote aberto ao meio foi levado pela corrente e o dono ficou com o prejuizo por que o capitão do porto que é quem ia fazendo de timoneiro, negou-se a indemnisar o seu dono.

Escapou de morrer, uma creança que n'elle ia e o barqueiro tambem foi salvo felizmente pelos companheiros.

Este facto que podia, como outros, ser evitado, causou indignação a bordo do *Cabral*, principalmente n'um dos passageiros, que tendo em sua companhia a esposa bastante enferma, havia querido dois minutos antes do desastre embarcar com ella e os valores que conduzia no mesmo bote.

Na cidade da Pamahyba tem-se dado ultimamente graves occorrencias, taes como a destruição da typographia do *Lidador* por soldados pagos e a mandado..., desordens, chinfrins e até assaltos á honra e ao pudor da gente pobre.

Consta-nos mais que não tendo o cavalheiro a que acima nos referimos e que é um distincto escriptor, e homem de nome, querido alli se demorar, por prudencia, n'um lugar onde não ha garantias, foi depois a bordo provocado por um engenheiro de nome Anizio, defensor e amigo do outro, enquanto o vapor se achava ancorado no porto da Amarração. Não chegou a fazer uso dos capangas que esperavam n'um escalero o devido signal, porque o mesmo cavalheiro, depois de estigmatizar o procedimento de tal gente, teve ainda a prudencia de conter-se dando prova de sua fina educação ao ver banhada em lagrimas uma

senhora que acabara de embarcar alli. Para que o desacato fosse avante e houvesse sangue a derramar, (mas só n'aquellas agoas), chegaram a retardar a entrega das malas do correio. Felizmente só houve palavras, e nada mais.»

Cousas d'essas bandas.

Consta-nos que se acha livre e melhor dos seus encommodos, o apreciado chefe do partido authonoma de Pernambuco, Dr. José Marianno.

Parabens.

Deve realisar muito breve a sua conferencia sobre o Amazonas, na Sociedade de Geographia, o nosso amigo Dr. Oscar Leal.

Nos ateliers de Pastor estão-se fazendo as ultimas gravuras para a sua nova obra *Viagem a um paiz de selvagens*, cuja parte scientifica já foi publicada sob o titulo *As regiões de terra e agoa* na Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

E' editora uma das principaes livrarias de Lisboa.

Sob o titulo *Alma patria*, acaba o sr. Abundio da Silva de publicar um pequeno mas interessante livro de versos. O distincto poeta de Vianna, Abilio de Campos publicou tambem um poema de amor com o titulo *Arco-iris*.

## THEATROS E...



Actualmente estão sendo representadas as seguintes peças nos diversos theatros de Lisboa:

**Trindade**—A revista de Sousa Bastos—*Sal e Pimenta*. Está quasi com cem representações.

**Rua dos Condés**—*Murido e amante*.

**Principe Real**—*Mil trovões*.

**D. Amelia**—*De Madrid a Paris, Feira de Sevilha*, etc.

**Gymnasio**—*A roça do Valentim*, etc.

**Real Colyseu**—Grande companhia equestre.

**Lisbonense**—(Circo) Espectaculos variados.

**Lisbonense**—(Em Belem) *Brazileiro Pancraccio*, etc.

**Electro Magico**—(Belem) Fantoques.

**S. Carlos**—Fechado.

**D. Maria**—Idem.

**Avenida**—Idem.

**Colyseu**—Idem.

Os primeiros numeros d'esta folha são encontrados á venda a 400 réis o exemplar:

Em Manaos—Na livraria: de Silva Gomes.

No Pará—Gomes & Sousa.

Maranhão—Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup>

Ceará—Joaquim José d'Oliveira.

Pernambuco—Ramiro Costa & C.<sup>a</sup>

Maceió—Francino & Filho.

Bahia—Catilina & C.<sup>a</sup>

Rio de Janeiro—Lopes do Couto & C.<sup>a</sup>, rua da Quitanda, 24.

Rio Grande do Sul—Carlos Pinto & C.<sup>a</sup>

Uberaba—Tobias Rosa.

Santos—A. Devesa & C.<sup>a</sup>



# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÂR LEAL

SERIE I

Lisboa 18 de Novembro de 1894

ANNO I

## ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos)... 40\$000  
Seis mezes ou meia serie, réis..... 5\$000

Em notas ou em sellos remetidos dentro de  
carta registrada ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

## ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 1\$500

Seis mezes, ou meia serie, réis..... 5800

## EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem ainda o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por meia serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cédulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil dentro de carta registrada ou vale do correio.

Esta empresa encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser illustrada com gravuras de Pastor.

N'estas condições considera a direcção como meio mais proficuo e consoante ao seu patriotico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos differentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para a Rua do Desterro, 35, 1.º

Convidamos para nossos colaboradores-correspondentes no Brazil os Ex.<sup>mos</sup> Srs:

Estevam de Mendonça — Matto-Grosso.  
Alberto Rodrigues — Rio Grande do Sul.  
Arthur Goulart, Carlos Ferreira, Lafayette Toledo, Furtado Filho e Alberto Veiga — S. Paulo.  
Luiz Monteiro — Goyaz.  
Dr. Salazar Pessoa e Dr. Alfredo Fleury — Minas.  
Augusto Cardoso e João Barbosa — Rio de Janeiro.  
Arthur d'Albuquerque — Pernambuco.  
Servulo Juacaba e Dr. Aurelio Lavour — Ceará.  
Luiz Pinheiro e Dr. Oscar Galvão — Maranhão.  
Conego Ulysses Pennafort — Pará.  
Dr. Benjamin Graça — Iquitos.  
Dr. Rafael Calzada — Buenos Ayres.

## Datas memoraveis

19 de novembro

No anno de 1677, segundo asseveram alguns escriptores, ou no de 1685 como, parece que com melhor fundamento, outros affirmam, nasceu na cidade de Santos, no Brazil, o intelligente padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão que deixou nome notavel não só pelos multiplices e curiosos episodios da sua vida aventureira e attribulada, como especialmente por ser elle o primeiro homem que se elevou na atmosphaera muitos annos antes dos irmãos Montgolfiers, que ainda hoje para muitos passam como sendo os inventores dos aerostatos.

Depois do muito que, tanto em Portugal como no estrangeiro, se tem escripto ácerca da invenção dos balões, não deve restar a menor duvida de que a prioridade d'essa maravilhosa descoberta pertence ao portuguez-brazileiro a que acima nos referimos, e se

alguns escriptores, principalmente em França, se não conformam muito bem com esta opinião, outros auctores não menos illustres, mesmo francezes, taes como David Bourgeois, Figuier, Lenteires, Bacons, Ferdinand Deniz, Figuière, Tissandier, etc., fazem justiça ao padre Gusmão.

E' tão pouco vulgar que um estrangeiro se occupe, com honra, de coisas portuguezas, que não podemos esquivar-nos ao prazer de aqui inserir-mos os seguintes periodos de Gastão Tissandier, extrahidos do seu curioso livro *Os Martyres da Sciencia*, de que existe em portuguez uma traducção feita pelo sr. Adolpho Portella: «E agora que fallamos de aerostatos é occasião de intercalarmos aqui alguns apontamentos sobre a vida do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o primeiro que intentou e realisou experiencias com os aerostatos.

«Esta importante descoberta, attribuida aos irmãos Montgolfiers, pertence de direito ao brazileiro padre Bartholomeu de Gusmão, a quem cabe a prioridade do



MAGALHÃES LIMA

magnifico invento, pois que tendo os Montgolfiers feito as suas primeiras experiencias em junho de 1783, havia então já setenta e quatro annos que Bartholomeu de Gusmão fizera experiencias com a sua *machina de voar*.»

A proposito devemos notar que a pag. 126 d'esta edição tratando-se da genealogia do padre Bartholomeu, se lê: «Seu pae era o cirurgião-mór Francisco Lourenço, irmão de Alexandre de Gusmão, celebre diplomata e ministro de estado de D. João V» o que não é assim, pois que Alexandre de Gusmão, o sabio ministro de João V, era o filho mais novo, de nove que teve Francisco Lourenço e portanto irmão do grande inventor e não seu tio, como se deprehende da referida affirmativa.

Francisco Lourenço, foi cirurgião-mór do presidio de Santos, era casado com D. Maria Alvares e d'esse matrimonio nasceram nove filhos, dois dos quaes tanta fama conquistaram, Bartholomeu Lourenço de Gusmão

pelos seus excepcionaes inventos e pelas extraordinarias aventuras da sua vida, e Alexandre de Gusmão que, dotado de finos dotes de estadista, conquistou um dos primeiros logares na côrte de D. João V, onde prestou assignalados serviços.

Frequentando o curso de canones da Universidade de Coimbra, Bartholomeu de Gusmão, consequencia do ardor com que se dedicava aos seus inventos, interrompeu temporariamente o curso que mais tarde concluiu; foi presbytero secular, fidalgo da Casa Real e um dos primeiros cincoenta membros da Academia Portugueza de Historia.

O seu iuvento, como era natural n'aquelles tempos de estúpido e imbecil fanatismo, e ainda as suas tão repetidas aventuras amorosas, fizeram despertar contra elle as iras da Inquisição, da qual seria victima se não fosse a muita estima que lhe dedicava o marquez de Fontes e bem assim a alta influencia de seu irmão Alexandre, junto do rei.

No entanto teve de se expatriar, conservando-se durante bastante tempo ausente de Portugal, onde só voltou d'ahi a alguns annos depois de obtido o régio perdão; mais tarde, porém, novos delictos amorosos, sem duvida hyperbolicamente exaggerados pelas intrigas inquisitoriaes, que tambem o accusavam de *bruxo* e *feiticeiro*, o obrigaram novamente, em 26 de setembro de 1724, a sahir de Lisboa sendo d'esta vez acompanhado na fuga por um outro seu irmão, o pregador, Fr. João Alvares de Santa Maria, carmelita descalço.

Depois de ter atravessado Portugal e parte de Hespanha, consequencia da fadiga da jornada e de uma febre maligna que o assaltou, falleceu Bartholomeu de Gusmão, no hospital da misericordia de Toledo, no dia 19 de novembro de 1724.

Em resultado da invenção da sua *machina de voar* a que deu a fórma approximada de uma grande ave, foi muito conhecido no seu tempo pelo *padre voador* e *padre passarola*.

Innumeras publicações existem em portuguez, relativas á descoberta de Gusmão, merecendo especial referencia a *Petição do padre Bartholomeu Lourenço sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar e suas utilidades*, «a Memoria que tem por fim reivindicar para a Nação Portugueza, a gloria da invenção das machinas aerostaticas» por Francisco Freire de Carvalho, publicada nas memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e mais modernamente o livro intitulado *A invenção dos aerostatos reivindicada*, producção do erudito e infeliz professor da nossa Universidade, o Dr. Augusto Philippe Simões, que se suicidou em Coimbra, no dia 1 de fevereiro de 1884.

J. A. PIMENTA.

O illustre professor Pedro Nunes Leal, do Maranhão, teve a delicadeza de nos offerecer um dos seus «Opusculos de Lexicographia», em que se occupa dos affixos da lingua portugueza, o que é bastante util para os que estudam a mesma lingua. Agradecidos.



## Magalhães Lima

O Dr. Magalhães Lima cujo retrato honra a nossa primeira pagina é antes de tudo, diga-se, um jornalista feliz (consa rara), um democrata convicto, um esforçado e valente propagandista das grandes ideias, estimado de todos pela honestidade do seu caracter e pelo seu trato ameno.

Nasceu no Rio de Janeiro a 30 de Maio de 1851, d'onde partiu ainda bem creança com destino a Lisboa, entrando logo para um collegio.

Mais tarde matriculou-se na Universidade de Coimbra e lá obteve o diploma de bacharel em direito.

Como litterato estreitou-se brilhantemente nas *Miniaturas romanticas*.

Em 1873 salientou-se na questão dos lazaristas, sendo aclamado orador pela mocidade academica e evidenciando-se como notavel tribuno.

Collaborou na *Democracia*, dirigiu o *Commercio de Portugal* e depois fundou o *Seculo*, jornal republicano e que hoje é uma das folhas mais lidas.

Tem escripto varias obras sobre questões sociaes, que muito tem servido para mais afirmar o seu talento.

Magalhães Lima, por ocasião do banquete que se realisou ha dias no Grand Hotel em Paris, pronunciou eloquente discurso. Tomaram parte n'essa festa, os nossos illustres confrades Drs. Assis Brazil e Valentim Magalhães.

## Conego Ulysses Pennafort

Ulysses Pennafort é o nome d'um bom amigo, de um convicto e illustrado sacerdote, de um brilhante publicista.

Veio ao mundo na antiga cidade do Crato, no estado do Ceará, e desde a mais tenra idade causou pasmo o talento prodigioso que manifestou para as letras.

Padre, servo de Christo, teve de abandonar os seus e seguir o seu destino, sendo nomeado vigario de Bragança no estado do Pará, onde se conservou por bastantes annos.

Alli segregado, occupando-se de seus labores quotidianos e dando sempre o bom exemplo aos seus parochianos, prégando a boa doutrina, o illustre conego Pennafort teve ainda tempo para consagrar-se ao estudo e lembrar-se que:

«Em face, da espectacular evolução das idéas, em vista das tendencias actuaes da INTELLIGENCIA e d'ACTIVIDADE HUMANA para a investigação das sciencias da natureza, em consequencia mesmo do grande e importantissimo papel que cada vez mais vão representando estas sciencias na lucta suprema da fé nova contra a fé tradicional da humanidade, é necessario pôr-se a gente em campo, collocar-se na frente da batalha, mudar de tática, sobraçar novas armas, aprender novas formulas, novas linguas, tomar novos caminhos e escolher novos pontos estrategicos. N'estas novas peripécias não se faz mais do que seguir o exemplo das nações collocadas á frente do precipitoso movimento intellectual, como — a França, a Allemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos, que convocam cada anno para os seus magnos congressos, o bando e subbando do terrivel e impavido esquadrão scientifico!»

Ulysses Pennafort que é hoje o redactor da *Tuba*, folha scientifica que se publica no Pará, redigiu tambem já o *Zuavo*, jornal abolicionista e religioso, o *Caetéense* e tem publicado as seguintes obras: — *A Igreja catholica e a abolição*; os *Retirantes*, poemeto; *Monsenhor Pinto de Campos*, estudos biographicos; os *Esplendores do culto Mariano*; o *Novo Morto Immortal*; *Discurso ontologico*; *Cenontologia*, e breve publicará *Um romance indiano* e uns estudos sobre *Brazilianismo* que devem despertar a curiosidade dos investigadores d'esta ordem de trabalhos.

O seu maior prazer consiste em estudar, ensinar e senão fosse padre deveria ser forçosamente um verdadeiro homem de sciencias, e afinal talvez que não andassemos errados em dizer que o é de facto.

Pelo que respeita ao physico o Conego Ulysses, com a sua bella fronte, os seus cabellos pretos, os seus olhos vivos, guarnecidos de pequenas sobranceiras, tem uma physionomia que attrahe; o corpo um pouco franzino, sem que seja magro, affectado ligeiramente de um tique nervoso, está sempre em movimento. Emfim possui um bello caracter e uma bella alma.

Publicando o seu retrato queremos apenas mostrar, que somos amigos dos nossos amigos, e que sabemos distinguir os que o merecem.

O. L.

## LITTERATURA



### Os carros do Minho

Uma coisa inteiramente especial e digna de estudo é o aspecto das numerosas diligencias, *breacks* e *chars-à-bancs*, que circulam sobre as estradas do Minho, desde os Arcos e desde Ponte do Lima até Viana.

Dois pequenos garranos, quando não é um só, puxam por cima do macadam faiscante de sol as mais phantasticas carreadas de gente e de objectos que a imaginação pôde conceber. Dentro do vehiculo senta-se a primeira camada de passageiros nas bancadas. Depois de todos os lugares occupados estreitissimamente, á cunha, o vehiculo considera-se completamente vazio, e mette-se-lhe a segunda camada de passageiros, collocada exacta-



### CONEGO ULYSSES PENNAFORT

mente em cima da primeira. Feita esta operação começa o interior do carro a achar-se quasi cheio, mas não cheio de todo, porque entre o tecto, os joelhos e os bustos dos passageiros da segunda camada, nota-se ainda um espaço oblongo a toda a extensão da berlinda, desde a portinhola do fundo até o vidro da frente. Preenchido este espaço, com um passageiro extendido ao comprido, passa-se a occupar os bancos da imperial e o tejadilho.

Fôra, em vez de ir empilhados como no interior, os passageiros são ensandwichados methodicamente com as bagagens e com as mercadorias, pela ordem seguinte: camada de mercadorias, primeira camada de passageiros, primeira camada de bagagens, segunda camada de passageiros, segunda camada de bagagens; e em cima de tudo isto o penso para os garranos, os merendeiros e os varapaus dos passageiros, e no ar, a um lado, seguro da almofada pela cinta, seguro do guarda-lama pelas pernas, o cocheiro levado a braços pelos viajores.

Para quem olha de longe, a carruagem desapparece completamente sob a enorme massa viva, e não se

vê mais que um inverosimil cacho de gente agarrada uma á outra por um engano mysterioso, bamboando ao sol, oscillando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita e proseguindo lentamente, levado por duas formigas.

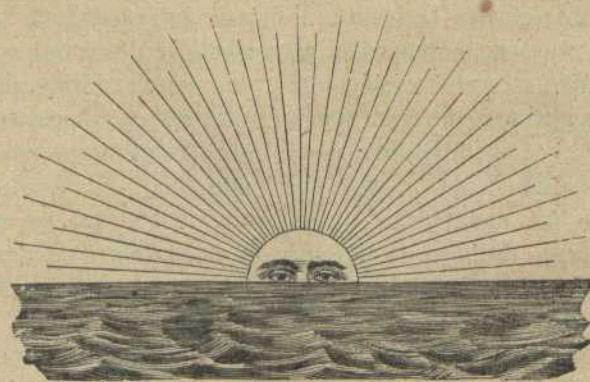
Chegados ao termo da viagem, na praça mais espaçosa da povoação, os garranos param, a carruagem esvazia-se, e a praça enche-se.

RAMALHO ORTIGÃO

## Madrigal

Quando toda de branco, á hora do sol posto,  
Na luz crepuscular de uma tarde de agosto,  
Solto o cabelo d'ouro, em extasi d'amor,  
Vaes, pallida, através do teu jardim em flôr,  
Para beijar, fitar teu seio alabastrino,  
Vesper abre no azul o seu olhar divino,  
Mavioso o rouxinol gorgeia na espessura  
Julgando vér da lua a face argentea e pura,  
E a cotovia acorda e diz alvoroçada:  
— Cantemos, que além vem rompendo A madrugada.

GUERRA JUNQUEIRO



## Como fomos recebidos

Recebemos e agradecemos o 1.º numero de um novo jornal que hontem principiou a publicar-se em Lisboa. Intitula-se *A Madrugada* e é seu director o nosso amigo e distincto escriptor brasileiro sr. Oscar Leal.

(Do *Seculo*)

Com o titulo *A Madrugada* começa a publicar-se em Lisboa uma revista, impressa em bom papel, ornada de retratos de brasileiros, bem escripta, e dirigida pelo sr. Oscar Leal, publicista já conhecido e justamente apreciado.

(Do *Diario Popular*)

Appareceu o 1.º numero d'uma revista illustrada, noticiosa, critica, litteraria e biographica *A Madrugada*, de que é director o nosso amigo e distincto escriptor brasileiro dr. Oscar Leal, e collaborada pelos primeiros escriptores portuguezes.

(Da *Vanguarda*)

Recebemos o 1.º numero da *A Madrugada* revista de que é director o sr. Oscar Leal, e que se destina ao Brazil. E' litteraria e noticiosa. Entre outras gravuras dá os retratos dos srs. Padua Carvalho, dr. Lauro Sodré e Laffayette de Toledo.

(Do *Diario Illustrado*)

Iniciou sua publicação em Lisboa uma nova revista... dirigida pelo dr. Oscar Leal, distincto escriptor e incansavel viajante brasileiro e redigida pelos melhores escriptores portuguezes.

E' publicação que se apresenta donairosa e excellentemente impressa e redigida n'este seu 1.º numero, illustrando-o retratos de tres brasileiros distinctos.

Rodrigo Velloso

(Da *Aurora do Cavado*)

Agradecidos.



## NOTICIARIO



Eça de Queiroz, o grande romancista, está actualmente trabalhando em tres obras, que devem intitular-se *A família Ramires*, *Santo Onofre* e *A vida de Fradique Mendes*. O eminente litterato pôz de parte o conto *S. Christovão*, que estava quasi concluido.

Zara

(A Joaquim de Araujo)

Feliz de quem passou, por entre a magua  
E as paixões da existencia tumultuosa,  
Inconsciente como passa a rosa,  
E leve como a sombra sobre a agua.

Era-te a vida um sonho: indefinido  
E tenue, mas suave e transparente.  
Acordaste... sorriste... e vagamente  
Continuaste o sonho interrompido.

ANTHERO DO QUENTAL

Continua enfermo no Funchal o nosso dedicado amigo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Julio Correia Acciaiolý. Desejamos que se restabeleça.

## Das «Mulheres»

Para ter verdadeiro prestigio, poder dominar e fazer-se amar, a mulher deve ser primeiro que tudo *mulher*, no sentido que a esta palavra deu Balzac. As rendas, as sedas, as flores; a poesia, o romance, a musica; tudo que é Arte, sentimento, elegancia, hão de dar-lhe uma superioridade mil vezes preferivel aos mais brilhantes discursos que possa compôr, aos mais bem calculados golpes de estado que possa combinar. Essas attribuições não nos pertencem, nem devemos querel-as, porque n'ellas só teremos um papel inferior a nossa verdadeira grandeza e ao nosso destino. A emancipação da mulher, como certas cabeças femininas absurdamente imaginam, limita-se apenas a usurpar o lugar dos homens, que hão-de preferir sempre aos dotes viris, que lhes são inherentes, os dotes mais delicados e grandiosos que lhes faltam, e pelos quaes elles se completam. Outro é o nosso campo de acção; outro deve ser o nosso ideal.

CLAUDIA DE CAMPOS

Em Paredes, o preço do vinho novo tem regulado de 28\$000 a 30\$000 réis a pipa de 21 almudes; em Famalicão, de 34\$000 a 45\$000, e em Felgueira a 30\$000,

Maria Judice, cantora portugueza, vae casar com o barytono Caruson.

—O barytono portuguez Moysès Bensaude partiu para a America do Norte, onde está escripturado.

## Historia simples

Gil, aprendiz d'escultor,  
Arranjou certo namoro  
A quem tinha ardente amor,  
Sem offender o decoro.

A bella, que era christã,  
Diz-lhe em tom bem decidido:  
—A's occultas da mamã  
Quero fazer-te um pedido.

Como tu não és lapuz,  
E en possuo devoção,  
Quero um menino Jesus,  
'Sculpido por tua mão.

—Estou doido de alegria!  
Diz elle quasi sem tino,  
Talvez inda hoje, Maria,  
Te vá fazer um menino.

Extr.

OSCAR.

Morreu!...

—Mas quem? hade com certeza perguntar o leitor.

—Algum duque, marquez, conde, ou frade?...

Nada d'isso. Morreu o Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão!

Entretanto estão vivas e florescem dia a dia todas as outras associações congeneres no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, etc.

Segundo nos consta já devem ter sido remetidos para o Hospital Portuguez de S. Luiz, todos os volumes devidamente encaixados que guarneciam as estantes da magnifica bibliotheca, e lá ficarão até que...

O individuo que durante dezoito annos exerceu o cargo de bibliothecario acaba de abrir uma loja de *quitanda*!

Quê patriotas e sobretudo que amantes de saber!

O illustre medico Dr. Lourenço da Fonseca teve a amabilidade de nos offerecer um exemplar dos seus *Últimos cantares*, e outro de Alguns specimens da Flora brazileira que no Brazil tem uso popular no tratamento local das doenças dos olhos ou que como tal poderão ser applicados; o que muito agradecemos.

Consta que virá este anno a S. Carlos o novel tenor Apostulu, que acaba de fazer furor no theatro lyrico internacional de Milão na opera do maestro Léon-cavallo, intitulada *I Medici*.

Na opinião dos entendedores, Léon-cavallo é o futuro successor de Verdi.

## Comparação!



Na relva que orna o prado,  
Da graça n'esses mezes,  
O pômo sazonado  
Ao sol cõe tantas vezes!

Typo de aerios traços,  
O sol do amor, tão lindo  
Te fez, pômo! em cahindo  
Cões só entre meus braços.

THEOPHILO BRAGA.

Aos nossos leitores de Pernambuco participamos, que no proximo numero d'esta folha será publicado o retrato do *Parteiro*, extr. d'esse romance em elaboraçãõ.

A respeito da conferencia feita por Oscár Leal na Sociedade de Geographia, assim se exprime o *Seculo* de 10 de novembro de 1894:

«O illustre brasileiro sr. Oscár Leal realison hontem na Sociedade de Geographia, perante um numero auditorio, a sua conferencia sobre a região do Amazonas, esse enorme estado do Brazil, que tanto desperta o interesse dos viajantes.

«Principiou o conferente por descrever as bellezas incomparaveis da região amazonica, as suas phantasticas paizagens, as suas admiraveis quedas de agua e as suas deslumbrantes montanhas, bem como os usos e costumes dos seus habitantes.

«Referindo-se aos deslumbramentos do grandioso rio Amazonas, dá conta das explorações a que proce-

den, dizendo que, sendo o Tocantins considerado até agora como um affluente do Amazonas, elle, explorador, teve ensejo de reconhecer que, pelo contrario, o Amazonas é que é um affluente do Tocantins.

«Referindo-se ao Pará, poz em relevo as grandes transformações por que esta cidade tem passado, considerando-a como uma das mais importantes cidades brasileiras, onde imperam o luxo e todas commodidades dos grandes centros. Notou que n'esta cidade, apesar da vida ser bastante difficil, a mendicidade é muito rara, devido ao grande desenvolvimento que a assistencia publica tem tomado.

«Tambem descreveu Manaus, capital do Estado do Amazonas, notando-lhe a importancia e os progressos que tem feito depois da proclamação da republica, dizendo, a proposito, que a republica trouxe ao Brazil um desenvolvimento e uma prosperidade nunca sonhadas, que o fez collocar na vanguarda das nações da livre America.

«Disse que em Manaus a vida é carissima, custando os ovos a 5\$000 e 6\$000 réis a duzia e vendendo-se a carne por um preço louco! Frizou a indolencia do trabalhador indigena e a falta de braços para a agricultura, dando como causa d'estes males o erro de se terem aberto os conventos e permittido o estabelecimento de congregações religiosas.

«Conjunctamente com estas notas descriptivas apresentou dados estatisticos de grande valor, a que por falta de espaço nos não podemos reportar.

«Entrando depois na interessante descripção da vida dos indigenas, referiu-se á tribu dos Cocamas, apresentando uma curiosa collecção de collares, feitos de dentes de macaco, de pennas de variegadas cores e de contas, que os indigenas obteem pela troca de productos naturaes com os europeus.

«Egualmente o sr. Oscar Leal apresentou grande numero de pulseiras, turbantes e outros adornos com que aquelles indigenas se enfeitam. O que sobremodo despertou o interesse dos assistentes foi a apresentação da cabeça d'um indigena da tribu dos Huambizas, cabeça a que já ha tempos nos referimos, quando demos noticia da recente viagem do sr. Oscar Leal. Disse o conferente, que estas cabeças se obteem com grande difficuldade, porque os seus possuidores as usam como reliquias sagradas, servindo-lhes como que de idolos, a que se consagram em occasiões criticas, como, por exemplo, na guerra. Disse o sr. Leal que não se obteem estas cabeças senão pela troca de objectos que tenham pelo menos o valor de 20 libras. O sr. Oscar Leal continuou depois a sua conferencia descrevendo a sua viagem atravez d'esta região, tão pouco conhecida, viagem cortada por variadas peripecias, mais extravagantes umas e perigosas outras. Tambem fallou da povoação de Jurimaguas, onde esteve prestes a ser victima da sua temeridade, terminando pouco depois a prelecção, que foi deveras interessante. O sr. Oscar Leal foi muito complimentado.

«Lastimamos que a falta de espaço nos não permitta darmos da sua bella conferencia um extracto tão desenvolvido como seria para desejar.»

Esteve presente o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Vieira da Silva consul geral do Brazil, em Lisboa.

Em Lisboa ha 276 medicos e 4 medicas.

Falleceu em 8 do corrente em Paris, o Dr. Luiz Fignier, medico, auctor de numerosas obras scientificas, como, o *Homem primitivo*, e outras. Tinha setenta e seis annos de idade.

Actualmente publicam-se em Lisboa, setenta jornaes e revistas, dos quaes vinte e um são diarios.

De passagem para Paris, acha-se em Lisboa o nosso illustre confrade do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Roberto de Mesquita.

## Descoberta importante

No mosteiro de Santo Antonio do Monte, proximo de Rieti (Italia), acaba de fazer-se uma importante descoberta.

No interior d'um pilar encontraram-se 500 volu-



mes impressos e 69 manuscritos, dos quaes 55 são importantissimos.

A maior parte dos manuscritos são do seculo X e tratam de litteratura, theologia, e direito civil e canonico, e alguns de Philosophia.

Parte n'estes dias para a ilha da Madeira o nosso amigo Dr. Oscar Leal, director d'esta folha.

S. Ex.<sup>a</sup> pretende demorar-se alli apenas quinze dias, devendo regressar a Lisboa no mez proximo.

S. Ex.<sup>a</sup> vae tratar de negocios relativos ás propriedades que alli possui.

Feliz viagem é o que lhe desejamos e que nos traga de lá algumas garrafas de Malvazia ou de Bual.

#### No album d'uma senhora

*Numa pagina onde havia um leque e flores pintadas)*

Coube-me o leque, por isso deve ser fresca a pagina e perfumada pelo aroma das flores que o cercam. Mas se em vez de um leque essa mãozinha bella amparasse a flor do Aproxis que se inflammava ao mais leve contacto, ou o Baaras das montanhas do Libano que se illuminava espontaneamente ao cahir da noite, e ardia até o despontar da aurora, sem que com isto se consumisse, sentir-me-ia ainda mais inspirado para provar

*Em prosa, em verso, em cantos mil*

que um logar é vosso entre aquellas que deixam ver a mulher ser realmente apta para todos os arrojões do engenho humano, como bem entende a abalisada Madame Stael.

E com mais um abano, permitti illustre senhora, dizer-vos ao rematar estas linhas, que vejo em vós a flor do Aproxis, por que possuís como ella, perfume e luz.

OSCAR LEAL



Tem a infamia um punhal de venenoso gume.  
Que é forjado no abysmo onde fermenta a injuria.  
E' mais voraz que a peste, e tisna mais que o lume  
Quando arremette ao Bem com desabrida furia.

O seu tempero odioso em vícios se resume;  
Não respeita a innocencia, as magoas, a penuria.  
Se lagrimas arranca apontam-lhe, em cardume,  
As chispas do rancor que move a raça escuria.

Fere de preferencia os corações de arminhos,  
Onde ideaes colibris fabricam doces ninhos  
Palpitantes de vida e casta exuberancia.

Esta arma repellente, envolta sempre em lama,  
Tem um nome ultrajante... ingratição se chama...  
E é do côro vital a eterna dissonancia.

ANGELINA VIDAL

#### Imprensas fluctuantes

A bordo dos vapores da companhia Nord-deutschen Lloyd, encontram-se typographias perfeitamente montadas. Teem todos os utensilios para poderem executar, com perfeição, os seguintes trabalhos: menus, programmas de concertos, bilhetes de visita e tudo o mais que d'ellas necessitarem.

O encarregado d'este serviço recebe de ordenado 80 marcos, fóra as gratificações dos passageiros.

## THEATROS E...

**D. Maria**—O Pantano.



**Trindade**—A revista *Sal e Pimenta*. Tem cento e tantas representações.



**D. Amelia**—Companhia Tomba. (Lyrica e de opera comica).



**Gymnasio**—A *Gralha*, e *O mesmo para duas*.



**Principe Real**—Os *exploradores do ouro*, etc.



**Rua dos Condes**—A *Marechala*. Grandes enchentes e extraordinarias ovações todas as noites a Anna Pereira.



**Real Colyseu**—Espectaculos variados. O famoso ventriloquo O'Kill—A formosa miss Enhart na dansa serpentina a cavallo—Os excentricos musicas—O homem do violino fallante e todas as celebridades artisticas da companhia.



**Circo Lisbonense**—Espectaculos variados. A pantomima *Os portugueses em Africa*.



**Lisbonense**—(Belem) A magica *O genio da noite*.



**S. Carlos**—Abre no dia 18 de Dezembro.



**Avenida**—Fechado.



**Colyseu dos Recreios**—Grande companhia Spanpani, equestre, comica, mimica, etc. Espectaculos magnificos. Deliciosas noites.



**Café concerto**—(Rua dos Condes) Concerto todas as noites (musica classica).



**Café do gato preto**—(Rua do Alecrim) Concerto todas as noites e serviço feito por lindas mulheres de Andaluza e...



**Theatro Garrett, Theodorico e outros**—Recitas só aos domingos.



**Praça do Campo Pequeno**—Realisa-se hoje domingo a ultima tourada da presente epocha tomando parte o celebre espada Reverte.



**Jardim Zoologico**—Exposição de animaes de todas as partes do mundo. No jardim ha para creanças carrinhos de cabras, ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.



**Museus**—*Jeronymos*, em Belem, das 11 ás 5 da tarde.—*Archeologico* nas ruinas do Carmo (entrada 100 réis).—*Bellas Artes*, das 11 ás 4.—*Historia Natural*, ás quintas-feiras.—*Anthropologico*, aos domingos.—Galerias do palacio da Ajuda. (Pedir licença a um camarista d'el-rei).



**Soirées e bailes publicos**, ás quintas-feiras, sabados e domingos em varias sociedades e salões.

O presente numero d'esta folha é encontrado á venda a 400 réis o exemplar:

Em Manaos—Na livreria: de Silva Gomes.

No Pará—Gomes & Sousa.

Maranhão—Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup>

Ceará—Joaquim José d'Oliveira.

Pernambuco—Ramiro Costa & C.<sup>a</sup>

Maceió—Francino & Filho.

Bahia—Catilina & C.<sup>a</sup>

Rio de Janeiro—Lopes do Couto & C.<sup>a</sup>, rua da Quitanda, 24.

Rio Grande do Sul—Carlos Pinto & C.<sup>a</sup>

Uberaba—Tobias Rosa.

Santos—A. Devesa & C.<sup>a</sup>

## ANNUNCIOS

**Guilomar Torrezão**

*Educação moderna*, comedia em 3 actos, precedida de uma conversa preambular. Preço 300 réis.

A' venda na livreria editora de José Bastos, Chiado, 73, e em todas as livrerias.

**Oscar Leal**

*Viagem ás terras Goyanas*, Brazil central. Um lindo volume com duzentas e setenta e cinco paginas, adornado com gravuras de Pastor, um mappa e um prologo de Pinheiro Chagas.

A' venda os ultimos exemplares nas principaes livrerias de Portugal e Brazil. Dezenhos do auctor.

*Contos do meu tempo*. Um volume illustrado, em prosa e verso.

A respeito d'esta publicação assim se exprime a imprensa brasileira:

«...Se o Dr. Oscar Leal não fosse assaz conhecido na republica das letras pelo seu cultivado espirito e abalizados dotes de publicista, o livro *Contos do meu tempo* seria o sufficiente para consolidar-lhe a reputação como escriptor emerito...»

Do *Artista*, do Rio Grande do Sul.

«Os *Contos do meu tempo* comprehendem tres partes: a primeira é uma collecção de quinze mimosos contos, em estilo despretencioso e ameno, que podem ser lidos de um folego e deixam o espirito agradavelmente impressionado; a segunda *Flores de Maio*, é uma serie de poesias diversas em que a elegancia, a naturalidade e a correcção da forma corresponde a inspiração do pensamento; a terceira *Excursões*, contém cinco descrições de viagens que interessam o leitor pela sua singeleza, e encantam pelo modo porque lhe são transmitidas as impressões e as ideias que a contemplação da natureza suggere a um homem culto, etc.....»

Do *Amazonas*.

«Os *Contos do meu tempo*, de Oscar Leal, offerecem algumas horas de agradável passatempo, etc.

Do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

«Os *Contos do meu tempo*, é uma obra digna de um estante de litteratura, como são todas as obras que sahem do masculino talento do nosso distincto compatriota o Dr. Oscar Leal...»

Do *Commercial* do Pará.

«Os *Contos do meu tempo*, são escriptos com a *verve* que caracteriza o auctor e que já o fez conhecido da imprensa brasileira e estrangeira, etc.

Do *Goyano*.

«Pelos capitulos... que lemos ficamos fazendo boa ideia de todo o livro. Oscar Leal tem prestado á litteratura patria, importantes serviços, enriquecendo-a de dia a dia.»

Do *Clarim* de Cuyabá.

«*Contos do meu tempo*, producção da seintillante penna do nosso collaborador Oscar Leal... Pela leitura que fizemos auguramos boa recepção no mundo das letras, etc.»

Da *Gazeta de Uberaba*

«...sem pretensões a romancista, o sr. Dr. Leal mostra-se um *conteur* muito estimavel, pois diz com espirito o que quer referir e por vezes captiva inteiramente o leitor... etc.»

Do *Diario de Pernambuco*.

«...Comprehende esta obra contos, versos e excursões que revelam muita habilidade no auctor incontestavelmente intelligente.»

Do *Commercio de Pernambuco*.

«Os contos são magnificos e a sua leitura deleita suavemente. A parte poetica, que pode desagradar aquelles que amam a poesia antiga, é pelo contrario admiravel e curiosa, porque pertence á arte individualista, a que sempre se filiou o Dr. Oscar.

«São versos, pois, e não poesias.»

Do *Correio de Noticias*.

«Como se fosse um rosario em que cada conta desfilada tivesse que deixar o sussurro d'uma oração, assim desfilou as paginas dos *Contos do meu tempo*, deixando em cada uma d'ellas a minha humilde apreciação, o culto do valor que merece pela inspiração pela arte, pelo estilo tão afilado, tão vivo, tão perceptivo que é traçado...»

Asdrubal de Lemos, redactor da *Capital* de S. Paulo.

«...Além de dois ou tres anonymos sem importancia, já se vê, foram de opinião contraria ao merito dos *Contos do meu tempo*, a *Provincia* de Pernambuco que limitou-se a classificar o trabalho de audacia litteraria; e o *Diario de Noticias* da Bahia, que fez critica accintosa e aggressiva, o que causou certa admiração, pois outr'ora quando eram seus redactores os illustres jornalistas Lopes Cardoso e Lellis Piedade, esse diario mais de uma vez teceu elogios ao auctor. Dente de coelho...»

Final de contas trata-se tambem de critica anonyma!...

Da *Revista Bibliographica*.

TYP. MINERVA CENTRAL  
14 a 17, Praça do Municipio—Lisboa  
Editor—ILLIDIO COSTA



# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

N.º 3

Lisboa 27 de Dezembro de 1894

ANNO I

## ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos).... 40\$000  
Seis mezes ou meia serie, réis..... 5\$000

Em notas ou em sellos remetidos dentro de carta registrada ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

## ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 4\$500  
Seis mezes, ou meia serie, réis..... \$800

## EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem ainda o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por meia serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cédulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil dentro de carta ou vale do correio.

Esta empresa encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser illustrada com gravuras de Pastor.

N'estas condições considera a direcção como meio mais proficuo e consoante ao seu patriotico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos differentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para o Correio Geral n.º 222—Lisboa.

## João de Deus

Eis o bohemio descuidoso e leviano transformado no homem pensador, espirito disciplinado pela reflexão e estudo, amadurecido pela desventura, purificado pelo trabalho.

E' inquestionavelmente, uma das phisionomias mais sympathicas e proeminentes da moderna geração dos litteratos portuguezes, impondo-se irresistivelmente à nossa admiração, à nossa alma, ao nosso sentimento.

Quem o conheceu na vida airada de Coimbra, arrastando uma existencia incoherente e desordenada, nunca poderia ter pensado que elle, apesar do seu talento, das suas notaveis aptidões intellectuaes, do seu genio poetico, fosse capaz um dia de prestar à sociedade portugueza um serviço de tanto valor e alcance, como o de abrir novos e radiosos horisontes no ensino primario.

O seu grande espirito concebeu e produziu uma obra admiravel, de fecundissimos resultados, que encheu de luz tantos cerebros obscurecidos e d'esperança tantas almas abatidas.

Com a sua *Cartilha Maternal*, conquistou um dos primeiros logares entre os homens mais notaveis do seu tempo, e conquistou, sobretudo, a gradidão das mães.

Mas não é sob tal aspecto que n'este livro pretendemos estudar João de Deus. Queremos fallar do poeta, do grande lyrico que enriqueceu a litteratura portugueza com versos do mais fino ouro, genuinos interpretes do sentimento, em todas as suas phases e manifestações, espontaneos e cristalinos como os gorgiejos do rouxinol.

Os seus primeiros trabalhos poeticos não foram tímidos ensaios, — participavam já dos vãos da aguia, librando-se ás maiores alturas.

Denunciaram logo a existencia d'um poeta de raça, d'uma natureza privilegiada, que sabe ferir magistralmente todas as notas do sentimento humano e traduzir, sem o menor esforço, ou artificio, todos os seus pensamentos, todos os seus desejos, todas as suas aspirações.

O verso sahe-lhe espontaneo, e teve sempre o grande merecimento de não sacrificar a idéa à forma, de apagar o pensamento na metrificacão.

A cada passo vamos descobrindo nas suas produções novas bellezas, novos encantos: é musica que nunca enfastia, fallam constantemente ao ouvido e à alma, e em todos os tempos hão-de ser apreciadas, sejam quaes forem as transformações porque tenha de passar a poesia em Portugal.



ALBERTO PIMENTEL

Escolheu de preferencia para os seus cantos, para os seus hymnos, para os seus quadros, o que ha de mais terno, mimoso e puro no mundo do sentimento.

Ahi temos o homem revelado. Não forçou o temperamento, as tendencias moraes para produzir a sua obra. E' nisto que consiste o seu principal merecimento.

O poeta, o escriptor, o orador, que não escrevem ou dizem o que sentem, podem seduzir a imaginação, mas não commovem. A verdadeira eloquencia está no sentimento.

O grande defeito de muitos litteratos modernos é escreverem o que não sentem. Todos os seus esforços limitam-se à forma, ao *estyllo*, à phrase retumbante, vasia como os seus cerebros.

A poesia de João de Deus tem um cunho de melancholia postica, mas sentida.

João de Deus é do seu natural triste: tem a im-

pressão da realidade das cousas. As mais sedutoras, as mais brilhantes, as mas *côr de rosa*, são, no fundo, no amago, pungentes desillusões.

A sua alma volve-se uma vez por outra para o mysticismo: é uma necessidade de sua organização impressionavel. Fatigado das cousas terrenas, que o entristecem e desanimam, olha para cima, para o vago, para o desconhecido e, por momentos, tem fé no quer que seja que não pertence ao mundo da materia. Canta e exalta como ninguém, a formosura, a pureza, as virtudes da Virgem. Consagra-lhe as melhores melodias da sua lyra fecunda. Tem a crença n'outra vida, n'um mundo melhor do que este, em que a cada passo topamos com um infortunio irreparavel, com desesperos, enormes, com decepções crudelissimas.

A poesia a *Vida* é como um desabafo do seu coração dorido. E' uma das paginas mais bellas, commoventes e verdadeiras da sua grande obra d'inspiração.

A's vezes tem ironias finissimas, não serão lagrimas disfarçadas? O sorriso, muitas vezes, é uma forma especialissima da dôr: ri-se para distrahir a alma d'uma grande tristeza.

O lyrismo em Portugal nunca attingiu maior grau d'explendor, senão quando se revelou João de Deus.

CYRACO DE NOBREGA.

## O Progresso

Os povos caminham, não ha obstaculo que lhes empeçam a marcha, não ha força que os obrigue a parar. O sol, que em nevoeiro serrado e sombrio nos escondera hontem, apparece hoje radiante e formoso, inundando com a sua luz vivificadora os campos da pejeja.

Que são já os seculos para esta rapida carreira da humanidade? Que é uma idéia para occupar todo o globo?

Offuscados por uma luz tão viva, turbados com demonstrações tão claras, os poderosos da terra approximam-se d'essa lava candente, que se abre medonha para os sorver.

Um anno já basta para annunciar um novo principio, para alliviar corporações, para destruir um absurdo, para riscar uma iniquidade.

N'este jogo de principios, n'esta effervescencia de crenças, n'este tumulto de paixões ha uma força irresistivel que nos conduz, que nos arrasta — mais forte que o homem, mais prompta que o pensamento, impellem-nos na senda que trilhamos até aclarar o que tinhamos por indifinivel.

Se n'algumas d'essas horas de repouso, em que a humanidade pára, para crear novas forças, olhamos para o passado, que admiração não sentimos pelos trabalhos que outras gerações nos têm legado, que respeito não consagramos a esses homens que á força de de-



dicação tomaram sobre si empresas de vulto agigantado?

Os Deuses fazem partidos e mutilados sobre os seus altares. Isis e todas essas divindades egypcias cahiram dos templos, apagaram-se da memoria dos homens. Os druidas desaparecem das florestas sagradas da Gallia, e Jupiter desabou do cume do capitolio, e veiu cahir em pedaços entre esses fragmentos de capiteis e ornatos que cobrem as campinas de Roma.

Hasteou-se a cruz, e deram os povos com a fronte em terra. Morreu o justo, e rastejaram no pó os pendões victoriosos.

D'este sacrificio amargurado, d'este baptismo expiatiuo nasceu um livro sublime: o contracto de Deus com os povos, a revelação do homem justo, a doutrina do amor e da fraternidade.

A sombra da cruz reviveu a civilização.

Assim como Jesus resurgiu da lousa em que repousava, o principio civilizador resurgiu mais brilhante do Evangelho onde fôra escripto.

Amparada por uma relegião de paz e de caridade, a civilização começou a estender a sua benefica influencia, e a dar lustre a uma obra que o fervor das crenças e o poder da vontade necessariamente deviam ajudar.

A thiara do vigario de Christo fazia tremer os reis, e o sceptro dos monarchas fazia curvar os nobres. Os povos collocados entre os degraus d'um throno e as pontes levadiças d'um castello feudal, acudiam á realza contra a aristocracia, e soccorriam os grandes senhores contra o seu suzerano.

Sem perderem um passo na sua marcha irregular; porém sempre salutar, continuaram esta lucta grave e rasoavel que a humanidade tem sempre sustentado.

Porém, a sociedade precisava d'um grande estremeccimento, vieram as cruzadas. Um pobre eremita percorreu o meio dia da Europa agitando freneticamente o pendão do crucificado. Deram treguas ás luctas interiores, o rumor acabou. É por que então um grande pensamento occupava a humanidade. É por que então o evangelho queria esmagar o Koran, a cruz destruir o crescente.

Uma força occulta impellia essas multidões de peregrinos para os desertos da Asia. Os povos do Occidente iam trasvasar-se como rio caudaloso nas planices arenosas do Oriente. O montante ia crusar-se com a adaga, o soldado de Christo ia encontrar-se frente a frente com o sectario do islam. D'esta guerra, d'esta crusada era forçoso que se originassem muitos bens. O commercio, a instrucção, e as relações dos povos tinham de ser effectuadas pelas palavras que um santo monge proferira.

Até aqui ainda a força muscular de homens resolvía os mais difficeis problemas. O fraco era esmagado pelo forte. Mas houve um dia, que um frade noremanso da sua cela, n'essas espaçosas noutes do setemptrião, creou um composto extranho, que levava a morte com rapidez incrível ao peito de qualquer individuo — este composto foi a pólvora e as forças physicas de todos os homens ficaram nivelladas com esta invenção.

Mais tarde teve logar uma revolução no mundo moral, um pobre artista do norte acabava de descobrir o meio de fazer voar o pensamento, de o lançar d'um pólo a outro pólo, da Europa aos confins da Asia.

Guttemberg inventara a imprensa.

Começaram as revoluções a figurar. D'esde então baldados são os esforços dos oppressores. A liberdade dos povos, apontava a um typographo do canto da sua officina, marcava o primeiro escripto que dos seus pesados e toscos prélos sahiu a esclarecer a humanidade.

## Alberto Pimentel

Poucos escriptores portuguezes têm conquistado tantas sympathias nas terras brazileiras, como este illustre homem de letras, e se um dia o auctor da *Porta do Paraizo* e do *Testamento de sangue*, visitar essas longinquas plagas, estamos certos de que convencer-se-ha que lá possui muitas centenas de admiradores e de amigos.

Alberto Pimentel nasceu no Porto em 14 de abril de 1849 e, veiu para Lisboa em 1873, onde fixou residência.

Tem pàrticular devoção pelos estudos historicos e n'este genero a sua monographia *Rainha sem reino*, é um trabalho muito notavel.

Em 1881, foi eleito deputado ás cortes, e como tal prestou ao paiz valiosos serviços litterarios.

E' condecorado com a ordem de Carlos III, socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa e Historica de Madrid.

Alberto Pimentel tem uma excellente e volumosa bagagem litteraria e como se pôde avaliar pelo seu retrato, apesar de franzino é um typo activo e laborioso que não pensou ainda em descansar sobre os louros collidos.

## Luiz Pinto Coelho

A bem poucos, sem duvida, pertence tanto o direito de figurar na *Madrugada*, como o sympathico poeta e admiravel *flaneur* madeirense.

Luiz d'O. Pinto Coelho, nasceu no Funchal a 21 de Fevereiro de 1843, é filho de Joaquim Pinto Coelho, um bravo liberal que fez as campanhas da liberdade, sendo condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria n.º 7, e de D. Maria Carlota de Ornellas Linhares, filha do morgado Ayres d'Ornellas Linhares.

Toda a sua vida tem exercido a profissão das letras collaborando em diferentes jornaes politicos e litterarios, nomeadamente *A Imprensa Livre*, *Estrella Litteraria*, *A Onda*, *Direito*, *Voz do Povo*, no *Diario do Grão Pará* quando visitou o Amazonas, e o *Diario de Noticias* do Funchal, de que continua a ser um dos actuaes redactores, ao lado dos nossos amigos, Tristão Vaz Bettencourt da Camara e Cyriaco de Nobrega.



LUIZ PINTO COELHO

Publicou um energico opusculo em verso intitulado *A reacção e o progresso*, de propaganda anti-jesuitica. Occupa-se actualmente em colleccionar n'um só volume todos os seus versos, que são muitos e que andam por ali dispersos em numerosas folhas. Muitos dos seus mimosos trabalhos poeticos, não tem o colorido da poesia perdida no pelago da phantasia, porque o auctor produz e diz o que sente, cuidando do estylo e da metrificacção, e não deixa a paciência do leitor vagar nas regiões aereas entre lua e estrellas ou entre seres divinizados.

Em extremos de delicadeza ninguem o excede. E' um distincto cavalheiro e um bom amigo.

## A Emma

Senhora dos olhos méstos  
tão honestos!  
O' dona do brando olhar  
como o luar!  
Deixe em seus olhos suaves  
como as aves  
minha alma boiar, boiar,  
e sonhar...

GOMES LEAL.

## LITTERATURA



## Madrigal

No pèlago agitado  
em que o viver consiste  
estrella, tu surgiste  
envolta em mago alvor!  
Eu era desgraçado,  
agora sou contente...  
sorri-me eternamente,  
sorri, ó meu amor!  
Que enlevo na minh'alma  
o teu olhar derrama!  
accende a etherea chama  
na mente ao trovador.  
Du és a doce calma  
d'um dia de ventura;  
tu és a fonte pura  
do mundo ardente amor!

Nas tardes calorosas  
em que a paixão accende,  
o lyrio curva e pende  
na haste, abrindo a flor;  
perfumes dão as rosas  
do mais suave meanto,  
eu dou-te o meigo canto  
do meu sentido amor.  
Nos indios palmares,  
a flor do tamarindo  
perfuma o seio lindo  
das virgens do Thábor;  
assim dos teus olhares  
o manto d'agucenas,  
soffoca as miúhas penas  
em extasis d'amor.

Rainha, nem zagala,  
nem rosa do Oriente,  
nem astro refulgente  
do ceu do equador,  
nenhum primor te iguala  
a face deslumbrante,  
a tí, hó minha amante,  
a tí, meu casto amor!

LUIZ PINTO COELHO.

## Madrugada

Parou a ventania  
As estrellas dormentes, fatigadas,  
Cerram á luz do dia  
As mysteriosas palpebras doiradas  
Vae despontando o rosicler da aurora;  
O azul sereno e vasto  
Empallidece e còra  
Como se Deos lhe desse  
Um grande beijo luminoso e casto  
A estrella da manhã  
Na altura resplandece,  
E a cotovia, a sua linda irmã,  
Vae pelo azul um cantico vibrando  
Tão limpido, tão alto, que parece  
Que é a estrella no céu que está cantando.

GUERRA JUNQUEIRO.

## O traje

Que não é meramente prazer, converte-se em trabalho para alguns, e em arte para outros.

E' trabalho para o homem de 40 annos que busca agradar; para a mulher formosa de 35 annos que quer conservar o amante ou conquistar outro novo; para as mulheres feias, ou sem amanho; e, finalmente, é o mais penoso de todos os trabalhos para o homem estudioso cansado do mundo, que por alguma circumstancia se vê obrigado a apresentar-se com etiqueta.

E' uma sciencia que o artista dramatico estuda toda a vida; uma arte, cujo segredo recebe a *coquette* de Deus ou do diabo, porque não ha que duvidar que é preciso recorrer a ella para encontrar o gosto, a elegancia e o encanto reunidos.

O homem que sempre se apresenta rigoroso no vestir é um talento menos que secundario; o que não sabe vestir-se como exigem as circumstancias, é um talento trivial.





## A andorinha

Donde partiste andorinha  
Minha alada forasteira  
que á terra da laranjeira  
vens pedir luz e calor?  
D'este clima abençoado  
Chamou-te ao longe o carinho?  
Terás sol sobre o teu ninho  
e lá dentro muito amor!

Conta-me as tuas viagens  
filha da luz e da aurora  
que vens descansar agora  
á sombra dos laranjaes!

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



## O parteiro

E' um typo baixo, grosso, de cabellos crespos repartidos ao meio, em começo de branqueamento, mas de cor desbotada pelo uso do vigor de Ayer. E' cynico e desfructavel, mas julga-se desfructador. A sua cutis transuda a gordura. Parece ter a fronte sempre munida d'uma boa camada oleosa.

Sua muito e tem naturalmente o fedito a azêdo, que transpiram os individuos que se dão á embriaguez e á orgia.

Possue alguma intelligencia, mas apesar d'isso, deixou de ser sagaz, foi buscar lá e sahiu tosqueado.

E' devoto de Baccho, gosta enormemente da paudiga, e dá bailes á custa alheia, honrados apenas por gente duvidosa... ainda mais de certo tempo para cá, depois que foi descoberto o famoso escondrijo d'onde, graças ao dentista, sahiu incolume a viuvinha.

Ha quem diga que ás vezes elle inverte os papeis; torna-se Phebo e elle proprio diz que na variedade está a felicidade. Abaixo das costas tem uma cicatriz aberta e larga.

Nunca foi politico mas faz-se para invocar a alguem o seu auxilio em qualquer emergencia. Os politicos, porém, detestam-no e nunca gostam de ficar atraz de si, por isso sem d'elle nada fazerem o collocam por cautella, na frente. Na rectaguarda é que não. Alto lá com elle!



A noite era calida  
O vento zunia  
Beb'ribe corria  
E o Gomes tremia  
E morria,  
E dizia,  
Ais  
Taes!  
Ai  
Misero  
Mais  
Não!



## Instantaneo

Quando o sol rompeu estavam todos a pé.

N'aquella manhã d'outomno humida e fresca, o sol tinha uma transparencia diaphana, o sol muito baixo ainda dava ás arvores sombras alongadas, estirando-se preguiçosas pela estrada poeirenta de macadam.

Bem arrumado o almoço nos vastos ceirões d'esparto, seguiu a caravana caminho da serra.

Das chaminés d'aldeia sahia um fumo azulado que espalhava no ar um cheiro agradável de pinho queimado; aqui e alli cantavam os gallos madrugadores. e de cima dos muros das quintas, cães de guarda ladravam furiosos á nossa passagem.

Do rancho estalavam risadas alegres, francas; a cada nova queda havia um dito feliz, e quando as ultimas casas da aldeia nos ficavam já para traz e entrámos finalmente na serra embalsamada pelo cheiro acre das nozes, o panorama se foi desenrolando pouco a pouco, ravinas profundas onde pastavam as vacca-das, vastos horisontes de mar que faiscava ao sol, emoldurados nos recortes subitos e asperos da montanha e a caravana seguia vagarosa pelos atalhos pedregosos de rocha viva, sentiamos como que um extase pelo espectáculo inesperado que se impunha pela sua grandeza.

Subito, n'uma volta do caminho, lá appareceu o convento muito simples, muito modesto: era o momento de comer.

E estendida no chão a toalha muito branca, muito lavada, com que magnifica soffreguidão devorámos o almoço que viera bem arrumado nos vastos ceirões d'esparto, que o pobre burro tinha trazido pacientemente, fazendo soar o grande chocalho, que badalava sempre, sempre, monotonamente...

SEVER.

## BIBLIOGRAPHIA



A *Madrugada* tem sido visitada pelas seguintes folhas: *O Lima, Jornal de Extremoz, Reacção de Mangualde, Angrense, Verdade de Thomar, Folha da Manhã, Echos da Avenida, Fajalense, Electro Homeopathia, Jornal de Santarem, Jornal de Vizeu, Correio Elvense, Elvense, Vimaranesense, Districto de C. Branco, Damião de Goes.*

*Le Bresil de Paris.*

*Gazeta de Uberaba, Friburguense, Revista Moderna, Novo Echo* alguns numeros das *Novidades de Pernambuco, Monitor Mineiro de Cataguazes, Cidade de Cametá, Lidador, Cidade do Pará, Lucta d'Oliveira* e n.º 30 do *Araguary*. Agradecemos e permutaremos.

Temos ainda sobre a meza as seguintes publicações:

*Almanach das senhoras*, da illustre litterata D. Guiomar Torrezão, 25.º anno illustrado com os retratos de Bulhão Pato, Augusta Cordeiro, Augusto Cruz, Amelia Cardia, A. Freire, Alberto d'Oliveira, Condes de Mattozinhos, Alto Mearim e Sabugosa, Claudia Campos, Condessa de Mosamedes, Duqueza de Palmella, Damasceno Vieira, D. Henrique (Infante), D. Carlos, Emilia Patacho, F. Costa, Darclée, Josepha Sandoval, José de Castro, Jovino Ayres, João Franco, Julio Brandão, Kaschmaum, L. A. Palmeirim, Lady Cook, Silva Cotta, Oscar Leal, Plácido Stichini, Pimentel Pinto, Quintino Bocayuva, Rainha Pia, Rainha D. Amelia, Rodolpho Alvares, Silva Pinto, Silva Porto, Visconde d'Ouguella.

*Almanach Illustrado* de F. Pastor, 13.º anno. Alem de magnificas vinhetas e gravuras que o illustram, traz os retratos de Pedro Corrêa, Prudente de Moraes, Conde de Paris, Oliveira Martins, Mancinelli, Carnot, Cazerio Santo, Casimiro Perier, Thomaz Ribeiro, R. Guerra, M. Garcia, M. Gonzales, Sousa Bastos, Oscar Leal, G. da Silveira, Marquez de Franco, Imperador da Russia, Principe de Hohenlohe, Infante

D. Henrique, Nicolao II, Princeza Alice, M. J. Gomes e Dr. Vianna Lima.

Esta obra é como sempre um primor.

## Cantos e contos

Um joven: de 22 annos de idade de nome Hygino Rodrigues, que vive em Uberaba lá no interior do Estado de Minas Geraes, publicou ha pouco, de collaboração com outro joven Arthur Costa um opusculo de 70 paginas, com o titulo acima e teve a lembrança de nos mandar um exemplar, escrevendo e pedindo-nos justiça sobre a apreciação d'este livro.

Basta sómente a lembrança que tiveram da offerta, para que ainda mesmo que tal trabalho fosse destituído de merito, lhe estendessemos a mão animando seus auctores.

O que porém precisamos dizer, e já, é que *A Madrugada* pôde tecer elogios áquelles que os mereçam, mas nunca descer do seu posto de honra, para criticar accintamente ou deprimir o trabalho de outrem.

Aqui não ha ninguem que lembre de se elevar desfazendo na obra alheia. Não.

Quando muito, usaremos de silencio para com os que tanto mereçam, tal e qual como fazemos, quando temos conhecimento da critica anonyma e accintosa de que tem usado para connosco gratuitos desafectos, ao mesmo tempo que outros nos applaudem.

Estas considerações foram-nos suggeridas tambem pelas cartas e pedidos identicos que recebemos d'alguns amigos de Pernambuco que muito apreciamos.

Uma vez por todas, diremos agora terminantemente — Nas columnas de *A Madrugada* não se deprime o trabalho de confrade algum por mais humilde que elle seja.

\* \*

O opusculo de que nos occupamos acima é prefaciado por Arthur Lobo, que affirma serem os estreantes rapazes de talento promissor e de largo futuro.

Assim o cremos.

Os «Cantos e contos» é uma permistão hybrida de prosa e verso magnificamente impressa nas officinas do nosso antigo amigo Tobias Rosa, a quem com justa razão os authores tecem a pag. 65 merecidos elogios.

Offerecem algumas horas de agradável passatempo.

Parabens aos seus authores e ávante.

## NOTICIARIO



As ilhas Canarias teem desviado grande parte da navegação e dos *touristes* que d'antes iam invernar na Madeira, e a culpa d'isto tem-na o governo emquanto não acabar com toda a sorte de vexames e difficuldades, a que ficam sujeitos aquelles que alli desembarcam, assim como em todos os portos do reino.

Viaja se hoje por todo o mundo sem passaporte excepto na Russia e Portugal.

Para o leitor que não costuma viajar, conhecer quantos obstaculos encontra e os prejuizos que soffre



aquelle que sae ou entra n'estes portos, basta relatar o seguinte: um nosso amigo que de lá veio ha pouco, propositalmente para evitar encommodos fez despachar no Funchal algumas gigas com fructas, cannas d'assucar, cachos de bananas, etc. Aqui chegado, depois de mandar diariamente uma pessoa á repartição do Jardim do Tabaco, só passados quatro dias é que conseguiu ver em sua casa as taes gigas, mas infelizmente as fructas estavam completamente pódres, e as cannas ficaram lá ainda, diz-se que, para serem examinadas pela gente da saude. E por tudo se pagaram direitos, fretes, na importancia de tres vezes mais do seu valor.

As revistas de bagagens a que os passageiros estão sujeitos aqui em Lisboa, tanto faz *vindos de portos nacionaes* como estrangeiros, são demoradas, massadoras, e diga-se com franqueza, vergonhosas para elles. Por isso é que muitos brasileiros quando chegam deixam de saltar em terra portugueza, e seguem no mesmo vapor para Bordeaux. Pudera, basta a noticia que tem da promiscuidade que reina nos armazens do Lazareto e...

E' um horror!

Ainda ha pouco o sr. Telles de Menezes, em uma conferencia que fez no Funchal, mostrou com provas e dados estatisticos, que durante este anno que está a findar, aquella porto tem sido visitado, por menos de quinhentos vapores, ao passo que no de Las Palmas entraram mais de dois mil em igual periodo!

Para terminar vamos dar ao leitor uma noticia. As ilhas Desertas que fazem parte do archipelago da Madeira, foram ha pouco, por morte do seu antigo proprietario, postas em praça e arrematadas por alguns inglezes que por ellas pagaram oito contos de réis!

E agora?

O sr. Carlos de Mello, illustre litterato e distincto geographo, teve a amabilidade de nos offerecer um exemplar de seus Elementos de Geographia Geral, adoptados no lyceu de Lisboa, e illustrados com 190 gravuras quasi todas de pagina e 40 tabellas etc.

Carlos de Mello é um mestre na materia. Mil vezes agradecidos.

De Pernambuco foram-nos enviados os n.ºs 3 e 4 da *Revista Moderna* de que são redactores os nossos jovens confrades Costa Filho e Olympio Galvão. Collaboram tambem n'estes dois numeros os srs. Celso Vieira, Manoel Arão, Armando Cesar e Lucas da Camara.

Criticando um artigo encomiastico a Tiradentes do Dr. Felicio Buarque, o sr. Costa Filho, da *Revista Moderna* de Pernambuco, sem duvida sectario das doutrinas do major Codeceira, que diz nunca ter sido martyr o Tiradentes e nem ter gozado de prestigio, apresenta o symbolo da liberdade no Brazil, como um humilde estafeta, uma nullidade! Ora esta, sr. Costa Filho!

Pois o senhor bem nos pôde explicar porque tendo sido Tiradentes uma nullidade, foi elle só escolhido para soffrer o maior castigo, ser esquartejado na praça publica, enquanto os outros foram apenas condemnados ao degredo!

Ora sr. Costa Filho não se deixe inspirar assim contra os martyres da sua patria. Tenha paciencia.

Faz actualmente parte da redacção da *Gazeta de Uberaba*, Minas Geraes, o nosso intelligente confrade Ferreira Junior, ainda ha pouco redactor do *Luctador* de S. Paulo.

Parabens.

São innumerables as publicações que temos recebido do Brazil para esta folha, na qual não podem algumas já ter inserção por falta de espaço. No entanto agradecemos a seus auctores e aqui estaremos ás suas ordens.

Vae bastante adiantada a impressão da obra que Oscar Leal tem no prelo, intitulada *Viagem a um paiz de selvagens* editada pela casa de Antonio Maria Pereira, e que está sendo já traduzida em francez, pelo sr. W. Battemberg.

Por entre as sombras  
Da noite escura  
Levou-me um engano  
A' sepultura

Fui de mim proprio  
O matador!  
Ah! tanto poudes  
Maldito amor.

Demosthenes d'Olinda.

Lisboa 1894.

Regressou da Ilha da Madeira o nosso amigo Dr. Oscar Leal, director d'esta folha. Durante a sua curta demora alli, que foi de 18 dias apenas, S. Ex.<sup>a</sup> foi muito visitado e obsequiado no Funchal.

Na excursão que fez ao interior da Ilha passou pela villa de Machico onde lhe foi offerecido um jantar em casa do tenente Albino Leal e sua esposa, no qual tomaram parte tambem, os srs. Jorge d'Oliveira administrador do concelho, Felix Leal, conego Pacheco illustrado sacerdote que alli se achava em tratamento a quem o nosso amigo tece os maiores elogios.

Oscar Leal tenciona voltar a Paris dentro em breve onde pouco se demorará. Durante a sua ausencia nenhuma alteração soffrerá esta publicação mensal, (por enquanto), á qual dedica toda a sua estima.

Causou alguma impressão no publico a precipitada sahida da distincta actriz Lucinda Simões do Theatro de D. Maria. A proposito da contenda que ahi appareceu trocada entre essa actriz e a empresa d'esse theatro, saltaram-nos aos olhos as linhas abaixo, topico de uma das cartas que a primeira dirigiu á imprensa:

«Irei de certo ao Brazil, mais tarde, com a minha companhia. E é naturalmente o não contar eu com o sr. Augusto Rosa uma das razões que o indispoz contra mim, mas na situação de ingratitude em que elle se collocou para com aquella paiz tão hospitaleiro, fazendo apreciações imprudentes ácerca dos negocios politicos d'uma nação então em lucta interna (o que todos nós artistas portuguezes lastimamos por-elle mesmo), qualquer contracto artistico entre mim (tão agradecida sempre ao Brazil) e o sr. Rosa era impossivel.»

Ora o que o sr. A. Rosa deve saber é que lá mesmo no Brazil existem artistas dramaticos portuguezes, tão bons e melhores do que elle e que ainda não tiveram a lembrança (por inadmissivel), de monopolisar o theatro dramatico... O sol fez-se para todos.

Falleceu em Caxambu, Brazil, o distincto poeta e jornalista Pardal Mallet.

Tomara eu que tu fosses  
A' horta fallar comigo!  
Escondidos tenho tanto,  
Tanto que fallar contigo!

A villa do Bello Horizonte em cujo local estão edificando a nova capital de Minas (Brazil) vae tomar o nome de Cidade de Minas! Parece incrível, mas é verdade. Ha muita gente sem graça n'este mundo e sem miolos tambem.

Em 1893 e durante o ultimo trimestre de 1892, desembarcaram em Santos (S. Paulo, Brazil), os seguintes emigrantes:

Italianos .....	46:339
Hespanhoes .....	16:683
Portuguezes .....	9:703
Austriacos .....	1:912
Allemaes .....	270
Varios .....	71

74:978

O numero total dos emigrantes desembarcados no Brazil durante o anno de 1893 foi de 123:926.

Graças á iniciativa do Dr. Ferreira d'Araujo, redactor chefe da *Gazeta de Noticias*, José d'Alencar, saudoso romancista brasileiro, terá breve uma estatua no Rio de Janeiro.

Recebemos e agradecemos o n.º 3 do *Novo Echo*, de Palmares, Pernambuco, do qual são directores os sympathicos jovens Fernando Griz, Fabio Silva e Fernelon Ferreira.

Toda a correspondencia para esta folha deve ser dirigida só ao correio geral, 222—Lisboa.

D'ora avante, esta folha só será remettida para o Brazil ás pessoas que mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Já se acha quasi restabelecida da grave enfermidade (beri-beri paralytico) com que aqui chegou, a Excellentissima esposa do director d'esta folha. Parabens.

O frio em Lisboa não tem sido muito intenso n'estes ultimos dias.

A *Madrugada* deseja muito boas festas aos seus leitores.

Foram apresentados para socios correspondentes da Sociedade de Geographia, os nossos amigos Mario Perestrello, residente no Funchal e Arthur Montenegro, no Rio Grande do Sul.

## THEATROS E...



**S. Carlos**—Companhia lyrica italiana de primeira ordem.

**D. Maria**—A *Martyr*.

**D. Amelia**—Companhia Tomba. (Lyrica e de opera comica).

**Trindade**—A revista *Sal e Pimenta*. Os 28 dias de *Clarinha*.

**Gymnasio**—A casa *Tamponin*. O sr. *Zaraguetta*.

**Principe Real**—Os exploradores do ouro, etc.

**Rua dos Condes**—A *Marchala*.

**Avenida**—Estreia breve a nova companhia.

**Rato**—A revista em 3 actos e 12 quadros *O Pecego*.

**Real Colyseu**—Companhia equestre, comica, etc. Ultimas noites da formosa Miss Enhart e O'Kill. La Estudantina. Os tres percherones. Os quadros vivos, etc.

**Circo Lisbonense**—Espectaculos variados.

**Colyseu dos Recreios**—Grande companhia Spanpani. Espectaculos variados.

**Café concerto**—(Rua dos Condes) Concerto todas as noites. Cançonetes por M. Grossa, etc.

**Café do gato preto**—(Rua do Alecrim) Concerto todas as noites.

**Theatro Garrett, Theodorico** e outros—Recitas só aos domingos.

**Salão da Trindade**—Bailes de mascaras.

**Jardim Zoologico**—Exposição de animaes de todas as partes do mundo. No jardim ha para creanças carrinhos de cabras, ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.

**Museus**—*Jeronymos*, em Belem, das 11 ás 5 da tarde.—*Archeologico* nas ruinas do Carmo (entrada 100 réis).—*Bellas Artes*, das 11 ás 4.—*Historia Natural*, as quintas-feiras.—*Anthropologico*, aos domingos.—Galerias do palacio da Ajuda. (Pedir licença a um camarista d'el-rei).

**Soirées e bailes publicos**, ás quintas-feiras, sabados e domingos em varias sociedades e salões.

**Exposição de figuras de cera**—(Escadinhas de Santa Justa)

*Castellos de Melilla* Todas as noites espectáculo.

## ANNUNCIOS

**Guimomar Torrezão**

*Educação moderna*, comedia em 3 actos, precedida de uma conversa preambular. Preço 300 réis.

A' venda na livraria editora de José Bastos, Chiado, 73, e em todas as livrarias.

## O Amazonas

Conferencia realisada na Sociedade de Geographia de Lisboa, por

**Oscar Leal**

A linguagem dos Cocamas.

A' venda nas livrarias Ferin, A. M. Pereira, Tavares Cardoso e na Tabacaria Monaco. Preço 300 réis.

**TYP. MINERVA CENTRAL**

14 a 17, Praça do Municipio—Lisboa

Editor—ILLIDIO COSTA



# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

SERIE I

n. 4

Lisboa 13 de Fevereiro de 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos)... 40.000  
Seis mezes ou meia serie, réis..... 5.000  
Em notas ou em sellos remetidos dentro de  
carta registrada ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 15.500  
Seis mezes, ou meia serie, réis..... 5.800

## A FRANÇA LITTERARIA

A decadencia da raça latina é já hoje um facto incontroverso.

Assignar-lhe as causas, estudar as origens mais ou menos remotas que o determinaram, seguir-lhe as evoluções e investigar-lhe as fontes nativas, levar-nos-ia longe e exigiria muito mais do que um simples e despretencioso artigo de jornal. Não é esse o meu intuito, nem me julgo habilitada para tão arduo commettimento.

Quero apenas referir-me á litteratura franceza, sobre a qual pesa, mais talvez do que em nenhuma outra, essa crise morbida, que me enche da infinita tristeza do irreparavel.

Todos nós que votamos á França um culto fervoroso, feito da nossa admiração incondicional, dos nossos enthusiasmos juvenis, da nossa mais espontanea e ardente sympathia; todos nós que abrimos os olhos no deslumbramento dos seus triumphos e curvamos a fronte ante a sua gloriosa supremacia; todos nós que dessedentamos o nosso espirito, avido de luz, no reflexo projectado pela radiosa constellação de 1830, perguntamos onde está essa querida França, victoriosa entre as victoriosas, que foi a ideal inspiradora de successivas gerações?

Em que mundos, desfeitos ao limitado alcance dos nossos olhos, pairam as moléculas d'esses que se chamaram na terra Theophilé Gauthier, Balzac, George Sand, Flaubert, Alexandre Dumas, Sainte Beuve, Girard de Nerval, Eugenio Sue e Victor Hugo, o maior de todos?

O talento é, sem duvida, um dote innato no povo francez.

Pôde affirmar-se, sem hyperbole, que se o talento possuísse em uma fôrma tangivel o volume correspondente aos quilates do seu valor mental, elle encheria de lado a lado França e Navarra.

Desde os illustres até aos obscuros, é incalculavel em França, o numero dos escriptores, homens e mulheres. E não falta a nenhum d'esses plúmivos, por mais humilde que elle seja, o seu publico, a sua corte dedicada e fiel.

Logo ao chegarmos a Paris, a primeira cousa que nos surpreheende é a generalisação da leitura nas classes populares, é o amor da lettra redonda, profundamente radicado no povo francez.

O cocheiro, enquanto espera pelo freguez, lê na almofada do seu fiacre, o mesmo faz a *dame de comptoir* no seu balcão, a *conciérge* no seu casinholo, o *voyou* na sua vadiagem, o moço de botequim no seu zinco, o *sergent de ville* no seu posto, o moço de recados parado na esquina, e até a cosinheira em cima das suas caçarolas!

Qualquer *bonne*, qualquer engommadeira em Paris, tem idéas, e, o que é mais, sabe dirigi-las!

Todos leem, o que não significa, em absoluto; que todos saibam ler.

Mas o que é certo é que uma *femme de chambre*

parisiense tem em geral, uma cultura igual ou superior á de muitas damas portuguezas.

Recordo-me de um dos meus assombros, em Paris, a primeira vez que me entrou no quarto uma fidalguinha de cabellos loiros, cutis nacarada, perfil espirituosamente *chiffonné*, avental de seda preta, touquinha branca, e eu soube que essa linda pessoainha aristocratica, de mãos brancas e afiladas, expressando-se correctamente no idioma cantante do *boulevard*, era a minha engommadeira!

A actual litteratura franceza tem, como representantes, munidos de credenciaes que os acreditam no mundo da Arte, innumeros talentos, entre os quaes sobresaem Catulle Mendès, Armand Silvestre, Henri Fouquier, Rochefort, Marcel Prevost, Bourget, Dumas, Randon, Pailleron, Maizeroi, Camille Lemounier, Richopin, Coppé, Clovis Hugues, etc., etc., e por banda das mulheres, Séverine, Madame Adam, Judith Gau-



GUERRA JUNQUEIRO

thier, Georges de Peyrebrune, Gyp, Madame Gagneur, Madame Rattazi, Rachilde e outras.

E' delicioso para o *gourmet* litterario o prazer de sentil-os vibrar na prosa, musicalmente harmoniosa nas linhas, nas curvas e nos angulos, como uma escultura, dos seus livros, das suas chronicas, trabalhadas no periodo agudo da visão cerebral, esmaltadas com a requintada e paciente finura de uma obra de joalheria quantas vezes eu encontro na leitura dos jornaes francezes esse momento de meffavel voluptuosidade para o meu espirito!...

Mas qualquer d'esses operarios do pensamento demonstram a degenerescencia atavica, em relação á gloriosa raça de que descendem, a mesma de que buscamos em vão o radioso fôco, ha muito extinto. E nenhum d'elles corresponde ao levantado ideal retrospectivo, creado pela divina inspiradora dos nossos balbuciantes infantis, pela grandiosa França de Rabelais, de Voltaire, de Molière e dos encyclopedistas, pela triumphal legião de 1830, levantando-se em uma

apothese deslumbradora e marchando emplumada sob o commando do generalissimo Victor Hugo, na sonora orchestração dos seus versos, que maravilham o mundo.

Um unico, entre tantos, sustenta nos hombros herculeos o fardo esmagador d'essa herança colossal e responde á expectativa formulada em o nosso espirito por esse passado gigantesco.

Adivinham os meus leitores que me refiro a Zola, o iniciador do methodo experimental, o chefe do naturalismo, o continuador da obra de Balzac o prodigioso creador d'essa epopeia humana, gotejante de sangue e lagrimas, repassada das complexas miserias, das infinitas dôres, das perversões moraes, das sublimas virtudes e dos monstruosos vicios de um longo atavismo, pacientemente estudado atravez da lenta evolução de successivas gerações; o mestre, enfim, que concebeu em um largo folego genial os Rongon Macquart, a historia natural e social de uma familia no segundo imperio.

C.

Guimar Torreção.

## O Jornalista

O Jornalista é o sacerdote da opinião. E' o guia que indica á sociedade os erros e os perigos que ameaçam e dificultam o seu movimento progressivo; é o historiador d'essa epoca, immensa em sua apparente pequenez que tem o nome de dia. Faz propaganda incessante de idéias adiantadas e faz ao mesmo tempo historia para demonstrar em exposição directa ou *ad absurdum* a bondade dos principios que defende.

Tudo aprecia: politica, economia social, costumes diversões publicas, crimes, virtudes, o mal e o bem, o passado e o futuro.

Nossos successores não terão que emprehender penosas investigações para fazer a historia dos nossos tempos; não terão que lutar com mil difficuldades como o historiador de nossos dias, a decifrar enygmás na pedra a procurar em legendas, em jeroglificos, nas ruinas e fragmentos archeologicos, a reconstrucção ideal do passado.

No jornalismo encontrarão com assombroso numero de dados, toda a evolução da humanidade nas multiplas manifestações da sua actividade material e intellectual durante a epoca que atravessamos.

## Questões litterarias

Em Lisboa ha quem se interesse pelas artes, ha muito quem se electrise pelas sciencias, nas suas mais elevadas concepções.

Ha sobretudo uma classe que se distingue, que



lucta, que estuda, que produz e que se ama, é a dos litteratos que pullulam e enriquecem a litteratura patria dia a dia.

O egoismo litterario é aqui quasi desconhecido e não succede o mesmo que no norte do Brazil, onde pretenciosos rapazolas, arvorados em criticos anonymos formigam covarde e traçoicamente, tentando destruir a obra dos que trabalham e se tornam uteis ao seu paiz.

Tanto grandes como pequenos, dão-se a devida importancia, segundo o merito de cada um, ensinando e aprendendo sem desfazer.

D'ahi a fraternidade litteraria e o grande incremento que tem tido a litteratura em Portugal n'este seculo.

A publicidade nos jornaes ajuda os que debutam (lá cabi em peccado), dando-lhes uma notariade rapida e de que muitos devem conscienciosamente ser os primeiros a admirar-se, senão a surprehender-se. O critico bibliographico quando vê que a obra é sem valor e destituida de interesse depois de ler atira-a para um lado dando o tempo que consumiu com a leitura, como perdido, e convicto de que ainda mais tempo perderia se a fosse criticar. Reconhece que a critica n'este caso é quando menos poderoso reclame e o proveito será do auctor, porque ha muito quem deseje provar d'agua d'esta fonte para se convencer se é boa ou má.

Pudéra não, se os gostos são differentes!

Em materia litteraria quer-nos parecer que a modestia é comedimento inaceitavel. Geralmente todo aquelle que escreve deve assumir a responsabilidade da opinião que emite com o seu nome. Em questões litterarias o anonymato não deixa de ser uma covardia, e das duas uma ou o auctor não tem consciencia do que escreve ou teme viver e fallar ás claras.

Os litteratos portuguezes differem bem dos seus confrades brasileiros.

Entre os primeiros reina ordinariamente harmonia elles se correspondem affectuosamente, auxiliam-se, ao passo que entre os segundos impera o despeito e a inveja.

Uma vida de cão e gato.

E facto curioso, os primeiros trabalham para viver, ao passo que os segundos trabalham para dar aos mais com que viver!

O escriptor ou jornalista que tem noções de brio e dignidade, não se serve da sua arma mais preciosa a penna para fazer critica acerba e muito menos suja.

Os homens de verdadeiro merito, os que não necessitam pedir por emprestimo a qualquer os applausos que lhes dão a sua consciencia e a opinião publica, desprezam a esses bandidos da imprensa vil e corrupta.

A critica que tem por base o despeito, a inveja, o odio pessoal, é como uma messalina pôdre e lazarenta de que ninguem faz caso, mas que incute ainda assim quando muito compaixão.

## Guerra Junqueiro

Todos o conhecem e todos apreciam o seu brilhante talento.

Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada á Cinta, em 15 de setembro de 1850. É filho do sr. José Antonio Junqueiro, honrado proprietario n'aquella villa.

Formou-se em Coimbra na faculdade de direito no anno de 1873, sendo companheiro e amigo de João Penha, Theophilo Braga, Guilherme d'Azevedo, Gonçalves Crespo e outros vultos poeticos que deixaram o seu nome brilhantemente assignalado no mundo litterario.

Acerca do grande poeta disse já o sr. Cesar de Magalhães. «Não conheço ninguém mais attrahente e original que Guerra Junqueiro. Na apparencia, no gesto, na melancolia, ás vezes no descuido do trajo, na simplicidade de vestir, assemelha-se a um philosopho do tempo antigo. Aquella brandura que appareta por vezes, aquella simplicidade, aquella modestia, assemelha-se a um véu que encobre uma luz vivissima.

O dever de que o seu retrato venha honrar uma das paginas da *Madrugada*, é sem a menor duvida imposto pelo seu grande talento de poeta e pela admiração e alta conta em que o temos.

## João Vieira da Silva

O commendador João Vieira da Silva é o actual consul geral dos Estados Unidos do Brazil em Portugal onde conta grande numero de sympathias.

Nasceu no Rio Grande do Sul, n'essa pittoresca terra que tem sido berço de tantos homens illustres.

Possue um talento brilhante e uma alma candida que se impõe pela sua pureza. Por outro lado Vieira da Silva é um homem sagaz, extraordinariamente atilado, esperto e activo, possuindo uma imaginação artistica bastante vigorosa.

Ama o fausto, o luxo e o bom gosto, é um verdadeiro *gentleman* e tambem apreciado escriptor.

Se nos não engana a memoria foi já correspondente do *Paiz* em Lisboa, cujas paginas honrou durante muito tempo com a sua collaboração constante.

Amando extremosamente o seu paiz e a Portugal, tem desenvolvido uma faina infatigavel como consul, escl-



JOÃO VIEIRA DA SILVA

recendo a opinião publica sobre os ultimos acontecimentos no Brazil, e n'estas occasiões é que mais vigorosamente manifesta o seu amor e energia pela patria.

## LITTERATURA



## Um soneto da "Chilena"

Era um pobre rapaz, um simples operario. Perdera a companheira inda na flôr da idade e, entregue á sua dôr, morria de saudade entre um pequeno berço e um leito solitario.

Deu em beber. Á noite, ebrio visionario, apparecia-lhe «ella»... e que felicidade! que delirios! que amor; que beijos: Temerario não via o filho a olhar fremente com anciedade!

Uma noite bateu... Bateu... Tudo calado! Arromba a porta... horror! Ao pé da cruz da mãe vê estirada a creança e uma garrafa ao lado!...

«Que fizeste, ladrão?» lhe grita como quem ia esmagal-o alli. Responde o desgraçado: «Papá não batas, quiz vêr a mamã tambem».

Fernando Caldeira.

## CANÇÃO

Isto canta-me dentro enche-me o coração  
Vai-me por alma a fóra...

A. de Oliveira.

Não! Não existe Dôr, Morte, Infortunio, Pranto,  
Emquanto fores minha e meu o teu amor!  
Jámais blasphemarei á luz e ao Ser, enquanto  
No coração sentir o teu calor ó ave,  
O teu perfume, ó flor!

Vives?—O meu viver é limpido, suave...  
Amas-me?—A existencia é um cantic de amor?  
Como sorri o azul! Como cantam as aguas!  
Como brilha-me n'alma a tua voz, ó ave,  
Tua pureza, ó flor!

Vejo-te?... O que é que exprime esta palavra:—magoas  
Sorris-me?—O vendaval é um astro a rutilar!  
A vida é uma canção, o Universo—um beijo!...  
Sinto fallar-me Deus, ó flor, no teu bafejo,  
O' ave, em teu cantar!

Choras? Vence-te a dôr? Vergas ao soffrimento?  
Ai! Já sei o que são pranto, magoas e dôr...  
O cen, piedoso e bom, ruge n'este momento...  
Dão a idéa da morte, ó ave, o teu lamento  
Tua tristeza ó flor?

Valentim Magalhães.

## Ao pé d'um berço

Adeus filha, adeus, agora  
Fecha os teus olhos, descança;  
Deus manda sonhos d'esperança  
Nos fios d'ouro d'aurora:

Sonha, pois, teus olhos cerra  
E Deus te diga, querida,  
Que nunca acharás na vida,  
Mais santo amor sobre a terra.

Thomaz Ribeiro.

## Canto de Tapuytama

(Ao meu bom amigo dr. Oscar Leal)

No grande sertão	Pegando do laço
Que a secca estação	Sem muito embaraço
Faz duro torrão	Sem grande cansaço
Lá mesmo nasci.	Tapyras lacei.
Por essas tendabas	Monstruosos, valentes
Dos montes nas abas	Ufanos, turgentes,
Com mil morycabas	De pontas luzentes
Criei-me e cresci.	Que eu mesmo as serrei.

Meu pae foi guerreiro,	Ninguém ousaria
Valente e matreiro	Por mais valentia
Mais nobre frecheiro	Dizer que seria
Como elle não vi:	Tão bravo, qual sou!
De dia acampava	Nos rios veleiro
De noite caçava,	Nas selvas ligeiro
E ás vezes pescava	Mais habil monteiro
Tudo isto aprendi.	Quem foi que encontrou?

Já desde menino	Na pesca e na caça
Eu era ladino	Por mais que se faça
Ousado campino	Ninguém m'ultrapassa
Que a todos pasmava;	Não tenho rivaes.
Com os outros brincando	E a fama apregôa
Foigando e saltando	Meu nome lá vôa
E a pelle escovando	Nas tabas echôa
Por terra os prostava.	Por entre os mortaes.

No campo eu corria	Já hoje avançado
Com tal galhardia	Na idade, e quebrado
Proezas fazia	Das forças, coitado
Na gram invernada;	Sou pobre ancião;
Que a rez que saltava	Com tudo não pejo
Do teso em que estava	Dizer que não vejo,
Cem passos não daya	Quem tenha o cortejo
Eu indo ás pegadas,	De mais valentão.



Vaqueiros briosos,  
De gloria anciosos,  
Sedentos, teimosos  
Por suas patranhas.  
Na ferra dos gados,  
Ficavam pasmados  
De inveja ralados  
Por minhas façanhas.

Mancebos d'agora  
Que a fama enamora  
Não são como outr'ora  
Matteiros briosos,  
Audazes, richentos  
Mais fracos, relentos,  
Ignavos, rebentos  
Dos troncos honrosos.

Eu estando aprumado  
Bem destro montado  
No meu afamado  
Cavallo alazão,  
Sou fama e sou forte  
Não penso na morte  
Não temo seu corte  
No vasto sertão

Da praça os honrados  
Varões afamados  
E os taes Potentados  
São vis, são corruptos;  
Commettem baixesas,  
Infamias, vilezas:  
Lhes faltam nobrezas  
D'antigos matutos.

Mil vezes prefiro  
Viver no retiro,  
Que livre respiro,  
Do que nas cidades,  
Aqui só candura  
Se vê da natura  
Riqueza e ternura,  
Ali falsidades

Pará—Brazil.

Ulysses Pennafort.

## AMO-TE

Eu não te posso a ti dizer mais nada  
Senão essa palavra já sem força.  
A' força de empregada:  
Mas eu, tímida corça  
E minha amada!  
Pomba innocente,  
Tão longe e tão presente!  
Digo-a a ti com quanta força mais,  
Mais puro intuito  
E mais razão!  
N'essa palavra as syllabas são ais  
Que me sabem a mim do coração:  
—Amo-te... muito! muito!

João de Deus.



## AO TELEPHONE

Oito dias ha que me despedi chorando da minha boa tia Engracia, ao lado da qual passei cinco ou seis annos, para entrar em casa de minha mãe em Lisboa, e recorde-me perfeitamente os seus ultimos conselhos:

— Creio de meu dever, querida Amelia, disse-me a tia, avisar-te que vaes a Lisboa, a esse foco de corrupção, e que é bem possível vás encontrar em casa de tua mãe, costumes diametralmente oppostos aos que te tenho acostumado no solitario recanto d'esta aldeia; minha irmã Carolina é uma boa christã e uma boa mãe de familia, porém tenho a certeza de que não tem sabido defender-se das maldictas ideias modernas e temo minha querida sobrinha que a tua innocencia tera de expôr-se a rudes provas e numerosos perigos.

— Oh não lhe dê isso cuidado, querida tia. Eu não olvidarei nunca os bons conselhos e boas maximas, que tenho aprendido n'esta casa.

— Deus te ouça. Deves saber que tua mãe pensa em casar-te vantajosamente, segundo me informa na sua ultima carta e que este é o motivo da nossa separação.

— Já sei, tia.

— Não conheço ao teu futuro esposo; temo muito que seja um homem da ultima moda, um cavalheiro d'esses que agora

se chamam illustrados, que fallam nos Gremios e nas Academias e que só tratam do tal progresso moderno.

— É possível...

— Se assim fôr, estás perdida. Elle pôde querer mobilhar a casa segundo a ultima moda, com o conforto que tanto apraz aos modernos sybaritas e encher as tuas salas com essas perigosas invenções da industria, com todos os malditosapparelhos scientificos tão em voga hoje.

— E isso é perigoso?

— Perigosissimo. Desconfia de todas essas novidades e progressos em bem da tua felicidade conjugal. Uma das cousas por exemplo que mais deves abominar é o telephone. Não consintas que introduzam em tua casa esse aparelho diabolico que é a alma de todas as discordias. O telephone é realmente um dos grandes inventos dos nossos tempos...

— Ah então...

— Porém, querida sobrinha, o telephone não serve para outra cousa senão para favorecer conversas más e culpaveis.

— Deveras?!

— Supponhamos que tu te casas e que teu marido te engana. Pois bem, não tenhas a menor duvida de que o telephone é o melhor auxiliar das infidelidades de teu marido.

— Como?!

— Do modo mais simples. Collocará o tal aparelho no seu gabinete. A chave elle a guarda. Quando tu estiveres desenhada sóa o timpano, teu marido acode ao chamado, e principia o telephone a funcionar. O pretexto é sempre um negocio qualquer, porém, o que alli tem lugar, não duvides, é uma conversação condemnavel, protestos de carinho, declarações de amor, alli mesmo no nariz da esposa enganada. Quantas falsidades, quantas acções vis, logradas com o auxilio poderoso d'este infame invento?!

— De modo que me aconselha...

— Que não consintas em tua casa a installação de tal aparelho, se aprecias o teu repouso e a tua felicidade conjugal.

— Muito bem, mas eu sempre desejava ver um telephone

— Livra-te de tal. Só a sua presença pôde precipitar-te nos abysmos do mal.

\* \*

Imbuida n'estas ideias, cheguei a Lisboa, onde minha carinhosa mãe me esperava com os braços abertos. Seis annos de ausencia justificavam perfeitamente os excessos de maternal carinho que se apossou a demonstrar-me á chegada. Que differença entre a luxuosa casa de minha mãe e a modesta vivenda de minha tia, na triste povoação que acabava de abandonar!...

N'aquella mesma noite devia ser apresentada ao meu futuro esposo.

Minha mãe fallou-me antes muito d'elle, das suas boas qualidades, do seu talento, da sua posição, da sua fortuna e sobretudo da sympathia que me dedicava desde o dia em que teve a felicidade de ver um retrato meu.

Quando por fim chegou e me vi ao seu lado, convenci-me de que os elogios de minha mãe não eram exagerados.

Ricardo Teixeira, assim se chamava o meu adorador, era um bello mancebo, muito fino, muito elegante e de maneiras correctas.

Tal e qual porém como eu suspeitava, Ricardo era um entusiasta por tudo o que significava progresso. As ideias modernas tinham n'elle um apologista e acerrimo defensor.

A minha educação e os conselhos de minha tia me fizeram ler n'aquelle jovem o inimigo declarado da minha felicidade. Venci pois, a minha timidez e tratei francamente da questão.

Ricardo ria-se umas vezes e outras me contemplava assombrado quando lhe explicava as minhas absurdas theorias.

Pouco a pouco encareirei a conversa até ao ponto mais interessante para mim — o telephone.

— Usa do telephone? perguntei.

— O telephone?

— Sim, já sei que em Lisboa está muito em voga e que os homens se servem agora d'este instrumento para enganar as mulheres. Também possui o seu não é assim?

Meu futuro esposo franziu as sobrancelhas sem nada dizer e eu continuei:

— Minha boa tia, fallou-me muito d'este assumpto e eu estou disposta a permanecer solteira toda a vida, do que a unir-me a um homem que usa do telephone.

— Ah! Então a tua tia...

— Sim senhor. Minha tia explicou-me que o telephone é uma invenção de Satanaz e não consentirei que tal invento penetre em minha casa.

Ricardo prometteu-me que a minha vontade seria satisfeita e tranquilizada acceitei as suas declarações. Quando elle me perguntou se eu tinha visto já algum telephone, respondi-lhe horrorisada que não, nem queria vê-lo e sorrindo disse-me: que só me mostraria algum quando eu propria lh'o pedisse.

Affirmei-lhe que não pensava em ter jámais essa lembrança e Ricardo tornou a sorrir. Não se fallou mais d'isto.

Dois mezes depois estávamos casados.

A carta seguinte dirigida pelo Ricardo ao seu amigo Roberto, nosso padrinho de bodas, e que casualmente cahiu em meu poder, dará uma ideia mais perfeita de que tudo quanto referir a respeito dos nossos primeiros dias de casados. Vou transcrever-a, sem que Ricardo saiba, porém guardem o segredo.

Querido amigo Roberto.

Vou contar-te a historia dos meus primeiros oito dias de casado e por ella poderás conhecer melhor o anjo de innocen-

cia, que felizmente para mim, tocou-me n'essa loteria que se chama o matrimonio.

Comprehendes perfeitamente, ao cahir de uma tarde formosa, no aprazivel silencio de um apozento confortavel, como é doce o desfalecimento enervante que se apodera do nosso ser, a ancia indefinivel que nos domina, quando n'aquella hora e n'aquelle sitio nos espera a felicidade suprema de estreitar em nossos braços a mulher amada? Pois comprehende-me querido Roberto, a horrivel decepção que se experimenta quando em vez da apaixonada caricia de um beijo, se encontra com a repulsa e a resistencia passiva, com a innocencia da ignorancia, defendendo-se sem lutar entre as trincheiras do admiravel pudor, e poderás fazer uma ideia aproximada da minha primeira entrevista com Amelia, quando entramos em nossa casa depois da cerimonia nupcial.

Aquella candura me aturdiu e eu, homem do mundo, audaz por temperamento, confesso-te que não soube que partido tomar.

Todavia a situação não podia prolongar-se.

— Vamos querida Amelia, eu não posso consentir no que desejas e bem deves ver que não é justo que te deixe dormir n'este quarto, ficando eu só desterrado n'esse outro que deve ser desde hoje o ninho dos nossos amores?

— Não é o teu quarto perto do meu?

— Sim, porém eu necessito estar mais perto de ti.

— Mais! Mas... minha tia nada me disse a este respeito, e eu não sei se devo...

— Na verdade, a tua tia inculcou-te umas ideias tão absurdas, que podem fazer de ti uma desventurada.

— Oh não creio. Pobre tia que tanto me quer!

— O excesso do seu carinho fel-a aconselhar muito mal e fo vou demonstrar.

— Será possível?

— Chega-te e não tenhas receio. E vencendo a natural repugnancia de Amelia, attrahi-a docemente até sental-a nos meus joelhos.

A pobre pequena tinha o aspecto de uma gatinha assustada e prompta a se escapar. Eu a preendi de modo a que não podesse fugir-me.

— Tua tia, povoou a tua juvenil intelligencia com uma série de preceitos e maximas a proposito do progresso, que são realmente injustas e absolutamente destituídas de razão.

— Tu crês?

— Affirmo-te. Para não ir longe occupei-me só do telephone, a que ella votava maior odio.

Quando pronunciei o nome do maravilhoso instrumento, senti o corpo da minha formosa mulher tremer, preso de violenta excitação nervosa.

— Oh porque te lembras d'isso?

— O telephone é hoje um aparelho tão indispensavel e tão commum, ao mesmo tempo, que não se celebra nenhum casamento, entre gente de boa sociedade, sem que o telephone faça parte do *trousseau* da noiva. E' um dos presentes de noivado mais apreciados. Todavia eu conhecendo a tua aversão, pedi a nossos amigos e a tua mamã que não figurasse esse instrumento no enxoval.

— Então é a moda?

— Não é só moda mas também o seu uso é indispensavel. — E eu que nem sequer vi nenhum.

— Nunca reparaste em tuas amigas alguma cousa de estranho, certa alegria inusitada alguns dias depois de casadas, e que todo o mundo diz sorrindo que são os effeitos da lua de mel?

— Sim... já tive occasião de notar isso.

— Pois bem, esses maravilhosos effeitos são devidos ao uso do telephone, e de modo que tu não poderás sentir esses agradaveis effeitos, por não teres permitido a presença do aparelho.

— Tens tu algum?

— E magnifico. Queres vê-lo?

— Que dirá minha tia quando souber? E ella que chega qualquer dia... Não, não me atrevo.

— Tolinha. Não tenhas medo. Podemos fazer a installação de maneira que ninguém mais que tu e eu saibamos o sitio onde se acha collocado.

— E custa muito dinheiro a sua collocação?

— Não é barata a principio, mas...

— E não se quebra, nem se gasta?

— Sim... com o uso, mas dura muito tempo...

— Uma coisa me desgosta. É que não conhecendo o invento nem o seu uso, vá ter difficuldade em maneja-lo.

— Será facil aprenderes. Se te decidires verás como em duas ou tres lições o havemos de fazer funcionar como se em toda a nossa vida não se tivesse feito outro exercicio.

— E um só telephone basta para o uso de duas pessoas?

— Sem duvida e crê adorada minha que a introdução de outro qualquer, turvaria para sempre a paz do nosso lar.

— E onde tens o teu?

— Aqui, vem ver.

Levantei-me e passando ao gabinete contiguo mostrei a minha mulher um magnifico telephone, perfeitamente montado.

Amelia ficou encantada ao ver o aparelho, esqueceu os conselhos da tia e desde esse dia passamos horas mortas a telefonar.

Sou completamente feliz. Teu amigo, Ricardo Teixeira.

Anpuero.

OSCAR LUAL.



## AYGARA

Aygara é o nome d'uma formosa rapariga, filha natural de um homem importante de Goyaz, aprisionada quando pequena em companhia de sua mãe, pelos selvagens Apinagés, que habitam o Tocantins e Araguaia e de quem Oscar Leal dá minuciosa conta, ao descrever-nos a sua estada em uma das aldeias d'essa tribu, no seu esplendido livro *Viagem a um paiz de selvagens*, que deve sahir do prelo esta semana, editado pela livraria de Antonio Maria Pereira.

Esta obra é dividida em duas partes, ornada de perto de trinta gravuras e possui vinte e tres capitulos com as seguintes denominações: *A bordo do Xingú. — Cametá. — Usos e considerações. — Rio acima. — A lançada. — Em casa de padre. — Na villa de Mocajuba. Estudo rapido. — Caçada aos jacarés. — O natal no Bayão. — Além das Cachoeiras. — Os Apinagés. — Aygara a filha do Cacique. — Casamento e vida selvagem. — Os convites de Yauay. — Os indios da America. — O ygapó. — Nos ygarapés. — Usos e costumes. — A vida no Tocantins. — Uma descoberta. — Ultimos dias em Cametá. — De volta ao Pará. — Conclusão. — Vocabulario.* Com vista aos maliciosos: O fim d'esta viagem justifica o titulo.

## NOTICIARIO



*Mina litteraria* é o titulo de uma associação que acaba de surgir no Pará. Os socios têm a denominação de mineiros, e o thesoureiro, guarda da ferramenta.

A direcção da mesma está confiada aos drs. Alvarés da Costa, Paulino de Brito, Guilherme de Miranda Acrisio Motta, Raul e Eustachio d'Azevedo.

Isto é uma prova de que na bella capital paraense ha muito quem trabalhe em prol da litteratura patria.

O nosso collega fluminense *Correio da Tarde*, do dia 28 de novembro passado, publicou a seguinte noticia:

«Julgamos opportuno declarar que não é morto José do Patrocinio, como perversamente andavam espalhando alguns boateiros inimigos do illustre abolitionista. José do Patrocinio acha-se felizmente vivo e são, sendo provavel o seu proximo reaparecimento na arena jornalística.»

Pelas ultimas noticias vemos que José do Patrocinio já chegou ao Rio de Janeiro, onde tenciona novamente occupar o seu posto na imprensa fluminense. Parabens á patria.

Encontramos na revista litteraria ingleza *The Ushaw Magazine*, no seu numero centenario de dezembro, uma traducção do poema *Os Simples*, do grande poeta portuguez Guerra Junqueiro.

A traducção é devida ao poeta inglez Edgar Prestage, que em uma nota á sua traducção dos *Simples* diz: «Guerra Junqueiro e João de Deus são os dois poetas de genio de Portugal, actualmente vivos.»

Lemos a seguinte noticia no *Monitor Mineiro* de Cataguazes:

Recebemos a *Revista Elegante* excellente jornal de modas que se publica na Fortaleza, capital do Maranhão. (!)

Publicaremos n'este numero, e nos seguintes, umas poesias, que nos foram remetidas. Agradecendo, como é nosso dever, aos seus illustres authores, esta prova da sua deferencia para conosco, e os elogios, bem pouco merecidos, que nas suas cartas nos dirigem sentimos ter que ponderar a s. s.<sup>as</sup>, que o limitadissimo espaço, de que podemos dispôr n'esta revista collocando-nos quasi na penosa obrigação de darmos

sempre a preferencia ás poesias, que nos remetem os nossos amigos, força-nos por isso mesmo a pedir-lhes desde já desculpa ou da demora, ou da não publicação, quando haja de ter logar.

Alguns amigos e assignantes de Pernambuco queixam-se de só terem recebido o primeiro numero da *Madrugada*!

Isto é uma belleza mas... não tem duvida.

Na *Madrugada* não se fazem publicações pagas sejam de que natureza forem e apenas podemos quando muito aceitar algumas gravuras que acompanhem biographias de pessoas assaz notaveis.

Isto vai com vista áquelles que parecem confusos a tal respeito e para nos poupar devoluções.

O *Jacobino* era o titulo de uma folha que em má hora surgiu á luz da publicidade no Rio de Janeiro, com o fim de deprimir a aviltar tudo o que é portuguez. Agora chega-nos a noticia do seu desaparecimento. Morreu sem ter conseguido os seus fins.

Accedendo ao nosso convite, offereceu-se para correspondente litterario em Pernambuco, da nossa revista, o illustrado escriptor e philologo Clovis Bevilacqua. Da mesma forma temos já recebido igual com municação dos nossos amigos e illustres homens de letras dr. Aurelio Lavour, Conego U. Pennafort, Augusto Cardoso, Arthur Goulart, Arthur Montenegro, dr. A. Fleury, dr. B. Graça, Alberto Veiga e outros de que já demos noticia.

Vem ser minha unicamente  
Que sómente  
O mar, o céu, a terra, a flor  
Vejam correr nossa vida  
Esquecida  
Em mil delirios de amor.

Quero em teu seio nevado  
Reclinado  
Mel de teus labios beber  
E mil sonhos de encantar  
Disfrutar  
E depois... depois morrer.

Demosthenes M. Olinda.

Lisboa, 1895.

Toda a correspondencia para a redacção e direcção d'esta folha deve ser dirigida para o — *Correio Geral*, 222—Lisboa.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa mesa de trabalho os seguintes livros, folhetos e jornaes:

*Um invejado* por Affonso Celso.

*Caricias*, viagens pelo paiz da ternura, de Garcia Redondo, obra illustrada.

*Balladilhas*, de Coelho Netto, editor, Domingos Magalhães, Rio de Janeiro.

*Alma Nova* n.º 4, revista litteraria da qual são directores Faustino da Fonseca e Macieira Junior, Lisboa.

*Revista Moderna* redigida por Costa Filho e Olympio Galvão, dois rapazes de talento, n.º 5, Pernambuco.

*Notas pessimistas*, interessante livrinho por Ernesto Santos e Manuel Arão, redactor do *Diario de Pernambuco*.

*A Reforma do Porto*, da qual são redactores os illustros escriptores Guilherme Dias, pae e filho. — *A Vara da justiça*, redactor Rny Moraes. — *Gazeta de Noticias*, Terceira, redactor Antonio Moniz. — *A União*, publicação diaria de Angra (Açores) redigida pelo sr. Vieira Mendes. — *A Evolução*, órgão do partido republicano em Angra, redactor Jacob Abohbot. — *A Estrella Oriental*, da Ribeira Grande. — *O Atlantico*, Horta, Fayal.

*Soluções Positivas da Política Portuguesa*. Um magnifico volume de 88 paginas pelo nosso illustrado amigo Antonio Cabreira, que nos presenteou ainda com um exemplar do seu *Relatorio* das propostas para a celebração scientifica do centenario da India.

Temos recebido: *O Districto de Faro*; *Diario do Alem-tejo*; *O Damião de Goes*; *Districto de C. Branco*; *Elvense*; *Jornal de Vizeu*; *Echos da Avenida* do sr. A. Castello Branco; *Angrense*; *Jornal d'Extremoz*; *Reacção de Man-*

*qualde*; *Folha da Manhã*, de Barcellos; *Verdade* de Thomar; *Nova Era*, de Lisboa; *O Lima*, etc.

*Gazeta de Uberaba*, publicação bi-semanal, propriedade do nosso amigo Tobias Rosa e na qual collaboram assiduamente rapazes de talento promettedor como Ferreira Junior, Arthur Costa e outros. — *Novo Echo* de Palmares, Pernambuco, sob a direcção de Fernando Gris e Fenelon Ferreira. — *O Friburguense* do nosso illustrado amigo Augusto Cardoso. — Alguns numeros das *Novidades* do Recife cujo redactor chefe é o dr. Fernando Barroca. — *Monitor Mineiro* de Cataguazes-Minas, redactor Martins Ramos. — *Cidade de Cametá*, redigida pelo dr. João de Sequeira Mendes. — *Luctador*, do Descalvado, S. Paulo, redactor Gabriel Lessa. — *Cidade do Pará*, redactor Bento Junior, apreciado poeta. — *Lucta*, de Oliveira. — O n.º 36 do *Araguary* redigido pelo dr. Martinho Guimarães. — *O Commercio do Espirito Santo*, redactor Aristides Freire. — *Republica*, de Campos. — *Republica* de Corytiba, diario politico. — *Tocantino* do Pará. — *Republica* do Ceará. — *Republica* de Manãos. — *Gazeta de Paracatu* do dr. Salazar. — *O Discipulo*, de Cantagallo, sob a redacção do illustre padre Manuel Lobato. — *Cachoeirano*, redigido por Bernardo Horta e Victor de Moraes. — *Gazeta de Mogy-Mirim*. — *Bragantino* do Pará. — O n.º 7 da *Tuba* do Conego U. Pennafort. — *O Rio Grande do Norte*, redactores Amorim Garcia, Amyntas Barros e José Gervasio, e a *Republica*, do Rio Grande do Norte, redactores Braz d'Andrade, Antonio de Sousa e Augusto Maranhão. — *Baixo Amazonas*, Pará. — *Scientific American*, do nosso dedicado amigo Camillo Ludmann de New-York. — *O Diario*, do Piahy. — *Echo*, de Santos. — *Commercio*, de Caxias. — N.º 10 do *Binoculo* de Pernambuco propriedade de Olympio de Seixas Borges. Traz este numero a sombra de Manuel Arão como se o estivessemos a ver n'um espelho phantastico. — *Commercial*, de Santa Catharina. — 15 de Novembro, de Breves, Pará. — *A Renascença*, revista litteraria redigida por Julio Barbuda, Manuel Brito e Pethion de Villar. — *Correio de Araraquara*. — *Oasis*, de Matto Grosso, redactor M. Costa Pedreira. — *Gazeta de Sergipe*, redactor Apulchro Motta. — *O Momento*, de Maceió, redactores Luiz Mesquita e Joaquim Diégues. — *Verdade e luz*, redactor Antonio Baturina.

## THEATROS E...



**S. Carlos** — Companhia lyrica italiana.  
**D. Maria** — O velho thema.  
**D. Amelia** — La Mascarita, etc. — Companhia de Zarzuela.  
**Trindade** — O Brasileiro Paneracio, etc.  
**Gymnasio** — Lição cruel, etc.  
**Principe Real** — Herança de odio.  
**Rua dos Condes** — Asmodeo.  
**Avenida** — Ave do Paraizo.  
**Rato** — O Pecego. — Revista de 94 (3 actos e 12 quadros).  
**Real Colyseu** — Companhia equestre. — Os celebres XX, etc.  
**Circo Lisbonense** — Espectaculos variados.  
**Colyseu dos Recreios** — Companhia de zarzuela hespanhola.  
**Café concerto** — (Rua dos Condes) Concerto todas as noites.  
**Café do gato preto** — Idem.  
**Salão da Trindade** — Bailes de mascaras.  
**Exposição Imperial** — Avenida Palace.  
**Figuras de cera** — Todas as noites.  
**Jardim Zoologico** — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, etc.  
**Soirées e bailes publicos** — Em varias sociedades e salões.  
**Museus** — *Jeronymos*, em Belem. — *Archeologico*. — *Bellas Artes*. — *Historia Natural*. — *Anthropologico*. — *Galerias do palacio da Ajuda*, etc.  
**Castellos de Melilla** — Todas as noites espectaculo.

## ANNUNCIOS

## DO TEJO A PARIS

Um magnifico volume, por Oscar Leal, 2.ª edição. A' venda nas principaes livrarias.

TYP. MINERVA CENTRAL

14 a 17, Praça do Municipio — Lisboa

Editor — ILLIDIO COSTA



# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCAR LEAL

SERIE II

Lisboa 8 de Maio de 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos)... 40\$000  
Seis mezes ou meia serie, réis..... 5\$000  
Em notas ou em sellos remetidos dentro de  
carta ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 4\$500  
Seis mezes, ou meia serie, réis..... 5\$800

## A FRANÇA LITTERARIA

(Conclusão)

Li o *Docteur Pascal*, a ultima pedra do portentoso edificio, a cupula do templo cimentado pela sciencia experimental, construido para a celebração do culto positivista.

Em Paschoal Rougon, o ultimo descendente masculino dos Rougon Macquart, vergontea extremada da grande arvore genealogica, personifica Zola a ideia synthetica e fundamental que atravessa de lado a lado toda a laboriosa gestação do seu espirito, debatendo-se contra os innumerables problemas do destino, e, não, raro, resolvendo-os e elucidando-os.

Paschoal é a sabedoria, devorada pela irreductivel sede de tudo investigar, alliada á fina sensibilidade de uma mulher e á divina bondade de um justo.

Na via lactea que elle segue, absorto no estudo de melhorar a condição humana pelo banho lustral da sciencia, a formosa cabeça de patriarcha biblico coroadada de cabellos brancos pendida para os livros, caminha Clotilde, filha do Saccard e sobrinha de Paschoal, outra vergontea da grande arvore.

Clotilde, educada pelo sabio medico psychologo, creada na viva projecção do seu espirito, moralmente alimentada pela caudal de amor do seu coração!

Clotilde, porém, dominada pela suggestão concretizada n'esta phrase de Zola, *l'humanité souffrante ne peut vivre sans la consolation du mensonge*, cedendo ás fatalidades do seu sexo e dominada pelo mysticismo innato na alma da mulher, é uma orthodoxa.

O pantheismo philosophico do mestre choca-se com as piedosas crenças religiosas da disciplina amada e estabelece um conflicto permanente, de que ambos saem dilacerados, sem deixarem de votar um ao outro a illimitada ternura, nunca desmentida, que forma por assim dizer o nucleo das suas duas existencias.

Paschoal, encerrado no seu gabinete, pede á sciencia o balsamo susceptivel de ungir as chagas do eterno Job, de attenuar as suas torturas phisicas, e é na terra, na gloriosa irradiação da vida, nas alegrias humanas de viver, compensadoras segundo a sua theoria philosophica, de todas as angustias, na evolução, no desdobramento da creatura, revivendo sempre nas gerações que passam como élos de uma só cadeia, nos jubilos do trabalho e no austero cumprimento do dever, que o mestre colloca o seu ideal.

Clotilde, ao inverso do seu estremecido companheiro, disciplinador do seu espirito, procura o ideal que irresistivelmente a attrahe no *au dela*, no mysterio do dogma, no céu, onde floresce aos seus olhos de extatica a divina mentira da illusão consoladora.

E enquanto elle, embrenhado no estudo da grande familia humana, collecciona os documentos atavicos dos Rougon Macquart, bases fundamentaes da sua theoria da degenerescencia, accusando-se em phenomenos moraes e phisicos, que sem cessar a evidenciam, ella prosta-se nas egrejas e supplica ao Deus que a possui e a arrasta palpitante nos degraus dos altares, a con-

versão d'aquella alma, a salvação d'aquelle transviado que Clotilde adora e quer a todo o custo arrancar ao inferno.

Aguilhada pelos terrores do seu fanatismo e impellida pelos conselhos da avó Felicidade Rougon, a zelosa guardiã dos tradicionaes esplendores decorativos de uma familia honrada, na pessoa do seu chefe, com o favoritismo do imperador, Clotilde concebe o plano vandalico de reduzir a cinzas a papellada sybilina do reprobo.

Paschoal surprehende-a no acto de forçar-lhe o armario onde elle encerra os seus preciosos manuscritos, toda a historia ancestral, resumida na arvore genealogica.

E pungido de dôr e de colera, o mestre resolve-se pela vez primeira a desvendar o mysterio, o iniciar Clotilde na historia, simultaneamente idyllica e tragica da sua familia, isto é na complexa historia de toda a humanidade, impellida pela iniludivel lei atavica para a grande chimica final, onde a carne inerte é absorvi-



GENEROSO PONCE

da, como um pasto nutritivo, pelos vermes e pelos vegetaes.

Essa subita illuminação, transmittida pela torrentosa eloquencia do mestre, penetra até ao mais intimo no ser moral de Clotilde e prepara a metamorphose do seu espirito, que se abandona sem restricções ao dominio da sciencia, ou antes á inebriante seducção do amor e da bondade, «l'amour, (na phrase de Zola), comme le soleil, baigne la terre, et la bonté est le grande fleuve où boivent tous les coeurs.»

Paschoal e Clotilde adoram-se e possuem-se na ideal serenidade do campo, sob a palpação das folhagens da Souleidade que os acariciam, á luz das estrelas que espreitam e invejam, talvez, a sua felicidade sobrehumana.

Ella abandona-lhe com extasiante enlevo, a triumpante belleza lirial dos seus 25 annos, a flôr casta da sua virgindade.

E elle, o bello e ditoso rei David, diademado pela neve augusta dos seus caballos brancos, bebe no labio rubro e doce de Abisaig, a escrava submissa e

apaixonada, o filtro da mocidade renascente, o jubilo de amar e ser amado, a divina voluptuosidade do beijo, atravez do qual entrevê a realisação do seu ardente sonho: a perpetuação da creatura no ser gerado pelo seu sangue, a creança.

Mas a felicidade que elles foram buscar ao amor livre, affrontando todos os preconceitos, expungindo em um banho de ternura todas as desigualdades, passando atravez de todas as leis sociaes e desafiando todos os revezes; a felicidade que os levanta acima das misérias da terra e os faz viver na divina inconsciencia do sonho, provoca as represalias do destino.

Um golpe da sorte empobrece Paschoal; e elle sacrifica-se heroicamente, coherente com a illimitada bondade da sua alma, obrigando Clotilde a partir para Paris, para um futuro risonho e prospero, e votando-se ao supplicio da ausencia, a todas as pungitivas tristezas da solidão.

A doença vingase descaradamente de um holocausto que exorbita muito além das forças humanas e prosta Paschoal, matando-o, victima da scleroide no coração, uma hora antes do regresso da mulher amada, que trazia no seio, exuberante do amor, o filho, anciosamente esperado.

A noite tragica da vigilia funebre, Clotilde absorta e muda ante o cadaver de Paschoal morto, é uma das paginas mais profundamente vividas que teem brotado da penna de Zola.

Na Souleidade, a hora suavemente melancolica do crepusculo, na Souleidade, vibrante como o Paradis da paixão d'essas duas almas, brutalmente separadas pela morte. Clotilde amamenta o filho e invoca o inolvidavel ausente; o vento que passa, saccudindo as arvores traz de longe o clangor dos metaes, a musica festival, saudando a inauguração do monumento levantado á memoria dos Rougon pela vaidade da decana Felicidade Rougon.

E assim fecha soberbamente a epopeia naturalista, creada pelo maravilhoso genio de Zola.

Guimar Torrezão.

## Generoso Ponce

O coronel Generoso Paes Leme de Sousa Ponce, cujo retrato damos hoje em nossa revista, é um illustre brasileiro a quem a sua patria muito já deve, e de quem muito tem ainda a esperar.

Filho legitimo do alferes reformado do exercito José Ponce Martins e D. Cursina Romana de Sousa Ponce, nasceu Generoso Ponce na cidade de Cuyabá, capital de Matto-Grosso, Brazil aos 10 de julho de 1852.

Ainda em mui tenra idade acompanhou seu pae até o famoso e historico forte do Principe da Beira, situado á margem direita do Guaporé, na fronteira occidental do Brazil, e alli permaneceu cerca de dois annos; tendo depois d'isto, em epocas diversas, per-



corrido de norte a sul e de leste a oeste o vasto territorio do seu Estado natal, inexplorado em sua maior parte, pelo que é um dos matto-grossenses que mais conhecem a sua terra.

Em 1863 começou a frequentar as aulas do Seminario Episcopal, onde estudou até Janeiro de 1865, epoca em que, contando menos de treze annos de idade, voluntariamente apresentou-se para o serviço da guerra que contra o dictador do Paraguay, Solano Lopez, fôra o seu paiz obrigado a mover.

Já era segundo sargento quando em maio de 1867 fez parte da expedição enviada para retomar a cidade de Corumbá do poder dos paraguayos, senhores desde os ultimos dias de 1864 de todo o sul da então provincia de Matto-Grosso; e quando a 13 de junho d'aquelle anno foi assaltada e retomada a mesma cidade, convertida pelo inimigo em praça fortificada, o sargento Ponce portou-se bem, como fez publico a ordem do dia do commando das forças expedicionarias, sendo por isto incluído no elogio dado pelo Imperador e no voto de reconhecimento da Camara dos Deputados, ambos dirigidos aos que n'esse feito de guerra se haviam distinguido.

Continuando a servir nas forças que operaram em Matto-Grosso até á conclusão d'essa longa campanha, foi elle dispensado do serviço militar em Setembro de 1870, quando já era 2.º cadete primeiro sargento; tendo sido então louvado em nome do Presidente da provincia pela *promptidão, patriotismo e abnegação* com que até a terminação da guerra se prestou ao serviço da patria, e louvado tambem pelo commando do seu corpo pela sua *completa morigeração e subordinação*, havendo ainda o mesmo commando lhe agradecido a cooperação constante que d'elle recebeu no desempenho das suas arduas e difficeis funcções, como tudo consta da sua fé de officio.

Espirito activo e emprehendedor, Generoso Ponce dedicou-se em 1873 á carreira do commercio, entrando como empregado para a importante e respeitavel casa de Firmo José de Mattos, de quem mais tarde foi socio e é hoje successor.

Já um anno antes havia elle encetado a sua vida politica, alistando-se nas fileiras do partido liberal, nas quaes tanto se salientou pela dedicação tino e perseverança na defeza e no desenvolvimento das idéas democraticas que formavam o programma d'esse partido, que dentro de poucos annos viu-se escolhido membro do seu directorio e 1887 acclamado seu chefe supremo em Matto-Grosso.

Estava então em plena effervescencia a questão da liberdade dos escravos, e todo o paiz n'ella se achava empenhado: como chefe liberal e deputado á Assembléa Legislativa da sua provincia, Generoso Ponce combateu valentemente pela victoria do abolicionismo.

Valiosos eram já os serviços d'esse distincto brasileiro ao seu paiz, quando no mesmo anno de 1887 foi a então provincia de Matto-Grosso visitada pelo terrivel flagello do cholera-morbus. Ainda em tão critica conjunctura salientou-se Generoso Ponce, fazendo avultado donativo em dinheiro para ser empregado em soccorros publicos, e pondo os seus serviços pessoais á disposição da Presidencia da provincia emquanto durou a epidemia.

Approximava-se, porém, a mais brilhante phase da vida publica de tão preclaro brasileiro. Feita a abolição e proclamada a Republica, o illustre matto-grossense, então presidente da Assembléa Legislativa da sua terra natal, abraçou com entusiasmo a nova forma de governo e contribuiu poderosamente para que n'aquella longinqua parte do territorio brasileiro fossem as novas instituições uma realidade, não só organisando o partido republicano do novo Estado da União Brasileira, como tomando activa e intelligente parte em todas as questões discutidas no seio da sua Constituinte, da qual fôra eleito membro.

Em virtude d'estes relevantes serviços distinguio-o o Governo Federal com a nomeação de Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional da comarca de Cuyabá, milicia da qual já era capitão desde alguns annos antes.

O golpe de estado de 3 de novembro de 1891 e a revolução de 23 do mesmo mez e anno vieram complicar os negocios politicos de Matto-Grosso, já um tanto embaraçados desde certo tempo pela indisciplina das tropas da sua guarnição e pela indebita e violenta in-

tervenção de alguns chefes militares em assumptos de interesse meramente local.

Em Janeiro do anno seguinte rompeu em Corumbá uma sedição militar, sendo alli depositos o commandante do districto militar e as autoridades civis; e, partindo d'aquelle ponto para a capital do Estado uma expedição com o fim de depôr o seu Presidente, isto se realison a 1 de fevereiro.

O governo então estabelecido á mão armada, sem outro apoio que o das bayonetas dos soldados que o haviam criado, fraco pela sua origem e ainda mais enfraquecido pelos attentados e violencias que dia a dia o tornavam mais execrando, levou o chefe republicano a oppôr a força contra a força, afim de reivindicar para os seus concidadãos as garantias constitucionaes.

Sabindo secretamente da capital para o interior do Estado, o coronel Ponce viu-se dentro em poucos dias á frente de 1500 homens, que de varios pontos vieram juntar-se-lhe, e marchou para Cuyabá, onde o governo sedicioso accedeu em celebrar um accôrdo, em virtude do qual uma junta governativa ficaria administrando o Estado até que o Governo Federal se pronunciasse a respeito dos ultimos acontecimentos.

Apenas, porém, o chefe republicano licenciou a sua gente, foi roto o accordo, que a guarnição de Corumbá rechaçara, e dissolvida a junta; pelo que o coronel Ponce voltou de novo ao campo e, dirigindo segundo appello aos seus amigos, poz-se á testa de uma divisão de quasi 4000 homens, sitiou a capital, obrigou a guarnição militar a capitular apoz sete dias de tiroteios e combates parciaes, restabeleceu o governo legal e com elle a paz, a ordem, e a soberania do povo



FURTADO FILHO

matto-grossense, varrendo a tentativa separatista vinda da sedição e mantendo, como brasileiro patriota, a integridade da patria.

Não satisfeito com isto, o benemerito chefe expedicionou para Corumbá com parte das suas forças e alli restabeleceu as auctoridades legaes, a ordem e a tranquillidade publicas.

Pacificado o Estado, continuou o coronel Ponce a trabalhar com fé, perseverança, e força de vontade pela consolidação do regimen politico, e, quando em Setembro de 1893 rebentou na bahia do Rio de Janeiro a nefasta revolta de parte da esquadra, a sua attitudo foi a de franco e decidido defensor da legalidade e da constituição, como o demonstrou por factos e nas columnas do órgão republicano, na imprensa da capital do Estado, do qual é director e redactor chefe.

Por tão numerosos e assignalados serviços o Estado de Matto-Grosso, em Março do anno seguinte, elegu-o seu representante no Senado Federal, onde, ainda no vigor da idade, cheio de patriotismo e abnegação, é uma das mais bellas esperanças da sua patria e particularmente do seu Estado.

Eis a largos traços a vida publica do eminente jornalista brasileiro; cujo retrato figura em nossa revista.

Quanto á vida privada não destôa da outra. Chefe de familia exemplar, amigo dedicado, coração aberto aos mais nobres e elevados sentimentos, accessivel a todos e a todos tratando com amenidade, taes são os titulos que além dos mais, o recommendam á estima e ao respeito de quantos o conhecem.

O. L.

## Furtado Filho

O joven escriptor brasileiro cujo retrato abrilhanta as paginas d'A *Madrugada*, é um dos mais distinctos representantes da imprensa de S. Paulo. Moço modesto e cheio de talento, tem muitos admiradores em nossa mais selecta sociedade.

Nasceu o dr. Raymundo Furtado Filho no dia 1.º de março de 1872, contando portanto actualmente 23 annos de idade apenas.

Completo o curso de humanidades em 1888, matriculando-se no anno seguinte no curso de direito da faculdade de S. Paulo.

Desde estudante de preparatorios, já o sympathico joven dedicava-se com amor ás lides da imprensa, collaborando e redigindo apreciaveis periodicos academicos. Começou a sua carreira jornalística como reporter do *Diario Popular*, excellente e popularissima folha que se publica em S. Paulo sob a abalisada direcção do sr. José Maria Lisboa, portuguez de nascimento, mas brasileiro de coração.

Depois o dr. Furtado Filho passou a auxiliar da redacção do *Correio Paulistano* onde escrevia primorosos artigos sob o pseudonymo de Mello Dias.

Igual cargo occupou mais tarde na redacção do *Estado de S. Paulo*, merecendo sempre a estima sincera não só dos directores d'esses conceituados órgãos, como dos respectivos corpos typographicos. Distinguiu-se sempre como um joven talentoso, honesto e trabalhador.

Em 1891 o dr. Furtado Filho esteve na Europa em tratamento de saude, aproveitando o tempo de sua estada em Paris, para frequentar a Escola de Direito e cursos de litteratura classica de Ferdinand Brunetière e Francisque Sarcey. E estudou com grande aproveitamento durante sua estada no velho mundo, pois angariou notaveis conhecimentos litterarios, tornando-se um jornalista moderno e apreciavel.

Regressou a São Paulo em janeiro de 1892, e em novembro d'esse mesmo anno prestava acto do quinto anno de direito, sendo plenamente approvado, recebendo dias depois o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas.

Assim que chegou da Europa o illustre escriptor, passou de novo a fazer parte da redacção do *Diario Popular*.

E' actualmente redactor litterario da importante folha paulista, onde escreve contos bellissimos, chronicas modernas e outros artigos de assumpto litterario.

Em 1894 deu á luz da publicidade um encantador livro — *Contos e Impressões*, obra que merece geraes encomios de illustres criticos brasileiros.

O dr. Furtado Filho é emfim um rapaz de maneiras distinctas, delicadissimo; e, dedicando-lhe estas linhas, temos em vista prestar homenagem ao merito e tornar conhecido o incansavel cultor das letras, o jornalista scintillante, que, se já bastante se elevou pela intelligencia, muito ha d'elle ainda a esperar.

S. Paulo.

Arthur Goulart.

## LITTERATURA



### MEDALHA ANTIGA

Este, sim! viverá por seculos e seculos,  
Vencendo o olvido. Soube a sua mão deixar,  
Ondeando no negror do onyx polido e rutilo,  
A alva espuma do mar.

Com o sol, bella e radiosa, o olhar surprezo e extatico,  
Vê-se Kypre, á feição de uma joven princeza,  
Mollemente emergir á flor da face tremula  
Da liquida turqueza.

Núa a deusa, nadando, a onda dos seios tumidos  
Leva diante de si, amorosa e sensual:  
E a onda mansa do mar borda de argenteos floculos  
Seu pescoço immortal.



Livre das fitas, solto em quedas de ouro, espalha-se  
Gottejante o cabelo: e seu corpo encantado  
Brilha nas águas, como, entre violetas humidas,  
Um lyrio immaculado.

E nada, e folga, enquanto, as barbatanas asperas  
E as fulvas caudas no ar batendo, e em derredor  
Turvando o Oceano, em grupo os dolphins atropellam-se  
Para a fitar melhor.

Rio de Janeiro.

OLAVO BILAC.



Reina o luar... derramam-se no espaço  
Mil perfumes subtile, inebriantes...  
As estrellas, as loiras inconstantes,  
Brilham do céu no concavo regaço.

Soluça o vento em languido canção  
Pela copa das arvores gigantes...  
No horizonte uns rebanhos vacillantes  
De nuvens, se deslisam passo a passo.

Preguiçoso, na praia, o mar se estende,  
—O immenso mar que a lua meigamente  
Nos seus braços de luz afaga e prende...

E a noite calma em sua voz dolente  
Canta mysterios que minh'alma entende,  
Chorando as magoas que meu peito sente.

Pernambuco

THARGELA BARREIRO.



### À Phantasia

Ei-la na alcova... A luz, que treme e brilha,  
Despedindo, mortica, um brando raio,  
Beija-lhe o collo em languido desmaio  
E sombras leves sobre o chão rendilha...

Pela espessura quente da escumilha,  
Bregreiramente olhando de soslaio,  
Distende os dedos finos, puxa e vai o  
Retocado fazendo na mantilha...

Cravando o olhar no espelho, cantarola,  
Nas faces pondo a tinta derradeira,  
Empunhando com graça a ventarola...

E deixa a alcova, simplice, ligeira,  
Occultando, na veste de hespanhola,  
Todo o esplendor sem fim de brasileira!

Pará

MANOEL LOBATO

## Historia de Amor



—Não é um conto, é uma historia verdadeira a  
que vou narrar a vocês.

Assim principiou a dizer o capitão Queiroz, olhan-  
do com attenção os seus amigos e companheiros da  
mesa de café.

Guardamos todos profundo silencio e nos prepa-  
ramos para escutar cortezmente a narrativa do militar.

—Era durante a revolta naval brasileira. Esta-  
vamos de guarnição em uma pequena villa no estado do  
Rio de Janeiro e o tenente Macedo e eu tinhamos-nos  
alojado na mesma casa. O Macedo era meu companhei-  
ro inseparavel e o meu melhor amigo no regimento.

Verificando certo reconhecimento uma tarde, cahi  
nas mãos de uns espiões maritimos que me teriam  
mandado d'esta para melhor se o meu amigo ajudado  
por alguns dos nossos não tivesse corrido em meu au-  
xilio e me salvasse. A partir d'aquelle dia ficamos

unidos fraternalmente e escuso dizer-vos que mais de  
uma vez devolvi ao meu companheiro o favor recebido.  
Pelejando sempre juntos, unidos sempre em toda a  
parte, nossos nomes figuraram amindadamente ao la-  
do um do outro tambem nas ordens do dia. Como já  
disse moravamos juntos. Lado a lado de cigarro na  
bocca, marchando vagarosamente, chegamos á porta do  
nosso alojamento.

Era uma das melhores vivendas da povoação.

Ao ver-nos chegar, a dona da casa sahiu sorrindo  
ao nosso encontro. Ficamos ambos deslumbrados deante  
d'aquelle apparição. Muito formosa aquella mulher.

O Macedo que era novo e tinha uma terrivel fama de  
conquistador, tocou-me com o cotovello, inclinou-se no  
meu ouvido e disse-me sorrindo, mas em voz baixa.

—Esta não me hade escapar.

Não sei que sentimento de subito zelo, de estranha  
raiva me assaltou n'aquelle momento, fazendo-me es-  
tremecer de ciúme, como se aquella mulher a quem  
eu via pela primeira vez, fosse cousa minha ou hou-  
vesse realmente sido seu marido ou seu amante. Sem  
pensar pois respondi ao Macedo com os dentes cerrados:

—De mim é que não escapará.

O Macedo olhou-me com ar compassivo.

—Vinte mil réis, como será minha.

—Cincoenta, como não hade ser, repliquei.

Durante este curto dialogo a joven adeantou-se  
sempre alegre e sorridente.

—Senhores, disse, creio que foram pouco felizes  
em se hospedarem n'esta pobre casa. Estou só e não  
poderei como desejava dar-lhes uma boa hospedagem.  
Espero no entanto que sereis indulgentes.

O Macedo fez um galante cumprimento e eu incli-  
nei-me sem dizer palavra. Diante de tanta formosura  
não pude pronunciar uma phrase. A linda joven con-  
tinuou:

—Vive commigo minha velha e respeitavel tia, po-  
rém, coitada passa a existencia no seu quarto entre-  
gue á leitura que é a sua paixão favorita. Não se pôde  
contar com ella para nada. Mais logo heide apresen-  
tal-a aos senhores.

Novos cumprimentos.

—No tempo em que era vivo meu infeliz marido,  
teriam encontrado aqui uma hospedagem mais agra-  
davel. Era tão bom e tão sympathico o meu pobre  
Gustavo!

E disse isto de tal maneira que eu julguei desco-  
brir no suspiro muito mais coquetteria do que pezar,  
pela recordação do defunto.

Entramos na saleta da casa seguindo a gentil viu-  
vinha, e o Macedo aproveitando um instante opportuno  
disse-me:

—Que tal! E' viúva.

O capitão Queiroz pediu outro calix de cognac.

—Ceamos juntos, continuou elle, e a ceia cor-  
reu alegre e intima. A tia nos acompanhava, que-  
rendo honrar assim a seus hospedes. Era uma senho-  
ra de cincoenta annos de idade, gordinha e appetitosa  
ainda, porém tendo tanto de feia como a sobrinha de  
bonita.

Tinha um genio folgazão, e á sobrezeza contou-nos  
umas historietas picantes, recordações dos seus bons  
tempos, com tanta graça e espirito, que nos provocava  
o riso a todo o instante.

A sobrinha fazia coro ás nossos gargalhadas.

Macedo tambem sahiu fóra do serio e começou a  
referir umas anedoctas de quartel, tão alegres e fres-  
cas, que eu assombrado estranhando o seu procedi-  
mento não tardei em comprehender a causa d'aquelle  
anomalia.

A tia estava fazendo do copo do meu amigo um  
verdadeiro tonel das Danaides.

Recordando a nossa aposta, alegrei-me ao ver que  
o meu amigo se ia pondo fóra de combate e á medi-  
da que se entorpecia eu ia ganhando terreno ao lado  
da minha bella, que ouvia com prazer as doces e mei-  
gas declarações que em voz baixa lhe fazia.

Dentro em pouco o tenente estendido n'um sofá  
roncava como um bemaventurado.

O que se passou entre mim e a gentil viuvinha  
não posso dizer.

Em todo o caso devo lembrar que o meu triumpho  
foi completo. Aquella mulher era adoravel...

Despertei com o estrepito dos cornetas. Tocavam  
à chamada. Vesti-me e parti depois de receber o beijo  
de despedida.

Ao sahir encontrei-me com o tenente Macedo que  
se dirigia tambem ao quartel. Notei que ia alegre e  
satisfeito o que me poz confuso.

—Porque será que tocam a reunir?

—Creio que temos de partir para Nictheroy. Cons-  
tava hontem á noite que a gente de Custodio de Mello  
havia tomado a Armação.

Meia hora depois estavamos nós com o nosso es-  
quadrão fóra de Maricá. Nem tempo houve para nos  
despedirmos de ninguem.

Uma vez em marcha perguntei sorrindo ao tenente.

—E a aposta?

—E a aposta? Deves saber que a perdeste.

—Eu!

—Tu.

Fitei com assombro o meu companheiro, certo de  
que não estava ainda em si.

Elle proseguiu.

—Ha muito tempo não passo uma noite tão deli-  
ciosa. Que mulher! Que mulher!

—Estás bebado ainda.

—Como!

—Essa mulher não passou a noite contigo.

—Como o sabes tu?

—Sei porque foi commigo que...

—Mentes!

—Tu!

Pif, paf!

Dois bofetões dados e recebidos quasi simultanea-  
mente e depois separamo-nos.

Aquella tarde repellimos os revoltosos seguindo  
em sua perseguição.

Na manhã seguinte recebi uma carta escripta por  
mão de mulher, e uma nota de cincoenta mil réis.

«Querido tenente Macedo—Não podes avaliar o  
pezar que me causou a subita partida. Envio-te beijos  
mil e juro-te não esquecer as curtas e deliciosas ho-  
ras que passei a teu lado. Volta quanto antes aos  
braços da mulher que te ama. Tua Vicencia de Ma-  
ricá.»

Mais abaixo lia-se o seguinte:

«Amigo—Era a tia. Sou um animal. Só agora vejo  
que tu tinhas razão. Ahí vae a importancia da aposta  
que perdi.»

O dinheiro serviu para pagar um bom almoço e  
então quem se embebedou fui eu.

O tenente estava muito contrariado. Comprehende-  
se. Não era para menos.

Im.

Oscar Leal.

## NOTICIARIO



Além dos que apontamos em nosso ultimo numero  
offereceram-se mais para correspondentes da *Madruga-  
da* no Brazil, os bons amigos Luiz Monteiro, de  
Goyaz, Manuel Lobato, da Mina Litteraria do Pará, e  
dr. Pedro Salazar, Bento Ernesto Junior e Hygino Ro-  
drigues, de Minas.

Em cartas dirigidas ao nosso director, deixam to-  
dos transparecer a modestia que assignala os seus  
bons desejos de servir.

O nosso velho amigo redactor chefe do *Estado do  
Espírito Santo*, Brazil, o sr. Cleto Nunes, participou-  
nos o consorcio da sua gentil filha D. Maria Amalia  
com o sr. João Rodrigues da Silva. Mil venturas lhes  
desejamos.

O nosso collega sr. Teixeira Bastos, tem no prelo  
um novo livro sob o titulo de *Poetas brasileiros*. O



volume, que deve apparecer á luz brevemente, é editado pela acreditada Livraria Chardron, hoje propriedade dos srs. Lello & Irmão, que continuam honrando as tradições dos seus antecessores.

A *Gazeta de Noticias*, da Bahia, de 4 de março, noticia ter alli chegado para fazer o curso de medicina, o joven litterato pernambuco sr. Silva Oliveira.

A *Nova Era*, de Lisboa, de 31 do passado, diz que «mais de 55 emigrantes regressaram do Brazil no vapor *Congo* em estado verdadeiramente digno de lastima, não só pela miseria mas pela doença. E as auctoridades continuam fechando os olhos para não verem as proezas d'esses negociantes de escravatura branca, chamados engajadores, que percorrem todo o paiz pintando á ignorancia do povo a *arvore das patacas*, e á sombra d'ella extorquindo tudo quanto podem a esses infelizes a quem ainda o governo mete na cadeia quando são apanhados com passaportes falsos, que elles pagaram como verdadeiros. Torna-se bem publico a miseria d'esses desgraçados e o estado despresivel em que vêem novamente á mãe patria que abandonaram com mira no dinheiro e com horror á vida militar.»

Oscar Leal acaba de ser aclamado unanimemente membro correspondente da Sociedade Geographica de Madrid. Parabens ao nosso amigo e companheiro.

Toda a correspondencia para a *Madrugada* deve ser dirigida só para o n.º 222 *Correio Geral*—Lisboa.

O dr. Julio Barbuda illustrado redactor chefe da *Renascença*, revista litteraria que se publica na Bahia e na qual collaboram o dr. Manuel Brito e Pethion de Villar, tem dedicado uma columna d'essa folha para a subscrição que abriu, devendo ser o seu resultado applicado á realisacão do monumento ao grande poeta bahiano, já fallecido, Castro Alves.

João de Deus, por determinação medica, esteve de cama. Um jornal, dando esta noticia, disse que o medico assistente do grande poeta lhe mandára «guardar o leito».

Quando um dia d'estes, Fernandes Costa, inquieto com a noticia, mandou perguntar ao poeta se ella era exacta, este respondeu lhe n'um bilhete de visita, com estes graciosos versos:

Na local a meu respeito  
Não ha inexactidão,  
Porque o doutor, com effeito,  
Como em doenças de peito  
Se faz sempre auscultação,  
E em cama d'alto não é  
Que se fica mais a geito,  
Mandou-me guardar o leito  
E fazer cama no chão:  
Fico-lhe assim mais ao pé.  
Fico-lhe assim mais á mão.

Entrou para a redacção do *Reporter*, a nossa illustre e distincta collaboradora D. Guiomar Torreão.

Publicamos hoje algumas poesias que nos teem sido remetidas do Brazil, entre ellas um soneto de Thargelia Barreto, joven poetisa pernambucana, filha do sandoso homem de letras e notavel escriptor juridico Tobias Barreto e irmã do fogoso vate João Barreto de Menezes. Thargelia Barreto é uma menina de quinze annos de idade.

Apresentando-os aos nossos leitores estamos certos, de que não andamos mal em animar os que trabalham e têm talento.

Em virtude da proposta apresentada pelo illustre naturalista Eduardo H. Pacheco Esteban, foi eleito membro correspondente da Sociedade Hespanhola de Historia Natural de Madrid o nosso amigo dr. Oscar Leal, auctor da *Viagem a um paiz de selvagens* e director d'esta folha. Oscar Leal passou em Sevilha (Hespanha) a 16 do mez passado, e está actualmente no norte.

A noticia do fallecimento do nosso illustre amigo e collega Pinheiro Chagas, deve ter tambem causado profunda magua em todo o Brazil. Nas vespervas de morrer voltando-se para seus filhos, disse:

—Em chegando o Pinto (seu assistente) hei-de pedir-lhe um copo de agua, mas um copo grande. Se elle m'o deixar beber, é porque a minha vida está por horas.

O dr. Pinto chegou repentinamente e não houve tempo de que os filhos de Chagas o prevenissem. Logo que entrou no quarto do doente, este puxou-o a si e perguntou-lhe:

—Olhe que estou com muita sede e quero beber um copo de agua, mas grande.

Os filhos olharam-se atrapalhados, porque não podiam n'aquelle momento contar ao medico o que se passara. O dr. Pinto, desprevenido, respondeu:

—Pode beber agua, mas pouca. Não um copo grande.

Chagas sorriu-se e observou:

—Então ainda tenho algum tempo de vida!

O *truc* empregado por elle era para a inversa

Depois, devido aos medicamentos applicados, reanimou-se e chegou a fazer ditos de brincadeira. Por exemplo:

—Agora estou um pouco melhor, até vou comer uma perna de pinto.

E, voltando-se para o seu medico, de appellido Pinto:

—Não é a sua, esteja descansado!

O funeral de Pinheiro Chagas foi o mais imponente, mais respeitoso e mais concorrido que se tem feito em Lisboa.

Incorporaram-se no prestito, que desde a casa até o cemiterio passou em meio de alas compactas de povo, mais de seis mil pessoas de todas as classes da sociedade.

O extensissimo cortejo era aberto por centenas de operarios; iam depois numerosas deputações, actores, jornalistas, negociantes, litteratos, artistas, pares do reino, politicos, general de divisão, alumnos militares, officiaes, consul do Brazil, socios da Academia das Sciencias e Sociedade de Geographia, Marquez de Ficalho representando El-Rei D. Carlos, etc.

No cemiterio aguardavam o sahimento mais de vinte mil pessoas.

A *Madrugada* fez-se representar por um dos nossos companheiros.

Cobre-se de crepe a lyra brasileira.

Ainda ha pouco falleceu Pardo Mallet e agora chegamos a noticia de ter succumbido victima de thysica pulmonar Luiz Rosa o suave cantor do *Lotus*, aqoria-no de nascimento e brasileiro de coração.

O estado do Brazil onde é mais lida a *Madrugada* é S. Paulo, para onde vão mais de 200 exemplares de cada tiragem. Em seguida é Minas.

Apparecerá breve o 1.º numero do *Serão*, do nosso illustre confrade Eça de Queiroz.

Esteve em Lisboa e regressou a Paris a grande escriptora franceza madame Adam.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa meza os seguintes livros, folhetos e jornaes cuja remessa agradecemos:

*O Instituto*, Coimbra Rev. sci. e litteraria, v. XLI.

*Cartas peninsulares*, Ultimo livro de Oliveira Martins. Impressões de viagem ao norte da Hespanha.

*O Elvense*, Numero brinde. Magnifico volume de 180 paginas. Elvas. Summario—As mulheres que votam, comedia, Augusto Massano.—Nos bastidores, poesia, Thomaz Pires.—O Zé Albardeiro, conto, Eduardo Pimenta.—The swallows'sweet sister, poesia, Albertina Paraizo.—A folha de figueira, Thomaz Pires.—Jesus, Sans titre, poesias, L. Capdeville.—A rosa de Bankavali, conto, Martins Velho.—Aviso a tempo, Pompeu Mirabeau.—O meu Plutarco, Soeiro de Brito.—O caminho da cegonha, Silva Picão.—O engeitado Pedro Calhancas.—O Padrão, Alves de Macedo.

*Juizo Critico*, das ultimas publicações de Oscar Leal por A. Lopes Carqueja.

Temos continuado a receber algumas das folhas cuja relação demos no numero de Fevereiro, e mais as seguintes:

*Semana*, de Torres Vedras, redactor Dyonisio de Carvalho.—*Typographo*, Terceira.—*Mala da Europa*, director Thomaz Ribeiro e redigida por Ludgero Viana e muitos dos mais notaveis escriptores portuguezes, assim como o *Correio da Europa*, folha illustrada e muito bem redigida, tambem destinada ao Brazil.—*Diario de Noticias*, do Funchal de propriedade e redacção do nosso illustre amigo Tristão Vaz Bettencourt da Camara.—Alguns numeros da *Ilha das Flores*, *Aurora do Lima*, *Nova Alvorada* e *Geração Nova*. Faz parte da redacção d'esta ultima o notavel escriptor Heliodoro Salgado. (Portugal). *Mercantil*, de Loanda. *Commercio do Jahú*, de S. Paulo.—*Democracia*, re-

dactor Olympio Castro, Minas.—*Madresilva*, Espirito Santo.—*O Cri-cri* n.º 61, Piauihy redactor Jugurta Couto.—*A Perola*, n.º 4, director Acrisio Diniz, Oliveira, Minas.—*O Cysne*, Magnifica folha litteraria de Ouro Preto.—*El Independiente*, de Iquitos Perú, propriedade de Luiz Teixeira e redacção de D. Benjamin Dublé.—*Diario Official*, de Manãos.—*A Illustração*, Pernambuco, director Augusto Aristheo, secretario Malaquias Rocha, collaboradores Eurico Witruvio, etc.—*O Marapaniense*, Pará, redactor M. Vasques.—*Diario de Pernambuco*, redactor chefe dr. F. Figueiroa dr. Witruvio e M. Arão.—Alguns numeros do *Commercio e Tymburibá*, de Rezende.—*A Vida* redactor A. Foscolo. *Monitor Paulista*, da Mococa.—*A Arte*, de Coritiba, obra de Marianno de Lima.—*A União*, Campo Bello, redactor Policeno Maia.—*Agenda da Americana*, de Santos.—*Vanguarda*, de Pernambuco, redactor chefe o infatigavel joven Manuel Arão auxiliado por outros rapazes de talento como Ernesto Santos, Luiz Gomes e Olympio Galvão.—*Gazetinha*, Uberaba, redactor Paiva Teixeira.—*União Portuguesa* de S. F. California.

Recebemos mais: A *Cruz do Mystério* magnifico drama em um prologo e tres actos pelo dr. Pedro Salazar, escripto e representado em Paracatu, Minas.

A cidade de Itú.—*Cidade de Taubaté*.—*O Ensaio*, Pindamonhagaba, de S. Paulo.—*A Ordem*, Cachoeira.—*O Trabalho*, redactor André Costa, *Alagoinhas* da Bahia.—*O Monitor do Sul*, allemão. Goyaz, directores Chiapini Giuseppe e Benedicto Guimarães. O apparecimento do *Monitor do Sul* é um facto de alta importancia pois não deviam ser pequenas as difficuldades a superar para tal fim, se nos lembrarmos que essa folha acaba de ver a luz n'uma pequena villa do sul de Goyaz, que no entanto está proxima a outras povoações elevadas já á cathegoria de cidade como Jaraguá, Luziania, Perynopolis, Rio Verde, Formosa, Morrinhos etc., e onde a arte de Guttemberg continua a ser desconhecida. Ha tempos fomos visitados pela *Folha do Norte* e pelo *Goyano* que deixou de existir. Recebemos folhas de todos os estados do Brazil, só de Goyaz nada nos vinha ultimamente, nem um livro, nem uma palavra de animação, nem um jornal e noticias só pelas cartas que ás vezes recebemos d'alguns amigos lá residentes. E' triste este esquecimento, é, como disse alguem n'uma d'ellas, uma ingratidão.

E nós que tanto trabalhamos pelo progresso de Goyaz, tornando-o conhecido dos portuguezes e até mesmo dos brasileiros que nunca visitaram esse longiquo estado, mas que tem d'elle noticias pelas nossas descrições?!... Parabens aos redactores do *Monitor do Sul* e aos habitantes do Allemão.

Recebemos ainda — *Commercio*, Paranaquá.—*Humaytaense*, redactor M. Quintella, A. Monteiro; *Gazeta de Pitangui*, redactor Vasco Azevedo—*Gazeta de Ubá* Minas; *Gazeta de Bragança*, S. Paulo; *A Capital*, redactor Francisco Almeida, Petropolis; *Município*, redactores dr. Miguel Oliveira e F. S. Anna; *Guaraní*, redactor João Antunes, Cachoeira; *Nova Era*, Maragogipe, Bahia. Alguns numeros do *Lidador*, *Estado* e *Gazeta da Tarde*, de Pernambuco; *Democrata*, de Oliveira, Minas.—*Iracema*, dir. Pedro Muniz e Julio Olympio, Ceará.—*Republica*, de S. Catharina.

## THEATROS E...

**S. Carlos**—Companhia lyrica italiana  
**D. Maria**—S. Umbellina.  
**Trindade**—A Fada do Amor—Brazileiro Paneracio.  
**D. Amelia**—Fogo no collegio.  
**Gymnasio**—A Madrinha de Charley.—O Sr. Commandante.

**Principe Real**—A visão da meia noite, etc.

**Rua dos Condes**—O testamento da velha.

**Avenida**—Ave do Paraizo. (Tem perto de cem representações.)

**Rato**—O Pecego. (Revista).

**Colysen dos Recreios**—Companhia equestre Diaz

**Café do gato preto**—Canções, etc.

**Exposição Imperial**—Avenida Palace.

**Circo Lisbonense**—Espectaculos variados.

**Figuras de cera**—Escadinhas de S. Justa.

**Castellos de Melilla**—Espectaculo todas as noites.

**Jardim Zoologico**—Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.

**Soirées e bailes publicos**—Em varias sociedades e salões.

**Museus**—*Jeronymos*, em Belem.—*Archeologico*, nas ruinas do Carmo.—*Bellas Artes*.—*Historia Natural*.—*Anthropologico*.—*Galerias* do palacio da Ajuda, etc.

TYP. MINERVA CENTRAL

14 a 17, Praça do Municipio—Lisboa

Editor—ILYDIO COSTA



# A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

SERIE II

Lisboa 27 de Junho de 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos).... 10\$000  
Seis mezes ou meia serie, réis..... 5\$0.0  
Em notas, vale postal ou em sellos remetti-  
dos dentro de carta ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 1\$500  
Seis mezes, ou meia serie, réis..... \$800

## Escriptores brasileiros

O nosso illustre confrade Teixeira Bastos acaba de prestar um grande serviço ás letras brasileiras com a publicação dos *Poetas brasileiros*; realmente reconhecemos, com o illustrado auctor, a oportunidade da mesma, n'uma occasião em que, escriptores distinctos dos dois paizes estão empenhados em estreitar as relações litterarias entre povos unidos pela identidade de sangue, tradições e lingua. Que outros o imitem é o que do coração desejamos, porque assim deve ser. O que, porém, sentimos é que entre os nossos confrades brasileiros reine ainda hoje o egoismo litterario, e sejam muitas vezes, em occasiões solennes, maldosamente esquecidos nomes de brasileiros illustres nas letras e principalmente nas sciencias, quando se trata de elogiar amigos, muitos dos quaes de mediocre merecimento.

A nossa pasta está repleta de cartas, contendo justas e sensatas queixas, apontando-nos dezenas de escriptores notaveis só conhecidos no meio onde vivem, entregues a cruel ostracismo, porque ante elles ergue-se a aerea muralha dos nulos emparedados n'uma faina grosseira de destruição, como bem disse o independente escriptor das «Cartas litterarias» da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro; porque suas obras boiam no mar da publicidade acolhidas pelo silencio premeditado, pelo indifferentismo convencionado dos follicularios pulhas.

Nós cá estamos alerta. Socegare, irmãos de além mar. A offensa, se não nos attinge, tem o poder de provocar-nos.

Em Portugal, afirmamos, são completamente desconhecidos muitos dos bons poetas e prosadores brasileiros, e é por isto que imparcialmente vamos successivamente apresentando alguns aos leitores portuguezes.

Muitos d'elles não labutam na imprensa das grandes cidades e vivem isolados; não são adeptos de uma escola que se quer tornar obrigatoria e por isso estão livres do elogio mutuo, mas tem intelligencia e hombridade, só buscando-se distinguir á custa de trabalho e talento proprio, e não á custa do credito alheio, deprimindo na ausencia e pelas costas como ha quem tenha a habilidade machavelica de o fazer.

Este reparo foi-nos suggerido pela leitura da magnifica obra do sr. Teixeira Bastos, que é portuguez e que, como tal, forçosamente apreciará os trabalhos de muitos outros escriptores e poetas brasileiros, demasiadamente modestos e que a inveja e a malquerença tem procurado occultar.

O systema de deprimir hoje tão em moda no Brazil, dá origem a criticas acerbas visando o ridiculo e que vão cortar em flôr as doces aspirações de muitos principiantes faceis de impressionar. A esses maltrapilhos da litteratura, são devidos igualmente os maravilhosos panegiricos que satisfazem a vaidade dos homens vulgares, os quaes vão alcançando pelo azar o papel de eminentes.

O padre Correia d'Almeida, distinctissimo poeta humoristico, que tem publicado magnificos volumes, em Minas, onde reside, (nome desconhecido em Portugal) apesar de velho e ser uma reputação feita, tão modesto quão timido, ainda em fevereiro passado terminava d'esta maneira um soneto que foi publicado no *Cysne*, magnifica revista litteraria de Ouro Preto:

Se o velho, por ser velho e fraco enferma  
Eu receio encontrar algum palerma  
Que me atravanque as tropeças passadas.

E por isso, escondido em meu retiro  
Evito quanto posso, expôr-me ao tiro  
E vaia das creanças engraçadas.

Nós é que não tememos as creanças engraçadas.

A Direcção



Theophilo Braga

Theophilo Braga vae-se tornando verdadeiramente notavel, pelos seus estudos philosophicos, e a reputação que tem alcançado é justa e merecida.

Nasceu na ilha de S. Miguel, em 24 de Fevereiro de 1843, essa formosa perola dos Açores. A sua historia é a de todos aquelles que têm talento, força de vontade e difficuldades monetarias a vencer.

Muito joven partiu para Lisboa e d'alli para Coimbra, matriculando-se em segunda na faculdade de philosophia da Universidade. O seu talento desabrochou avido de saber e sequioso de luz. Uma vez doutorado, regressou a Lisboa e sem empenhos, obteve por concurso o lugar de lente no Curso Superior de Letras.

O Dr. Theophilo Braga é o actual correspondente litterario do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. É membro saliente da Academia de Sciencias de Lisboa e de muitas outras associações scientificas e litte-

rias. Como escriptor é um dos vultos que mais honra as letras portuguezas, e o seu nome, se entre nós tem grangeado o respeito e a admiração, no Brazil, onde se faz tambem justiça a todos os homens illustres de Portugal, o sympathico mestre é devidamente apreciado.

João Salgado

O actual consul de Portugal em Pernambuco, nasceu em setembro de 1860.

Foi fundador e redactor com Campos Rodrigues d'O Districto em Setubal, que ainda hoje se publica. N'esta cidade casou-se em 1886 com D. Christina Teixeira, seguindo pouco tempo depois para o Brazil, visto ter sido nomeado por concurso chanceller de 1.ª classe do consulado do Maranhão. D'ahi, em continuas viagens do serviço consular, percorreu toda a costa das terras brasileiras ao Rio Grande do Sul até se estabelecer em Pernambuco, em virtude da sua nomeação, tambem por concurso, para o logar importante de consul n'essa cidade.

Foi ahi no entanto que teve a infelicidade de perder a sua gentil companheira, victimada subitamente em tres dias por um horrivel ataque de febre amarella.

Vimos o nosso biographado no Maranhão em 1887, recém-chegado da sua terra, alegre e feliz, dando o braço a sua adorada esposa, percorrendo nas horas menos calidas do dia, todos os recantos da aprazivel cidade, descansando de seus labores quotidianos, e vimol-o depois, muito depois, em Pernambuco, triste, desolado, carpindo a falta d'aquella que devia ser a sua unica companheira na vida. Vimol-o tambem reanimar se consolado com a sorte, a tentar recordar-se dos bellos dias de solteiro, e pôr em evidencia o seu fino gosto de perfeito *gentleman*, entre o riso alvar d'alguns parvos e o applauso de outros cavalheiros que o conheciam ou o admiravam simplesmente.

O Dr. João Salgado que é tambem um esforçado e valente cultor das letras, está tratando n'esta occasião de ver publicado o seu romance naturalista *Os Silverios* de que são editores os srs. Hugo e C.ª, livreiros estabelecidos no Recife.

*Os Silverios* são publicados em 2 volumes de trezentas e cincoenta paginas cada um, e acreditam os editores que farão em Pernambuco e no Rio de Janeiro um regular successo, pois é um romance altamente moderno e escripto na escola de Eça.

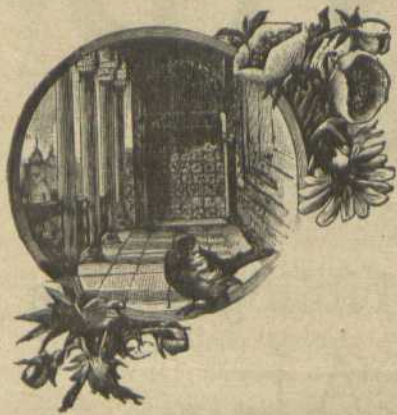
Deve apparecer em principios de julho.



Oh! minha pombinha branca,  
Branca, branca de jasmim,  
Não ha pombinha no mundo  
Que seja tão branca assim.



## LITTERATURA



Eu amo os gregos typos da escultura;  
Pagãs nuas, no marmore entalhadas;  
Não essas produções que a estufa escura.  
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,  
Os corpos nus: as linhas onduladas  
Livres; da carne exuberante e pura  
Todas as saliências destacadas...

Não quero a Venus opulenta e bella,  
De luxuriantes formas, entrevel-a  
Da transparente tunica através;

Quero vel-a sem pejos, sem receios.  
Os braços nus, o dorso nu, os seios  
Nus; toda nua, da cabeça aos pés!

Brazil

Raymundo Corrêa.

## BUSSOLA DO AMOR

Pae e mãe!... Seja qual fôr  
N'este mundo o teu caminho  
Amando sempre o teu ninho  
Tens sempre o norte do amor!

Jámais esqueças os teus,  
As pombas pelos espaços  
Batem as azas, e Deus  
Abre-lhes sempre os seus braços.

Bulhão Pato.



Sempre em luta, em combate turbulento  
Com este infame amor que me devora  
Cançado eston de batalhar; já é hora  
De ver findar tão feroz tormento.

Cravada foi, como um punhal sangrento,  
Em meu craneo, a acção da tentadora,  
Emquanto meu peito enamorado chora  
E se abate de pezar e sentimento.

Que vergonha! Gemer, chorar por ella!  
Preciso esquecê-la; da minha mente  
Afastarei a sua imagem preciosa.

Ah não posso: qu'essa imagem bella  
Penetrando vae no meu peito ardente,  
Como o dente da serpente venenosa

Madrid, 1895.

Oscar Leal.



Em não a vendo e vendo que sem vel-a  
Vive meu peito em amargura ingente,  
Subi, na aza da Dôr ao resplendente  
Poiso dos sóes e fui dizer á estrella:

«Abelha de oiro, na cerulea umbella  
Poisada, manda do alto um ardente  
Raio pedir á minha amada ausente  
Que volte: matam-me as saudades d'ella.»

E a estrella, a enorme dôr que me aniquilla,  
Vendo o azul, deixa e falla ao inclemente  
Amôr e o ingrato amôr não quiz ouvil-a.

E eis porque o peito meu em funda magua  
Eternamente vive, e eternamente  
Andam meus olhos arrazados de agua.

Minas.

Bento Ernesto Junior.

## O DUELLO

Vamos ter um duello, oh! minha amada!  
Um duello de morte!  
Vamos morrer na arena ensanguentada,  
Como escravos da sorte.

As causas do duello, nem eu sei!  
Talvez as illusões...  
Foram padrinhos, pela voz da Lei,  
Os nossos corações.

Era um negocio grave e de importancia...  
Ficando resolvido  
Um duello de beijos... e a distancia,  
Ao gosto do offendido.

O offendido era eu... — *En garde!* e logo  
Sobre o teu rosto bello  
A' doce luz do nosso amor fiz fogo,  
E... ganhei o duello.

Luiz Guimarães, filho.



## JOÃO SALGADO

Passei por ti ha pedaço;  
Passei? E' bom de dizer.  
Quem passou foi a minha alma  
Esfaimada de te ver;

E bom foi que a alma só fosse...  
Dá-me alegrias sobejas  
Sentir-te, sem que me sintas,  
Olhar-te, sem que me vejas.

CASIMIRO DANTAS.

## A ELLA

—Que tem uma flôr?  
—Tem côr,  
Graça, aroma, poesia...  
—Se é assim, minha Maria,  
Vales tanto como a flôr.

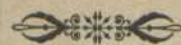
—O que falta á flôr?  
—Calor,  
Alma, paixão, phantasia...  
—Se é assim, minha Maria,  
Vales mais do que uma flôr.

DAVID BENSABAT.

Cabiu um bemfeitor! Uma alma pura,  
Pelo sopro da morte derrubado...  
Em breve jaz de todos olvidado  
No chão da triste e fria sepultura.

A Dôr, cá n'este mundo, pouco dura!  
Tudo esquece nas sombras do passado!  
O beneficio, o bem é olvidado  
E a par d'elles, até a Desventura!

Guerra Junqueiro.



O Recife é uma bonita e populosa cidade de 100:000 habitantes, pelo menos.

Cortada como é por dois rios, o Beberibe e o Capiberibe, chamam-n'a emphathica e poeticamente a «Veneza do Brazil.»

Mas a verdade é que a cidade, sobretudo os arrabaldes, devem jactanciar-se da sua primorosa poesia, sorridente, longe de se deparar nos canaes, na sua maioria estreitos e angulosos e tristes, na casaria denegrida, no silencio narcotizante da nayade do Adriatico; e que, com respeito a outros pontos de semelhança entre as duas cidades... o Recife... e muito tem de estar vaidoso, é o Recife, e Veneza é... Veneza, sob varios pontos de vista, unica no mundo.

Lisboa.

Dr. Lourenço da Fonseca.

## O CAFÉ

O café é o unico amigo verdadeiro que temos conhecido n'esta vida. E' elle que nos dá actividade ao espirito geralmente annuiado em horas de profunda melancolia.

Ao tragar algumas gottas, sentimos reanimar-se o systema nervoso.

Com elle os nossos desejos são satisfeitos, favorecendo-nos com a doce languidez d'uma vida passada em sonho, transportando-nos a essas epochas felizes em que projectavamos glorias, em que tivemos grandes aspirações e gigantescas esperanças de goso e ventura.

Ah! o café é o nosso supremo bem. Antes de o tomarmos somos talvez pessimistas, mas depois tornamo-nos optimistas e o optimismo é a felicidade que nos entra pelas portas dentro. Já nos não lembramos das almas negras dos nossos gratuitos inimigos, nem do nosso passado glorioso e cheio de amarguras, nem a terra onde lutamos pela vida, nada, nada.

Não ha apostrophes que devam causar espanto devemos ser agradecidos aos que nos fazem bem e nada tão bom para nós como o fugir da realidade... Abençoado café.

Oscar Leal.

## O LUME

O vento é rouco e lento como um cantico catholico de officios: as chuvas caem de cima, como escaerões triumphantes e ruidosos.

A's vezes vem a lua—não aquella immaculada lua côr d'opala, d'onde se exhala um nevoeiro magnetico que faz a alma docemente doente, mas uma lua metallica, fria, livida, como a face dos corpos finados, nas legendas catholicas.

Então o homem, sente a sua pequenina e inutil alma affundar-se no tedio, silenciosamente, como um navio roto—n'uma calmaria, e vae por instincto dar-se á intimidade consoladora da lareira, das brazas e do fogo. E enquanto a força vital se dissolve n'uma somnolencia fluida, elle sente aos seus pés uma pequena voz alegre, inquieta e clara que lhe falla como n'um extasi profano.

«Sou eu, diz a voz, eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu o teu velho Deus mysterioso. Eu que te quero bem, que te dei o que ha em ti de grande e de justo, —a familia e o trabalho. A minha historia é triste e luminosa e ferrivel, imunda e meiga. Eu fui o teu companheiro das noites da India, o consolador e purificador; eu fui o Moloch das religiões da velha Africa, ensanguentado e tragico, e sou agora o escravo a quem tu mandas mover as machinas.

«Sempre escondido e silencioso, occupando a um canto o mais pequeno espaço da casa, eu venho todo jovial e radioso quando tu me chamas e fico nas tuas horas negras de dôr e de miseria, calado ao pé de ti, lambendo-te os pés como um cão. Na India lembraste? durante noites primitivas, eu fui o bom Agni que te allumiava, que espantava os chacaes e as onças, e protegia como um templo, os teus amores religiosos e simples. Escondia-me nas pedras, e nos paus seccos para onde tu fosses, ou solitario ou em bando, encontravas-me sempre aos teus pés, bom e humilde. Foi ao pé de mim que tu creastes a Trindade humana da familia.

«Eu tive a confidencia dos teus primeiros beijos: eu sabia as tuas dores e os teus medos. Quando saías de ao pé de mim, da tua cabana ajoelhada ao sol, encontravas-te só entre os seres implacaveis, o mar que te ladrava, a vegetação espinhosa que te mordia, a chuva que te paralisava, a pressão doentia



do sol, era para ti força inimiga ou forma resplandecente do mal. E só quando voltavas, encontravas o teu bom lume que te enxugava, que te dava o pão, a força e a fé. Eu e a tua mulher a minha companheira celeste e silenciosa, ficávamos em casa, esperando os teus cansassos. Ella fiava, limpava o chão da cabana, tirava a agua fresca, e adormecia o filho no seio branco como n'um leito espiritual: eu estava quieto e attento, combatendo a sombra e a noite, vencendo a humilde traiçoeira, fazendo um docel de vida e de luz para o teu somno, dando á cabana a serenidade tépida e ás tuas fadigas um paraizo de paz, de silencio e de calor.

«Eu tenho ainda por ti aquelle amor servil e adulador que se glorifica quando abdica, que tem um extasi quando se dá a uma humilhação. Quando te affastas, quando me deixas, fico triste, amorteço-me, toda esta grande alma de chamma que te quer tão bem, se deflinha, e apenas ficam as brazas ainda quentes, ainda vermelhas—mas já inertes e cheias de negro, justamente como o corpo d'um amor abandonado.

«Mas quando vens para mim, quando me estendes a mão, como para um affago, quando me revolves, desperto, vivo, canto psalmos de luz, requebro-me como mulher que se abandona tenho vivacidades que são gritos de fome, tenho scintillações que são beijos e como n'uma rapariga para quem o inconstante bem amado volta, toda a tristeza se desfaz em rir, eu mais infeliz que não tenho riso, aurora sonora dos labios, toda a minha dôr e o meu abatimento se vae sómente em fumo!»

Eça de Queiroz.



## Fantasia de Sanmoré

Vivia em Varsovia, não ha muito tempo um commerciante judeu, chamado Isaac Pringus, e não havia entre todos os filhos de Israel quem como elle tivesse tanta habilidade em enganar aos candidos christãos, que assim pagam aos descendentes d'aquella raça as injustas perseguições de que se julgam alvo ha tantos seculos.

Isaac tinha estabelecido em Varsovia uma loja para a venda de tamaras sendo ajudado por sua mulher Rebecca. Costumava o bom do judeu frequentar os arredores da cidade sem nunca faltar ás festas populares e sempre vendendo e negociando os seus productos.

Raramente regressava a sua casa sem haver vendido tudo que levára, porém um dia Pringus não foi como de costume tratar do negocio e passou-o na companhia do seu amigo Samuel, visitando as tavernas, bebendo, comendo e fazendo grande despeza.

Ao chegar a casa essa noite, Rebecca reprehendeu-o acrimoniosamente e o culpado metteu-se na cama sem congratular-se como geralmente fazia dos bons negocios realizados n'aquelle dia. Rebecca tambem se deitou, voltando as costas ao esposo como se tivesse desejos de dormir, mas sem conciliar o somno.

A cerveja e as ameixas seccas nunca foram consideradas pelos gastronomos os mais escrupulosos, como successoras do champagne e das trufas, famosos aphrodisiacos.

Isaac adormeceu e o bom de Jehovah enviou-lhe um sonho para elle feliz. Assim julgou ver correrem areias de ouro ao mesmo tempo que tinha diante de si um grande cartaz annunciando que uma esplendida feira ia ter logar no céu. Um caminho de ferro aereo estava á disposição dos viajantes. Isaac subiu n'elle, depois de jurar a sua mulher não se demorar muito no planeta Venus e tomar em Mercurio com que encher o seu barometro que estava secco.

A travessia pelas nuvens fez-se com uma rapidez extraordinaria; a terra não parecia mais que um borrão de tinta e logo depois como um grão de areia na immensidade. Chegado ao fim da sua viagem notou que as formalidades para o pagamento dos impostos eram admiraveis e facéis de vencer; a administração no céu menos difficullosa que cá em baixo na terra.

A praça do mercado tinha lugar justamente debaixo das abobodas do Eden.

Isaac ficou admirado ao ver entrelaçados os nomes de Adão e Eva nos troncos das arvores e debaixo d'esses nomes dois corações atravessados por uma flecha. O primeiro homem afinal de contas foi tambem o primeiro tonto.

Seraphins, cherubins e archanjos passeavam pelo mercado; os primeiros comprando télas de lã e algodão, os archanjos adquiriam gulodices e um sympathico mancebo presenteou com um ramo de violetas a uma das damas que faziam parte do cortejo divino, pois no céu ha poucas mulheres.

Isaac poz em evidencia todos os seus dotes de astuto mercador e bem depressa se desfaz do sortimento, enchendo as al-

gibeiras com as magnificas moedas de ouro que obtivera. Calculou desde logo quão bem o deveria receber Rebecca no seu regresso, e então, ah então ella não lhe voltaria as costas correspondendo tão mal ás suas demonstrações de carinho. Tão distraído ficou que não ponde alcançar o ultimo comboio de volta para a terra. Como a porta do céu estava entreaberta pensou em precipitar-se na immensidade sideral.

Soberbo era o panorama que d'alli se descortinava; em cima as estrellas disseminadas no espaço, enchendo-o de scintillações e fulgores; além, muito longe, a Terra, na qual Isaac, que tinha boa vista, distinguu um gondoleiro errante e melancolico a cantar uma musica que elle não ponde perceber.

Tratou pois de atirar-se do céu, de modo que fosse cahir dentro do barco, e uma vez dentro d'elle, não teria com certeza o gondoleiro duvida em conduzi-lo á Polonia.

—Não vás cahir a um lado porque poderás morrer afogado; disse-lhe um dos archanjos que faziam guarda á entrada do céu.

—Pois como hei de ter a certeza, respondeu Isaac, de cahir justamente dentro da gondola?

—Tira uma moeda.

—Isso nunca.

—Vê se tens nas algibeiras algum corpo pezado.

Isaac lembrou-se então que antes de partir havia tomado grande quantidade de cerveja, comido ameixas seccas, e voltando as costas começou a dirigir ao gondoleiro uma parábola liquida, porém um vento alisio desviou a direcção do liquido.

—Alguma cousa mais solida ainda... exclamou com amabilidade o archanjo

Isaac então convidou-o para se affastar um pouco e respirar o aroma dos lirios paradisiacos; e, arregaçando a tunica affim de evitar todo o estorvo, deixou cahir sobre o gondoleiro a carga de ameixas.

A experiencia produziu resultado e Isaac deixou-se deslizar pelo espaço.

Uma hora depois tomava o expresso para Varsovia e com essa rapidez de locomoção peculiar aos sonhos e que tão mal realisam as nossas empresas de caminho de ferro, encontrou-se na sua cama abraçado á sua querida Rebecca.

Porém esta despertava justamente no momento em que elle dizia:

—Rebecca, minha querida Rebecca. Tudo vendi, tudo.

Cheia de colera a mulher replicou:

—Podias tambem ter vendido isto e não trazer para casa.

Isaac metteu a cara nas mãos envergonhado. Oh falsas illusões!

Tomára em sonhos o leito conjugal pela barca do gondoleiro!

Oscar Leal.

## João de Deus

Um dia, ha muitos annos, o meu creador veio dizer-me que alguém, que não quizera declinar o nome, desejava fallar-me. Entrei na sala. Vi um homem pallido, a face marfinea emmoldurada em uma expressa barba castanha, os grandes olhos limpídos illuminando e como que attraíndo-lhe a alma á flor do rosto.

Uma voz de uma ineffavel suavidade attractiva acariciou-me o ouvido, pronunciando um nome, já então glorioso.

Era João de Deus. Alguns dias depois, o grande poeta enviava-me o meu album com uma formosissima corôa de myrthos, desenhada á penna, enlaçando as letras do meu nome seguidas de sete versos que parecem escriptos por um dos madrigalescos trovadores do seculo XVIII

Tinheis-me já inspirado  
Tão profunda sympathia,  
Que, se me fosse a mim dado  
Dizer-vos o que sentia,  
Vos tinha já declarado  
Que vos amava, Guiomar!  
(Mesmo antes de vos falar...)

E nunca mais o tornei a ver!

GUIOMAR TORREZÃO

## NOTICIARIO

Um inimigo de creanças, é o titulo de um bellissimo conto do distincto jornalista e illustre escriptor Alberto Veiga, redactor chefe do *Diario de Santos*. Lemo-lo e relemo-lo e é com pezar que o não passamos agora para as nossas columnas, simplesmente por ser bastante extenso. Alberto Veiga mostra ahí os seus magnificos dotes de fino e espirituoso conteur.

## Antonio Cabreira

Este nosso amigo, que, com largo proveito, tem-se dedicado ao estudo das sciencias mathematicas, vae publicar brevemente uma interessante memoria, completamente original, em que desenvolve as propriedades de algumas curvas transcendentis.

*Fructos selvagens* é o titulo de um bello volume de poesias recentemente publicado no Brazil. Ao seu auctor o sr. Xavier de Carvalho, tece quasi unanimemente merecidos elogios a imprensa brasileira. Entretanto no Pará o sr. Raul de Azevedo, que é algo intelligente mas máu e invejoso, retribuiu a delicadeza da offerta, segundo diz uma folha da Bahia, com um punhado de injurias, publicadas n'um dos principaes jornaes d'aquella cidade e assignando-as ligeiramente com as suas iniciaes R. A.

Ao menos este critico não é um anonymo completo e nos seus escriptos revela-se um pretencioso vulgar. Que o publico letrado vá conhecendo os nossos zoilos mas não lhes dê cavaco nem resposta. Uma outra folha dá noticia da morte do poeta Xavier de Carvalho, mas não sabemos se é o mesmo.

A *Iracema* bem redigido órgão do Centro Litterario do Ceará, dá-nos a grata noticia de que breve sahiria do prelo um livro intitulado *Pescadores de Tahyba* de Alvaro Martins, que a mesma revista reputa como o melhor poeta cearense.

A proposito da ultima publicação do nosso companheiro Dr. Oscar Leal, escreveu o illustre redactor da *Tuba*, folha scientifica, que se publica no Pará, uma extensa apreciação da qual extrahimos o seguinte: «Oscar Leal está fazendo com a America do Sul o mesmo que Fenimore Cooper fez com a America do Norte; com a differença porém de que este escrevia quasi sempre de oitiva, isto é, pelo que ouvia dizer e sem averiguar a verdade; ao invéz Oscar Leal não só como grande explorador experimentalista, não a Julio Verne, mas quasi a guisa de Zola, descreve sitios e logares que elle proprio desenhou; a discripção que elle faz dos costumes, dos usos, do caracter e das paixões das gentes e dos individuos sob o ponto de vista social e biologico não é feita com os olhos do livro e da imaginação, não, é sim com os proprios olhos do corpo. Nós que tambem temos estudado ethnologica e etnographicamente os nossos povos e que conhecemos de perto o audaz etopista americano, podemos d'alguma fórma asseverar e confirmar a exacção das considerações ethnologicas do auctor da «Viagem a um paiz de selvagens...»

Tambem o illustre critico e abalizado escriptor Diogo de Carvalho, depois de merecidos elogios que tece ao nosso amigo, diz ao terminar o seu artigo: «...Todavia esse esforçado escriptor, tão illustre e tão simples, que ha grangeado o renome a peso de enormes sacrificios e colossal trabalho, como disse um nobre collega, tem recusado todas as honras, não acceitando mesmo a posição nobre e airoza que o governo brasileiro lhe tem querido por mais d'uma vez offerecer. Preferindo sempre a vida independente e contando apenas com os seus proprios recursos ou com os resultados bastante lucrativos que lhe deixa a sciencia odontotechnica em que é formado e abalizado especialista, tem dedicado os dias de descanso para os seus estudos e proveitosas investigações contentando-se apenas com as honorificencias, com que o tem distinguido varias corporações scientificas da Europa e da America.

Muitas vezes satyrico e acrimonioso em seus escriptos, tem alcançado a par de muita popularidade e prestigio não só sympathias, como tambem o que é natural, alguns forçosos inimigos. D'estes aos quaes o dr. Oscar Leal não ponde necessariamente agradar, tem partido muitas vezes uma reacção mal orientada, fazendo circular lendas depressivas do seu caracter, que elle vae desfazendo com uma vida laboriosa e ás claras.

Mas elle nunca temeu a calumnia e longe de impressionar-se, despreza silenciosa e altivamente o riso alvar



dos máis e dos imbecis, que teem debalde pretendido marear a sua brilhante e até hoje immaculada reputação. Fiel sectario de Zenon, estoico e rigido como elle. De aspecto sombrio e ordinariamente pouco expansivo offerece raro ensejo para os amigos experimentarem a grandeza do seu caracter. Entretanto é esta uma das suas melhores qualidades.

Theophilo Braga incontestavelmente uma das mais pujantes mentalidades portuguezas da actualidade, usando da sua proverbial bondade e delicadeza, escreveu ao nosso amigo e director d'esta folha elogiando-o pela sua ultima publicação «Viagem a um paiz de selvagens», cujo estylo humoristico muito apreciou. Da mesma gentileza teem usado para com o auctor diversos escriptores portuguezes e estrangeiros.

## A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro tem 1.097 ruas, 1 grande campo, 185 travessas, 43 praças, 61 beccos, 40 ladeiras, 9 avenidas, 43 largos, 39 mórros, 38 praias, 1 aldeia, 8 villas, 1 lagôa, 21 ilhas, 13 caminhos, 10 fortalezas, 5 boulevards, 16 cães, 2 serras, 12 jardins publicos, 7 cemiterios, 6 prados de corridas, 2 bello-dromos, 3 frontões, 15 theatros, 1 praça de touros, 1 jardim zoologico, 1 mercado, 2 museus, 15 bibliothecas, 1 pedagogium, 4 escolas superiores, 70 egrejas catholicas, 9 acatholicas, 1 synagoga e uma população de 525:000 habitantes, não incluindo a dos suburbios no districto federal.

O illustrado Dr. Assis Brazil, E. E. e Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos do Brazil, deu-nos o prazer da sua visita, o que muito penhorou o nosso director. S. Ex.<sup>a</sup> foi muito cumprimentado e alvo das maiores atenções durante a viagem que ha pouco realisono ao norte de Portugal.

Falleceu no Recife o nosso amigo e collega Dr. Felipe de Figueirôa, redactor chefe do *Diario de Pernambuco*. A familia do illustre finado enviámos as nossas sinceras e sentidas condolencias.

O numero de 9 do corrente do festejado semanario *Echos da Avenida*, de que é director o distincto cavalheiro Arthur Castello Branco, publicou um interessante estudo biographico-critico e o retracto do nosso distincto amigo e collaborador Luiz Guimarães Filho. E' firmado esse artigo pelo distincto escriptor Dr. Ricardo Souto.

O Museu botanico do Amazonas, de que foi fundador e director o notabilissimo homem de sciencias Dr. Barbosa Rodrigues, continua fechado, e o que é mais triste—abandonado.

Em tempo o governo estadual despendeu grossas sommas com essa instituição e enriqueceu a sua bibliotheca com magnificas e ricas obras, cujos volumes jazem amontoados e entregues ao pó e ás traças, sobre as mezas, n'uma sala que só é aberta quando apparece algum visitante e durante poucas horas do dia.

O director d'esta folha quando o anno passado lá esteve foi visitar o museu e encontrando ali as obras de Orbigny e Castelnau desejou consultá-las em sua casa o que não lhe foi permitido. Chegou a empenhar-se com o director do Gymnasio e depois com um deputado estadual, offerecendo a quantia de um conto de réis em deposito, como garantia no caso de estravio, mas não conseguiu nem ao menos a delicadeza de uma resposta.

No Brazil, infelizmente, parece reina até mesmo o egoismo do saber. Todavia, ainda assim o nosso amigo prestou ao Amazonas um grande serviço, com a conferencia que realisono ha tempos na Sociedade de Geographia de Lisboa, conferencia que anda hoje publicada em folheto e que a imprensa de Portugal e Brazil tanto elogiou.

Reconheceria ao menos d'esta vez a imprensa do *Amazonas* que o conferente, á parte mesmo os titulos que possui, é um homem douto?

Na secção competente publicamos hoje uns versos do mimoso poeta David Bensabat, filho de Jacob Bensabat, o conhecido auctor de varias obras de instrucção adoptadas em muitos collegios de Portugal e Brazil. Agradecemos ao sympathico jovem David a fineza da sua visita e as magnificas poesias que offereceram-nos.

Toda a correspondencia para *A Madrugada*, deve ser dirigida só ao n.º 222, Correio Geral — Lisboa. Nesta folha não se fazem publicações pagas.

O dr. Magalhães Lima o illustre e activo redactor principal do *Seculo*, acaba de publicar mais uma importante obra *O livro da paz*.

Partiu a 17 para o Rio de Janeiro, o festejado e feliz poeta brasileiro dr. Valentim Magalhães, nosso confrade da *Semana*. Que bons ventos o conduzam á patria e que lá não se esqueça de nós é o que ardentemente desejamos.

Aos cavalheiros que nos fizeram espontaneamente a fineza de angariar no Brazil algumas assignaturas para esta folha, pedimos o favor da remessa das respectivas importancias em vale postal ou em letra de banco.

O notavel pintor hespanhol Rueldes está fazendo os retractos a oleo de dois illustres pernambucanos e varias copias de paisagens. Parece que no Recife e nos portos do norte do Brazil ha falta de pintores peritos e notaveis, o que é natural pois estes só vivem nas grandes capitais.

O sr. visconde de S. Boaventura publicou um novo volume com o titulo *O Brazil actual*, no qual apreciava imparcialmente alguns factos e vultos d'esse paiz.

A nossa distinctissima collaboradora D. Guiomar Torrezão, soffreu ha pouco um duro golpe com o falecimento de sua prezada mãe. Pezames.

Alves Corrêa, o valente redactor da *Vanguarda* está melhor depois da operação que soffreu.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa mesa os seguintes livros, folhetos e jornaes cuja remessa agradecemos:

*Estudos historicos e moraes* de D. Francisco Noronha editores os senhores Lucas & Filho, Lisboa.

*Encyclopedia das familias*—Revista de instrucção e recreio. Numeros 97 a 100. E' uma interessante publicação. Editores Lucas e Filho, Lisboa.

*No Amazonas*—Lourenço da Fonseca, Lisboa. Um bello volume de cento e tantas paginas cuja leitura desperta grande interesse, principalmente entre os que são apaixonados por este genero de litteratura. Com singeleza de phrase, amenidade do estylo e franca jovialidade conta-nos o dr. Lourenço da Fonseca, as impressões da sua bella viagem do Pará á capital do Amazonas, no Rio Negro, impressões já publicadas no *Seculo*.

*Autos de estima*—Pessanha Pova, Rio de Janeiro. E' um livrinho interessante e historico, escripto no Espirito Santo, Brazil. O presente exemplar foi-nos offerecido pelo nosso velho amigo Cleto Nunes, jornalista e deputado federal.

*A Exposição de Belem* por Cavalheiro e Sousa.

*Poetas brasileiros*—Teixeira Bastos, editores Lello Irmão; antiga livraria Chardon, Porto.

*Duas photographias* representando um grupo de indios Bororós e a villa de Jatahy, de lá remettidos ao nosso director pelos estimaveis cavalheiros portuguezes Ribeiro & Irmão, estabelecidos n'aquellas remotas paragens goyanas.

*Galeria Biographica Luso-Brazileira*—Dr. Antonio Baeta, Lisboa.

*O Guilherme*—Conto por Olympio Galvão, Recife.

*O Futuro de Lourenço Marques*—Africa. Edição portugueza e ingleza.

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados. Os que nos visitaram ultimamente pela primeira vez, são os seguintes: *O Futuro*, Laguna,

St.<sup>a</sup> Catharina; *O Povo*, Valença, *Sirius*, Bahia; *Revista Litteraria* de Goyana, redactores Honorio Monteiro, Barros Andrade, A. Aguiar e F. Arango, *O Estado*, red. Drs. Celso de Sousa, Bianor de Medeiros, Santos Moreira, Paulo Silveira, Aprigio Garcia e Julio Antero, Pernambuco, *Monitor Sul Mineiro*, redactores Saturnino, Angelo e Bernardo Veiga, Campanha; *Igualdade*, Pouso Alto, redactor Dr. Paulino dos Santos; *Gazeta da Varginha*; *Itapeverica*, redactor Fernando Carvalho; *Almirante*, redactor Misseno Moreira, Boa Esperança; *Correio de Cascambú*, red. Praxedes Costa; *Folha*, de Barbacena; *Gazeta de Oliveira*, redactor Antonio Fernal, Minas, 15 de Novembro, director dr. Oliveira Ramos, Breves; *Cidade da Vigia*, redactor Henrique Palha; *Gazeta de Alemquer*, redactor dr. Fulgencio Simões, Pará. *O Pharol*, revista litteraria; *Nova Aurora*, de Barra Mansa; *Sentinella*, de S. Pedro de N. Frigurgo, Rio de Janeiro. *Athleta*, redactor Vicente Dias, Porto Alegre. *Santos Commercial*, redactor Eurico Saldanha; S. Paulo e Minas, director Tobias Roas, Ribeirão Preto; 15 de Novembro, Sorocaba; Cidade de S. Simão, Prop. de E. de Vasconcellos, S. Paulo. *Folha do Norte*, de Goyaz. *Gazeta de Alagoas*, redactor: Dr. Bernardino S. Ribeiro. *Ordem*, de Parahyba, redactor Dr. Florentino Cunha. *Ordem*, de Sobral, Ceará, redactor, J. Vicente Cavalcante.

Além de algumas folhas do costume, temos recebido mais: *Revista Nova*, directores Alberto Pinheiro e Antonio de Vilhena, Braga; *O Microbio* e o *Encanto* directores Henri Muller, Fils e Pinto, Lisboa; *Semana Evora*; *O Futuro de Lourenço Marques*, Africa; *A Vinha*, de Torres Vedras, redactor dr. G. Barros; *A Vida Moderna*, director J. A. Castanheira; *Nordeste*, Bragança; *Gazeta*, de Oeiras; *Covilhanense*, *Jornal de Penafiel*. *Diario do Commercio* do Funchal, Madeira.

Do Mexico recebemos: *El Demócrata*, director José Ferrel; *Gil Blas*; *El Monitor Republicano*; *The Two Republics*; *The Mexican Exposition*, n.º 1 de S. Francisco da California. *Estatutos* do Instituto Historico Geographico de S. Paulo, Brazil.

## THEATROS E...



**S. Carlos**—Fechado.  
**D. Maria**—Guerra em tempo de paz.  
**Trindade**—Fechado.  
**D. Amelia**—M. de S. Antonio.  
**Gymnasio**—Fechado.  
**Príncipe Real**—O centenario de Santo Antonio, (Revista).  
**Rua dos Condes**—Zás-Traz (Revista).  
**Avenida**—Ave do Paraizo. (Cem representações).  
**Rato**—Aos domingos.  
**Variedades**—(Feira d'Alcantara). A Espada de honra.  
**Aliança**—Espectaculo todas as noites.  
**Theatro-circo**—Animas domesticados.  
**Castellos de Melilla**—Espectaculo todas as noites.  
**Colyseu dos Recreios**—Companhia equestre Diaz.  
**Circo Lisbonense**—Espectaculos variados.  
**Café concerto**—(Rua dos Condes) Todas as noites.  
**Café do gato preto**—(Rua do Alecrim) Canções, etc. e bellas hespanholas.  
**Camara escura**—Avenida da Liberdade.  
**Jardim Zoologico**—Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.  
**Soirées e bailes publicos**—Em varias sociedades. Entrada paga.  
**Museus**—*Jeronymos*, em Belem. — *Archeologico*, nas ruinas do Carmo. — *Bellas Artes*. — *Historia Natural*. — *Anthropologico*. — *Galerias* do palacio da Ajuda, etc.  
**Exposição Imperial**—Avenida Palace.

## ANNUNCIOS

### NOVIDADES LITTERARIAS

**Oliveira Martins**  
*Contos peninsulares*.—Edição posthuma. Volume de 226 pag. com um esboço biographico, preço 600 réis.

**Maria Amalia Vaz de Carvalho**  
*A arte de viver na sociedade*.—Em percalina. Preço 1\$300 réis.

**Oscar Leal**  
*Viagem a um paiz de selvagens*—Pittoresca e interessante excursão pelo Tocantins, com gravuras de Pastor. Volume de 232 paginas 600 réis.—Livraria de Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 54, Lisboa.

TYP. MINERVA CENTRAL  
14 a 17, Praça do Municipio—Lisboa  
Editor—ILLYDIO COSTA



# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE II

LISBOA 4 DE AGOSTO DE 1895

ANNO II

## ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos).... 105000  
Seis mezes ou meia serie, réis ..... 55000  
Em notas, vale postal ou em sellos remettidos dentro de carta ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES  
Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

## ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 15500  
Seis mezes, ou meia serie, réis..... 8000

## Litteratura brasileira

Já que a imprensa brasileira é unanime em reconhecer os nossos justos fins e as nossas sensatas intenções, continuaremos, estimulados pelo favor, a consagrar grande parte d'esta publicação aos homens de letras do Brazil, e damos por bem empregado o nosso tempo, mesmo porque nada virá enfraquecer a força das nossas convicções e a energia dos nossos propósitos.

Bom e muito bom era que os nossos illustres confrades brasileiros continuassem com mais assiduidade a enviar-nos os seus trabalhos, e se lembrassem de que é necessario divulgar-os aqui, porque só assim reconhecerão todos afinal de que o Brazil possui uma litteratura propria e não somente grosso cabedal de elementos amplamente aproveitaveis.

Lá existe e de facto uma litteratura nacional; ninguém pôde contestar a não ser por absoluta ignorancia e falta de conhecimento do assumpto. E uma litteratura mais ou menos opulenta em que se reflecte visivelmente o caracter d'esse povo heroico, nobre e generoso, cujas tradições e crenças são cheias de vida e palpitantes de sentimento.

Infelizmente raros são os escriptores portuguezes que se entregam com afan ao estudo da evolução creadora dos bons modelos, poderosos sustentaculos do genio e dos costumes litterarios, do portuguez americano.

No Brazil lê-se quasi tudo que apparece de antigo e moderno nas vitrines das livrarias lisboetas, o que infelizmente não se dá em Portugal relativamente áquelle paiz. E porque? A quem cabe a culpa? Aos editores e aos proprios auctores brasileiros.

Raramente se encontram nas livrarias portuguezas obras impressas no Brazil, e se algum mais ousado se atreve a mandal-as vir, tem, de antemão calculado o prejuizo que ha-de ter, porque os preços das mesmas variam extraordinariamente, sendo publicadas lá e exportadas para aqui. Um volume de trezentas paginas (brochura) custa no Brazil de quatro a seis mil réis fracos actualmente, e aqui, para encontrar venda ou sahida, é preciso que o preço não exceda de cinco a seis tostões fortes. E' forçoso pois que haja muita abnegação e sacrificio para que o gosto pela leitura de obras brasileiras deixe de ser uma ficção e se torne realidade.

Em Portugal só são conhecidas regularmente as obras de Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro d'Abreu, José d'Alencar e de outros saudosos homens de letras do Brazil, ou de um ou outro da actualidade; mas lembrar, por exemplo, o lyrismo social de Castro Alves, simplesmente, não significa mais do que assinalar ou descobrir apenas uma das raizes da arvore em que floresce a litteratura brasileira.

Ultimamente o auctor d'estas linhas, entrando na livraria Chardron, hoje de Lello & Irmão, no Porto, deparou com algumas edições da casa de Hugo e C.ª de Pernambuco e de outros e voltando a Lisboa foi

encontrar egualmente na antiga casa Bertrand ao Chiado e na de Tavares Cardoso, edições das mesmas casas. Perguntando se essas obras iam tendo facil sahida, foi-lhe respondido o mesmo que no Porto lhe haviam dito — «Que nem um exemplar existia vendido.» E porque? Em primeiro lugar os preços não eram convidativos, em segundo os nomes d'alguns auctores eram completamente desconhecidos lá e cá. Entre esses nomes havia até pseudonymos de que usam os seus auctores não por modestia, mas sim por medo de affrontar de cara descoberta as consequências desferidas pela critica, quando muitas vezes sob a mesma mascara do anonymato usam de mau vezo, encontrando qualquer producção d'aquelles que se esforcam e que estudam, de ridicularizar (porque não

gam a ser expostas fóra do estreito ambito onde só devem circular.

E' esta a nossa opinião e a opinião d'aquelles que tem por costume não perder tempo com insulsas leituras e muito menos occupar-se d'ellas, porque repetimos o que já uma vez dissemos — a critica n'este caso é, quando menos, poderoso reclame e o proveito será do auctor, visto que ha muito quem deseje provar da agua d'esta fonte, para se convencer se é boa ou má.

Queremos tornar conhecidos em Portugal os bons escriptores brasileiros e havemos de fazel-o como até aqui, sempre imparcialmente e sempre de commun accordo com a opinião dos nossos companheiros.

A DIRECÇÃO.



CLAUDIA DE CAMPOS

podem criticar) de um modo banal como lhes dita a estupidez da sua mente obcecada.

Os senhores Hugo e C.ª editaram já trabalhos de apreciaveis escriptores brasileiros como Clovis Bevilacqua, Bianor de Medeiros, Aluizio de Azevedo, Affonso Celso e Coelho Netto, que merecem ser lidos e conhecidos em Portugal. Estes nomes sim, não os incluímos no numero dos que são completamente desconhecidos.

Vemos tambem annunciadas obras de outros, cujos precedentes litterarios deixam antever completo successo. Entretanto livreiros ha que commettem a grande e imperdoavel leviandade de franquearem os seus nomes como editores, sem dispenderem um real nas impressões, unica e simplesmente para satisfazer a vaidade fofa e pretenciosa de ousados authores de nullo merito. E esta facilidade torna-se ainda mais grave e compromettedora, quando essas obras che-

GERALMENTE os historiadores são unanimes em afirmar que o nome de America provem do celebre florentino Americo Vespucio, e afinal não passa isso d'um lamentavel erro classico historico como agora se tem averiguado.

A America, descoberta por Colombo em 12 de Outubro de 1492, era conhecida dos chinezes desde o começo da nossa era sob a denominação de *Fou sang*, nome d'uma planta oriunda d'este continente e que foi depois transplantada e cultivada na Asia no VII seculo, facto que existe estampado nos annaes do Celeste Imperio.

Como é sabido o primeiro chão, em que pisou o almirante genovez e seus ousados companheiros (*aitá oc'america ana uáha upé*), foi a ilha de Guanahani, do archipelago das Lucayas. Os *Camericanuaras* eram assim denominados porque tinham o habito de bater os pés e as armas, á maneira de quem amassa a terra (*mai auá c'america*) durante os exercicios de guerra a que de commun se entregavam.

Antes de regressar á Hespanha, Colombo com a sua gente *amassou barro* com pés e mãos (*oc'america ana*) e construiu um pequeno forte, primeiro estabelecimento europeu, que se traduz por — *mucana óca merim* cujos vocabulos anagrammatisados constituem o nome porque é conhecido o continente colombino:

*Muc A-na meri-m o ca.*

## CLAUDIA DE CAMPOS

NASCEU em Sines na Extremadura.

Sob o pseudonymo de *Collete* estreou-se nas letras, publicando no *Diario Illustrado* alguns contos e depois um magnifico volume — o seu pri-



meio livro: *Rindo* com um prefacio de Fernandes Costa.

Seguiu-se o *Ultimo amor* em que a festejada escriptora nos apresentou uma tentativa de romance psicologico remodelada na alma de Bourget.

Guiomar Torresão, ao biographar a sua distinctissima confrade, disse:

«Incontestavelmente a Snr.<sup>a</sup> D. Claudia de Campos distingue-se das creaturas do seu sexo pela sua variada illustração, colhida na promiscuidade de todas as leituras modernas melhor ou peor orientadas e pelo seu temperamento de hysterica convicta, que dá um tic estranho ao seu processo litterario.»

Agora o conhecido livreiro editor M. Gomes acaba de expôr á venda um novo livro firmado pela distincta escriptora Claudia de Campos e subordinado ao titulo *Mulheres* e indicado como ensaios de psychologia feminina.

E' mais uma obra notavel que muito honra a distincta auctora.



## Quintino Bocayuva

Quintino Bocayuva é o director politico do *Paiz*, do Rio de Janeiro.

Este nome tem-se imposto ao apreço publico, porque é o de um jornalista distincto e de um politico *enragé*, que defende com o prestigio da sua palavra convicta a causa que defende.

Por occasião da implantação da Republica no Brazil, Quintino Bocayuva tornou-se bastante notavel e occupou o lugar de ministro dos negocios estrangeiros, tendo contribuido poderosamente como republicano historico, para o triumpho da causa que sempre defendeu com intelligencia e valor.

O nosso collega Xavier de Carvalho, biographando-o, disse «... pela sua poderosa individualidade como homem politico, como escriptor, como força activa e dirigente no meio social em que vive, como character superior, como espirito de tão rara cultura intellectual pertence a essa *élite* humana a que o sabio Letourneau, no estudo critico da escriptora russa Nikitine, chama: *le petit bataillon sacré* e a que nós chamaremos a gloriosa ala d' enamorados do direito e da justiça, um punhado d'almas d'ouro, aureoladas pelas bençãos dos que soffrem e dos que lutam!»

O distincto brasileiro, cujo retrato illumina hoje uma pagina da nossa revista iniciou a sua carreira politica, como redactor do *Diario do Rio de Janeiro* e conta hoje cincoenta e nove annos de idade.



## Litteratura

### SEMPER

A vel a dia e noite acostumado,  
Noite e dia não houve em que a não visse,  
Do feio inverno, embora o vento irado  
Chorasse, embora a primavera risse.

De flores se esmaltasse embora o prado,  
Ou de alva neve o prado se cobrisse,  
D'ella eu tinha—a caricia de um agrado.  
D'ella eu tinha—um sorriso de meiguice.

O travor amarissimo do pranto,  
Nunca senti com ella, mas com ella  
Sempre cantei um *duo* de ventura.

Eu não sei como foi p'ra amal-a tanto...  
Mas se isto foi loucura,—eu quero tel-a,  
Eu adoro, eu bemdigo esta loucura...

Brazil WENCESLÃO DE QUEIROZ.



Eu fui pedir ao mar que desse abrigo  
Ao meu immenso e immaculado amor  
No fundo do seu seio honesto e amigo,

E o velho e gigantesco luctador,  
Erguendo aos ceus o seu olhar commigo,  
Estremeceu e soluçou de dor.

No azul sereno e luminoso então  
Surgiu a lua abençoada e calma,  
E o seu doce clarão  
Mostrou-me o Oceano da tua alma...

ALBERTINA PARAIZO.



## AO DR. OSCAR LEAL

Sentimento voraz, exquistoria fome  
Toda vez que te vejo o peito me atrophia,  
E no arroubo febril de extranha phantasia  
Teus encantos transforma em cousa que se come.

E basta para isto apenas que me assome  
O teu rosto gentil de sphingica magia,  
E logo nos festins que a minha idéa cria,  
Minh'alma se arremessa em impetos sem nome.

De teu seio moreno a fórma arre-londada,  
Teus olhos sensuaes, teus labios nacarados,  
Dão-te a rubra attração de uma ideal empada.

Tens no todo, afinal, uns tons apimentados  
De uma meza de amor por mim phantasiada  
Co' acepipes de goso, exdruxulos guisados.

Pernambuco.

ERNESTO PAULA-SANTOS.



QUINTINO BOCAYUVA



## INEDITO

A mulher é uma sphinge,  
que nós parece uma pomba,  
às vezes sorrindo finge,  
às vezes chorando zomba.

GOMES LEAL.



## CUBA

Levanta-te fremente, altivo oceano,  
E procelloso, aos vagalhões, galopa,  
Ferindo náos e sepultando a tropa  
Que aos insurrectos vem turbar o plano!

Se for vencido o exercito cubano  
Se levantar-se inda um pendão d'Europa,  
Settas dispare da floresta copa,  
Queimem vulcões o vencedor tyranno!

Mas não succumbe de Colombo a filha:  
Já sobre os mares o seu vulto brilha  
Como no firmamento a luz dos sóes!

Termina um sec'lo e d'outro sec'lo a tuba  
Lá vem saudando a independente Cuba  
A terra livre, a Patria dos heróes!

Brazil.

AUGUSTO RIBEIRO.



## OLHANDO O RIO

Cae o luar no rio. Que serena  
Noite de junho doce e luminosa!  
Um barco esguio vae passando, plena  
D'amor suspira uma guitarra anciosa.

Ergue-se á margem, como n'uma scena  
De theatro, uma torre mysteriosa...  
—Ó linda e antiga castellã morena,  
Em que claustro morreste, desditosa?

Na janella onde estou uma flor morre  
N'um vaso d'alabastro. O rio corre  
E vae levando o barco singular...

E no silencio branco, opalescente,  
Fina estremece a guitarrilha ardente,  
Como se fosse um passaro a cantar...

JULIO BRANDÃO.



## MEDITAÇÕES

Quando vejo os companheiros de Jesus e os seus presumidos herdeiros, os apóstolos, os santos padres que nem são apóstolos nem santos, mas tão só os mercenários do altar, blasphemando da Sciencia dos homens, e tentando, ao desviar d'ella os espiritos, estender por toda a superficie da terra a *loucura da cruz*, a *santa ignorancia*, e outros que taes contrasensos; eu não posso deixar de me devotar de alma e coração á redempção mental do proletariado pelo pensamento, que constitue toda a massa dos ignorantes — a melhor massa exploravel para os vendilhões de sotaina.

E' da simplicidade dos crentes que o clero vive a sua vida folgada. E' da ignorancia das massas que elles vão extorquir o seu gozo. Eliminae a loucura da cruz que tantas mentes desvaira ainda, depois de ter feito delirar Luther, e Loyola e Santa Thereza, e de ter feito descer a noite escura da idiotia sobre o grande espirito de Pascal, e todos esses restos esparsos d'uma idade abominada de tyrannia, que ainda hoje embaraçam a vida social, dificultando o progresso, negando a liberdade, cimentando o odio, tudo isso desaparecerá para sempre.

Desde que o Homem adquire conhecimento do universo e de si mesmo, vendo aquelle sujeito a leis invariaveis e vendo o seu semelhante igual a si, se perde a noção contradictoria d'uma providencia divina, adquire em compensação a creença na egualdade, e é por esta creença que se estabelece o culto da justiça.

E o que é a justiça? — A federação dos interesses emancipados da concorrência. A liberdade plena do homem limitada tão só pela liberdade do seu semelhante como condição mesma d'essa liberdade.

Eis aonde nos conduz o saber.

E a ignorancia preconizada pela Igreja?

Sujeição intellectual, pelo dogma; sujeição moral, pelo preceito; sujeição politica, pelo direito divino do poder isento de controle; sujeição economica, pelo salario.

Para quebrar tudo isso, o remedio é o que pedia Goethe: *mais luz*. Não a luz dos candieiros, mas a luz das intelligencias que brota dos grandes lampadarios de Guttemberg.

O livro é uma semente. O escriptor semeia a palavra, como diria o Evangelho, e a palavra fructifica porque vae direita ao espirito e ao coração.

Derramemos pois a luz a punhados: é o preceito do velho Hugo. Isto afugenta as trevas, e é nas trevas que se preparam os crimes. Dos Troppman, dos Borgias, e dos Bourbons. Dos bandidos, dos papas e dos reis. Abrir uma escola ou publicar um pensamento é esbofetear o monstro.

Assim como o sol, passando no firmamento, larga sobre a terra torrentes da sua luz vivificante; assim a Sciencia, ao passar pelo espirito do homem, lhe illumina o entendimento e lhe aquece a vontade, para as emprezas da justiça e para a pratica do amor.

Justiça e amor: eis o alpha e o omega do evangelho da Fraternidade...

HELIODORO SALGADO.







## NOITE DE NOIVADO

Gostam de contos alegres, não? Pois ahí vae um.

O seu nariz, de tucano; seus olhinhos de côr duvidosa; a sua bocca atroz; seus dentes negros, grandes e desiguais; os cabellos da côr das barbas de milho; seu corpo desproporcionado tão delgado que o mais habil carneiro ter-se-hia visto em apuros, para cortar d'aquella armação de ossos uma talhada sufficiente a prolfuzir um *beefsteack*.

Em todo o caso se não era bonita, era boa.

Educada em um canto de provincia levitica nada de nobre e generoso encontrava bom acolhimento na sua alma hypocrita e fria. A piedade e a ternura não encontravam caminho para chegar ao seu coração empedernido.

Tinha uma maneira tão delicada e especial de recusar aos pobres uma esmola, que chegava a envergonhal-os da sua pobreza.

Todavia tocava piano, fallava duas linguas não ignorava nenhuma das leis d'essa etiqueta pueril que para nada serve, não se ria nunca por causa do maior gracejo e professava profunda aversão e sagrado horror a tudo que era digno *comme il faut*. Tinha a felicidade de possuir um digno pai o honrado senhor Matias, rico pela usura e typo bastante considerado por este motivo entre os seus concidadãos.

Em summa — Thomasia era um bom partido.

E'le tambem nada tinha de bonito.

A sua fronte estava semeada de grãosinhos encarnados que lhe davam o verdadeiro aspecto d'uma plantação de tomates. A sua barba ponteguada parecia ter vontade de escapar d'aquelle desgraçado conjunto.

O seu olhar sem brilho não revelava o fogo de nenhum pensamento. Nada havia de notavel e de bem conformado n'aquelle todo exquisto em que apenas sobresabia uma enorme pança, onde talvez se achava reunida toda a actividade do individuo. Aquelle ventre parecia uma bomba prompta a arrebentar. Quanto a talento, não fallemos. Era um imbecil em toda a extensão da palavra.

Entretanto tinha maneiras agradaveis, vestia regularmente. Tinha fama de boa conducta e a sua castidade poderia tentar qualquer Pufitar provinciana, se não fosse tão feio bem entendido. Possuía ainda uma mãe magra, beata e avara, chamada D. Bernarda e pela qual Simplicio sentia verdadeira adoração.

O rapaz era tambem pois um excellente partido.

O usurario e a beata avara viram-se e entenderam-se. Como os cães se cheiram ao encontrar-se, assim tambem se cheiraram por causa do dinheiro de cada um. Estimaram-se desde logo devidamente e comprehenderam ambos que podiam trocar as suas mercadorias sem mutua deshonra.

Elle propoz sua filha. Ella offereceu seu filho.

— Trato feito. Um aperto de mãos.

Para apertos de mãos não ha como os canalias.

Os dous jovens contemplaram-se um momento, com a mesma indifferença que se contemplam duas figuras de barro.

Novo aperto de mãos e a troca d'um sorriso boçal, estúpido.

Deu-se logo começo aos preparativos para a futura boda. O *trousseau* foi elegante e de bom preço.

Na véspera do casamento o piquêdo Simplicio teve a delicadeza de offerecer á esqualida Thomasia uma rosa fresca e de vivas côres. Esta não accetou sem consultar com um olhar o auctor dos seus dias e sem fazer um gesto estúpido que podia significar muito bem:

— Que tolice.

Muita concorrência na igreja, muita gente em casa e gente escolhida e seria.

A meza variada e sumptuosa; a conversação tristonha e estúpida. A menor allusão ás delicias do novo par, nem a pilheria mais innocente ácerca do pudor da noiva. Quatro frios abraços, quatro lagrimas, dous bons conselhos, e meia duzia de brindes insipidos. Tudo fino e serio de mais. Alegria, expansão, franqueza... bah! para que? Cousas de gente vulgar.

Ao terminar a refeição e a cerimonia do enterro, digo do casamento, dirigiram-se os dous esposos a occupar os seus lugares na carruagem, que os esperava e na qual deviam começar a tradicional viagem de nupcias.

Sentaram-se ambos ceremoniosamente cada um no seu canto, mudos e cabisbaixos. Estalaram os ultimos beijos. D. Bernarda enxugou os olhos, Mathias fechou a portinhola e a diligencia ia partir.

— Já lhe disse, cocheiro, que me faz falta o meu funil. Deixei-o em cima da carruagem e não o encontro em parte alguma.

— E eu já disse ao senhor Roberto, que procurei o seu funil por todos os lados sem encontrá-lo. Talvez tenha esquecido lá na hospedaria.

— Qual! Um funil que me custou dez mil reis.

— O meu pezar é grande, mas que se ha de fazer. Talvez se perdesse esta noite no caminho.

— Bruto.

— É a minha unica falta. Upa! Pardinha. Arre... Malina... Estalava o chicote e as mulas galopavam que era um gosto.

Jeronymo, como tereis adivinhado, era o conductor da diligencia onde ia agora o joven par, tendo este dialogo lugar alguns momentos antes da partida.

Quanto ao tio Roberto, vinhateiro do Minho, grande era o seu desespero por haver perdido o funil que comprara dous dias antes no Porto e que destinava ao augmento da força alcoolica. Para economia de tempo no seu laboratorio, fizera acquisição d'aquelle enorme funil de metal cuja embocadura tinha 60 centímetros de diametro e pelo qual podiam passar em meio minuto seis litros d'agua.

O famoso utensilio não se havia perdido, posto que ninguém se lembrasse do sitio onde o haviam antes acondicionado. Jeronymo assentado sobre um feixe de palha debaixo da qual estava o precioso funil, guiava a parelha. Desde a véspera o conductor vinha pois sentado sobre elle e collocado em tal disposição, que as suas amplas nadegas adaptando-se perfeitamente á cavidade do objecto coberto de palha, offerecia-lhe toda a commodidade. A ponta aguda e forte do funil havia pouco a pouco perfurado o tecto da carruagem, obrigado pelo peso do cocheiro e entrava como um orificio no interior da mesma onde iam os recém-casados.

Eló! Alá! Pardinha. Malina epa!

E o chicote a estalar e as mulas n'um trote magnifico, avançavam que era um gosto e o alegre cocheiro, ora a cantar ora a gritar, dava de vez em quando um longo beijo no gargalo da sua cabecita cheia do magnifico *binho verde* de Biana.

Bom sujeito o tal seo Jeronymo.

Na ultima estação onde trocara a parelha e recebera os ultimos passageiros, que eram o Simplicio e Thomasia, enquanto esteve á espera entrou na Taverna da tia Zefa e regalou-se com um succulento prato de favas guisadas.

Passado algum tempo as favas começaram a produzir os devidos effectos. Jeronymo assobiava a Maria Caxuxa. Dentro em pouco porém reconheceu que não era essa a melhor fórma de alliviar-se e dar sabida aos gazes produzidos durante a pesada digestão das favas. Deixou então escapar por outro sitio aquellas correntes que o incommodavam, e o supracitado gaz penetrando atravez das palhas pelo funil ia em busca de melhor sabida encher de perfumes o interior da carruagem, sem que o famoso casal podesse descobrir como tal succedia.

Como era natural, cada um suspeitou do outro e diante de tão inqualificavel procelimento, principiaram por olhar-se, primeiramente com-assombro e depois com raiva.

Continuava o ruído e o perfume. Ella mui corada tapava o nariz *chistoso* com o seu magnifico lenço bordado a seda. Elle vermelho de indignação, abriu afinal violentamente a portinhola, apesar do frio que fazia.

Tudo debalde. Jeronymo tinha infallivelmente de completar a digestão das favas e o fogo continuava aos intervallos Pam! Pim! Pum! Uma tempestade abafada e moltonha. Uma trovoad dentro d'um funil! Aquillo não podia prolongar-se. Pif! Paf! Dous bofetadas tremendas soaram dentro da carruagem.

Era Thomasia que havia com ellas presenteado o Simplicio, o qual por sua vez mimoseou a com um pontapé na barriga. Pegam-se, agarram-se, a luta torna-se encarniçada e de cima o valente Jeronymo continuava canhoneando o campo da batalha — Pum! Pum! Pum!

Afinal cessaram as hostilidades.

A diligencia parou, o artilheiro desceu do seu reducto e o precioso casal sahiu d'alli em lastimavel estado. Os cabellos da noiva estavam soltos e desgrehados e a face esquerda de Simplicio parecia uma fructa da minha terra a que chamam—maracujá de gaveta.

Alli terminou a viagem.

Um mez depois pleiteavam para separar-se judicialmente. O juiz não ponde conter o riso diante de tão airosa causa. Aquelle genero de injurias não estava previsto no codigo. Não tinha lugar o divórcio.

Condenados a viver juntos, contam as chronicas que os infelizes conjugues nunca poderam esquecer a sua noite de noivado.

Acaso merecia outra cousa aquelle casal?

Bravo pelas favas do Jeronymo.

Ampoero. Hespanha.

OSCAR LEAL.



## LORD BYRON

Byron é o Musset do norte. Os seus versos vibram, como os do poeta Rolló das apaixonadas sensibilidades doentias, das dolorosas angustias, incomprehendidas de um coração mortalmente desilludido. Como Alfredo de Musset o grande poeta do Childe Harold, o cantor immortal da nossa poetica e florente Cintra, amou, lutou, padeceu e levantou para o impossivel e o grito do archanjo fulminado.

Tambem como Musset, Byron teve o seu idyllio em Veneza e foi embalar os seus namorados sonhos nas prateadas aguas do canal, guardados pelo leão de S. Marcos.

A obra de Byron pertence ao numero d'aquellas que não morrem nunca, a despeito das successivas evoluções do gosto e dos variados aspectos que a moda vae imprimindo á arte.

GUIOMAR TORREZÃO.



## NOTICIARIO

E' de 760:000 o numero de italianos domiciliados no Brazil actualmente e distribuidos pela seguinte forma:

S. Paulo.....	400:000
Rio Grande do Sul.....	100:000
Minas Geraes.....	70:000
Espirito Santo.....	45:000
Estado do Rio de Janeiro.....	30:000
Paraná.....	25:000
Districto Federal.....	20:000
Santa Catharina.....	10:000
Pernambuco.....	10:000
Pará.....	10:000
Bahia.....	30:000
Outros Estados.....	10:000
	760:000



Deve apparecer muito breve o novo romance de Zola — Roma.

No seu novo trabalho, o illustre mestre idealisa uma nova Roma, onde residirá o papa-rei.

Este soberano é a representação da paz universal; é o chefe da federação de todas as nações, unindo o mundo pela fé christã.

Nesta collossal federação todos os abusos têm desaparecido; não existem ricos e poderosos espiñhando o proletariado; a superstição extingue-se, nem mais existe Lourdes, uma das suas representações.

Finalmente o papa idealizado por Zola inspira a fraternidade universal, estabelecendo de uma vez o dominio da paz, da igualdade e do amor entre todos os homens.

Ernesto Santos é um rapazola imberbe, typo ra-chitico e sombrio, mas possui o que falta a muitos — talento. O *Paiz* do Rio de Janeiro tem publicado algumas das suas composições poeticas e humoristicas. D'elle é um soneto que hoje publicamos e que teve a delicadeza de enviar-nos.

## AOS CRITICOS

Não critiques obra alheia  
Dize bem da que fôr boa,  
Porém cala lá contigo  
Aquella que te não toa;  
Que se o contrario fizeres  
Pódem-te ir tambem ao fato,  
Porque, abalando montes,  
Só farás sahir um rato.

Oscar Leal foi eleito unanimemente, em sessão de 5 de junho ultimo, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo (Brazil).

O Brazil tem 16 vezes o tamanho da França e 99 o de Portugal.

Virgilio Varzea que na *Gazeta de Noticias* do Rio tem revelado o vigor da sua intelligencia, publicou um formoso volume a que deu o titulo *Mares e Campos* e que foi bem recebido.

Hygino Rodrigues, poeta goyano e activo mancebo, publicou em S. Paulo *Os Pampeiros*.

Augusto Veiga, redactor do *Commercio de Penafiel*, acaba de publicar as suas magnificas *Paginas Soltas*.

No *Alto Mar*, é o titulo de um lindo poemeto publicado pelo snr. Mariano Gracias.



Honrou-nos com a sua valiosa collaboração o nosso sympathico amigo e distincto poeta Julio Brandão, redactor da *Revista d'Folha* que se publica no Porto.

D'elle é um esplendido soneto que hoje publicamos.

Como um solemne protesto aos maneios jesuiticos, aos quaes se attribuiu o centenario antonino, realisou-se a 30 de junho passado uma grande manifestação anti-jesuitica junto do tumulo da infeliz Sarah de Mattos, essa encantadora joven victimada no convento das Trinhas.

Foram n'esse dia ao cemiterio dos Prazeres, para mais de doze mil pessoas em sympathica romaria. As flores alastraram-se sobre seis covas occupando um espaço de 18 metros quadrados.

Os senhores Louis Hermann e C.<sup>a</sup>, estabelecidos no Rio do Janeiro á rua dos Ourives 111, em 20 de agosto de 1894, registraram sob n.º 28.518 F. e remetteram para Manáus ao director d'esta folha um pacote contendo objectos cirurgicos no valor de cento e tantos mil reis.

Como n'esse mesmo mez o destinatario tivesse que partir d'aquella cidade, dirigiu-se ao administrador do correio alli e pediu-lhe para reter na sua repartição toda a correspondência até segundo aviso. De facto chegando a Lisboa tratou logo de escrever áquelle senhor pedindo-lhe a remessa da correspondência, mas só depois de haver dirigido para Manáus duas cartas registradas ao dito administrador, passados tres mezes apoz a sua chegada aqui e feitas varias reclamações por meio de amigos, é que d'alli recebeu alguns jornaes e trinta e tantas cartas, quasi todas, com evidentes signaes de terem sido molhadas, abertas e fechadas de novo. O reclamador remetteu ao dito administrador a quantia de cinco mil reis para o caso de haver qualquer porte a pagar, e apesar de não haver, tal quantia não foi devolvida.

Quanto ao pacote, até hoje o nosso director não o recebeu, apesar das reclamações que tem feito, ter decorrido já quasi um anno e dos senhores Louis Hermann e C.<sup>a</sup> terem reclamado na administração dos correios do Rio de Janeiro, ao qual dirigimos tambem a nossa justa reclamação.

Não queremos offender o cidadão de quem acima fallamos e cujo cavalheirismo, bondade e boa fé devem ter dado lugar a que alguém na sua repartição desse motivos ás nossas queixas e ás de outros, segundo de lá mesmo nos informam.

O visconde de Tauray publicou ha pouco no Rio de Janeiro um novo livro com o titulo—*Como me tornei Queinquista*.

A obra de Carlos Laet—, *Em Minas* foi muito bem recebida pela imprensa fluminense.

No Ceará appareceram as *Promettidas*, poesias de Francisco Barreto.

Reproduziremos no proximo numero uma produção da intelligente *contista* Francisca Clotilde, distincta collaboradora da *Republica* do Ceará, folha de que é principal redactor o nosso illustrado collega J. Eduardo Torres Camara.

A *Madrugada* continua a ser encontrada á venda em Manáus na livraria de Silva & Gomes; no Pará, na de Sousa Nova & C.<sup>a</sup>; no Maranhão, na de Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup>; no Ceará, na de Joaquim José de Oliveira; no Rio de Janeiro, na de Lopes da Cunha, Quitanda, 24; no Rio Grande do Sul, na de Carlos Pinto & C.<sup>a</sup>, etc.



## BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa meza os seguintes livros, folhetos e jornaes, cuja remessa agradecemos:

*Flôres agrestes*—Versos, 1 volume. Soares Rebello, redactor principal do *Investigador*, de Margão, na India.

*Almanach dos palcos e salas*, com o retrato da actriz Emilia Eduarda. Contos, cançonetes, monologos, scenas comicas, versos, etc.

*Revista de Educação e Ensino*—Director Ferreira Deusdado, com um magnifico trabalho do senhor Ani-

cet Fusillier, muito digno director da Escola dos Surdos Mudos.

*Caricias*—Viagens pelo paiz da ternura. Botanica amorosa. Garcia Redondo, Rio de Janeiro. Editor Domingos de Magalhães.

Já tinhamos dado noticia d'esta obra. O presente exemplar das *Caricias*, das encantadoras *Caricias* foi-nos offerecido e enviado pelo auctor, a quem somos muitos gratos pela gentileza de tão valiosa offerta.

E' uma obra que deve ser lida por todos aquelles que se interessam pela litteratura brasileira.

O elogio que lhe podemos tecer acha-se exarado n'estas palayras bastante significativas e que fazemos nossas, proferidas pelo muito notavel escriptor o nosso amigo snr. Alberto Pimentel, depois que de um folego terminou a leitura:—«Que bello livro!»

*O Ideal*. Porto—Explendida revista litteraria redigida por Almeida Junior e Henrique Leão. Collabora n'esta revista o illustre homem de letras Heliodoro Salgado, auctor do artigo que reproduzimos hoje na nossa folha.

*Pampeiros*—Poesias por Hygino Rodrigues. O auctor é um joven de rija tempera, fogoso e arrojado. Nada lhe falta pois para ter diante de si um brilhante futuro. Auguramos-lhe com toda a certeza e boa vontade bellos dias de gloria.

Entre as produções poeticas contidas n'este volume de 172 paginas, ha algumas bastante mimosas e singelas que merecem a attenção dos entendidos. Parabens ao seu auctor.

Visitaram-nos alem das folhas do costume mais as seguintes: *A Civilização Popular*—Director: Manoel Ferreira. *Gazeta do Minho* e *O Porvir*, de Famação. *Correio do Porto*, Redactores José de Azevedo e Jayme Faro, Porto. *A Voz do Sado*, Redactor Leopoldo Mera. *O Nordeste*, de Bragança. *Gabinete dos Reporters*, Redactor F. B. de Miranda, Lisboa.

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados, tendo-nos visitado ultimamente pela primeira vez os seguintes: *O Reporter*, Director Elpidio Gomes, Ribeirão Preto. *Tribuna do Norte*, Director dr. Americo Faria, Pindamonhagaba. *O Republicano*, Redactores Joaquim Silva e João de Almeida, Sorocaba. *Gazeta de Santa Rita*, Redactores Arthur de Andrade e Manoel Viotti, Passa-Quatro. *Gazetinha*, Director Antonio Cuba, Guaratinguetá. *Gazeta de Brotas*. *Gazeta de Descalvado*, de S. Paulo. *Verdade*, Redactor Padre Assis Pinheiro, Figarino, Redactor Carlos Severo. *Oitenta e Nove*, Director Alencar Mattos, Ceará. *D. Quichote*, n.º 23, jornal illustrado de Angelo Agostini. *A Republica Portuguesa*, Redactores Tavares Coutinho e Francisco Pacheco. *Revista Theatral*, Director Alvarenga Fonseca, Redactores Luiz dos Reis, Candido Costa, J. Kahl e Evangelista Silva. *Thebaida*, Director Collatino Barroso, Sec. Alves de Faria e Nogueira Junior. *Bomjardinese*, e *Boas Novas*, Redactor L. Ginsburg Campos, Rio de Janeiro. *Correio de Minas*, Redactor Estevam de Oliveira, Juiz de Fora. *O Industrial*, Redactor A. Foscolo, Taboleiro grande. *Correio de Itabira*, Redactores Silveira Drumond e Oliveira Penna. *O Prateano*, Redactor Alvim Machado, Prata. *Município de Diamantina*, Minas. *Autonomista*, Redactores drs. José Monjardim e Belarmino Machado, Espirito Santo, (Victoria). *Jornal do Commercio*, Redactores Achilles Porto Alegre e Caldas Junior, Porto Alegre. *Lanterna*, Cidade do Rio Grande. *Commercio*, Director Ernesto Adolfo, Bagé. *Mecenas*, Director A. Neves Netto, Porto Alegre, (Rio Grande do Sul). *O Livro*, Redactor Silva Oliveira. *Cidade de Amargosa*, Bahia. *O Camponez*, Caxias, Director Evaristo do Carmo. *Gazeta Caxiense*, Maranhão. *A Verdade*, Orgão espirita, Cuyabá, (Matto Grosso). *A União*, Diario da Parahyba.



## O «PÃO» DO CEARÁ

«Lá da terra da fome  
Vem-nos pão que parece fel.»

Ha pouco tempo lemos no *Patriota* a noticia de que «o intelligente mulato cearense Antonio Salles publicara um segundo folheto de versos subordinado ao titulo *Tróvas do Norte* no qual haviam muitas produções detestaveis, meia duzia soffríveis e outras que revelavam a astucia do auctor, cha-

mando afinal para ellas a attenção de dous poetas notaveis da America Central residentes na Colombia e um outro no Perú.» Agora porém chegamos ás mãos alguns exemplares d'um jornalzinho intitulado *O Pão* no qual o mesmo senhor Antonio de Souza ou Antonio de Salles busca defender-se da critica que fez ao seu folheto o snr. Alves de Faria na *Republica* de Campos e mais adiante recebe com insultos e improperios, só usados por gente da sua laia, o folheto que tivemos a má lembrança de enviar á redacção do *Pão* onde aliás tem collaborado rapazes de talento e brio segundo vemos agora. O folheto em questão é o «Juizo Critico» da Imprensa Portuguesa sobre a nova obra do meu amigo Oscar Leal, juizo que foi depois applaudido e confirmado pelos principaes jornaes do Brazil sobre a «Viagem a um paiz de selvagens». O snr. Salles, que não é outro o critico anonymo do *Pão*, confessa não conhecer ainda esse senhor, no entanto unicamente por maldade pôz em duvida os elogios merecidos que eu, assim como os principaes litteratos portuguezes e brasileiros tecemos ao auctor, escriptor que mais serviços tem como tal prestado ao seu paiz, já fazendo conferencias, já escrevendo e dando-nos a conhecer as suas bellezas e as suas riquezas.

Oscar Leal, que se acha ausente e cujo character nós conhecemos não daria a menor importancia aos estultos conceitos do tal pretencioso sem origem, pelo contrario solitaria a risada do costume propria dos grandes talentos. Nós é que não estamos por tal, porque a offensa foi a nós dirigida mas não nos a tingiu, porque somos bastante conhecido para que ninguém ponha em duvida as nossas afirmativas.

N'esta redacção existem duas longas cartas em que de lá nos mandaram dizer ha tempos cobras e lagartos do tal senhor Salles. Nós porém não tivemos e não temos ainda motivo para dal-as á publicidade. Da mesma forma que enxotamos para longe o reptil que nos tenta morder, temos tambem a indulgencia de poupar-lhe a vida, deixando-o se esgueirar entre os sycomoros do cisco em que vive e se arrasta debilmente.

Antes porém devemos pôr de aviso os nossos confrades de além-mar acerca dos maneios e intencões do senhor Salles, para os informar de que este senhor não merece a menor attenção da parte d'elles. Antonio Salles é um d'esses zoilos do norte do Brazil a quem devemos desprezar.

Usando de varios pseudonymos, este individuo tem tentado ridicularisar não só as obras de um, mas de muitos escriptores e poetas brasileiros, alguns dos quaes chegaram a tecer-lhe elogios, sem saberem que já por elle haviam sido vergastados sob a vil capa do anonymato.

Quaes os titulos que possui o ex-menino bonito Salles? Qual a sua profissão?

Nenhum, nenhuma.

Nenhuma sim porque ser creado do governo estadual, ter um emprego publico enfim, nada significa. Titulo ao que nos consta só o de padeiro mór lá da padaria *Espiritual*. Para dentista não serve que é nervoso, para medico o curso é de seis annos, muito longo e faltam-lhe até os preparatorios.... olhe estude a obstetricia, vá ser parteiro que é o melhor. Se quizer podemos favorecer-lhe uma recommendação para o Mello Gomes em Pernambuco que é especialista e que não lhe levará nada pelas lieções no gabinete reservado. Hume escreveu a sua Historia de Inglaterra aos 40 annos depois de ter sido soldado.

Estude e confie.

E muito seriamente agora para terminarmos, aconselhamos ao tal pretencioso a distinguir-se de fôrma mais honrosa para si e não á custa do credito alheio, tratando por tu Arthur de Azevedo e a outros litteratos serios que hajula, enquanto tenta enxovalhar homens tambem notaveis que não conhece senão de nome e que não desejam ter relações comigo nem mesmo aos sopapos. Já que tem dado prova, de andar suggestionado tome tento e cuidado para não ouvir cousas mais serias evitando a tempo uma queda litteraria.

Ha tempos o senhor Salles como collaborador da *Republica* do Ceará e sob a falsa assignatura de Ibrahim publicou tres longos artigos contra a *Viagem ás Terras Goyanas* de Oscar Leal e contra outros seus trabalhos litterarios.

Que resposta lhe deu o auctor? Nenhuma. Este apenas tratou de descobrir particularmente quem era o covarde aggressor que assim se occultava.

A redacção da *Republica* porém não era da opinião do senhor Salles, senão vejamos o que depois disse esse jornal sobre novas publicações do auctor:

«A *Madrugada* publicada em Lisboa sob a redacção do nosso illustrado compatriota dr. Oscar Leal... é um jornal bem feito e muito moderno...» (Da *Republica* Ceará 6—12—94).

«...o dr. Oscar Leal tem enriquecido a nossa litteratura com produções de seu fecundo talento. (Da *Republica* Ceará 41—6—95).

Vejá mais—«... de leitura amena e facil, as produções do snr. dr. Oscar Leal tem sem contestação merecimento litterario, etc.

(Da *Republica* Ceará 8—5—95).

E não se arrependa a illustre redacção da *Republica* porque a principal pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (de 9—5—95) quasi toda a imprensa brasileira diz que «as obras de Oscar Leal são lidas sempre com satisfação.»

Eis ahí o verdadeiro triumpho que causa tanta inveja aos maus e pretenciosos. E até que o snr. A. Salles, ex-Ibrahim e hoje Moacyr Jurema, viu o seu nome estampado na *Madrugada*!...

Lisboa, 1895.

LOPES CARQUEIA.

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica

Editor—ANTONIO J. ALVES



# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE II

LISBOA 18 DE SETEMBRO DE 1895

ANNO II

## ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno, ou uma serie, réis (fracos).... 10\$000  
Seis mezes ou meia serie, réis ..... 5\$000  
Em notas, vale postal ou em sellos remetidos dentro de carta ao director d'esta folha.

REDAÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

## ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno, ou uma serie, réis..... 1\$500  
Seis mezes, ou meia serie, réis..... \$800

## PUBLICAÇÃO MENSAL

### Litteratos e...

MASCAGNI, o insigne auctor da *Cavallaria Rusticana*, publicou n'uma revista italiana um curioso artigo sobre librettistas.

Só em Italia apparecem annualmente 1400 libretos de peças lyricas e só á sua parte, diz Mascagni, em media pôde accusar a recepção d'umas duzentas, cujos auctores pertencem ás mais variadas profissões como empregados publicos, carpinteiros, pintores e até sapateiros.

Em todos os paizes tem-se visto notaveis poetas e escriptores dos mais finos e amestrados fazerem uso da penna sem que d'ella tirem o menor proveito pecuniario e vivendo muitos principalmente do exercicio das suas profissões.

Assim é que alguns são medicos, dentistas, advogados, padres, empregados, etc.

Em certos paizes, porém, segundo a opinião mal entendida dos pretenciosos na litteratura, profissões existem que não se coadunam com a cultura das letras.

Assim, por exemplo, irritados pelas victorias alheias, tentam lançar ao esgoto do ridiculo o litterato que é pharmaceutico, ou que é dentista, aconselhando aquelle a fazer cataplasmas, ou este a empunhar o boticão em vez de cultivar, mesmo brilhantemente, as musas. Mas se o litterato fôr medico não o aconselham a empunhar o escalpello de preferencia a escrever lendas ou narrativas!

E porque?

Porque a palavra *medico* tem hoje universalmente uma significação bastante distincta e não se confunde com esta outra — *mezinheiro*.

Em toda a parte do orbe civilisado é defeza a arte de curar aquelles que não estiverem munidos dos competentes diplomas scientificos, adquiridos depois de longos annos de estudo e de trabalho, n'uma academia ou n'uma universidade.

Infelizmente os ramos da sciencia medica, que devem constituir importantes especialidades clinicas, não têm merecido da parte d'alguns governos a devida attenção e assim é, que nos paizes em cujas faculdades não existem cursos especiaes obrigatorios e apenas exames praticos das ditas especialidades, os pharmaceuticos e os dentistas, em geral são tidos e considerados simplesmente como charlatães ou quasi como embusteiros. E o publico tem razão na sua maneira de apreciar, porque ambos habilitados ou não habilitados, são auctorizados pela lettra da lei; entretanto o dentista, o pharmaceutico, a parteira, necessitam relativamente das mesmas bases e quasi dos mesmos conhecimentos scientificos que o occulista, o psychiatriço, o dermatologista, etc.

Tal não succede nos Estados Unidos do Norte e em outros paizes, onde o aspirante a dentista tem de fazer o respectivo curso durante longo tempo, obtendo depois a graduação de doutor em cirurgia dentaria ou craneana.

N'este caso o dentista é um homem de sciencia e não pôde de fôrma alguma no paiz onde vai exercer a sua nobre profissão ser confundido com os charlatães tolerados pela lei.

Assim é que vemos conhecidos no mundo inteiro os nomes dos mais afamados dentistas do mundo, taes como os drs. Harris e Austin de Baltimore, Magitot em Paris, Rambo no Rio de Janeiro, Alexander em Portugal e outras muitas summidades medicas-dentarias, cujos altos merecimentos profissionaes, dotes de espirito e fino trato estão acima de toda a prova.

Nas faculdades de medicina do Brazil é obrigatorio o curso de tres annos tanto para dentistas como para os pharmaceuticos, devendo antes terem feito alguns exames de preparatorios. O codigo penal marca a pena de seis mezes de cadeia e quinhentos mil reis



ALVES CORREIA

de multa para aquelles que exercerem taes profissões não estando munidos dos seus diplomas.

Os charlatães são apenas tolerados nas povoações do interior dos estados, como succede nas feiras de Portugal e da Hespanha.

Não é pois para admirar que sendo o dentista moderno um homem de sciencia, seja tambem litterato ou faça por melhor instruir-se tanto nas letras como nas artes.

No Brazil e em Portugal nenhum escriptor de profissão, por mais notavel que seja, tem conseguido fazer fortuna pela penna. Raro é aquelle que d'ella fazendo quotidiano uso chega a obter os indispensaveis recursos para a sua subsistencia, e com excepção dos jornalistas principaes, quasi todos os grandes escriptores portuguezes e brasileiros, aquelles que não possuem bens de fortuna, exercem cargos publicos e outros misteres.

Terminando este ligeiro artigo julgamos ter dei-

xado bem clara a nossa intenção, que é pôr em evidencia os que têm intelligencia e desejo de saber, e pela nossa parte contribuir com os nossos fracos mas verdadeiros argumentos em prol d'uma cla se nobre, infelizmente em alguns paizes pouco apreciada fóra das suas attribuições.

Alexandre Dumas (filho) recebe pelos direitos de auctor das obras de seu pae 50:000 francos annuaes. Emilio Zola vence pelos seus folhetins 50:000 francos. Julio Mary recebe o mesmo. Adolfo d'Ennery ganhou francos 500:000 com a sua novella *Remorsos d'un anjo*. Xavier de Montepin cobra geralmente um franco por linha nos periodicos e um tanto sobre a venda quando os seus folhetins se publicam. Paul Bourget ganhou com a sua obra *Ultramar* a quantia de 100:000 francos. Isto é em França, porque em Portugal e no Brazil... trabalham muito e morrem sem vintem.

Haja vista Pinheiro Chagas!...

Por isso não admira que os mais notaveis litteratos d'estes dous paizes não façam das letras profissão e vivam das artes ou das sciencias.

Assim de um modo peremptorio podemos affirmar, que a litteratura não é uma carreira nem profissão. Para aquelles que pensam o contrario, o desengano não tarda em fazer-se sentir, em face dos abysmos que se occultam sob as flores do jardim das letras.

Não offendem pois os pretenciosos tentando ridicularisar, aquelles que cheios de iniciativa sabem viver de modo independente e honrado, ajudados pelas suas nobres profissões e nós que temos o exemplo em casa e soubemos ganhar assim, não uma fortuna, mas os meios precisos para não sermos peizados ao proximo, podemos livremente nas horas de ocio dedicar-nos á creação das nossas obras.

Se fossemos simplesmente humildes artistas teriamos muita honra em sel-o. O maior homem de estado, quando no exercicio de qualquer cargo, é sempre um dependente, e o artista é independente e livre até morrer.



Alves Correia

A PRIMEIRA vez que o vi foi em 1886. Era elle então redactor do *Seculo*, em cujo escriptorio lhe fallei uma noite e fiz entrega d'um exemplar d'uma das minhas obras.

Recebeu-me com agrado e immensamente grato pela attenção despedi-me. Depois... só d'ahi a seis annos o tornei a ver. Ainda n'uma noite e na redacção da *Vanguarda*, onde tem conquistado invejavel renome, como um dos mais vehementes e pertinazes jornalistas portuguezes.

N'essa noite estava mal humorado... Talvez contrariedades... Convidon-me a voltar no dia seguinte depois de curta conversação. Palavra de honra que sahi d'alli crente de que Alves Correia era um homeu



intelligentissimo, mas tambem muito nervoso ou mau phisionomista. Em todo o caso, confesso, sou um dos muitos admiradores do seu talento privilegiado. Politico adverso ás actuaes instituições, desde muito joven, tem provado pela intransigencia do seu procedimento a firmeza e solidez dos principios que defende.

Os que militam em campo opposto, não deixam muitas vezes de lhe tributar o devido respeito.

A sua obra jornalística é já bastante numerosa, mas a actividade de que dá constantes provas é segura garantia de que não descansará nem sobre os louros nem sobre os espinhos colhidos.

## José do Patrocínio

Um dos jornalistas mais apreciados no Brazil pela infatigavel faina que desenvolve, sendo os seus escriptos lidos sempre com verdadeira sofreguidão porque n'elles se assignal-a perfeitamente a convicção das suas crenças e o ardor das causas que deffende.

Para aquelles que desfructam a sua amizade é um encanto ouvir-lhe a conversação doce e insinuante, graciosa e mordaz, como são os seus escriptos cheios de verdade, de espirito e sensatez.

O auctor d'estas linhas conhece José do Patrocínio ha cerca de 17 annos, e comquanto uma creança n'essa epocha, afastado da familia e soffrendo durante curto praso injustamente as reprezalias da sorte sem soltar um queixume, teve occasião de apreciar de perto e como visinho, os altos merecimentos d'esse grande apostolo da liberdade.

José do Patrocínio um dos mais ousados e destimidos campeões da causa abolicionista, é tambem um notavel litterato e sobretudo um d'esses oradores populares cuja palavra desperta sempre o maior enthusiasmo nos que correm a ouvil-o.

Publicou varias obras, entre as quaes *A Pena de Morte* e *Os retirantes* quando redactor da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Foi tambem radactor da *Gazeta da Tarde* e de muitas outras folhas até fundar a *Cidade do Rio*, que continua a dirigir ao lado de distinctos companheiros.

José do Patrocínio nasceu no estado do Rio de Janeiro (creio que em Campos) e deve contar quarenta e tantos annos de idade.

A publicação d'estas linhas e do seu retrato bastam para provar a admiração e respeito que lhe tributamos.



## Litteratura

### LUCINDA

Não és a flôr olympica e serena  
Que eu vejo em sonhos n'amplidão distante;  
Não tens as fôrmas ideaes de Helena.  
As fôrmas da belleza triumphante.

Não és tambem a mystica assucena,  
A alva e pura Beatriz do Dante;  
És a artista gentil, flôr morena,  
Cheia de arôma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que harpejo  
Eu sinto d'entro d'alma, quando vejo  
Teu corpo aereo, matinal, franzino...

Faz-me lembrar as vividas napeias  
E as fôrmas vaporosas das seréas,  
Rendilhadas n'um bronze florentino.

GUERRA JUNQUEIRO.

## À CAÇA...

Caçador, que andaes á caça,  
Tiro aqui, tiro acolá,  
Quando a caça, por desgraça,  
Sobre a vossa mira está...

Pum!... É minha!...  
Rôla mansa,  
Pobresinha!

Vae na rêde... vae na rêde...  
Outra ave se levantou...  
— Paixão cega — Senão vêde,  
Arma á cara... desfechou...

Pum!... Ferida!...  
Pena d'aza  
Desprendida!

Acha pouco... está em brazas...  
Continua a correria;  
N'isto, sente um bater d'azas...  
N'um relance, pontaria...

Pum!... Errada!...  
Ave arisca,  
Surriada!

.....  
Quanto caçador não ha  
Leitor, não me contradigas —  
Tiro aqui, tiro acolá,  
A caça... das raparigas!

NUNO DE BULHÃO PATO.

A vida não é mais que rapida vigília  
na noite do infinito; a ephemera illusão  
prolonga-se porém, chamando-se — Familia,  
entre os filhos, que vem e as mães e os paes... que vão

FERNANDO CALDEIRA.



JOSÉ DO PATROCÍNIO

## VERSOS ANTIGOS

### DIANA

Pendura o arco e a aljava caçadora  
Junto do lago, que se agita ondeante...  
Linda — entra na agua tímida, hesitante,  
Casta — receia, e receando, cõra...

Doira o brilho purissimo da aurora  
A ramaria verde, rumorante;  
Ouvem-se os beijos matinaes de Flora  
Enlaçada por Zephyro, distante...

Cantam aves de manso. Ella fluctua  
Nua, osculada pelas agnas, nua,  
Sonhando com o zagal dos seus amores...

Arfa-lhe o seio virginal de neve,  
E pudica estremece, ouvindo, leve,  
Uma nympha a correr por entre flores...

JULIO BRANDÃO.

## DESEJO

(AO DR. OSCAR LEAL)

A hespanholita sente que á pobreza  
Das suas vestes simples e mal feitas  
Deve o rigor de todos e as desfeitas  
Que lhe escaldam as faces. Na belleza

Dos seus olhos azues, cõr de turqueza,  
Estudaram o ceu todas as seitas,  
Tiveram as imagens n'ais perfeitas,  
Leram o Bem e o Mal e a Singeleza!

Não mais pensar nas flores que, pendidas,  
Guarda na velha cesta, humedecidas  
Gosando o resto de uma olencia fina!

E quer domar as vistas e os desejos,  
Ter a seus pés as festas de mil beijos  
E as graças todas d'uma bailarina!

Rio de Janeiro.

MANOEL LOBATO.



## À MEMORIA DE GUILHERME BRAGA

Bem sabeis que mentis, falsos levitas!  
quando o throno de Cesar pretendes  
amparar no altar. Vós, jesuitas!  
sêde, á vontade, os cumplices dos reis!

Mas não queiraes tirar do Evangelho  
um preceito sequer da tyrannia,  
que, qual lepra, roeu o mundo velho,  
e quer ainda roer o novo dia...

Quando Pilatos condemnou Jesus  
a ser pregado n'uma infame cruz,  
de inimigo de Cesar o accusou.

Como podeis agora proclamar  
a alliança do throno e do altar,  
de Jesus e do algoz que o assassinou?...

Porto.

HELIODORO SALGADO.



Camponeza dá-me um beijo  
Que eu te darei um vintem;  
Os beijos da camponeza  
São poucos, mas sabem bem.



## A PARTIDA DAS ANDORINHAS

CHEGA o outomno, e partem ellas...

Tinham pendurado o seu ninho nas torres da velha cathedral, porque ellas são boas; por isso em algumas povoações lhes chamam as *aves do Senhor*. Alli viveram embelezadas na primavera de fôra e na primavera de dentro: — d'uma e outra ouviam as musicas e os cantares, a voz do órgão e a voz da criação, os canticos da igreja e os canticos da natureza; respiravam os perfumes do thuribulo e da flôr; alegravam-se de vêr as galas da terra e as galas do templo...

Dir-se-hia que muitas vezes se calavam para escutar melhor, quando o sacerdote orava no pulpito e o rouxinol cantava na balseira... Que admira! D'uma vez S. Francisco d'Assis prégava a uns povos barbaros. O pipillar festivo das andorinhas, que estavam louvando ao Senhor, interrompia a sua prêdica. Elle fallou-lhes e disse: «Ha muitas horas que pipillaes, andorinhas, minhas irmãs; calai-vos (*teneatis silentium*) para que eu possa fazer soar a palavra de Deus.»

Ellas ouviram, e emmudeceram.

Quando chega o outomno, vão-se em demanda d'outros climas ou, como diz Michelet, em demanda de nova luz... É que as boas andorinhas são os apóstolos alados que andam cantando pelo mundo a magnificencia da primavera. Aonde houver flôres, chegam ellas. A sua missão não é cantar, — é louvar. O rouxinol tem na garganta os encantos da harmonia; — ellas teem no coração os encantos da candura. São boas, respeitai-as pois. Feril-as é chamar uma desgraça; derrubar-lhes o ninho é um crime que não fica impune. Ellas voltarão e, se o não encontrarem, levantarão ao céu os seus clamores. Confiavam em nós; por isso entregaram a sua casa. Mais as molestará a ingratidão do que o roubo, porque ellas teem menos voz e mais coração do que as outras aves.

Ide em paz, andorinhas. Respeitemos o vosso ninho. Sejamons bons para todos, — muito mais para os bons.

Se pensaes que ellas se esquecerão de vós, por mais formoso que seja o paiz que demandem, enganai-vos. Prendei a uma um laço de fita, um anel de retroz. Quando florir a primavera, ella virá dizer-vos: Aqui estou.

Ide em paz, andorinhas, e abençoadas sejaes.

Alberto Pimentel.



## DIALOGO

— D'onde provém a mysteriosa tristeza que te enubla o bello rosto e espaneia de tuas faces o gracioso sorriso? Acaso no céo de tua existencia pôde haver nuvens, pôde o bonito azul se transformar em trevas?

Suspirou, e esboçando um sorriso triste como uma lagrima, respondeu:

— Julgas felicidade o que não passa de illusão mentirosa como as imagens dos sonhos?

Felizes! Só podem sel-o no mundo os que amam e são amados.

Applausos, honras, triumphos, alegrias, de nada valem, de nada servem sem a retribuição do affecto que sentimos.

Quizera ser pobre, viver ignorada, como as flores e as avesinhas das mattas, viver bem longe d'esse mundo que me perverteu, sem que me chegasse aos ouvidos uma nota festiva do concerto de louvores que se levanta em torno de mim.

Todas as joias que fazem realçar minha belleza, todos os ornatos com que procuro attrair olhares de admiração, não passam de frivolidades que agora desprezo, porque são apenas indícios de vaidade que gosta de ostentação e de culto.

Ah! tu não sabes o que é ter-se o coração vazio, sem um affecto, sem o calor de outro coração, e ouvir-se sempre phrases banaes, eternos cumprimentos, encomios exaggerados, no meio d'essa multidão fallaz que hoje applaude inconscientemente o que amanhã rejeita e cobre de ridiculo!

No entanto, si elle quizesse, si com uma palavra, uma só, me arrancasse d'esse viver ficticio e illusorio, eu rejeitaria todo este apparatus de luxo, e pondo de parte estas sedas, tornando-me simples como a mais simples filha das aldeias, julgar-me-ia feliz, e talvez que por entre as ruínas do meu coração desabrochassem ainda flores immaculadas e puras.

Eis porque me achas triste, e porque eu mesma sinto erguer-se dentro da minha alma um pesar incomprehensivel que me provoca lagrimas e me faz ter remorsos d'essa vida de febre que me definha.

Elle, frio, indifferente passa junto de mim e nem sequer um olhar me concede a mim, que mendigaria como um misero indigente o pão compassivo que lhe mataria a fome.

Ceará.

F. CLOTILDE.



## Lisboa... alta noite

ERA por uma noite limpida e serena. A lua estendia seu pallido manto nas fachadas das casas e eu atravessava com passo rapido as ruas quasi desertas da formosa Lisboa. Sentia-me satisfeito, mas estava prezo d'uma excitação nervosa que n'enhuma distracção nem passatempo consegue muitas vezes debellar.

De vez em quando algum guarda nocturno passava vagarosamente por mim de cabeça occulta em longo capuz, lanterna furta-fogo n'uma das mãos e na outra deixando tinir o molho das pezadas chaves. Adiante algumas d'essas infelizes aventureiras da meia noite surgiam a cada passo, offerecendo com phrases banaes o seu amor de quinze minutos. Logo em seguida contemplava a frequente scena de uma entrevista amorosa.

Depois de caminhar ao acaso ainda por bastante tempo, dei commigo em frente do theatro D. Amelia. A função havia terminado e justamente n'aquelles momentos enchia-se a rua com o publico que d'alli sahia.

Cansado de ser espectador tantas noites seguidas de assistir a mil festas e diversões, fixei com attenção todo o sentido n'aquelle espectáculo, deveras interessante.

Filas de carruagens occupavam a rua de um a outro lado, recebendo cada uma por sua vez os elegantes pares, que assim commodamente se iam transportar aos seus domicilios ou antes a outras partes. Mulheres bellas com ricos e vistosos trajes, cobertas de sedas e brocados e adornadas de joias e pedras preciosas, sahiam tambem alegres e satisfeitas. Muitos jovens, irreprehensivelmente vestidos, quasi todos n'essa idade e n'essa predisposição singular de espirito em

que o amor não é mais de que um presentimento, quando amamos ideaes indefinidos e deitamos o mesmo olhar a todas as mulheres bellas e formosas, pela falta do ser concreto, em quem possamos condensar a affeição terna da nossa alma.

E continuavam a sahir muitas d'essas gentis lourinhas de expressão desdenhosa, indicando fastio ou altivez, e que nos fazem sonhar um completo eden de felicidade e ventura.

Algumas muito novas, outras entre as vinte e as vinte e cinco primaveras, idade esta em que a mulher ama com mais voluptuosidade e mais franca e encantadora graça.

Embebido nas minhas ideias, via e pensava, até que afinal reparei que as portas do theatro se fechavam, que a ultima carruagem dobrava a esquina proxima, onde desaparecia tambem um grupo de rapazes cantarolando alguns trechos da opereta representada. Segui o meu caminho então socegradamente, mudo e triste como quem desperta de um sonho apazivel.

Chegado á praça Camões parei subitamente ao lado da estatua do grande epico e logo depois retrocedi descedo o Chiado para entrar em um dos principaes restaurantes commummente abertos a horas taes. Mulheres novas e bellas, cejavam e fallavam alegremente ao lado de muitos d'esses rapazes folgazões, que entendem ser afinal de contas o melhor — gozar esta vida que muitos tomam por encantadora roleta e poucos, mas muito poucos, por uma cousa seria.

Lá estava um jornalista e um poeta conhecidos que me filaram por descuido meu e me convidaram a tomar parte no festim. Aceitei, porque afinal não ia ser conviva — ia ser espectador.

Então pensei que é realmente egoista esse systema de desfructarem uns, enquanto outros se atiram ao trabalho rude e pesado ou soffrem as agruras da miseria.

Confesso, eu era de todos os que alli se achavam, o de aspecto mais melancolico, embora buscasse dissimular, o quanto possivel, essa tristeza que me abatia diante do prazer e dos gozos mundanos. E não podia, assim mesmo entre estridentes gargalhadas, o tinir dos pratos e o espumar do champanhe, afastar da minha mente, as muitas reflexões que me continuavam a produzir no espirito profunda perturbação.

Emfim, quando ia vencendo o poder da vontade terminavam os festins.

Levantamo-nos e feitas as despedidas dirigi-me para a praça de D. Pedro e entrei na Monaco. É hoje uma das tabacarias da moda e muito frequentada pelos litteratos e alto pelintrismo lisboeta.

Devia ser hora e meia da madrugada.

Lá estava ao balcão um rapaz novo, bastante sympathico, de physionomia sempre alegre, ainda aquellas horas a cavaquear e a servir os freguezes.

Era o dono da casa. Um infatigavel que se conservava no seu posto de honra, entregue ao trabalho desde as 8 da manhã até ás duas da madrugada! Incrivel.

Entretanto a sua freguezia é composta especialmente dos que vão e voltam do prazer e da orgia, dos criticos litterarios e dos *flaneurs* de toda a especie, dos elegantes do Chiado e dos rapazes de bom tom. Enquanto uns estragam a mocidade na fruição de mil gosos, outros, como este joven, estragam-na luctando pela vida...

Accendi um charuto e tornei a sahir caminhando ao acaso. Sem saber como, dei commigo na rua nova da Palma e parei em frente do Colyseu, porque a presença de um corpo estirado aos pés d'uma creança que chorava estendendo-me as mãos lividas, embargaram-me os passos.

Julguei á primeira vista ter diante de mim um devoto de Baccho a cozer sobre a frieza das lages, forte muafa. Fazia frio, muito frio e a rua estava deserta n'aquella altura.

Inclinei-me para reconhecer o mal que affligia o desgraçado e abandonando o enfado de que me fizera possuir, vi-o erguer um pouco a cabeça e dizer-me entre soluços:

— Tenho fome, senhor.

Ia dar-lhe uma esmola, quando elle accrescentou:

— É tarde, senhor. Não quero dinheiro, quero pão. Reconheci que o infeliz era realmente uma victi-

ma da desgraça. Interroguei-o e elle disse ainda, mas a custo:

— Sou um operario sem trabalho ha 9 mezes e ha dous que fiquei viuvo e com tres filhinhas. As mais velhas deixei-as esta manhã com uma visinha quasi tão pobre como nós. Dê-me pão, senhor, não é para mim é para esta innocente... Quanto a mim não posso mais andar... estou sem forças...

O desgraçado mal ponde pronunciar estas palavras.

Sem perda de tempo relancei uma vista de olhos e com pezar notei que não estava uma só taverna aberta. Avancei alguns passos. Logo ao passar o pequeno largo, parei em frente de uma porta, por cujas aberturas partiam restes de luz. Era um botequim.

Levando a pequenita pela mão, bati e apenas aberta a porta pedi que me vendessem qualquer cousa para matar a fome aquelles infelizes. Comprei o que havia — pão, vinho e conservas, e enchi o encardido avental que a creancita levantou para receber o quinhão, partindo adiante de mim.

O infeliz operario então deitou-me um olhar agradecido e principiou a matar a fome.

Despedi-me d'elle depois de lhe dar tambem algum dinheiro e encaminhei-me para a minha habitação, certo de ter praticado o meu dever e sem me dar cuidado a lembrança de que um dia aquelle desgraçado venha a pagar-me o bem que lhe fiz com uma ingratidão.

OSCAR LEAL



## NOTICIARIO

A 14 de agosto ultimo entrou o nosso collega *Aurora do Ceará*, de Barcellos, no 29.º anno da sua existencia e por tão faustoso acontecimento d'aqui enviamos sinceras felicitações ao seo notavel reflector principal, o nosso amigo Dr. Rodrigo Velloso.

São tão assignalados os innumerables serviços que esse illustre escriptor e sabio bibliographo tem prestado ás letras brasileiras e portuguezas, que não podemos n'esta occasião, co no desejamos, em nosso nome e no de muitos amigos e confrades de alem mar testemunhar-lhe o nosso indelevel reconhecimento.

Quem como nós tem acompanhado os estudos bibliographicos que esse valente e imparcial escriptor publica na *Aurora* deve forçosamente reconhecer que é grande a somma de paciencia e de estudo empregado para esse fim. Depois a imparcialidade de que usa o julgador, elogiando quando entende ser merecido o elogio, ou dirigindo palavras de animação e phrases amaveis aos novos, sem nunca deprimir o merecimento de cada um nem de leve deixar transparecer o mais insignificante indicio de que a sua opinião é anticipada ou mal cabida, sempre pondo em evidencia o conhecimento que tem dos assumptos de que trata.

Parabens ao nosso illustre e denodado collega. E agora, confrades de alem mar que vos queixaes em vossas missivas da praga de zoilos que infesta os centros litterarios do norte do Brazil, mandai que se mirem n'este espelho.

*O Brazil*. — O territorio do Brazil está dividido em 20 Estados, 225 cidades, 460 villas, 684 municipios, 1:553 parochias e 40 curatos, alem do distrito federal.

A sua area é de 82.336:218 kilometros quadrados, com uma população actualmente de 18 milhões de almas.

*Em Funchal*. — Ilha da Madeira falleceu ha pouco o ex.<sup>mo</sup> snr. Julio Correia Acciaoli e a 5 do passado a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria Firmina Leal Coimbra, tia do director d'esta folha.

O snr. Joaquim Leitão publicou com as imperfeições de estrea, mas com as virtudes de uma imaginação fresca, um livro cujo titulo é — *Treno de Miséria*.

O *Brazil Litterario* é o titulo de uma nova obra que não tarda em apparecer, devida á penna do illustre escriptor José Sampaio (Bruno).

Esta obra comprehende estudos criticos do auctor sobre o movimento intellectual brasileiro.

— Varios poetas e escriptores congregaram-se no dia 31 de Julho ultimo no Rio de Janeiro, para commemorar o centenario do notavel epico brasileiro Bazilio da Gama, auctor do poema *Uruguay* e de outras joias poeticas.

Bazilio da Gama combateu o jezuitismo e, perseguido, veio para Portugal onde o Marquez de Pombal o tomou sob sua protecção. Depois da queda d'este voltou ao Rio de Janeiro e ali morreu a 31 de julho de 1795.



A *Republica Portuguesa*, folha que lá se publica sob a eretoriosa direcção do illustre jornalista portuguez Tavares Coutinho, prestou com numero especial o devido tributo ao saudoso poeta.

**Plebiscito Litterario.**—Na resposta á 2.ª pergunta (*Qual o romancista de mais segura analyse psychologica e estilo mais primoroso?*) do plebiscito iniciado pelo nosso collega O Reporter, a votação recahiu no nome de Eça de Queiroz, que obteve 410 votos. A seguir foram votados:

D. João de Castro, 58 votos; Teixeira de Queiroz, 53; Abel Botelho, 21; Alfredo Alves, 20; Claudia de Campos, 18.

4.ª pergunta: *Qual o publicista de mais valor?*

Ficou vencedor o dr. Teophilo Braga por 265 votos.

De volta da sua ultima viagem á Inglaterra já regressou ao Funchal, onde tem a sua luxuosa e pittoresca residencia, o nosso prezado amigo Tristão Vaz Teixeira Bittencourt da Camara, director e proprietario do *Diario de Noticias* d'aquella cidade.

Toda a correspondencia para esta folha deve ser unicamente dirigida ao director ou á redacção. Evitam-se assim os extravios.

Em Paris a *bicyclette* é usada tanto pelos homens como pelas damas. Nas avenidas do Bosque vêem-se mesmo maior numero de senhoras em *bicyclette* do que *cyclemen*. E não pensem que essas damas pertencem á categoria das damas de reputação duvidosa. As damas da alta sociedade parisiense, a começar pelas filhas do embaixador de Inglaterra, andam em *bicyclette*, que está entrando nos usos e costumes do *faubourg Saint Germain*.

Esteve em Lisboa o nosso amigo Carlos de Mesquita, notavel pianista e maestro brasileiro, laureado no Conservatorio de Paris.

O encontro de Carlos de Mesquita com Oscar Leal, antigos condiscipulos, foi dos mais joviaes e teve lugar no Grande Hotel Francfort, aonde depois d'um jantar alegremente interrompido entre saudosas recordações, foram trocados amistosos brindes ao servir-se o champagne.

Em companhia do nosso director, Carlos de Mesquita visitou na mesma noite o bello theatro de D. Amelia, assistindo á representação do Frei Satanaz e indo no dia seguinte á Praça de Touros, cujo divertimento não deileitou nem a um nem a outro.

O illustre maestro, antes de regressar a Paris, onde reside, realisou em Lisboa alguns concertos, que foram regularmente concorridos.

Carlos de Mesquita é irmão do nosso collega Roberto de Mesquita, actual correspondente do *Jornal do Commercio* em Paris.

O n.º 12 da *Illustração* de Pernambuco foi dedicado ao illustre maestro brasileiro Carlos Gomes, collaborando n'elle alguns litteratos pernambucanos.

A policia de Lisboa prendeu nas ultimas rusgas por devassidão e vadiagem muitas raparigas de dez a quinze annos de idade, frequentadoras dos muitos alcovees e lupanares que existem n'esta capital.

Algumas já foram postas em liberdade e outras apenas tenham cumprido as insignificantes penas que lhes foram impostas serão também soltas.

Foi igualmente prezo mais uma vez o *rapaz bonito*, vulgo Maria das Tairócas, que ha tempos foi com outros encontrado vestido de mulher (camarera) em um café da rua do Poço dos Negros, fazendo a delicia dos frequentadores do mesmo.

Foi approvedo nos exames finaes de desenho de figura por estampa, realisados ha pouco, o sympathico e intelligente alumno surdo-mudo da Real Academia das Bellas Artes, sr. Carlos d'Oliveira Magro.

Tão lisongeiro resultado prova as aptidões artisticas assim como os vastos conhecimentos litterarios do sr. Carlos Magro, cujas qualidades moraes e intellectuaes já se tinham evidenciado no collegio do sr. Fusillier, em Bemfica, de que foi um dos mais brilhantes alumnos.

Felicitemos o laureado estudante e a seus mestres.

Consta-nos que o sr. Raul de Azevedo, da redacção da *Provincia do Pará* enviou á livraria de Lello & Irmão no Porto uns escriptos para serem publicados em volume sob o titulo *Artigos e Chronicas*.

Somos informados de que o nosso amigo Manoel Arão, redactor do *Diario de Pernambuco*, vai publicar uma nova obra intitulada *Adultera*, editada pela livraria dos Dous Mundos na Bahia.

Aniosamente aguardamos o seu apparecimento e em nome do nosso director agradecemos a Manoel Arão a delicada lembrança que teve convidando-o para correspondente litterario da *Vanguarda*, folha de que o mesmo senhor é também redactor.

Com o titulo de *Bijouterias* vai Ernesto Santos publicar em Pernambuco o seu primeiro livro de versos.

Passou a ser editor d'esta folha o distincto cavalheiro Antonio J. Alves.

A magnifica revista *Iracema* que se publica no Ceará offereceu-nos, em um dos seus ultimos numeros, duas bellas produções do illustre poeta cearense o sr. Juvenal Galeno, auctor da *Parangaba*.

N'este numero collaboram também Henrique Vogeler, Alfredo Severo, Annibal Theophilo, Joaquim Carneiro, Lopes Filho, Alvaro Martins, Pedro Moniz, Lopes Ribeiro, J. Xavier Carvalho e Vianna de Carvalho.

A *Republica Portuguesa*, do Rio de Janeiro, abriu um plebiscito para saber entre outros, qual era o primeiro poeta brasileiro: Finda a votação obtiveram votos = Mucio Teixeira 12; Olavo Bilac 11; Raymundo Corrêa 10; Filinto d'Almeida 9; Arthur de Azevedo, Machado de Assis e Martins Junior 8; Alberto de Oliveira e Valentim Magalhães 7; e outros menos votados.

Com o titulo *Os Genios* entrou para o prelo, em Portugal, um magnifico trabalho litterario do nosso amigo e distincto poeta dr. Carvalho Ramos, residente em Goyaz—Brazil.

Enviaram-nos produções poeticas os snrs. Tecelino de Almeida, de Manãos; Arthur Goulart, S. Paulo; Manoel Lobato e Alcides Bahia, do Rio de Janeiro; Chiappini Giuseppe e Luiz Monteiro de Goyaz.

Parte no dia 23 do corrente para o Rio de Janeiro, afim de entrar para a redacção do *Jornal do Commercio*, o nosso illustre collega sr. Eugenio da Silveira, antigo e estimado redactor do *Seculo*.

N'esta epocha de escassos divertimentos na capital, cuja população elegante foi venearar em Cascaes, em Espinho e n'outras praias durante a estação balnear, para aquellos que regressam a Lisboa, ha contudo um sitio onde podem passar alegres e divertidas horas. É na feira de Belem, onde são innumeras e variadas as distracções. Alli perde o bom burguez a sua costumada gravidade para rir-se a faltar e bater palmas ás hespanholas que cantam e dançam a Sevillana nos diversos cafés, ou para ao lado de gentis raparigas nas barracas do peixe frito, entre as doçuras de ephemerhas paixões regalar-se com os deliciosos eiroses de caldeirada ou com um prato de salmonetes grelhados. E depois... o bom vinho verde, o famoso Cartaxo, o brando Collares ou o sympathico Carcavellos.

Mesmo para os que menos affeitos desprezem os prazeres gastronomicos e as aventuras amorosas, não faltam distracções de toda a ordem e emoções de toda a especie. Encontrarão alli variados jogos, os tiros ao alvo, a barraca da electricidade, dos cosmoramas, das figuras de cera, das danças africanas, dos animaes sabios e muitas outras curiosidades nos bazares e diferentes tendas cuja edificação grutesca faz o encanto dos numerosos passeantes, que se acotovellam nas diversas avenidas com as Marias e Maneis dos arredores de Lisboa ou com os recémchegados da Africa e do Brazil, já esquecidos das suas bellas côr de café ou das famosas caboclas que lá deixaram, para virem gosar ao lado das lours, rosadas e sympathicas filhas da península iberica.

Lá estão actualmente funcionando varias casas de espectáculo, entre as quaes:

*Theatro D. Carlos.*—Todas as noites a festejada operetta — *Niniche*.

*Theatro Bijou.*—Todas as noites espectáculo pela companhia infantil.

*Theatro Variedades.*—Todas as noites — *O filho do povo*.

*Theatro Electro-Magico.*—Fantoches articulados.

*Theatro Lisbonense.*—A louca do mar.

Á Feira. Á Feira.

A 10 do corrente falleceu em Cintra a sr.ª D. Maria Cecilia Assis Brazil, virtuosa esposa do dr. Assis Brazil, ministro do Brazil n'esta corte, a quem apresentamos as nossas sinceras condolencias.

Chegou a Lisboa um dos mais distinctos membros da colonia portugueza em Goyaz—Brazil, o sr. Adolpho de Amorim. Agradecemos a visita que nos fez.

Guerra Junqueiro, o immortal auctor da *Morte de D. João*, tem no prelo, em Paris, uma nova obra, cujo titulo, segundo nos informam, não é *A agonia* como particularmente constava e sobre o que nada podemos adiantar. Em todo o caso trata-se de uma publicação que vai causar ruido e despertar immenso entusiasmo entre os seus admiradores.

Eduardo Fernandes, nosso collega do *Seculo*, vai publicar uma satyra quinzenal em verso com o titulo—*Lisboa alegre*.

A *Madrugada* continúa a ser encontrada á venda a 200 reis o exemplar em Manãos na livraria de Silva & Gomes; no Pará na de Souza Nova & C.ª; no Maranhão na de Ramos de Almeida e C.ª; no Ceará na de Joaquim José de Oliveira; no Rio de Janeiro na de Lopes da Cunha, Quitanda 24; no Rio Grande do Sul, nas de Carlos Pinto e C.ª e Echnique Irmão; na Bahia, na de José Magalhães, á rua do Palacio.

Em Lisboa, na tabacaria Monaco ao Rocio e no Porto na livraria Magalhães & Moniz ao Largo dos Loyos.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa meza os seguintes livros, folhetos e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

*O testamento de um arrependido*, por Jonathas,

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica

offerta do distincto cavalheiro Pedro Ponce (Matto Grosso).

*Coração de mãe*—Drama em 3 actos de Julieta Monteiro e Revocata de Mello, distinctas litteratas rio-grandenses e redactoras da interessante folha *O Corymbo* (Rio Grande do Sul).

*O Cenaculo*—Tomo 1.º Summula: Dr. Justiniano de Mello, por Dario Velloso, *Os Instinctos*, por Justiniano de Mello, *Galeria Paranaense*, por Leoncio Correia, *Anniversario*, por Claudino dos Santos, *Mãe*, por Leoncio Correia, *America do Sul*, por Ernesto d'Oliveira, *Dhulia*, por Silveira Netto. (Paraná).

Esta publicação é bastante util e interessante; são seus directores: Dario Velloso, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

*Nevoeiros*, versos, por Eustachio de Azevedo, da Bibliotheca da Mina Litteraria do Pará.

É um interessante volume de 130 paginas com um prefacio de Ovidio Filho que diz ser o auctor «um joven de muito talento e de muito gosto que *malgré* o meio litterario em que se desenvolve muito tem feito já».

O poeta que já publicou ha tempos outro volume com o titulo «*Orchideas*» onde se acham colleccionadas algumas mimosas produções, é realmente um talentoso e, sobretudo, um homem de ideias adiantadas, a quem agradecemos muito a offerta e dedicatória com que se dignou mimosear-nos.

*Revista Trimensal*, do Instituto Geographico e Historico da Bahia, vol. 2.º Cento e tantas paginas.

*Finalidade do mundo*, (Estudos de philosophia e teleologia naturalista, por R. de Farias Brito, da Academia Cearense. Typographia Universal, Ceará.—É um grosso volume de 324 paginas, contendo a primeira parte de uma esplendida obra, em que o auctor nos revela os seus altos conhecimentos de estudioso philosopho e grande pensador.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*Estrella do Minho* Famalicão. *O Conimbricense*, redactor Joaquim Martins de Carvalho (o decano dos jornalistas portuguezes). *A Bordadeira e Moda Portugueza*, Porto. *Progresso de Paiva*. *A Riv*, album de anedoctas e bons ditos. Faro, director Agostinho Chaves. *Noticias*, Margão, India Portugueza, (tri-semanario).

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados. Fomos visitados pela primeira vez pelas seguintes folhas:

*O Protesto*—Órgão do centro republicano Portuguez *Cidade de Bragança*. *Gurupaense*. Pará.

*O Trabalho*—Redactores Achilles Mello e Seraphim Pinto—do Penedo. *Vinte de Julho* do Pilar. Alagoas.

*A Verdade Valença*. *Revista do Norte*, Director Sidney Fisher; redactores Vespasiano Tourinho, Camillo Borges, Dionisio Penna e Antonio Silva, da capital. *Constitucional* Redactores Getulio Tourinho, Maragogipe *Paraguassu* Redactor Rosalvo Fraga, S. Felix. *Tribuna*, Areia. *O Binoculo* Alagoinhas. *O Combate* Nazareth. Bahia.

*O Piahy*, Therezina. *Gazeta do Commercio* Therezina. *Murmurio* Therezina. Piahy.

*Lanterna Magica*, Redactor Luiz Tavora. Pernambuco.

*Federalista*, Diario politico. Maranhão.

*Parahyba do Sul*. Rio de Janeiro.

*Miniatura*, Director José Louzada, Amparo. *Correio Popular* Director Simplicio da Costa; Franca. *O Municipio*, Redactor Ascanio Mallet; Lorena. S. Paulo.

*O Campo Bello*, Redactor J. Galdino Rios. *Folha de Barbacena*. *Municipio* de Curvello. Minas.

*O Bagéense*—Redactor Ferdinando Martino; Bagé. *Correio Mercantil* Director Cesar Dias, Pelotas (Publicação diaria) Rio Grande do Sul.

*Diario do Ceará*, Redactores J. de Serpa e J. Lino da Costa (Recebemos apenas o n.º 211 que servia de capa). *O Pão 22*, órgão da padaria Espiritual. O sr. Sabino Baptista, um dos seus redactores, usa para comnosco n'este numero, de muita amabilidade, mas mesmo muita, o que nos causou viva admiração e nos deixou convictos de que a molestia de que soffre o seu director não é contagiosa. Todavia temos em preparo um fermento especial para... elle fazer uso antes de amassar o sympathico pão e evitar as cocegas, de que só os leitores tiram proveito... Ceará.

Editor—ANTONIO J. ALVES



# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE 3.<sup>a</sup>

LISBOA - OUTUBRO DE 1895

ANNO II

## ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno ..... 10\$000  
Seis mezes..... 5\$000  
Em notas, vale postal ou em sellos remetidos dentro de carta ao director d'esta folha.

REDAÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondência para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

## ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno ..... 1\$500  
Seis mezes..... \$800

Publicação mensal — Tiragem 5:000 exemplares

## EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que enviarem a importância correspondente a um anno de assignatura da «Madrugada» receberão pelo correio os premios a que tem direito, constantes de livros e illustrações. Quem assignar esta folha concorre para a prosperidade da empreza, que trata por todos os meios de vulgarisar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous paizes.

A «Madrugada» continua a ser encontrada á venda em Má-nãos na livraria de Silva & Gomes; no Pará, na de Souza Nova & C.<sup>a</sup>; no Maranhão, na de Ramos de Almeida; no Ceará, na de Joaquim J. Oliveira & C.<sup>a</sup>; no Rio de Janeiro, na de Lopes da Cunha, Quitanda, 24; na Bahia, na de José Magalhães, rua do Palácio; no Rio Grande do Sul, na de Carlos Pinto & C.<sup>a</sup>.

Em Lisboa na Tabacaria Monaco e no Porto na Livraria Magalhães & Moniz, ao largo dos Loyos.

## O Nosso ANNIVERSARIO



Amplas e florentes foram as nossas esperanças quando a primeira vez concebemos a publicação d'esta folha e mais florentes são agora ao transpormos os umbraes do novo anno, porque nos sentimos animados a progredir em tão ardua tarefa diante do acolhimento lisonjeiro que a «Madrugada» tem conquistado de todas as pessoas illustradas, em Portugal, no Ultramar e no Brazil, aonde mais especialmente se destina.

Uma vez empreendida esta publicação não nos sentimos, como é sabido, dominados por vaidade alguma, mas sim fomos impellidos muito principalmente pelo vivo desejo de popularizar na bella patria de Camões os nomes dos mais distinctos litteratos brasileiros, de tornar conhecida uma litteratura na sua expressão mais clara e sublime e de apresentar ao leitor por muito exigente um jornal moderno, variado nos assumptos e ameno na forma.

Até aqui temos sempre envidado todos os esforços para não nos apartarmos dos principios consignados ligeiramente no programma e a esperança de continuarmos a ser uteis á patria está cada vez mais enraizada em nossa alma e n'ella jamais se hão-de sufocar os sentimentos nobres que abriga.

A «Madrugada» continuará a apparecer enquanto vivermos «n'este jardim da Europa á beira mar plantado» e tivermos saude e forças para sustentá-la conforme as nossas aspirações e ideias.

N'estas columnas jamais como até aqui faremos criticas acerbas, que possam ir cortar em flor as illusões dos que pretendem seguir a carreira das lettras.

Lutar sim. Havemos de combater a opinião extravagada que bate palmas a individuos collocados abaixo da sua missão e aos que profanam e bastardeam o jornalismo.

Nunca permitteremos a inserção de escriptos acriminosos e insultantes senão em defesa propria, isto é

quando pretensos embusteiros, desejando elevar-se á custa dos nossos credits, tentarem empanar o brilho dos nossos feitos. Isto mesmo quando reconhecermos ser o merito quem nos combate por qualquer causa ou principio. Ao contrario nem uma palavra.

Dizem que os abusos da liberdade pela liberdade se neutralizam; os erros e os abusos da imprensa, pela imprensa hão-de vencer-se.

Assim é que podemos tomar por santa a nossa missão, porque tende a elevar a nossa condição moral.

As columnas da «Madrugada» continuam a ser francas a todas as intelligencias cultas, e quando tenhamos de recusar inserção a escriptos ou produções



JOÃO DE DEUS

de nullo merito, podem seus authores ficar certos que a nossa penna quebrar-se-ha no dia em que nos fôr mister usar do sarcasmo, em vez de usarmos do costumado e respeitoso silencio.

A Direcção

## João de Deus

A alma poetica do Povo Portuguez encarnou em João de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingenuo e profundo, infantil e sublime, se explica a sua vida e a sua lenda; a sua fluida e singela maneira de improvisador e rapsodo errante; os themas eternos e simples sobre que incessantemente se exerce o seu poder d'idealisação; a graça da sua melancholia e a suavidade da sua ironia; a viçosa duração dos seus versos sobrevivendo a todas as evolu-

ções da arte e do gosto que tanto verso atiram cada anno para o lixo das Litteraturas; a luminosa facilidade com que captiva os espiritos mais privativos, e ainda os mais saturados de cultura critica; e emfim esta sympathia que irradia, por todos sentirmos n'elle como a expressão genuina dos nossos ideaes nativos, e que hoje nos traz aqui, como ramos verdes, a cantar os seus louvores, em romaria amovel.

João de Deus, o João (porque a popularidade eliminou os appellidos que o prendiam a sua familia, e apenas lhe deixou um nome, como os santos, que são de todos) não se sentiu poeta lendo os poetas. Exactamente como o povo, foi pela musica, cantando á viola dos campos, que elle penetrou na poesia. As suas primeiras estrophes foram arrancadas, como soluços naturaes, pela morte, pela injusta morte, a d'aquelle «lyrio delicado e fragil» que tão docemente se debruçava d'uma janella da velha Coimbra romantica, e que murchou antes de abrir. Depois, muito naturalmente tambem, — porque se uma flôr sêcca outras desabrocham e dão o seu pleno aroma — cantou a belleza forte e o Amor. Mas pelo Amor facilmente se vae a Deus; e o seu genio poetico tomou o habito d'esse caminho transcendente, e por elle se passou a sua existencia lyrica, peregrinando da Terra ao Ceu, recolhendo do Divino ao Feminino, ora arroubado ante o poder do Senhor, ora ante a graça de dois olhos finos, de tal sorte que na adoração continua do seu verso se confunde por fim Maria que está nos Ceus, e aquella que fazia meia, sentada á porta do seu casal, com o peito redondo e arqueado:

Como de pomba farta e satisfeita...

E para elle, como poeta, não existiram mais senão estes dois interesses, a Mulher e a Divindade. A todo o seu seculo, a este fecundo e revoltoso seculo permaneceu sempre alheio, senão pela intelligencia, ao menos pelo sentimento. Nem a ruidosa deslocação de classes; nem as illusões humanitarias da Democracia; nem a conquista violenta dos Direitos Politicos; nem a obra grandiosa da Sciencia experimental; nem as audacias da Mechanica; nem revoluções sociaes, nem transformações espirituaes — o commoveram ou tiraram um som á sua lyra amorosa e sacra.

Menos ainda influiram na sua pura arte de cantar, essa passagem de formas novas que vão surpreendendo e mudando o gosto desde Lamartine até Verlaine. Como se fosse o primeiro Homem, antes de nascerem outros homens, e começarem os livros, João de Deus ficou sempre fechado no seu Paraizo poetico — com Eva e com Jehovah.

Mas pela nobreza dos seus instinctos religiosos, pela força da sua rectidão intellectual, pelo sentir intenso da belleza — elle, sem passar pelos dogmas, procurou e por vezes encontrou a Divindade; ignorando as Poéticas, realison supremamente a Poesia; e sem attender ás Metaphisicas, chegou, na sua obra e na sua vida, á pura verdade moral.

É pois bem justo, e util para a dignidade pensante da nossa terra, que entre todos apontemos para este



homem, tão poetico como os poemas, murmurando, com a reverencia e o Amor do velho florentino; —  
*Onor ate l'altissimo poeta!*

EÇA DE QUEIROZ.

## Affonso Celso Junior

Bem poucos escriptores teem conquistado tantas sympathias no Brazil como o auctor dos «Vultos e Factos.»

Affonso Celso nasceu na capital de Minas Geraes, é filho do illustre Visconde de Ouro Preto e conta 34 annos. Em 1880 bacharelou se na Faculdade de Direito, de S. Paulo, tirando o titulo de doutor no anno seguinte.

Embora o nosso crêdo politico, de hoje, divirja, o seu talento enche-nos de admiração. De hoje, dissemos porque embora Affonso Celso tivesse sido eleito pelo antigo partido liberal, a sua estreia na Camara foi quasi a de um convicto republicano.

Talvez impellido por um nobre sentimento filial é que ultimamente poz de parte as suas antigas crenças e quasi afastado das luctas politicas vemol-o dia a dia enriquecer a litteratura patria, á qual tem prestado muito bons serviços.

São estas as suas obras publicadas, algumas das quaes tem alcançado notavel voga: *Devaneios, Poemetos, Telas sonantes, Camões, Vultos e factos, Minha filha, Imperador no exilio, Lupe, Rimas d'outra ora, Notas e ficções, e Um invejado.*

O dr. Affonso Celso Junior, que é um cavalheiro muito affavel e delicado, é lente da Faculdade Livre de Direito, official da Legião de Honra da França, e S. Thiago de Portugal, membro da Sociedade de Geographia e Instituto Historico, do Rio de Janeiro, e da Academia de Sciencias, de Lisboa etc.

## Litteratura

### NA FOLHA D'UM ROMANCE

Moldada ao bem nasci, mas debil planta  
Verguei do vicio ao sopro pestilente;  
D'entre o vicio porém minha alma ardente  
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levanta  
N'um pobre coração inexperiente,  
D'elles a culpa é toda! uma innocente  
Não consulta a razão, razões suplanta.

Cahi, verguei, Senhor! já pervertida  
Graças, beijos vendi, vendi belleza,  
Triste commercio de mulher perdida.

Oh! mas, Deus do amor! foi só fraqueza:  
De impias mãos me arrancaí, tirai-me a vida,  
Alcance-me o perdão mortal tristeza!

Messines.

JOÃO DE DEUS.

Teu doce nome eu escrevi, um dia,  
Na fôfa areia da deserta praia,  
Onde a vaga soluça e o mar desmaia,  
Onde a vaga chorava e o mar bramia.

Dias depois voltei!... O sol nasceia  
Lourejando a finissima cambraia,  
Que a babagem do mar gemendo espraia  
Na areia movediça, branca e fria.

Busquei teu nome em vão, por entre a espuma,  
E nem uma só lettra, ao menos uma,  
Eu encontrei escripta sobre a areia.

Que importa!... se o teu nome a cada instante,  
Vibra alegre em meu peito palpitante,  
Como a voz d'um canario que gorgeia.

Rio Grande do Sul.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

## AS LETTRAS

(FRAGMENTO)

A litteratura tem epochas de decadencia e elevação; de luz e sombras; de noite e dia—ora surge radiante como o sol, ora assoma carrancuda como a tempestade—já se notam n'ella, galas e primaveras, tudo para alegrar, tudo para sorrir, tudo para fortalecer;

já se lhe descobrem negruras, crepes e tristezas, tudo para desgostar, tudo para carpir, tudo para desfalecer.

Por isso as lettras parece que estão sujeitas aos phenomenos das marés: teem fluxos e refluxos—ora se espraíam abundantes, limpidas a fecundantes; ora se contraem sisadas, impuras e tetricas.

São como o oceano: erguem-se altivas, magestosas, espumantes, topetando com os astros; ou abatem-se, cansadas, corridas e envilecidas, até os mais fundos e tenebrosos abysmos.

Não as vêdes? Nas mãos do homem perverso, corrupto, immoral, e vil—instrumento do mal; nas mãos do escriptor consciencioso e probo—instrumento do bem; porque um considera as lettras, como expediente de industria e emprega-as como arma de malifícios e o outro só a considera como sacerdocio e só as emprega como guia de perfeições.

A elevação da litteratura significará pois opulencia e quem diz opulencia, diz luz: e a decadencia significará miseria, e quem diz miseria, diz escuridão. Na miseria do homem pôde haver luz, porque o talento, a graça, a poesia, o genio, todos os dons emfim que veem do alto, descem do mesmo modo e nas mesmas circumstancias ao lar do pobre e ao palacio do rico; mas na miseria da litteratura, porque as circumstancias são diversas, não haverá senão lucto e trevas.

BRITO ARANHA.



AFFONSO CELSO

## O PARÁ

BANHADA pelas aguas da bahia de Guajará, esta cidade parece d'ellas sabir, sentindo a palpação da grande arteria fluvial no mais profundo do seu leito.

Não se parece com o Porto, nem com Lisboa, nem com Veneza, Napoles ou qualquer outra capital europeia. O Pará é puramente, essencialmente uma cidade americana, parecendo a certas horas do dia em que o calor equatorial ahi se faz sentir com mais intensidade, entregar-se a delicioso espasmo, passadas as quaes o movimento e o bulicio se fazem sentir, denotando aos olhos do viajante extasiado, a grandeza do seu progresso sempre crescente e que augmenta anno a anno, dia a dia.

O seu horisonte é amplo e descortinado, as suas ruas e praças calçadas de madeira, são bellas e asseadas, as suas avenidas e boulevards em contrario das que dividem o centro das grandes praças europeas conduzem a lindos arrabaldes, avenidas orladas de encantadoras vivendas, de chalets e chacaras silenciosas e sombreados os seus trottoirs espaçosos por gigantescos vegetaes, que dão uma nota bem viva ao forasteiro dos esplendores da flora equatorial.

Passeios de asphalto e de cimento, jardins publicos sem gradeamento, entregues ao cuidado do povo que os frequenta nas horas de descanso, um theatro e uma cathedral, talvez superiores aos melhores edificios d'este genero existentes em todo o paiz; assim como muitos outros que seria longo citar, tornam esta cidade digna de ser visitada.

Não faltam ali riquissimas casas de modas e objectos de luxo, magnificos restaurants e hoteis, como os não ha eguaes em Pernambuco e Bahia, principaes cidades do norte do Brazil e superiores ao Pará somente em população.

Pouco mais de cem mil habitantes possui a bella cidade paraense e conhecer-se-ha quanto é grande o seu progresso, se se lembrar que ha dez annos passados a sua população era inferior a cincoenta mil.

Confeitarias, restaurants de luxo, carros de praça, mictorios publicos, estatuas e muita coisa mais que não existe n'aquellas outras cidades, ha e de sobra na bella capital paraense.

Entre os estrangeiros, salientam-se as colonias italiana e portugueza como mais numerosas.

A colonia portugueza tem perdido muito nos ultimos annos de sua antiga influencia na região amazonica. Ha porém crescido numero de individuos pertencentes a outras nacionalidades e que formam entre si sociedades independentes como nas mais capitais brasileiras.

Cada um d'elles conserva os seus costumes e o seu caracter nacional. Esta fidelidade ás tradições e hábitos nacionaes é notada sobretudo entre os inglezes sob a influencia de uma pertinacia forte bastante.

Um francez, um portuguez, um estrangeiro que se casa no Brazil torna-se forçosamente brasileiro, mas com o inglez succede o contrario. Quando este se casa a mulher é que se torna ingleza. Isto tem sido notado por mais de um escriptor.

O inglez no Pará não encontra morros onde se grimpe como no Rio de Janeiro ou na Bahia, mas alli como em toda a parte vive independente em tranquilos recantos e só trata de comer, beber e fazer bons negocios. Todavia no Pará o inglez ainda não conseguiu impôr-se como succede em Pernambuco, onde tem imitadores desfructaveis das suas excentricidades até entre gente de côr. Ainda me lembra d'uma vez ter visto á porta d'uma sociedade de dança em noite de *soirée*, parar uma carruagem e sahir d'ella um joven preto trajando casaca e levando na cabeça um vistoso gorro cinzento, com uma penna de pato espetada no mesmo. Procurando a significação d'aquelle singular costume, foi-me respondido—que... era á ingleza!...

A cidade do Pará é illuminada a luz electrica, como muitas outras cidades dos estados de S. Paulo e Rio de Janeiro já gosam d'esse importante melhoramento.

Actualmente ha alli centenas de predios em construção, sendo para notar que nos ultimos tres annos a vida tem-se tornado carissima, e um homem de posição regular, não pode viver decentemente com menos de quinze a vinte mil réis fracos diarios.

No emtanto, ahi onde a vida é cara, onde se soffre os rigores do clima, além das molestias endemicas que tem desaparecido quasi completamente nos ultimos annos, com as medidas de saneamento postas em execução, ninguém no Pará morre de fome, ninguém morre na via publica e n'esta raras vezes se vê um pobre estender a mão para pedir uma esmola. Quando infelizmente, isso se dê, é para notar que o desgraçado (felizardo?) é estrangeiro e muitas vezes especula com a caridade publica, que lá é prodiga e de mãos largas.

A este respeito devo dizer-vos que no Brazil raras vezes se vê um cidadão em dias adversos de sua existencia chegar a pedir esmola.

O brasileiro soffre calado, mas é soberbo e *tem nariz*; não estende a mão porque alem da humilhação julga molestar aquelles que não têm culpa dos males da humanidade. Se é pobre, se ainda n'este dia não almoçou nem jantou, por falta de meios, mas se em todo o caso tem no bolso um tostão, é capaz de dal-o muito generosamente ao primeiro que lhe estenda a mão e lh'o peça, fazendo aquillo mesmo que bem necessitava outro lh'o fizesse.

Nestas cousas o paraense, principalmente, estica o seu orgulho como a borracha da sua terra.

OSCAR LEAL

«Da conferencia feita pelo auctor na Sociedade de Geographia de Lisboa em 11 de novembro de 1894.»



## NOTICIARIO

O nosso illustrado amigo J. Arthur Montenegro já laureado na imprensa brasileira, aonde tem tido occasião de apresentar varios trabalhos historicos de bastante merecimento, trata agora da criação de um Instituto Historico e Geographico no Rio Grande do Sul, pelo que é digno dos maiores encomios.

**Imprensa Brasileira.**—Os mais antigos jornaes do Brazil são: o «Jornal do Commercio» com 72 annos de existencia; o «Diario de Pernambuco» com 70; o «Monitor Campista» com 55; o «Diario do Rio Grande» com 46; o «Correio Paulistano» com 42; o «Diario da Bahia» com 40.

O Gremio Tobias Barreto, de Pernambuco, está tratando de publicar um poemeto do apreciado poeta popular João Barreto de Menezes.

O Estado de Pernambuco e muitas outras folhas do Brazil reproduziram o nosso artigo—Litteratura Brasileira, do numero de 4 de Agosto ultimo. Agradecemos.

Falleceu no Rio de Janeiro o nosso presado amigo Antonio Amaro da Silva Canedo, senador pelo estado de Goyaz. O finado, poucos dias antes da sua morte, escrevera ao nosso director, de quem sempre foi sincero amigo.

O estado de Goyaz perdeu em Canedo, o goyano mais sympathico, franco e generoso que possuia. A sua familia os nossos pezames.

Existe entre Matto Grosso e Goyaz, no Brazil, um municipio, o de Sant'Anna de Parahyba, que consta de uma só parochia e tem um territorio de 158,273 kilometros quadrados, sendo 1:457 dentro da demarcação da decima urbana e 156,816 kilometros (3:500 leguas!) fóra d'essa demarcação.

Esta parochia é pois maior do que a Suissa, Dinamarca, Hollanda e Belgica reunidas e maior tambem do que a Baviera, Grecia, Portugal, Bulgaria, Servia e muitos outros paizes europeos e americanos.

E toda esta extensão, onde a natureza é prodigiosa, o que attesta e confirma o director d'esta folha, que por lá viajou, não produz a decima millionesima parte do que produz o mais pequeno dos Estados acima indicados.

## SONETO — RECLAME

Se quereis — dar gostosa gargalhada  
que o vosso pensamento alegre vòia;  
saber como é que trina a passara  
n'uma linda paysagem, fresca e boa.

Assignae, corações, *A Madrugada*,  
revista litteraria de Lisboa, —  
onde os versos e a prosa rendilhada  
fazem rir ou chorar qualquer pessoa.

N'ella seintillam vultos brasileiros,  
os mais notaveis homens estrangeiros  
e as mulheres de nomes conhecidos.

Cada pagina mostra uma figura  
em todas quatro brilha a formosura  
são paineis de sonetos guarnecidos!

Do Reporter — S. Paulo, Brazil.

M. P. Ferreira Junior.

Sobre a recente publicação intitulada *Brazileiros Illustres*, de que é auctor Oscar Leal, disse o *Século* de Lisboa, em seu numero de 5 de setembro, ultimo, o seguinte, que muito agradecemos.

«O conhecido escriptor brasileiro Oscar Leal a

quem por diversas vezes a imprensa portugueza se tem dirigido com louvor na apreciação das suas conferencias scientificas e na critica das suas muitas obras litterarias, acaba de encetar um novo trabalho que está reservado a prestar um grande serviço ao seu paiz. Referimo-nos aos «Brazileiros Illustres» de que está publicado o primeiro volume que se occupa do sr. Ulysses Pennafort (natural do Ceará) um dos ornamentos do Clero do Brazil e ornamento da litteratura do mesmo paiz.

Como acima dizemos, com esta publicação grande serviço presta o sr. Leal ao seu paiz e mesmo temos nós portuguezes occasião de ficar conhecendo muitas brilhantes individualidades brasileiras, que nos são desconhecidas e que tão dignas são da nossa attenção e do nosso estudo.

Esta publicação foi igualmente muito bem recebida pela imprensa brasileira.

A «Mala da Europa» importante revista quinzenal e muito lida no Brazil, tem publicado numerosos retratos de brasileiros illustres na politica, nas letras e nas bellas-artes, merecendo por isso toda a coadjuvação da parte dos nossos amigos de além mar.

Em um dos proximos numeros da *Madrugada* será publicado o retrato do nosso amigo e modesto compa-

para reproduzir os seguintes topicos da carta com que acaba de honrar-nos.

«Am.º e Snr.—Na qualidade de humilde representante da imprensa tenho a honra de enviar a V... o nosso jornal e solicitar a permuta com o illustrado orgão «A Madrugada» sob a creteriosa direcção de V...

A minha admiração pelo vosso conceituado jornal é immensa, mormente quando sei ser. V... meu patricio, representante das glorias brasileiras no estrangeiro... Em signal de admiração acceite um aperto de mão.

Do patricio etc. J. Silvino de Faria.

A nossa pasta está repleta de cartas d'esta natureza firmadas pelos mais distinctos homens de letras do Brazil e tambem de Portugal. É o que nos vale. Uma carta d'estas tem mais valor para nós que vinte duzias de assignaturas pagas adiantadamente.

Emquanto um nos blasphema sem obter de nós resposta, noventa e nove incita-nos a maiores commettimentos em beneficio das letras e cousas patrias.

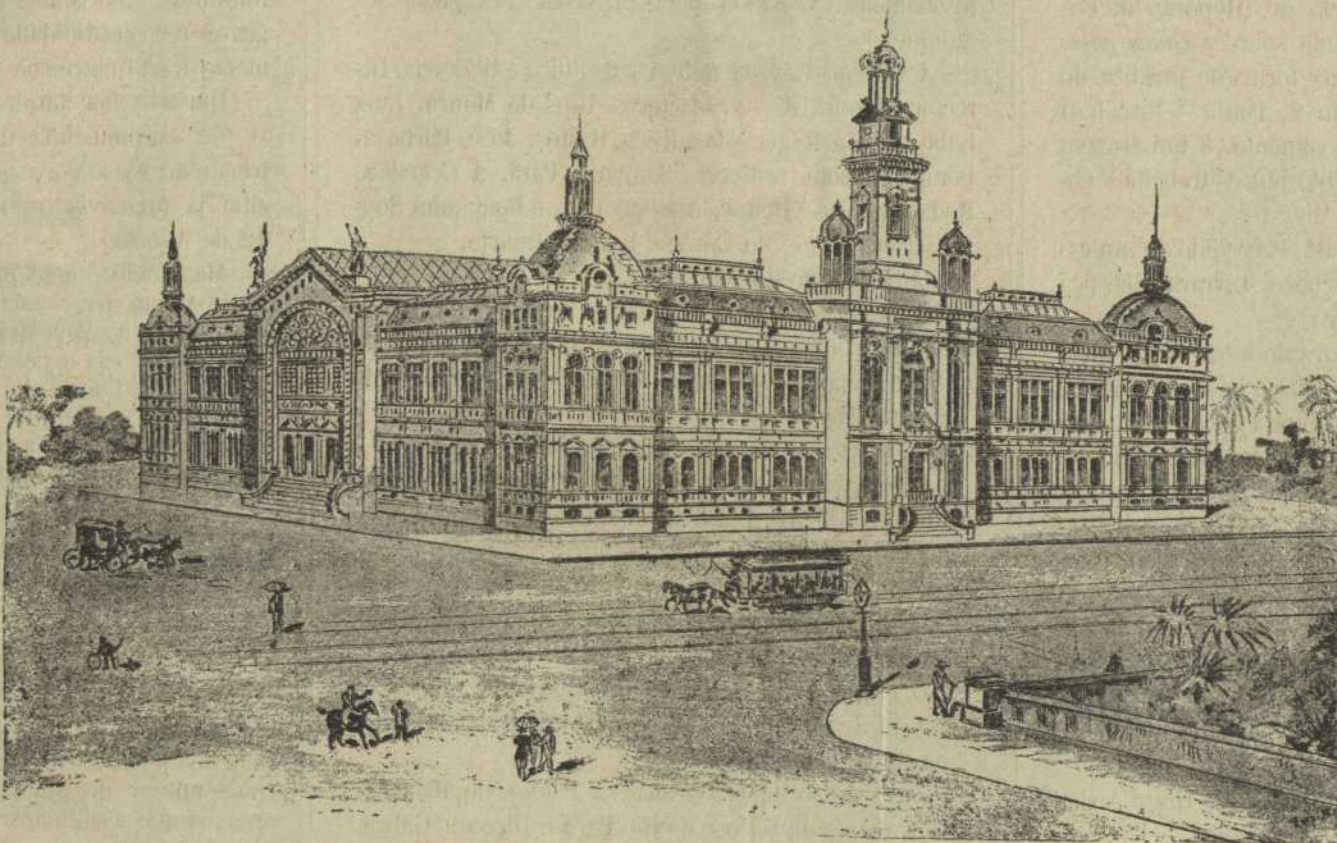
Ao Dr. Silvino de Faria os nossos agradecimentos.

Constou-nos ter apparecido n'esta cidade outro jornal com o nosso titulo, a cuja redacção fizemos sentir os nossos direitos visto estar registado o mesmo na Bibliotheca Publica.

O nosso amigo F. Pastor, notavel gravador e editor de magnificos trabalhos illustrados, trata agora de publicar um dictionario, modelado por o de Larousse, illustrado com cerca de tres mil gravuras, entre as quaes os retratos em ponto pequeno dos homens mais notaveis de todos os paizes e especialmente de Portugal e Brazil.

Disse-nos aquelle amigo que tem lutado com difficuldades para obter retratos e dados biographicos d'alguns brasileiros illustres e em vista da promessa que lhe fizemos, pedimos aos nossos leitores do Brazil a fineza de nos favorecerem com algumas copias photographicas, que serão duplamente aproveitadas.

N'esta folha não se recebem publicações pagas.



EDIFICIO DA BOLSA DO PARÁ

nheiro A. Lopes Carqueja e successivamente de alguns colaboradores.



O jornal italiano *Fanfulla*, que se publica em S. Paulo, já denunciou as explorações de que está sendo victima o Brazil por parte do governo italiano, prompto sempre a exigir indemnisações pelo mais insignificante motivo.

E como a Italia procedem outras nações, assim diz uma folha brasileira.

Os italianos rasgaram e arrastaram a bandeira brasileira em Petropolis e em S. Paulo? Indemnisse o Brazil a Italia.

As tropas francezas invadiram o territorio brasileiro, massacrando e aprisionando os naturaes? Indemnisse a França.

A Inglaterra roubou a ilha da Trindade? Indemnisse a Inglaterra.

E indemnisse sempre porque a questão é toda de dinheiro e quando elle faltar no Thesouro, mandem bananas por exemplo que as ha com fartura e terão justificado o titulo de macacos com que os mimoseiam.

Assumiu a direcção politica da *Vanguarda* o illustre jornalista sr. Faustino da Fonseca, visto ter deixado esse cargo o distincto sr. Alves Corrêa que trata de fundar outro jornal com o titulo *O Paiz*.

Ao distincto jornalista e advogado Dr. Silvino de Faria, do Estado de S. Paulo, Brazil, pedimos licença

## BIBLIOGRAPHIA

À disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar, temos n'esta redacção mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradecemos.

*Visão dos Tempos* — Epopeia da Humanidade, pelo dr. Theophilo Braga, Obras poeticas completas. Porto Livraria E. Chardron, successores Lello & Irmão. 4 volumes ricamente encadernados com 1618 paginas.

Tomo I Cyclo da fatalidade. Tomo II Cyclo da lucta *Universalismo hellenico e romano*. Tomo III Cyclo da lucta *Regimem catholico feudal*. Tomo IV Cyclo da liberdade.

Esta edição, verdadeiramente integral, comprehende nos seus quatro volumes todas as obras poeticas publicadas pelo auctor desde 1864 a 1894, taes como: *Bacchante* (1.ª ed. da Visão) *Tempestades sonóras*, *Ondina do lago*, *Torrentes*, *Miragens seculares*, livros que já de ha muito se achavam esgotados, e contém mais cento e vinte e sete poemas e poemetos ineditos, material que excede o d'esses cinco volumes agora incorporados sob o titulo de *Obras poeticas completas*.

Theophilo Braga tem assignalado a vastidão dos seus conhecimentos não só na imprensa como nas suas obras já publicadas. A collecção presente dos seus trabalhos poeticos que os snrs. Lello & Irmão acabam de publicar é a mais eloquente prova de que Portu



gal não está sequestrado do grande movimento científico do mundo moderno.

*Bibliotheca das Noticias* — É um folheto de 42 paginas contendo retratos, versos e trechos litterarios impresso e publicado pela redacção do *Noticias* em Margão — India Portuguesa.

*Os Genios* — Manoel L. Carvalho Ramos. I vol. de 252 paginas, brochado. Typographia de Souza & Irmão, Porto. Dizem que os apostolos de qualquer idéa, por falsa que seja, são sempre sinceros e a sinceridade é uma grande virtude. Lendo-se este livro, vê-se que o dr. Carvalho Ramos é alem de illustrado poeta, um homem sincero e verdadeiro. Talvez lhe tenha valido e de muito a solidão de que se cercou indo viver em Goyaz, no centro do Brazil, longe dos ruidos das grandes capitães, no seio de uma sociedade completamente differente da nossa, onde lhe sobra tempo para estudar e dar-nos de vez em quando, embora a furto, provas exuberantes dos seus altos conhecimentos.

Ao auctor enviamos os nossos emboras.

*Archivo Bibliographico* n.º 8 — Lisboa, da Empreza de vendas de livrarias. Traz um artigo do snr. Alves Marques e catalogo.

*Portugal Litterario* — Revista que se principiou a publicar em Lisboa sob a direcção do snr. Julio de Rosiers e da qual é secretario Fernando Mendes.

*Boletim da Casa Bertrand* Suc. José Bastos.

*Manutenção de Direitos* pelo dr. Hypolito de Camargo. É um brevissimo estudo sobre a *Quasi posse* do Direito Romano até a ultima formação juridica do Direito Moderno. Impresso em S. Paulo — Brazil. O auctor, que conhecemos pessoalmente, é um homem bastante illustrado e tem escripto outros trabalhos notaveis.

*O Uruguay* — Bazilio da Gama. Precedido de um estudo critico por Francisco Pacheco. Livraria Classica de Alves & C.ª, Rio de Janeiro.

O leitor ao terminar a leitura do interessante juizo critico do notavel escriptor Francisco Pacheco sente-se forçosamente impressionado e busca conhecer a obra do grande e saudoso vate que não obstante, como diz aquelle, ter florescido n'um periodo semi-selvatico, distinguin-se pela clarividente visão da justiça do futuro, exclamando propheticamente — Serás lido, *Uruguay*...

É valioso e bastante valioso o serviço que ás lettras brazileiras acaba de prestar Francisco Pacheco, nosso illustre confrade da *Republica Portuguesa* a quem enviamos parabens e agradecimentos pela gentil offerta.

*Os Silverios* — João Salgado, Editores Hugo e C.ª, Pernambuco. 2 volumes com 590 paginas.

Esta obra, cujo apparecimento annunciamos quando publicamos o retrato do seu auctor, era por nós esperada com ansiedade. Deixando alguma cousa a desejar quanto á parte material, pôde considerar-se primorosamente cuidada a parte technica.

É tal o atropello em que andamos e tantos os nossos afazeres que ainda não podemos terminar a leitura d'este magnifico romance; mas desde já prevemos o successo que deve ir obtendo e d'aqui enviamos ao seu illustrado auctor e nosso distincto amigo, mil agradecimentos pela dedicatória que nos fez.

*O Romance conforme a litteratura* — Silva Oliveira. Editora a Livraria dos Dous Mundos, Bahia. 1 volume de 58 paginas, optimo papel.

O auctor é um estreante que segue á risca o que a sua vontade lhe ordena e o que a sua mente lhe dita, esclarecida pela leitura de varios juizos criticos e apreciações sobre as obras de grandes escriptores do começo do seculo até á actualidade.

Ainda muito novo o joven academico, em quem reconhecemos intelligencia, deve vir forçosamente a fazer carreira nas lettras se continuar a estudar.

A Silva Oliveira agradeçemos a dedicatória e offerta do seu mimoso volume.

*Boletim da Sociedade de Geographia* de Lisboa, 14.ª serie n.ºs 1 e 2.

*Arcadia* — Revista d'arte, volume primeiro. Redactores: Brito Mendes e Felix de Mello. Este numero traz o retrato do sympathico poeta fluminense Olavo Bilac e collaboração de Emilio Kemp, Brito Mendes, Felix de Mello, Figueiredo Pimentel, Elysio Tyrteu, Alves de Faria e Francisco Pacheco.

*Madrid Letterario* — Director Florentino Molina.

*Brazileiros Illustres* (Perfis contemporaneos) Oscar Leal — Primeiro volume.

*Caturité* — Conto por Irenen Joffily — Pernambuco. Principiamos a ler esta interessante historia que não acabamos, commovidos e cheios de saudades e recordações das consas da nossa patria.

*O Coração* — (Esboço de um poemeto) Rodrigues de Carvalho. Bibliotheca do centro litterario do Ceará.

Chelley disse uma vez: «Um grande poeta é uma obra prima da natureza». Quem analizar este magnifico livrinho hade forçosamente crêr que o auctor principia a cultivar as Musas com brilhantismo e deve fazer carreira como poeta.

*Virou-se o Feitico* — Linda comedia de costumes por Amancio Pereira, distincto professor residente na Victoria, capital do Esp. Santo, Brazil.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*O Leme*. Redactor Nuno Castello Branco, filho do finado escriptor Camillo C. Branco. Famalicao. *Commercio de Cadaval*. Redactor Alexandre Agrella. *A Crença Liberal*. Redactor Hermenegildo de Alcantara, Lisboa. *Commercio de Penafiel*, *Revista Hispano Americana* de S. Francisco da California.

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados, cuja collecção já conta na nossa bibliotheca cerca de trezentos exemplares differentes. Fomos ultimamente visitados pela primeira vez pelos seguintes:

*A Epocha* Revista militar scientifica e litteraria. Director Oliveira Reis; redactores Rios de Moura, Luiz Lobo, Lebon Regis, Magalhães Bastos, José Barbosa, Pompeu Jacome e Ferraz Sampaio. Pará. *A Centelha*. Redactores José Heitor, Agapito Paes e Benjamim Souza. *Alemquerense* do Coronel Ramiro Duarte.

*O Estudante do Maranhão*.

*A Jandaia*. Revista da classe academica Director Joaquim Fontenelle; Redactores Bohemundo Affonso Octavio Mendes e Gervasio Nogueira. *O Jaguaribe* de Aracaty. *Phenix Caizeiral*, Ceará.

*A Gazeta do Commercio*. Parahyba.

*O Polichinello* n.º 3 Folha illustrada com o retrato do Dr. Ribeiro da Silva, distincto escriptor dramatico. Pernambuco.

*A Ordem de Itaocara*. *Angrense* de Angra dos Reis.

*O Rio de Janeiro*, folha diaria. Redactor dr. Cavalcanti de Mello. Rio de Janeiro.

*O Pequiry*. Redactor Ponte Cordeiro. *Cidade de Uberaba* de Cecilio Antonio da Silva. *Phalena* de Pitangy. Minas.

*O Trabalho* de Jaboticabal. *A Penna* de Batataes. *O Movimento* de S. José do Rio Pardo. Director Gabriel Ortiz, conhecido professor. *O Palmeirense*. Redactor Dr. J. Silvino de Faria de S. Cruz das Palmeiras. *O Cachoeirense* Ger. Gonçalves de Oliveira, de S. Antonio da Cachoeira. *Correio de Campinas* (Esta excellente folha diaria tem vindo mal atada, o que dá lugar a recebermos ás vezes só o n.º que serve de capa. O mesmo tem succedido com o *Diario* da mesma cidade de que recebemos apenas uma vez alguns numeros assim como jornaes de outras localidades).

*Echo da Lapa*. Redactor Pedro G. Oliveira. Paraná.

*O Echo do Povo* — Redactor, João A. Rodrigues. Corumbá, Matto Grosso.

*Gazeta Serrana* — Director, Nicoláo Catalano. Cruz Alta. Rio Grande do Sul.

Temos á vista o n.º 14 de *Tocantino* dedicado ao venerando chefe republicano Coronel Jacintho Machado Moreira. Pará.

Continuamos a ser visitados pelas seguintes revistas litterarias *Iracema*, *Capital*, *Perola*, *Thebaida*, *Revista do Norte*, *A Arte*, *A Tubá*, *Figarino* e *Sirius*.

Não temos recebido: *O Livro*, *A Renascença*, *O Cysne*, *Revista Theatral* e da *Illustração* de Pernambuco faltam-nos os n.ºs 12 e 13.

Temos á vista o ultimo numero da «Vanguarda» de Pernambuco redigida pelo illustre mancebo Manoel Arão e na qual collaboram Ernesto Santos, Honorio Carrilho, Arthur Bahia e João Barreto.

A *Republica* do Ceará, da qual é director o senhor João Eduardo Torres Camara, publicou em numero especial um magnifico retrato do finado Marechal Floriano Peixoto.

## CORREIO DE MANÁOS

No numero de 4 de Agosto ultimo noticiamos o facto dos senhores Louis Hermann e C.ª do Rio de Janeiro terem em 20 de Agosto de 1894 registrado sob n.º 28318 F e remettido para Manáos ao director d'esta folha uma encomenda e apesar de numerosas reclamações, ainda até esta data não recebeu o seu destinatario a dita encomenda. Nessa noticia referimos tambem o facto de ter o nosso director recebido em Lisboa alguns jornaes e cartas quasi todos com signaes evidentes de terem sido molhadas, abertas e fechadas de novo, o que foi testemunhado no correio d'esta cidade.

O senhor administrador do correio de Manáos ordenou a remessa para cá da correspondencia do reclamante, que por sua ordem lá esteve retida algum tempo, em virtude d'este lh'o ter pedido e em carta registada.

Agora, só depois das reclamações que o nosso director endereçou á direcção dos correios do Rio de Janeiro, á qual chegaram tambem outras por intermedio de parentes alli residentes, e passado um anno da data do registo, é que o senhor administrador do correio do Amazonas escreveu-nos uma longa carta em 2 de setembro ultimo na qual em admiravel linguagem, queixa-se de nós ácerca da noticia a que acima nos referimos, buscando ingenuamente defender-se da grave responsabilidade que lhe cabe no desaparecimento e não entrega a seu dono da dita encomenda.

Diz o senhor administrador n'essa carta:

«A encomenda de que V. S. tanto falla foi entregue ao vosso correspondente e procurador cujo recibo já foi enviado ao correio do Rio de Janeiro em 12 de Agosto».

Mas quem é esse procurador a quem S. S. se refere? Como se chama? Se o nosso director não auctorizou o senhor administrador a fazer entrega da correspondencia a pessoa alguma em Manáos e tendo S. S. a pedido d'elle, como já dissemos, enviado para cá o restante da mesma, como é que entregou ou deixou entregar a outrem lá, unicamente essa encomenda de valor? Porque não declara claramente na sua carta o nome da pessoa, que allega tel-a recebido? Será com um recibo assignado por um nome qualquer, que S. S. pretende justificar o desaparecimento da encomenda?

Não é possivel, mas em todo o caso isto é inaudito e os leitores assim como a direcção geral dos correios do Brazil que avaliem a importancia do caso.

Do que o senhor administrador do correio de Manáos devia e deve tratar é de averiguar o facto e tomar mais em attenção as nossas sensatas reclamações, pois apesar de ignorarmos o nome ou quem seja a pessoa que assignou o tal recibo de recepção, estamos como os mais que nos lêem, habilitados a afirmar que sem duvida trata-se de um furto audacioso e n'este sentido resta-nos endereçarmos as nossas queixas a quem em ultimo caso compete providenciar.

Para S. S. afirmar que o nosso director tem ahi procurador, devia ter visto a procuração por elle firmada, mas tal não é possivel porque não existe e nem elle tem correspondente nem procurador em Manáos.

Essa encomenda consta dos seguintes utensilios que eram destinados ao consultorio medico-dentario que o nosso amigo teve alli pouco tempo aberto e felizmente foi o mais pequeno e ultimo pedido que fizera aos senhores L. Hermann & C.ª.

«Uma caixa de ouro para aurificações.

«Um jogo de par.ºs para muflo.

«Uma ponta curva para motor n.º 4.

«Seis rodas de esmeril.

«Um espelho superior de cabo nikelado.

«Quatro collecções de dentes artificiaes.

Assim talvez não seja difficil á policia e ao senhor administrador saber a cujas mãos foram parar os objectos acima.

Ficamos por enquanto assim sem maiores explicações e o senhor administrador hade permittir-nos comtudo uma cousa — S. S. tem andado muito ingenuamente n'este negocio. É ainda para admirar que sendo tambem S. S. director de uma repartição postal, ignore o sello que deve trazer de lá para cá uma carta simples, pois já duas cartas suas dirigidas ao nosso director foram aqui multadas por virem mal seladas!

Na persuasão de que o senhor administrador saberá vir a cumprir com o seu dever e faça o possivel por desencantar esta encomenda, temos o prazer de lhe ensinar que o sobrenome do nosso amigo é Leal e não Lial como S. S. escreve.

A redacção.

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica



OSCÁR LEAL

# VIAGEM A UM PAIZ DE SELVAGENS

Obra adornada com muitas gravuras de Pastor — Desenhos do auctor — Livraria de Antonio Maria Pereira, Lisboa, Rua Augusta, 54

À VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DE PORTUGAL E BRAZIL

(A traducção franceza d'esta obra pertence ao auctor e a W. Battemberg)



O YGARAPÉ



OSCAR LEAL



O YGAPÓ



AYGARA



ALDEIA DOS APINAGÉS



CARARAY



OSCAR LEAL

# VIAJEM A UM PAIZ DE SELVAGENS

Uma expedição fotográfica ao interior do Brasil — Desenhos de Oscar Leal — Edição de Antonio Maria Pereira Lisboa, Rio de Janeiro, 1914.

A. LEAL, NAS PRIMEIRAS PARTES DO JORNAL O PAIZ.

(A. Leal, nascido em 1884, em São Paulo, e morto em 1914, em Rio de Janeiro.)





# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III

LISBOA - DEZEMBRO DE 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno ..... 5\$000

Publicação mensal. Tiragem 5:000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno ..... 1\$500

Portugal, anno ..... 1\$000

## EXPEDIENTE

Aos nossos leitores do Brazil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa d'esta folha em varias capitães do Brazil e para maior facilidade e mais facil acquisição baixamos o preço da assignatura annual para 5\$000 réis, moeda fraca. Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empreza que trata, por todos os meios, de vulgarisar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous paizes.

*A Madrugada*, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

**AVISOS**—Não se recebem publicações pagas.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao director, Correio geral, 222—Lisboa.

Jornaes mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugo.

Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.



## CRITICA LITTERARIA

**U**m dos obstaculos mais poderosos que se oppõem ao desenvolvimento de qualquer litteratura é a falta de verdadeiros criticos. Vejamos:

Publica um auctor uma obra qualquer e envia o exemplar de rigor a cada periodico; se não tem amigos passará pelo dissabor de nunca ver estampada informação alguma a tal respeito ou simplesmente uma simples referencia. Se tem amisade com determinados jornalistas e não teve o cuidado de lhes fallar em particular, pode sahir convicto de que só muito tarde será lembrado. A causa—os invejosos que o bisparam no momento da offerta e que vendo-o pelas costas lhe fazem triste ausencia, desancando-o a valer, invectivando-o, desacreditando-o. Em caso contrario pode esperar que consagrem ao seu livro, mesmo sem ser lido, seis ou oito linhas, quasi sempre no mesmo tom—que a obra é interessante, que revela em seu auctor bellas qualidades de espirito e que deve e merece ser lida. Emfim, se o escriptor tem amigos e não tem receios, o que não é raro, pode optar por uma das seguintes soluções: visitar um a um e cem vezes se for mystér a esses amigos para que dediquem á sua obra artigos encomiasticos e longos, sobretudo, ou escrever elle mesmo esses artigos, que devem depois ser assignados por condescendentes confrades que aguardam ser pagos mais tarde na mesma moeda.

Muitas vezes certos auctores astuciosos e machiavelicos fazem escrever ou assignam artigos em que se defende ou se ataca a sua obra, para suscitar polemica como melhor se costumam exprimir.

E' um ardid que produz quasi sempre bom resultado. Da leitura d'esses artigos resulta sempre uma boa impressão, porque em ambos se reconhece que o livro está bem escripto e revela em seu auctor excepcionaes dotes de estilista, de pensador e até de perito agronomo se vem ao caso.

A unica differença está que enquanto n'um dos artigos se elogia a obra incondicionalmente, apresentando-a como uma maravilha livre dos golpes da critica vulgar, no outro se afirma que leva muito longe o atrevimento da ideia, que apresenta claras de mais certas verdades e bem nuas as chagas sociaes, que peca por boa e por audaz em uma palavra.

Reuna o auctor isto e ao publicar um segundo ou

terceiro livro, (porque os maus litteratos são reincidentes como elles sós) publique tambem modestamente a opinião da imprensa sobre as suas anteriores produções e logo o teremos como homem eminente.

E isto não é chalaça. Succede todos os dias e a todos nós cabe mais ou menos responsabilidade n'essas fraudes litterarias, porque fraude é fazer passar gato por lebre, enganar o publico offerecendo-lhe como boas, mercadorias avariadas.

Raro é o dia em que não nos queixamos e muito dos falsificadores de substancias alimenticias, sem nos lembrarmos de que tambem é uma immoralidade contribuir para as indigestões e envenenamentos intellectuaes.

Estes conceitos não são nossos, mas fazemol-os nossos, para mais uma vez avisarmos os sympathicos leitores da *Madrugada* e tambem os auctores de diversos trabalhos litterarios, de que se devem contentar com o muito ou pouco que o encarregado da secção bibliographica disser dos trabalhos offerecidos a esta redacção, pois já é uma grande vantagem para elles—a certeza de que á amabilidade da offerta correspondemos com um elogio merecido ou com uma referencia animadora, em vez de criticas acerbas e más



JOÃO DA CAMARA

que vão levar o desalento a tantos jovens intelligentes que talvez mais adiante possam dar gloria á patria, embora infelizes nos primeiros ensaios.

A estes aconselhamos tenacidade quando acossados pela critica violenta, porque é n'esta occasião que melhor se evidenciam as suas qualidades de espirito e de caracter.

## AS REVISTAS LITTERARIAS

**A**s revistas litterarias tem, quanto a nós, um mais alto valor do que o de ser uma variedade de album para *delassement* dos ociosos, afim de que as folheiem, nas longas noites de inverno, junto ao fogão, meninos que fizeram a sua primeira passagem entusiasta pela odyssea ensanguentada do Romance e donzellas sentimentaes a termos de copiar versos da publicação que têm nas mãos para os remetter aos seus desgrehados Romeus, com o accrescimo de alguns erros orthographicos.

Não; se as revistas litterarias tivessem só a importancia de constituir um entretenimento agradável

e facil, não se deveria sobre ellas demorar a attenção do homem que estuda, que trabalha e que busca achar, entrever sequer, algumas d'essas soluções anciadas dos complexos problemas que o espirito, mais que nunca, hoje se propõe. As revistas litterarias possuem outra utilidade, mais séria, mais elevada. São largas syntheses de toda uma época artistica, são, por assim dizer, resumos onde o historiador critico das litteraturas pôde, mais facilmente do que em livros destacados, estudar o renascimento d'uma litteratura, a influencia de um escriptor, de uma theoria, a ligação intima e logica de individuos que parecem diametralmente oppostos, as causas e os effeitos de um movimento qualquer na opinião a formar d'um d'esses pontos sobre que o nosso espirito oscilla, como um cutello de balança na agatha em que pouça.

E' n'esses grandes agrupamentos de individualidades dispersas que, melhor do que em outra qualquer parte, se pôde ver a conexão dos pensamentos, a sua proveniencia, o seu desenvolvimento natural, as suas modificações, as suas ramificações, tudo o que constitue uma escola, a qual não apparece de improviso, tendo pelo contrario a sua explicação racional, que pertence ao critico trazer á luz.

Todas as manifestações da nossa actividade psychica; sciencia e arte, podem, pois, ser estudadas, na sua filiação e no seu desenvolvimento evolutivo, n'essas grandes syntheses chamadas revistas litterarias, onde ficam marcados os caracteres e se gravam os traços distinctivos d'uma escola, d'um movimento intellectual, d'uma época finalmente.

Esta a grande vantagem de taes publicações, afora as utilidades secundarias que seria superfluo expor.

Conservar qualquer d'essas publicações á altura que as considerações precedentes marcam a esta ordem de trabalhos deve ser todo o empenho, claramente, n'este periodo actual, tão digno do mais esmeroso exame para as gerações futuras, hoje que a sciencia reforma todos os seus velhos modos de considerar o cosmos, sob a influencia capital do principio da unidade das forças phisicas, na parte inorganica e da theoria darwiniana, ajudada pela chimica dos compostos do carbonio, na parte organisaada; hoje que a philosophia se torna positiva; que a politica forceja por se constituir em sciencia; que a sociologia deixa de ser as utopias de Morus e as lunatices de Fourier, para se tornar na formidavel synthese final do trabalho concorrente de todas as mais sciencias, fundada por Comte, bosquejada por Spencer; hoje finalmente que a litteratura participa, como força era, d'este movimento convulso que agita os espiritos, que destroe os idolos consagrados, que desloca, n'uma palavra, esses pontos cardeaes que nossa alma, duvidosa, demanda.

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO.

(Bruno)

## D. João da Camara

**U**m cavalheiro distinctissimo e um fidalgo de raça. É filho dos marquezes da Ribeira. Depois de ter frequentado a Universidade de Louvain voltou a Lisboa, cursou varias cadeiras da Escola Polytechnica e concluiu o curso de conductor de obras publicas no Instituto Industrial.

Logo em seguida, no exercicio da sua profissão, es-



teve nos trabalhos de varias linhas de caminho de ferro. Ultimamente dirige a repartição de construção de caminhos de ferro.

É um poeta primoroso de profunda concepção e os seus versos andam por ahi em varias publicações.

D. João da Camara não descança e nos momentos vagos que lhe deixam os seus affazeres, continua a trabalhar e a produzir magnificas peças para o theatro. Foi como auctor dramático que o seu nome se tornou bastante conhecido e das suas obras já numerosas e que lhe teem valido grandes triumphos basta fazer menção do drama em verso *D. Affonso VI*, que elle apresentou no theatro de D. Maria e ultimamente *A Toutinegra Real*, representada este anno, pela primeira vez, no theatro Principe Real, do Porto.

E assim fica em poucas linhas descripto o sympathico e illustre rapaz cujo retrato adorna hoje a nossa primeira pagina.

## CLOVIS BEVILAQUA

É um nome que se impõe á estima e consideração de todos pela sua brilhante e esclarecida intelligencia. Clovis Bevilacqua nasceu em Ceará, berço de tantos outros homens illustres.

Notavel como lente, apreciado como poeta e prosador distinctissimo, a sua obra encerra lances assombrosamente génios que maravilham.

É um dos escriptores mais apreciados no Brazil principalmente no norte do paiz, sendo os seus livros procurados e lidos por todos quantos se dedicam ao cultivo das letras e sabem ver n'elle um dos mais distinctos lentes da Escola de Direito de Pernambuco, aonde ha muitos annos reside.

Pode julgar-se um preguiçoso como elle proprio modestamente nos informou, certamente para evitar compromettimentos, que o podiam trazer ainda mais atarefado do que ordinariamente anda, todavia a sua obra grande e de valor, prova-nos o contrario. Que o diga a mocidade estudiosa que sabe aquilatar os seus altos meritos.

Conhecedor em extremo do meio em que vive, meio escabroso para aquelles que se queiram distinguir pondo em pratica os innumerados recursos ao seu dispor, o dr. Clovis Bevilacqua apparece aos seus amigos e admiradores quando é absolutamente precisa a sua presença, levando a maior parte do tempo entregue aos estudos e ao doce concheço do lar domestico. Criterioso e honrado nunca tem para os seus confrades senão o elogio ou palavras de animação que muito o ennobrecem e o tornam estimado de todos.

A sua individualidade hade sem duvida destacar-se na tella da historia patria brillantemente como tem direito pelas bellas faculdades que possui e o vão notabilizando.

São notaveis sobretudo os seus trabalhos juridicos, entre os quaes podemos citar como importantes peças as suas «Breves Licções sobre Legislação comparada» os seus excellentes «Ensaio Juridico sobre Economia Politica».

Ha pouco publicou um bello volume com o titulo — «Phrases e phantasias» e a livreria de José Magalhães, na Bahia, acaba de editar-lhe uma importante obra sobre direito.

Faltam-nos dados e informações para sermos mais longos nas nossas apreciações, como desejavamos, mas não importa porque para os leitores de quem o illustre biographado era desconhecido ha um recurso — o conhecimento que devem tomar dos seus trabalhos.



## Litteratura

Não fazes o que te peço ? !

— Não é possível, não desço a praticar más acções !

— Que desças, ninguém o exige; a baixa infamia transige nas mais altas posições.

Minas. Extr.

PADRE CORREIA DE ALMEIDA.

L.

Amo-a tanto, meu Deus! Nos sonhos bellos  
Vem as Estrellas tremulas poisar  
Ao pé de mim, e dizem-me a cantar:  
— Olha, somos da cor dos seus cabellos...

E vem a Lua e diz-me: — Nos castellos  
Que as nuvens fazem na amplidão do ar,  
Eu tenho a doce pallidez sem par  
Do rosto d'ella, em que tu pões desvelos!

E eu respondo ás Estrellas: — Quem vos déra  
Ter essa luz d'aquella que me espera!  
(E ellas fogem na abobada calada...)

E digo á Lua: — Vae buscar, á altura,  
Alguem que tenha a sua formosura,  
Alguem que seja igual á minha Amada!...

JULIO BRANDÃO.



CLOVIS BEVILAQUA

E' a vida um pomar. Entes ditosos  
Metade habitam do pomar contentes  
E ignorando talvez que pobres entes  
N'outra metade existem descuidados.

Comem os fructos d'ouro, saborosos,  
A' dor e ao soffrimento indifferentes,  
Os infelizes, no entretanto, os dentes  
Cravam nos pomos verdes e amargosos.

Porém, envidado, ó coração! Gozando,  
Sede mais sombrios e de vez em quando  
A ventura que tendes tão barata,

Dai ao que morde o venenoso pomo,  
Pois mata muita desventura — como  
Muita felicidade também mata.

Rio de Janeiro.

GUIMARÃES PASSOS.

## LOPES CARQUEJA



É um dos nossos mais dignos auxiliares.  
Nasceu em Lisboa e é filho do sr. José  
Lopes y Carqueja, um distincto hespanhol  
que viveu durante muitos annos em Portugal  
e que lhe soube dar uma educação distincta.

Ainda muito novo partiu Antonio Lopes  
Carqueja para o Rio de Janeiro, onde soube  
aproveitar as horas vagas que lhe deixavam  
os seus affazeres para melhor cuidar do cultivo intellectual. Foi  
lá que primeiramente o conhecemos e desde então tem sempre  
provado que é um dos nossos melhores amigos.

Bastante modesto, raramente assigna o que escreve, não  
com receio de ser fulminado pelos golpes da critica. Os seus  
trabalhos teem sido publicados em varias folhas de Portugal,  
Brazil e Hespanha, onde reside actualmente. De vez em quando  
Lopes Carqueja visita-nos com alvoroço, dando-nos sempre ple-  
nas provas do seu fino espirito.

## FUMISTA

Embora digam ser um máo costume  
Uma joven fumar, não me engabela  
Do vulgo ignoro a estúpida querela...  
Hei de casar com mulher que fume.

Quanto bom não será pedir-lhe o lume  
E, logo após, sorver dos labios d'ella  
Um beijinho envolvido no perfume  
De uma fumaça caporal-canela.

E depois, se o marido for poeta,  
Que lindo não será, que immensa graça  
Ver-se a fumar a musa predilecta;

Nos olhos tendo a luz que a verve traça,  
E, na boquinha rubida e correctá,  
Um madrigal n'um floco de fumaça!

ERNESTO SANTOS.

## HAYDÉA

Quando assim te contemplo, assim quando te vejo,  
serenamente bella a fronte alabastrina  
descançada na mão gentil e pequenina,  
do sol, que se despede, ao ultimo lampejo,

eu tenho na minh'alma um tímido desejo,  
que me seduz e arrasta e louco me fascina  
de te roubar á bôcca — á bôcca purpurina —  
todo o perfume santo e todo o mel de um beijo...

E quedo-me a seysmar, alheio á vida, ao mundo,  
e um pensamento só, mas grande, audaz, profundo,  
o cerebro me invade e em chammas mil se atea:

— arrebatat-te á vida e ao turbilhão das festas,  
e, humilde escravo teu, no fundo das florestas  
ir esconder-te, oh! bella, oh! peregrina Haydêa!

HORACIO NUNES.

(S. Catharina — Brazil).



## (Da Botanica amorosa)

Era por um meio dia quente. Á bella sombra do arvoredo  
ramalhudo, á margem de um fio d'agua crystalina e cantante,  
em *toilettes* frescas de passeio campestre, nós acabavamos de  
fazer um *lunch* frugal de framboezas sanguineas.

E ella, contente e saciada, passando a cambraia do lenço  
pelos labios rubros, que mais rubros ficaram ao contacto das  
framboezas polpadas, disse-me, apontando para uma ipoméa,  
que se enroscava luxuriosamente ao tronco musgoso de uma  
velha palmeira:

— Tu, que sabes tantas cousas lindas de flôres e aves, de  
perfume e côres, que aprendeste nos livros, dize-me porque é  
que aquella flôr é branca, rajada de azul, e a outra que lhe  
fica ao lado, nascida na mesma haste é simplesmente branca?  
E eu respondi-lhe:

— Corta uma das flôres, querida, e vem sentar-te junto a  
mim. E ella, graciosa e travessa, veio sentar-se nos meus joel-  
hos, tendo na mão a linda ipoméa rajada, que o gume dos  
seus dentes alvos separara do caule.

Comecei então assim:

— A historia d'esta flôr, minha doce Chloé, é uma historia  
de amor, porque é preciso que saibas que as flôres amam e  
sentem como nós outros humanos.

E, antes que eu te conte o caso provavel que pôz raios  
azues na linda ipoméa branca, deixa que te explique a corolla  
das flôres, essa corolla veludosa e perfumada como a tua cutis,  
é o leito de nupcias onde o amor vegetal sacia em segredo os  
seus desejos lubricos.

«Vés ahi no centro da campanula, que forma a corolla  
d'essa ipoméa, um filete erecto encimado por um capacete es-  
curo? E' o «pistilo», isto é, a esposa, que espera as caricias  
d'esses outros filetes, que a rodeiam, encimados tambem por  
uns bastonetes cobertos de uma poeira branca ou amarelada.  
Pois bem; esses filetes, que são os maridos, chamam-se «esta-  
mes» e a poeira que os cobre tem o nome de «pollen».

«Ora, se tu arrancares a corolla e os «estames», has de vér  
que, adherente ao calice, na base do «pistilo» ou esposa, existe  
uma intumescencia, que é o «ovario».

«E, se lemares a tua curiosidade até ao ponto de abrir o  
«ovario», has de encontrar dentro d'elle uns corpusculos pe-  
quenos, que se chamam «ovulos».

«Ora, agora, que já te expliquei umas tantas cousas fasti-  
diosas que precisavas saber para a comprehensão do que tenho  
a dizer, prepara-te para ouvir e saber como se faz o amor nas  
flôres.

«Quando a flôr desabrocha e a corolla ou thalamo nupcial  
se expande, o «pistilo» isto é, a esposa prepara-se para receber  
os beijos e caricias dos maridos ou «estames» que a rodeiam,  
segregando uma especie de gluten, que cobre todo o capacete,  
que o encina. N'estas condições, os estames deixam cair o seu  
pollen ou poeira fecundante sobre esse capacete da esposa, o  
qual se chama «estigmat», e, como este está coberto de glu-  
ten, o «pollen» adhe ao gluten e desce pelo filete, que é tu-  
bular, até ao ovario e ahi fecunda os ovulos.

«Ora, uma vez fecundados os ovulos, o calice, a corolla,  
os estames e o pistilo murcham e caem e só fica o ovario, que,  
fecundado, se vae desenvolvendo como um ventre materno até  
que se transforma em fructo.

«Mas, dentro d'esse fructo existe a «semente», que, lan-  
çada á terra, germina e produz a planta de onde surgem, no  
tempo proprio, as mesmas flôres que deram origem a essa se-  
mente.

«Eis ahi, querida, o circulo fatal e mysterioso dentro do  
qual gira silenciosamente a vida, o amor, a fecundação e a  
germinação das plantas.

«Ora, agora, que já estás ao facto d'estes doces e encanta-  
dores mysterios, imagina que, um dia, na primavera passada,  
a mãe d'essa ipoméa alva, de onde cortaste esta flôr rajada de  
azul, que treme na tua mão patricia, cobriu-se de flôres bran-  
cas e n'uma d'ellas pousou uma borboleta inquieta, que, mo-  
mentos antes, beijara o nectario d'uma ipoméa azul. O leve  
insecto, avido do mel da flôr, roçara as suas azas trepidas pelos  
estames da ipoméa branca, levava nas suas azas, inconsciente-  
mente, um pouco de pollen que os estames da flôr azul n'ellas  
deixaram cair.

«E, ainda inconscientemente, esse mensageiro do amor  
pousou na corolla da ipoméa branca e, ao introduzir n'ella a  
sua tromba até ao nectario, as suas azas, sempre tremulas, ati-  
raram com o pollen, que traziam, sobre o incauto «estigmat»  
da flôr branca.



«O que se passou então, d'alli em diante, tu já o sabes, minha doce naiade: esse pollen da flôr azul fecundou o ovario da flôr branca; o ovario desenvolveu-se e transformou-se em fructo, e, d'esse fructo, uma semente cahiu na terra e germinou, produzindo a planta que alli se enroscava áquella velha palmeira.

«E, então, como essa planta proveio do connubio adulterino de uma flôr azul com uma flôr branca, na epocha da florescencia, produziu muito naturalmente filhos mestiços, isto é, flôres simplesmente brancas e rajadas de azul, assim como poderia produzir flôres simplesmente azues á mistura com outras brancas e rajadas de azul e branco.

«E isto, pela mesma razão por que uma pomba branca, que casa com um pombo negro, é susceptível de ter filhos inteiramente negros, ou brancos com pintas negras e vice-versa.

«Ora, aqui tens o motivo, minha gentil curiosa, porque essa ipoméa, que os teus dedos roseos seguram é rajada de azul, quando as suas irmãs, provenientes da mesma mãe, são completamente brancas. O alado insecto foi a causa provavel d'esse desastre conjugal, mas também podia ter sido a brisa, essa brisa rumorosa, tão propicia ao amor, a mensageira clan destina do pollen da flôr azul que fecundou a flôr branca.

E ella, a minha doce companheira, fixando a ipoméa rajada na noite densa dos seus cabellos e pousando os seus olhos luzentes e penetrantes nos meus, disse-me, então, entre seria e risos:

— Então, aquellos estames... esses maridos, que cercavam o pistilo ou esposa na flôr branca, vigiando-o ciosamente...

— Foram logrados, minha amiga.

— Mas isso é um verdadeiro adulterio!...

— Sim, um pouco semelhante ao de Lucrecia, mas, em todo o caso, um adulterio.

— Pois, então, entre as plantas também?!...

— Sim, minha querida, entre as plantas, como entre os animaes, o adulterio, voluntaria ou involuntariamente, existe.

«Menclan e Scarron, aí de nós, habitam o orbe inteiro; no ar, na floresta, no campo, no seio das aguas, nas entranhas da terra, por toda a parte, enfim, o amor triumphou e faz victimas.

— Assim as lindas dhalias rajadas, aquelle esplendido cravo «chita» que hontem trazias na lapella do teu frack...

— Tudo isso, minha Chloé, são productos do adulterio vegetal. Mas, também, como seriam monotonas as flôres, se não se commettesse entre ellas esse peccado que tanto te espanta e que produz as variedades...

Brazil.

GARCIA REDONDO.

## O PASSARO AZUL

Do teu jardim na avenida  
N'um verde escuro, uma ave  
Gorgeia o hymno suave  
Da primavera florida.

E enquanto, ao romper do dia,  
São os doces descantes,  
Brilhão dois astros radiantes  
Atravez da ramaria.

O passaro azul que trina  
Do teu jardim na avenida,  
E' o amor que nos fascina  
Na primavera da vida.

E os dois astros peregrinos,  
Que fico, absorto, a fitar,  
São os teus olhos divinos,  
Que me fazem suspirar.

Extr.

THEOPHILO DIAS.



JOÃO BARRETO MANOEL ARÃO  
ERNESTO SANTOS

Que deliciosa trempe!

Tres rapazes de talento esses de quem vamos tratar ligeiramente n'estas linhas e que compoem a redacção da *Vanguarda*, sympathica revista litteraria que se publica em Pernambuco.

João Barreto de Menezes — É filho do illustre homem de letras Tobias Barreto, de saudosa memoria.

Nasceu no Recife, onde fez os primeiros estudos. Publicou já dous ou tres volumes de versos que foram bem recebidos pela imprensa e continua actualmente os seus estudos na Escola Militar do Ceará, de que é distincto alumno.

É poeta por temperamento e ninguém como elle recita ou improvisa melhor n'uma reunião, n'uma festa artistica ou litteraria, n'um theatro em honra á arte ou por occasião d'uma solemnidade qualquer.

Diante do Genio a sua organização agita-se, estremece. Então João Barreto enthusiasma-se e todo elle se curva em nervoso preito.

D'elle temos muito a esperar.

Manoel Arão — Muitas vezes tristonho e melancolico, mas acto continuo alegre, expansivo e eloquente.

Nasceu em Ingazeira, no interior do estado de Pernambuco, a 11 de Janeiro de 1873. Aos 13 annos já fazia versos que publicava nos jornaes da sua aldeia.

Rapaz de talento, faltava-lhe apenas o cultivo, mas como a fortuna até hoje não lhe quiz dar um ar da sua graça, tem como os seus dous companheiros luctado e trabalhado, ao mesmo tempo que estuda e adquire bons conhecimentos.

Abandonando um dia a sua terra, partiu Arão para o Recife, e, como filho dilecto e extremoso, teve a ventura de conservar-se ao lado da sua mãe, que o ama e estremece.

Confiado talvez na sua estrella, esperou que o trabalho lhe apparecesse e a felicidade lhe fizesse um aceno gentil, no novo

meio em que acabava de entrar. E logo encontrou um bemfeitor na pessoa do nosso saudoso amigo dr. Filipe Figueiroa, então redactor principal do *Diário de Pernambuco* (a principal e mais antiga folha que se publica no norte do Brazil) que o chamou para seu lado.

Assim, bem depressa o temos visto, pelas columnas d'esse jornal, pôr em evidencia a sua intelligencia clara e viva. É um talento que desabrocha, avido de saber e desejoso de luz.

Tendo arrostado sem dar o minimo cavaco com a critica violenta obra dos seus comprouvianos maus e invejosos, segue dignamente a carreira que encetou, em busca de louros que não tardará a colher.

Publicou já um mimoso livro de versos, *Intimas*, um outro trabalho em prosa e tem promptas para dar ao prelo duas obras — *Martyr e Anjo*, e *A adultera*.

Manoel Arão continua ao lado do virtuoso e distincto Dr. Antonio Witruvio, a desenvolver uma faina infatigavel, como um dos primeiros redactores do antigo *Diário*.

Nos momentos que tem livres trabalha e estuda.

Vivesse Arão em um meio menos egoista e talvez tivesse já encontrado uma alma generosa, que lhe estabelecesse uma pensão para estudar que é do que mais necessita. Todavia, confiado mesmo no vigor do talento proprio, sua unica riqueza, ha de conquistar palmo a palmo uma bella posição e um bonito nome.

Que lhe sirvam os nossos merecidos louvores de proveitoso estímulo são os nossos bons desejos.

Ernesto Santos — Poeta, por nascimento. Como os outros dous, uma creança ainda. A sua brandura, o seu olhar meigo e toda a sua simplicidade, assêmella-se a um véo que encobre sorrateiramente uma luz fulgurante e viva.

Os seus versos estão sendo reproduzidos nas principaes folhas do Brazil. D'elle é um bello e chistoso soneto que hoje publicamos na respectiva secção litteraria.

Ernesto de Paulo Santos é natural de Pernambuco e exerce actualmente um cargo qualquer na administração da cadeia do Recife, por isso não deverá causar admiração se um dia nos der uma prova analytica dos seus conhecimentos acerca das misérias humanas, mesmo sem as ter experimentado.

Este sympathico e modesto rapaz tem publicado já em folheto varios escores litterarios e trata agora de colleccionar as suas mimosas produções poeticas, para entregal-as á publi-



JOÃO BARRETO



MANOEL ARÃO



ERNESTO SANTOS

dade reunidas em volume. Santos é presidente do Gremio litterario Tobias Barreto.

A redacção e direcção da *Madrugada* publicando os retratos d'estes tres jovens amantes do saber e das letras, sente prazer por esta fórma em provar, que tanto elogia e applaude os grandes mestres, como os grandes discipulos.

## NOTICIARIO

O nosso illustre amigo e distincto poeta Julio Brandão, continua a favorecer-nos com a sua magnifica collaboração.

Julio Brandão está terminando um drama que será brevemente representado no theatro de D. Maria. O novo trabalho do sympathico auctor é esperado com viva anciedade.

Appareceu ha pouco no nosso mercado litterario um bello livro de J. Maria Anã, intitulado *O Poema da Juventude*, versos que mereceram ser prefaciados pelo erudito classico Dr. Candido de Figueiredo.

A respeito das mangas largas, usadas actualmente nos vestidos das senhoras, o illustre poeta Arthur Azevedo, do Rio de Janeiro, publicou os seguintes versos:

«Dos balões voltou a moda  
Mas aos braços applicada!  
N'uma platêa sentada  
Os vislucos incommoda  
Qualquer dama bem trajada

Que mangas, Virgem Maria!  
Mais calções parecem ellas!  
São mangas e companhia!  
Em cada manga d'aquellas  
Cabem trinta... da Bahia!

Por amor de bugigangas  
Todo o marido que é pobre  
Com a senhora tem zangas,  
Pois sem haver muito cobre  
Não ha panno para mangas!»

Enviaram-nos produções originaes os snrs. Soares Rebello de Margão, India; Horacio Nunes distincto poeta residente em S. Catharina; Luiz d'Alva de Pernambuco; Gonçalves Cerejeira de Coimbra; Luiz Monteiro de Goyaz; Rodrigues de Carvalho, distincto poeta residente no Ceará; José da Avó terno cantor do Bom Despacho em Minas; Arthur Montenegro, notavel escriptor historico do Rio Grande do Sul.

Os srs. Manoel Lobato do Pará, collaborador do *Democrata* e Francisco Maria Albernez de Goyaz remetteram-nos as suas apreciações sobre uma das ultimas publicações do director d'esta folha, que muito agradecido ficou.

O director d'esta folha e o illustre poeta Gomes Leal visitaram na noite de 16 do penultimo o Instituto 19 de Setembro na companhia dos nossos illustres amigos Manoel Barradas e Antonio Cabreira. Manoel Barradas teve a gentileza de convidar ao nosso companheiro e director para realizar alli algumas conferencias.

Figueiredo Pimentel acaba de publicar no Rio de Janeiro um novo trabalho que intitulou *Livro Mau* e ao que parece é um livro bom, (como informa uma folha do Brazil), onde o festejado escriptor realista diz:

Não creio em Deus; também não creio no homem  
por louco, tanto faz, pois, que me tomem  
aquelles que me odeiam e que odeio

Feliz o que, cercado de perigos,  
passa na vida, cheio de inimigos,  
de maldição inteiramente cheio.

No proximo numero publicaremos o retrato d'um illustre medico e escriptor, acompanhado d'um bem traçado artigo biographico, devido á penna do nosso illustre amigo snr. W. Battemberg.

O snr. Lafayette de Toledo teve a lembrança de enviar-nos um artigo biographico de Bento Ernesto, poeta mineiro que ha tempos participou-nos tratar da publicação de um seu livro de versos. Agradecemos.

Ha muita gente por ahí que não faz senão intimidar aos que desejam emigrar para o Brazil, fazendo-lhes crer que a vida lá é carissima, que o clima é lethal, que finalmente os portugueses são lá maltratados.

Ora façamos uma pequena comparação para vérmos que relativamente no Brazil vendem-se generos mais baratos do que em Portugal, como por exemplo a carne de vacca (com osso) que no Rio de Janeiro é vendida pelo preço de sete a oito tostões fraços e em Lisboa pelo de 400 réis fortes, ou seja ao cambio actual pouco mais ou menos, 25000 réis fraços!

No Brazil, só no estado do Amazonas a carne tem chegado a obter tão alto preço, mas assim mesmo vérmos que em Mañós come-se carne pelo preço que custa em Lisboa.

Temos muitos outros generos, mesmo importados, que no Brazil custam menos que em Portugal; o petroleo (kerosene) que regula o preço de 240 réis cada garrafa e aqui de 80 réis ou seja quatrocentos réis fraços; o café torrado superior 35000 réis o kilo e aqui 960 réis ou seja 45000 réis fraços!

Do que no Brazil ha falta não é de generos alimenticios, que os tem e com fartura, graças á fertilidade das terras que de tudo produz e com abundancia, do que lá continua a haver falta é de braços e de gente laboriosa e humilde. Assim é que em varias capitais brasileiras não se encontra hoje uma creada mesmo má, por menos de oitenta mil réis. Algumas ganham até 150000 réis e um cozinheiro sendo bom não vence menos de trezentos mil réis mensaes.

Quanto ao clima é suave e geralmente modificado pela vegetação, ventos reinantes e elevação do solo, em geral saudavel no interior do paiz e em alguns pontos proximos ao littoral.

E a respeito de mau trato dado aos estrangeiros e especialmente aos portugueses não passa de chacota, pois ninguém no Brazil deixou ainda de notar quão grande é a protecção que os brasileiros ricos dispensam aos portugueses e alguns ha que preferem a estes para os cargos de confiança, a individuos pertencentes a outras nacionalidades e mesmo aos nacionaes.

Por causa da pronuncia, acento ou inflexão da voz o portuguez recém-chegado ao Brazil soffre tanto o chasco e a troça do brasileiro como este sendo recém-chegado a Portugal soffre do portuguez.

É para notar sobretudo que o portuguez já domiciliado no Brazil é o primeiro a escarnecer dos seus patricios recém-chegados alli por causa da falla e dos costumes e diga-se da — ingenuidade.

Mas maltratados, explorados e chacoteados são os portugueses em Portugal, alcunhados brasileiros de volta do Brazil. D'elles troçam então o fidalgo quebrado, o commerciante infeliz, a mulher que lhe vende o amor de 15 minutos, o hoteleiro que o faz pagar tudo pelo dobro do preço e que ainda em cima brada-lhe pelas costas — que foi carroceiro ou taberneiro no Brazil e quer ser barão na sua terra... Mas é preciso separar o trigo do joio. Afinal elle passa sempre incolume e muitas vezes triumphante porque traz e espalha com fartura as bellas louritas, as sympathicas esterlinas.

Pelos snrs. Magalhães & Moniz editores portuenses acaba de ser posto á venda um bello livro de viagens do Conde d'Arnos (Bernardo de Pindella), intitula-se *Jornadas pelo mundo* e é um volume de 450 paginas.

A *Madrugada* apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

O incansavel editor Antonio Maria Pereira acaba de editar uma obra importante — o *Almanach encyclopedico* dirigido e prefaciado pelo nosso illustre confrade Eça de Queiroz.

Alberto Vieira nosso collega do *Tempo* prepara um interessante poemeto *A Terra da promessa*.

Assumiu o lugar de redactor do *O Brazil* no Rio de Janeiro o nosso amigo Ferreira Junior distincto poeta e escriptor conhecido.



*Folhas agrestes e não Flores agrestes* é o título de um volume de versos do sr. Soares Rebello, de Margão na Índia, a quem pedimos desculpa d'esta rectificação. Muito agradecidos pela gentil offerta e que continue a cultivar as Musas é o que desejamos.

Como um jornal annunciava que a empresa do theatro da Rua dos Condes tencionava fazer representar a peça de Dumas, *Francillon*, traduzida pelo sr. Alberto Braga, a nossa distincta collaboradora D. Guiomar Torrezão publicou n'alguns jornaes uma carta, em que declara que lhe pertence em Portugal a propriedade d'aquella peça, como prova com uma carta do auctor, que também fez publicar.

A proposito do enterro civil do grande escriptor Dumas, diz Rochefort, no *Intransigeant*:

«Tal facto, determinado por Alexandre Dumas, é a mais estrondosa bofetada que o clero tem recebido. O arcebispo de Paris cumpriria o dever ou gosaria a satisfação de absolver aquelle peccador. Pois bem, o peccador despediu-o — *Boas noites!* — e o arcebispo não ponde absolver e teve de ficar em casa».

A redacção do *O Brazil* convidou o director d'esta folha para seu agente e correspondente em Portugal. Oscar Leal, apesar de sobrecarregado de serviços variados e ser já correspondente de outras folhas do Brazil, respondeu que acceitava a honrosa incumbencia, sem que por tal motivo soffram abalo as suas antigas crenças. Imparcialmente prestará seus fracos serviços ao novo órgão fluminense.

Domingos do Nascimento, escriptor paranaense, auctor dos *Threnos e Arruados*, publicou na pagina litteraria da *Republica* n.º 245 de Curitiba duas bellas produções que muito apreciamos. N'esse numero collaboram também Joaquim Sarmanho e Francisco Guimarães. São collaboradores litterarios d'esta importante folha entre outros os distinctos poetas Leoncio Correia, Martins Junior e nada menos de cinco gentis damas.

O *Diario de Noticias*, importante folha que se publica no Pará e da qual foi o nosso director em 1886 a 87 franco collaborador, noticia em um dos seus ultimos numeros que cederá uma pagina duas vezes por mez á «Mina Litteraria» associação de que fazem parte alguns talentosos mancebos.

## UM SÓ!...

A magoa que meu peito sente por não poder gosar-te, oh! meu amor! é tanta, tanta que tenho medo de ver meu coração cobrir-se de luto eterno!

Oh! sertaneja bella, rompe a couraça que te cerca o seio e deixa que jorre o mel de amor que tens occulto atraz d'esses entumecidos pomos. E que eu, eu que loucamente a amo, seja o feliz que sinta enlazar-me os labios nas doçuras d'esse mysterioso mel, — mysterioso porque dá vida e mata!

Oh! saracura arisca, por que foges quando meus olhos, que só para vêr-te os tenho, te olham meigos, cubicosos, ternos?!

É que não sabes, é que não sentes, é que não avalias o que seja o verdadeiro amor — o amor que é puro!

Ah! se souberas, eu sei, d'esse peito que tão duro para mim se mostra, doces affagos só para mim terias!

Oh! deixa, deixa esses modos maus e vem applayar d'este novo Tantalos magoas enviando-me um beijo de amor — um só!...

Goyaz.

LUIS MONTEIRO.

## O RAMO DA ESPERANÇA

Um d'elles ergueu-se e olhou pelo mar...

— Terra?

— Não... não... Apenas o gume afiado e limpo do horizonte e o claro céu depois...

Os naufragos recahiram na morna prostração do desanimo.

Tres dias eram passados já, que o incendio e o oceano lhes haviam devorado o navio e os companheiros. Só elles restavam. Elles e o pequeno batel que os levava. O batel, e o largo mar immenso...

Em roda o sol quente e o medonho silencio solemne da calmaria morta.

Á vista, nem um panno branco!... Nem a fumaça do continente, além!...

Guiavam-n'os os cansados remos e a ventura: não havia mais pão: a agua ia faltar.

O quarto dia despontou brumoso.

Ah! que o digam os marinheiros: o nevoeiro é triste como os sudarios alvos. O nevoeiro amortalha a coragem.

Perdidos!

Mas, alguma cousa avizinha-se sobrenadando. Todos olham.

Um braço mergulha soffrego e levanta victorioso ao ar um ramo verde...

Verde como a esperança!

Salvos!

Alli, alli mesmo na bruma, adivinha-se a terra firme, como as palmeiras verdes da patria!

RAUL POMPEIA.



### BIBLIOGRAPHIA

Á disposição dos nossos amigos e mais pessoas que os queiram consultar, temos mais os seguintes, livros, folhetos, jornaes e revistas, cuja remessa muito agradecemos:

*Monographias historicas* por Silvado Godoi, com um appendice contendo o capitulo viii do livro de B. Mossé sobre a Campanha do Paraguay e o depoimento do general Resquin. Versão e notas de J. Arthur Montenegro. Rio grande do Sul 1 volume 129 paginas.

Arthur Montenegro que alem de distincto escriptor é também um aturado investigador, refuta bem algumas accusações do auctor, acrescentando notas elucidativas á narração que faz sobre as operações militares realizadas pelos alliados.

*Ousadias* mimosas produções poeticas de Soares de Souza, distincto cultor das letras residente em Parahyba do Sul, estado do Rio de Janeiro.

*Steppes* do mesmo auctor.

*Enfermo* — Idem.

*Hymno* do estado de Santa Catharina — Poesia de Horacio Nunes e musica de J. Brazilcio.

*Revista* trimestral do Instituto Historico da Bahia — Vol II Anno II n.º 5.

*Marietta* — Pequeno mas bello e bem escripto romance de que é auctor o sr. Horacio Nunes, e publicado em folhetim na *Republica* de Santa Catharina.

*Grandes Manobras* — Comedia em 1 acto do mesmo auctor e publicada também em folhetins na dita folha.

*O meu ideal* — Pequeno e mimoso folheto contendo mimosas produções poeticas de João Barreto de Menezes.

*Estatutos* do gabinete litterario Rio Branco.

*Anales* de la Sociedad Española de Historia Natural (Ao socio correspondente Dr. Oscar Leal) Serie II Tomo IV. Madrid.

*O vestido do noivado* mimoso conto de Placido Guerra. Maranhão. Mimo da *Philomathia*.

*Um officio* do Club Litterario e Altruista de Minas, trazendo ao nosso conhecimento a noticia de ter sido lembrado e eleito socio honorario o Dr. Oscar Leal.

*Poesias*, de H. Palma — Barcelona, Typographia Peninsular. Offerta do nosso amigo L. Carqueja.

*Poemetos e Quadros* — Damasceno Vieira. S. Paulo, 212 paginas em papel excellente e boa impressão.

Em primeiro lugar os nossos agradecimentos pela delicada dedicatória que o auctor endereçou ao director d'esta folha.

D'esta obra que tem sido mais ou menos bem recebida pela imprensa brasileira, que diremos nós, senão o que é de justiça dizer. — Que é boa e que deve ser lida. O auctor inspirou-se sem duvida nos accordes mellicosos de João de Deus sem esquecer-se do cantar mavioso do auctor das *Primaveras*.

A sua poesia «A Mulher» é um verdadeiro tributo á Graça e ao Amor. Encontram-se n'esta obra magnificos sonetos e a falta de espaço só nos permite enviar a Damasceno Vieira as nossas saudações.

*Livro da minha alma* — Luiz Guimarães, Filho. Lisboa. Bello volume de 112 paginas ricamente encadernado. Offerta do auctor com uma gentil dedicatória ao director d'esta folha.

E' o que se pôde chamar um verdadeiro escriptorio de joias poeticas. Luiz Guimarães, Filho, apesar de muito novo já é considerado como distincto poeta, pelo sentimento, vigor, espontaneidade, belleza e naturalidade das suas composições. O seu nome é já laureado na republica das letras e em todos os assumptos tem posto em evidencia a pujança do seu talento.

Ao sympathico patrio e distincto collaborador as nossas saudações.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*O Futuro d'Angola* (n.º 277) Red. Arsenio de Carpo Loan-da, Africa.

*O Extremo Oriente*, Red. Florindo Guedes — Hongkong.

*Sal e Pimenta*, Revista mensal de Horta, Açores.

*Louletano*, Jornal progressista de Loulé.

*Vida Nova*, Red. Henrique Bravo, Vianna do Castello.

*O Partido Nacional e O Crepusculo*. Semanario Litterario, redigido pelos jovens Ruy da Cunha, A. Vasconcellos Cohen, Procopio Pereira e Antonio Bandeira. Lisboa.

*O Brazil e os Estados Unidos* Publicação illustrada e successoria do «Novo Mundo» destinada a desenvolver as relações de commercio e amizade entre o Brazil e os Estados Unidos do Norte, sob a criteriosa direcção do sr. A. H. de Paula Coelho. (Collecção de Dezembro de 94 a Setembro de 95). New York.

*Arte*, Revista internacional de que são directores os distinctos poetas Eugenio de Castro e Silva Gayo. Coimbra. (Segunda mão).

A *Arte*, Interessante revista artistico litteraria. Directores, Albano Alves, Justino de Carvalho e Luiz Maya. Porto.

*Jornal dos Ociosos*, Suplemento de «A Arte». E' um recollo de ociosidades galantes, etc.

Fomos ultimamente visitados pela primeira vez, pelas seguintes folhas que se publicam no Brazil e que vieram enriquecer ainda mais a nossa collecção:

*Diario de Noticias*, de Belem, Red. Dr. Philippe J. de Lima.

*Cidade de Cintra*, Red. Cor. Cantidio Guimarães e Olavo Nunes. Pará.

*O Municipio*, de Picos — *Philomathia*, Directores Manoel de Bettencourt, Marinho Aranha, J. Xavier de Carvalho e redactores Reis Carvalho e A. Lobo de Mattos. Esta revista litteraria apresenta uma impressão nitida e é muito bem redigida. Os nossos parabens. — *Revista Elegante*, Orgão da importante casa Teixeira. — *Monitor Codoense*, Red. Elpidio Lima, Salazar Junior, Ignaio Silva e Marianna Luz. — *Alvorada*. Boa revista litteraria. Collecção completa. Maranhão.

*O Pegaso*, Red. J. Luiz Baptista, Theodoro d'Oliveira, Arthur Douville e João Pinheiro. Theresina — Piahy.

*Galeria Cearense*, Folha illustrada e collaborada pelos principaes escriptores cearenses. — *A Penna*, Revista litteraria muito bem redigida pelos distinctos litteratos Marcolino Fagundes, Jnlío Olympio, Gracho Cardoso e Mattos Guerra. O n.º 1 é illustrado com o retrato do Dr. Guilherme Studart, auctor da Historia do Ceará. — *Ceará*, órgão diario do partido republicano democratico. Dirigido e redigido pelos notaveis jornalistas Tiburcio de Oliveira e Martinho Rodrigues. Ceará.

*Diario do Natal*, Red. Elias Souto. R. Grande do Norte.

*Era Nova*, Red. Padre Augusto Franklin. Pernambuco.

*O Brazil* — Important folha que principiou a ser publicada a 15 de novembro. E' dedicada á propaganda dos principios monarchicos, defeza do commercio e industria do Brazil. O capital da empresa é de 150 contos sob a firma de Brazil, Ramos & C.ª.

*O Brazil* é um jornal moderno, de grande formato muito bem redigido e collaborado pelos principaes homens de letras de antigo regimen. O seu programma está perfeitamente explicado com elevado criterio e largueza de vistas. Rio de Janeiro.

A *Noticia* — E' um dos principaes órgãos da imprensa fluminense. Jornal de grande formato e muito bem impresso e redigido. A sua visita veio encher-nos de satisfação.

*O Americano e O Alpha*, da capital Federal. — *A Evolução*, do Lumar de N. Friburgo. Rio de Janeiro.

*O Rio Doce*, de Ponte Nova, de Sergio Martins. — *Novo Echo* do Sacramento — *A Faisca* de Perdão de Lavras, redactor Ribeiro da Silva. — *O Santelmo*, Red. Gomes da Silva — Fructal — Minas.

*O Nativista* de S. Paulo, redactor Agricio Camargo — *Correio do Jahú* de Joaquim Viegas — *O Municipio* de Brotas — *Gazeta de Caçapava* redigida por habeis pennas — *Cidade do Pinhal* — S. Paulo.

*Patria Nova* de S. Gabriel Red. J. Pedroso e F. Ramos — *Mercantil*, Folha diaria de J. Francisco Dias, publicada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

*Treze de Julho*, Red. Antonio Manhães, Victoria (Estado?)

## PRATOS LIMPOS

Não ha momento mais ditoso na minha vida do que esse quando ao folhear os numerosos jornaes noticiosos e litterarios do Brazil que costumam abarrotar-me a meza de trabalho, encontro entre as muitas referencias amaveis de que sou alvo, uma ou outra diatribe critica-litteraria, com que costumam mimosear-me uns engraçados nortistas, sedentos de nome e celebridade e cuja indignação e furor augmentam em face do meu silencio rotineiro e dos elogios que me tecem os mestres e os abalisados criticos do meu paiz.

E porque? Perguntará alguém.

Porque elles riem de mim quando estou a rir-me d'elles. Porque criticam ferozmente trabalhos meus escriptos para não serem lidos pelos tolos, nem pelos presumptuosos que não admittam defeitos n'um mundo em que tudo é imperfeito, como o é a propria natureza. Porque se eu escrever, por exemplo, como já me succedeu — *as relas coacham* e o typographo ou o revisor deixar escapar — *as relas coacham*, a sóva será certa e adeus para elles meus poucos conhecimentos, invertidos accidentalmente por uns e maliciosa ou estupidamente por outros.

Para o leitor perspicaz o effeito é nullo.

E eu a rir-me e elles... a rirem-se também. Ah! Ah! Ah!

E julgam esses insensatos zóilos que me desanimam com o seu ladrar de cães famintos em busca de um osso que não conseguem alcançar? Que tolos, santo Deus. Ah! Ah! Ah!

Ultimamente um d'esses engraçados, em arrancos de despeito mal contido, cansado de agredir-me e julgando-se escapo d'uma prova entre buchas, teve a... lembrança de mandar para cá dizer que deixei o Brazil repentinamente, que não sou casado como se julga, que vivo illudindo a sociedade em cujo seio procurei abrigo, que sou capaz de casar-me ainda repentinamente e etc. etc.... Antes deixem-me rir. Ah!...

Agora não pasmem, riem também.

Como todo o mundo que me conhece sabe, tenho a superioridade de espirito precisa, para ser, graças a Deus, homem superior e capaz de um dia publicar as minhas memorias, que deverão embasacar muita gente, por isso não se admire o leitor de ver-me ás vezes entrar em explicações de cousas intimas, mas que devo tornar claras e publicas para maior desespero dos meus inimigos e mostrar-lhes que a minha cabeça anda sempre bem erguida. Ora escutem bem:

Quando eu tive a ventura de mais uma vez cabir na asneira, como muitos proclamam, de contrahir matrimonio, fil-o por amor, apenas civilmente em minha casa e se não acceitei a cerimonia religiosa foi porque não quiz e talvez porque o posso fazer ainda um dia se assim o entender ou desejar, de commun accordo, já se sabe. Cá para mim, como amigo da Igreja e seja esta catholica, protestante, islamita ou judaica, devo no emtanto dizer que o casamento no templo de Deus tem para mim o valor que não tem outro qualquer. Todavia isto pouco importa, porque, perante a lei brasileira — sou casado; e no Brazil o acto civil é o unico valido; mas, se arrependido eu estivesse, ninguém me poderia impedir de contrahir novo matrimonio e com outra mulher (porque não seria crime) não no Brazil, mas sim em qualquer outro paiz onde o casamento religioso seja valido segundo a lei do Estado.

Livre de sogra e sobretudo das tias, que ás vezes são peiores do que aquella, regosijo-me em affirmar que não tenciono mudar de esposa... pelo menos por enquanto.

E até lá... deixem-me rir a fartar. Ah! Ah! Ah!.....

OSCAR LEAL.



### THEATROS DE LISBOA

S. Carlos — Brevemente, estreia da Companhia Lyrica.  
D. Maria — O amigo das mulheres.  
Trindade — O solar dos Barrigas.  
D. Amelia — Companhia Russa de Slaviansky.  
Gymnasio — A fuga dos Sabinos.  
Principe Real — O capital (drama socialista).  
Rua dos Condes — Madame Sans-Gênes.  
Avenida — A loteria infernal (magia de grande espectáculo).  
Rato — Recitas variadas pela Companhia Infantil.  
Colyseu dos Recreios — Grandes espectaculos equestres, etc.  
Circos Lisbonense — Espectaculos equestres.  
Real Colyseu — Espectaculos variados.  
Exposição Imperial — Avenida Palace.  
Jardim Zoologico — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, etc.  
Soirées e bailes publicos — Em varias sociedades e salões.  
Museus — Jeronymos, em Belem. — Archeologico, nas ruinas do Carmo. — Bellas-Artes — Historia natural — Anthropologico — Galerias do Palacio da Ajuda, etc.

### THEATROS DO PORTO

S. João — Brevemente estreia da Companhia Lyrica.  
Principe Real — El-rei damnado, pela companhia Taveira.  
D. Affonso — O capitão lobishomem, O chapéu alto.  
Trindade (antigo Chale) — A fada branca.  
Circos Cardinali — Espectaculos variados.  
Palacio de Crystal — Concertos e outras distrações ás quintas e domingos.  
Figuras de cera — Nas escadas do Principe Real.



# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III

LISBOA - JANEIRO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno ..... \$5000

Publicação mensal. Tiragem 5:000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno ..... 1\$500

Portugal, anno ..... 1\$000

Edição especial para o Brazil e Ultramar

## EXPEDIENTE

Aos nossos leitores do Brazil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa d'esta folha em varias capitães do Brazil e para maior facilidade e mais facil acquisição baixamos o preço da assignatura annual para 5\$000 réis, moeda fraca. Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empreza que trata, por todos os meios, de vulgarisar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous paizes.

*A Madrugada*, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

**AVISOS**—Não se recebem publicações pagas. Toda a correspondencia deve ser endereçada ao director, Correio geral, 222—Lisboa. Jornaes mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugo. Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.



## JOÃO DE DEUS

**A**BRIMAM-SE de par em par as portas do Pantheon nacional dos Jeronymos, para darem entrada ao corpo inanimado de João de Deus.

Um piedoso e enorme cortejo, em que se fizeram representar todos os elementos componentes da sociedade portugueza, conduziu-o até ali, como que em funebre triumpho. Homenagem unica, glorificação sem exemplo nos annaes da historia patria, a que a nação fez ao genio do poeta morto, mas inteiramente justa porque a sua superioridade intellectual e moral era incontestavel.

O direito de João de Deus á apothese, completada pelo descanso eterno sob as abobadas monumentaes do Pantheon nacional, não admitte a menor duvida; a posteridade, de certo, não fará senão confirmar o julgamento unanime das gerações contemporaneas do poeta.

Se não existisse, como felizmente existe para gloria do lyrico inexcédível do *Campo de Flôres*, a conformidade nacional da opinião sobre os seus excepcionaes merecimentos, dever-se-hia aguardar o *verdictum* de duas ou tres gerações posteriores, pelo menos, para, se elle fosse acorde com o juizo da maioria ou de uma parte dos contemporaneos, serem então trasladados com solemnidade os seus restos mortaes e depositados definitivamente no Pantheon.

João de Deus, porém, que a nação inteira proclama como o seu melhor e maior poeta depois do grande épico, não carecia—excepção unica—do *verdictum* da posteridade.

Assombroso, sem duvida, o consenso unanime que se fez sobre a grandeza intellectual e moral de João de Deus!

Para que se desse esse phenomeno singular, no meio de uma sociedade agitada pela diversidade de ideias, pelo conflicto de doutrinas e pelo choque de opiniões, era indispensavel que aquelle homem fosse, como realmente era, a synthese do que ha de melhor na alma e no coração do povo a que pertencia. Na verdade, João de Deus, espontanea e inconscientemente

absorvia e assimilava no seu cerebro todas as crenças, todas as esperanças, todas as aspirações, todos os sentimentos, todos os impulsos, que dominam o povo portuguez, e depois de os depurar com o bom senso de pensador, com a bondade de santo e com o fino gosto de artista, reproduzia-os, dando lhes forma em versos sublimes, versos cheios de encanto, de simplicidade e de profundidade de conceito. Era prodigioso!

Por isso todos, sem distincção de idade, de sexo ou de condição social, desde os mais ignorantes até aos mais illustrados, todos sem excepção adoram as poesias de João de Deus. As creanças, cujo cerebro está ainda em desenvolvimento, e os adultos, a quem falta a luz da instrucção, gostam dos versos do grande lyrico, porque a sua linguagem simples fala-lhes ao coração. As pessoas intelligentes e instruidas saboream-nos igualmente com entusiasmo, porque encontram n'elles, com perfeição expressos, estados de alma que por si proprios não saberiam traduzir.

Sendo pela sua organização psychica o melhor representante da alma portugueza, João de Deus era, como não podia deixar de ser, um patriota; amava entranhadamente Portugal.



ALUIZIO DE AZEVEDO

Longe da politica, confinado na pacificação dulcissima do lar, onde se entregava aos seus devaneios de artista espontaneo e ao fervoroso apostolado do ensino popular, acompanhava, porém, com pungente amargura a marcha desconcertada do paiz á beira do abysmo, e nos ultimos annos a sua veloz descida pelo despinhadeiro.

Quando em 11 de janeiro de 1890 Portugal recebeu o injurioso *ultimatum* da Inglaterra, o poeta sentiu-se attingido pelo brutal golpe no mais intimo do seu peito, e soube interpretar admiravelmente o sentir nacional na sua fabula do *Leão moribundo*. Bem intensa foi a dôr de João de Deus. Ainda ha tres dias, na presença do cadaver, nos contava um dos mais dedicados amigos do grande lyrico:

«Ao espalhar-se a noticia do *ultimatum*, corri a casa de João de Deus. Elle nem me deixou falar; comprehendendo logo o que lhe ia na alma. Abraçou-se a mim, e, conduzindo-me para o interior da casa, leu-me alguns trechos brilhantes do celebre discurso patriótico do barão da Ribeira de Saborosa. Ao terminar a leitura chorou. Foi a unica vez que eu vi João de Deus chorar.»

Esta scena, que nos foi narrada pelo sr. Libanio Ferreira e que merece ser conhecida, porque na sua simplicidade mostra como João de Deus se chocou com a affronta da Inglaterra, revela sincero e ardente patriotismo.

O poeta, em algumas das suas satyras e epigrammas, deixou indelevelmente gravado o seu desgosto pela decadencia a que a má governação do estado arrastou o nosso paiz; magoava-o sobretudo, o desprezo systematico dos poderes constituídos pela instrucção popular.

A poesia servia-lhe n'este caso de desabafo, e sorrindo com a bondade ingênita que o caracterizava, castigava nos seus versos, quando era mais rude a desillusão recebida, os erros ou as injustiças, que se praticavam.

O desalento em que cahira o povo portuguez no decurso da grande crise começada com o *ultimatum*, vendo succederem-se os ministerios e accumularem-se os desastres, reflectia-se intensamente no espirito do poeta. João de Deus soffria com os males da patria, cuja ruina via approximar-se. Nem sequer a glorificação, tão unanime e tão commovente, que recebeu em 8 de março do anno passado, conseguiu desfazer-lhe essa preocupação sombria.

Por isso n'uns versos recentemente escriptos para um numero extraordinario do jornal — *O Paiz* — do Rio de Janeiro, exprimindo o sentimento pessoal, traduziu religiosamente aquelle desalento popular. Deu-lhes a epigraphe de *Patria*:

Patria... é a bonança  
Depois do temporal;  
É onde se descansa  
No leito sepulcral.

Nem ha maior conforto...  
Que a todo o que viveu  
Em busca d'esse porto...  
A patria é no céu.

Espiritualista e deísta, João de Deus, tendo perdido a esperança na revivescencia nacional, desejava acolher-se ao sepulcro, buscar o conforto da... patria celeste.

João de Deus foi n'esses versos, como em tantos outros, o interprete do sentir nacional. No actual momento historico reina entre nós o desalento.

Mas que não está ainda tudo perdido, que a patria portugueza tem em si elementos para resurgir do seu abatimento, demonstra-o á evidencia a consoladora apothese que a nação, espontanea e unanimemente, fez ao genio, que é, depois de Camões, a maior e indiscutivel gloria da litteratura portugueza.

Um povo que se agita entusiasticamente para saudar o exercito e a armada pelo feliz exito da campanha de Lourenço Marques e que sente uma commoção dolorosa perante a morte do seu melhor poeta da actualidade, unindo-se para receber aquelles com manifestações festivas e para conduzir este solemnemente ao Pantheon nacional, não está morto, apesar do seu profundo abatimento; tem ainda muita vida e pôde, querendo, levantar-se da sua ruina e retomar o seu logar no conceito das nações civilizadas.

Bom será que o faça. Pena é, porém, que João de Deus, prematuramente morto, não possa já repercutir em seus admiraveis versos esse futuro estudo da alma popular.

TEIXEIRA BASTOS.



## Aluizio de Azevedo

**E** muito grato e agradável podermos contemplar estes homens de talento já reconhecido e comprovado dia a dia por novas provas, que no meio das abnegações mais extremas e sacrificios de toda a especie, conseguem elevar-se fazendo braço do trabalho e apontando-nos a sorrir entre innumeras proações como triumpho a força de vontade guiada pela razão e pela constancia.

Ninguém que não esteja a par do passado de Aluizio de Azevedo, pôde imaginar o capital de soffrimentos acrisolados, preciso para produzir-lhe o primeiro dia feliz da sua existencia.

Aluizio lutou muito durante longo tempo, foi muitas vezes fulminado pela critica mordaz, anonyma e mesquinha, mas lutou e... venceu.

Hoje é considerado justamente como um dos mais distinctos e festejados escriptores brasileiros e irmão de outro igualmente distincto e bastante apreciado — Arthur de Azevedo.

Os seus livros, verdadeiros escriptos de belleza de estylo, são lidos com sofredão e poucos como elle, tem conquistado tantas e merecidas sympathias na sua patria.

Aluizio de Azevedo nasceu no Maranhão e é filho do antigo consul portuguez n'aquella cidade.

Aos 17 annos escreveu um romance *Lágrimas de mulher* e mais tarde publicou outro *O Mulato*, trabalho este que lhe serviu para popularisar o seu nome.

O seu bello e fecundo talento tem-se manifestado claramente em successivas publicações, muitas d'ellas filiadas á florescente e apreciada escola naturalista.

Assim podemos citar—*A casa de pensão*, *O Cortiço*, *O Homem*, *O Coruja*, *Philomena Borges*, *Mortalha de Alzira*, *Livro d'uma Sogra* e muitos outros.

Em todas as suas obras affirma-se o valente escriptor com incontestavel brilho e relevo artistico, exercendo assim poderosa influencia na orientação e gosto litterario da hodierna geração.

Como amigo sempre ouvimos dizer que deixa de ser sympathico para ser adoravel.

## REBELLO DA SILVA

**Q**uem o não conhece? Quem não tem procurado os conselhos da sua profunda sciencia medica e recorrido a sua já proverbial philantropia? A pobreza chama-lhe seu bemfeitor, e é inutil repetir aqui o quanto este benemerito se tem sacrificado pela humanidade que soffre, e com que bondade, com que carinho, paciencia e desinteresse elle prodigalisa o fructo do seu valioso saber e da sua incomparavel caridade, envolvendo-os na mais humilde modestia, junto á mais sympathica affabilidade e lhaneza.

Não sabemos o que mais devemos admirar n'este genio singular: se os nobres sentimentos da sua alma, se os elementos que constituem a sua original intelligencia.

Encanta sobremaneira o seu meigo sorriso e o seu bondoso olhar, quando elle observa, pergunta e indaga dos soffrimentos dos doentes que o procuram, e os quaes, tantas vezes custa explicarem os males, que elle tão rapidamente comprehende e explica.

Mas este homem já illustre pela sua sciencia medica, ainda se nos revela sob uma outra forma não menos valiosa e gloriosa para o paiz que lhe deu o ser. Está alli um pensador, um philosopho, um escriptor correctissimo e elegante, incisivo e audaz, o qual sem roubar tempo algum á sua vasta clinica e aos seus innumeros doentes, ainda encontra nas horas indispensaveis ao descanso de tantas fadigas, tempo para dotar a humanidade com documentos que provam quanto vale a sua erudição e o seu constante e profundo pensar; queremos-nos referir á obra que o dr. Rebello da Silva está escrevendo e que em breve vai ser publicada. É um trabalho de largo folego, apresentando-nos sob uma forma primorosa, fluente e original, idéas, pensamentos e theorias, fructo do seu constante estudo, da sua infatigavel leitura e da sua complexão essencialmente superior e talvez unica.

Não nos é dado analysar por enquanto este seu trabalho—*Introdução a uma nova sciencia da natureza*—mas temos a certeza que tornará immorredouro o nome já celebre do dr. Rebello da Silva e que elle figurará nas estantes dos sabios ao lado das obras de Descartes, de Spencer, de Renan, de Taine, de Leibnitz e de tantos outros pensadores, destacando-se de todas ellas pela originalissima concepção da natureza que elle expõe e desenvolve com notavel lucidez, subida intelligencia e raro talento.

Lisboa.

W. BATTENBERG.

## TOBIAS ROSA

**T**AMBÉM hoje honra uma das paginas d'esta folha mais um d'esses obreiros do progresso, que á força d'uma constancia pertinaz e d'um labor persistente de longos annos conseguiu ascender a um logar elevado entre os mais distinctos jornalistas provincianos do Brazil.

Tobias Rosa, segundo crêmos, nasceu em Uberaba, estado de Minas Geraes, e pertence a uma d'essas familias que teem o patrimonio do trabalho suave e honrado e se devotam sinceramente ao bem estar da sua terra.

Uberaba deve e muito a Tobias Rosa o seu actual engrandecimento como proprietario e redactor da *Gazeta*, importante jornal que elle alli manteve durante

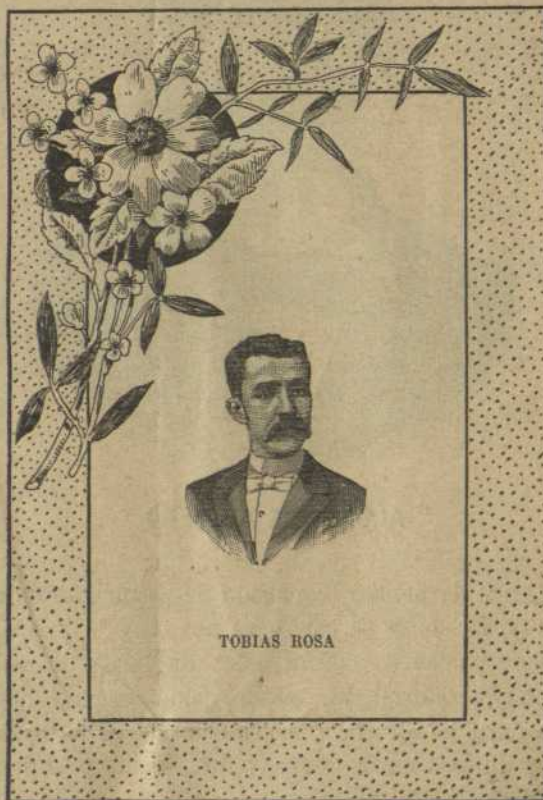


REBELLO DA SILVA

17 annos. E não só Uberaba mas tambem toda a zona do Triangulo mineiro e o sul de Goyaz muito lhe deve, porque, durante esse largo periodo, Rosa tornou-se o defensor de seus direitos.

A mocidade estudiosa d'aquellas paragens não pôde deixar de um dia repartir com elle os louros conquistados, porque nunca Tobias Rosa lhes vedou as columnas do seu jornal, onde melhor principiaram muitos novos a evidenciar as suas qualidades de espirito, estimulando-os e fazendo-os galgar os primeiros degraus do templo magestoso da litteratura patria.

Podemos citar muitos nomes de alguns mancebos



TOBIAS ROSA

estudiosos e que bem poderão attestar o que levamos dito. São elles, por exemplo, Hygino Rodrigues, Arthur Goulart, Arthur Costa, Theophilo Barbosa, Arthur Lobo e muitos outros, sem fallar d'aquelles que ao lado de Rosa como emeritos e completos periodistas, contribuíram para a diffusão das mais bellas idéas, cuja consequencia se tornou forçosamente util a todos.

Actualmente Tobias Rosa, talvez cansado de soffrer ingratidões e sem obter a justa e quando muito mesquinha recompensa do seu labor honesto e da sua actividade metódica, deixou Uberaba e partiu em busca, não de melhores ares, mas sim, como sômos informados, de um meio menos egoista, onde melhor possa encontrar o justo premio dos seus esforços. E eis-o a caminho de S. Paulo, o grande e rico estado

cujo adiantamento é devido em grande parte ao elemento estrangeiro que lá predomina e á alta sabedoria de seus filhos.

Chegando a Ribeirão Preto, cidade importante e cabeça do municipio, onde se encontram terras soberbas que produzem o melhor café do mundo, parou Tobias Rosa, desencaxotou as suas armas de combate e eis-o, qual ousado paladino, manejando-as á frente de uma nova empresa jornalística, contribuindo não só para o maior desenvolvimento d'aquella localidade, mas de toda uma bella e prospera região sem esquecer mesmo de longe, velar pelo adiantamento da outra que acabava de deixar.

Uberaba, porém, tem de si para si, em bem curto praso, reconhecido a falta do valente e imparcial jornalista, embora hajam alli não menos dignos representantes da imprensa, que igualmente pugnam pelo seu desenvolvimento.

Mas esse povo, sem duvida, não se demorará em pedir a volta de Tobias Rosa ao seu seio e com elle o reaparecimento da saudosa *Gazeta de Uberaba*.

Temos fé que assim ha de succeder, e aos filhos natos da *Princesa do Sertão* compete ver realizado tal acontecimento.

## LITTERATURA

### A ROMANTICE

**H**OUVE sempre quem fosse illustre, é certo—mas os velhos poetas, até á genial invasão dos barbaes coimbrãos, não eram geralmente assim. Fazer versos era para elles uma prenda—e quasi nada humanos, andavam pela vida mettidos n'uma illusão de sinceridade, com restos na *nojosa e empedrada* cabelleira, a recitarem como aves d'agoiro ao canto das salas. Ahi é que era. Um enlevo. O bardo tinha os seus pedaços de successo.

As meninas sentiam-se inundadas de lyrismo, que lhe caia no paladar romantico como lampreias d'ovos. Apanhavam-se indigestões de sentimento refugado—e o poeta era a manivella que lhes fazia, como n'um cosmorama, reviver o scenario aphrodisiaco de muita comedia intima. Tudo postico, falso, dengoso; não era o sentimento humano, nobre, doce. Não tinha o deboche descarado e fradesco do Camões do Rocio, mas encerrava venenosos philtros assucarados... As ellas appareciam sempre fataes, sonhadoras, perjuras: e elles lá iam apunhalar-se á beira do abysmo, ou ficavam os phantasmas do amor atraído, dizendo coisas indecentes em saphicos e endechas.

Tinha, pois, o vate o seu culto—e se não piscava o olho ás donas e donzellas, punha-o quasi em alvo, perdido no sonho e no desespero, com a face pallida a encovar-se de martyrio. Suspirava, anhelava o soco da campã—e caia em cima dos bolos frescos, era uma esponja de vinhos generosos, para afogar recordações pungentes. Os paes de familia por seu turno não o temiam muito. Sentiam n'elle um ar theatral, a arrastar plangencias, acrosticos, epigrammas pascaes, e velhos sonetos mais ou menos bocagianos, celebrando as bellas. Tinham para elle ditos de espirito, que vinham já de familia, remotos e valiosos:—fallavam-lhe das brisas, do favonio, de mariposas, de Cupido, meia duzia de imagens safadas do uso, sempre de effeito e chiste. O coração do vate era uma especie de casa de hospedes: recebia viuvas, solteiras, meninas *ingenuas*, que elle arranjava logo todas catitas com flores de laranjeira que lá tinha das outras, ou então desgrenhava-as nas allucinações do amor torvo e louco, que ia dar ás cavernas d'um tragico de operetta, pouco depois d'um adulterio dramatico, em que entrava um cavallo branco, e adeuses, e soluços.

As meninas, comtudo, sahiam ingratas. Raras se entregavam a Apollo.

O poeta via-a nos braços do amante bruto e forte, ouvia-a ainda soluçando coisas que elle recitára ao piano—e enfurecia-se. De novo vinha-lhe a revolta, espumava de raiva, mordida-se de rancores, e não via que estava a representar ainda, que era aquillo apenas um pouco de vaidade arranhada, que o mesmo dissera ás outras com o mesmo appetite e a lyra afinada para o mesmo tom. Desatava a beber ou caia na batota—enquanto a *perjura* mariposeava no mel das nupcias ou se amatronava em Cythera.

Era um ser comico, de gambia fina, e todo elle parecia de aparafusar. Não eram homens: apenas pedaços de rhetorica ôca, com uma sentimentalidade grudada e decorativa, intoxicadas de pieguismo bebido a lentos haustos em grandes paixões lendarias, e com isso explorando ingenuos e idiotas. Muitas vezes saiam profundos malandros—e mesmo os que tinham bondade e talento giravam n'um palco, sempre dizendo o seu papel de inspirados, o peito envenenado de paixões frementes, o olhar implorativo e palerma, o gesto amaneirado e vago, abrangendo os vagos céos. Como executantes, um pavor!

Versos corneos, imagens puidas do uso, lérias fradescas e banalidades de almanach. Gosto artistico nullo, cultura intellectiva meia duzia de leituras sêdicas, d'onde raro tiravam qualquer veio d'ouro, porque nem percebiam a vibratidade intrinseca e subtil, e tinham de qualidades criticas uma ausencia abbacial.



Ficaram, pois, como os senhores vêem: caricaturas á Daumier esparsas em comédias de costumes, amaviosos e ridículos, como pernaltas depois d'uma chuva, a grunhir folices. É o typo da troça, e vem isso precisamente de serem falsos (muitos sem o saberem) de serem grotescos, não gravando nos versos a dor a alegria, o que os peitos sentem e os homens são. A sua musa era uma velha pretenciosa, a querer casar aos oitenta annos, meio arcádica, meio Almanach de Lembranças, com faces cheias de caio, e olheiras de insomnia... feitas a rolla.

Ficou por muito tempo esse typo. Ao vêr-se um mono assim, dizia-se: «Aquillo ha de ser poeta.» Encheram os albuns e os corações de logares communs, coisas artificiaes e deleterias; fizeram com que as raparigas fugissem... para outros; e nunca da natureza tiraram nada que sinceramente os commovesse, nunca um relampago de ideal supremo os illuminou, nunca da alma arrancaram, com simplicidade e intensidade, um verso.

JULIO BRANDÃO.

## A FESTA DE LINDOYA



Vem, vem das aguas, misera Moema,  
Senta-te aqui. As vozes lastimosas  
Troca pelas cantigas deleitosas,  
Ao pé da doce e pallida Coena.

Vós, sombras de Iguaçu e de Iracema,  
Trazei nas mãos, trazei no collo as rosas  
Que amor desabrochou e fez viçosas  
Nas laudas de um poema e outro poema.

Chegae, folgae, cantae. É esta, é esta  
De Lindoya, que a voz suave e forte  
Do vate celebrou, a alegre festa.

Além do amável, gracioso porte,  
Vede o mimo, a ternura que lhe resta,  
«Tanto» inda é «bella no seu rosto a morte!»

MACHADO DE ASSIS.

## LINGUAGEM TRANSCENDENTE

Confessar-te que te amo... só o posso expressar  
Com palavras de mel floridas de açucenas,  
Com musica de archangjos, risos de luar  
E beijos aromaes como o liz e as verbenas...

Na minha alma oço então bizarras cantilenas...  
Guitarras a cantar, bandolins a chorar!  
Meigos côros de virgens que vão p'ra as novenas,  
Canções bohémias perdidas e orações de altar!...

Mais eloquente é a alma, se o labio está mudo.  
Não ha termos que exprimam o que então se sente.  
Callado, sem palavras, é que se diz tudo...

Callem-se os labios; falle só o gesto e o olhar!  
Só n'um beijo é que os labios dão ao amor latente  
Uma expressão divina, que falla a cantar!...

Coimbra.

GOÑALVES CEREJEIRA.

## A TI

Torcendo a phrase, o verso architectando,  
Em cada verso, em cada phrase, ponho  
Uma gotta de lagrima sentida,  
Como um consolo a dor que me consome...

Eu sei que lês os versos meus chorando!  
Pois bem, não mais te occultarei meu sonho...  
Has de, — como eu, — soffrer por toda a vida,  
Amada e amando, a bem dizer-me o nome:

— Essa que, tanta vez hei decantado,  
Pallida e loira, lyrical, franzina,  
De quem, sonhando, beijo o seio nú...

Esse archanjo do céu á terra enviado...  
Essa mulher nevrotica e divina...  
Fica-o sabendo, para sempre: és tu!

Rezende — Rio de Janeiro.

LUIZ PISTARINI.



Corre tranquillo o rio em seu labor infido  
Silenciosamente, entre as sombrias margens,  
Como espelho de prata, enorme reflectindo  
As arvores, o céu, as flores, as ramagens.

E deixa atraz de si, o seu rumo seguindo,  
Indifferentemente, as nitidas paysagens  
Da riba, e só conduz a flor que vai cahindo  
Da tarde somnolenta as tópidas bafagens.

Assim a vida — como o chrysalino veio  
Dos doirados vergeis de luz e amenidade,  
Ou das urzes da dor, — vai deslizando em meio,

E das veigas gentis do amor e da amizade  
Cujas palmas beijou, leva apenas no seio  
A desbotada flor mimosa da saudade.

Ceará.

MARTINHO RODRIGUES.

## MOVIMENTO LITTERARIO

Collatino Barroso, um novo escriptor brasileiro, acaba de mimosear-nos com um exemplar dos *Anathemas*, formoso volume sahido dos prêlos da Companhia nacional impressora do Rio de Janeiro. A obra é nitidamente impressa e adornada com o retrato do auctor, um bello rapaz muito mais novo que nós, do que temos pena, pois bem desejavamos ser ainda mais novo do que elle.

O livro em questão é a obra d'um insubordinado em busca talvez de adeptos que o acompanhem em procura do seu ideal. Ao auctor, incontestavelmente possuidor d'um bello talento, muito bem revelado na sua auspiciosa estreia, enviamos as nossas saudações.

\*

Passando em revista as obras que acabamos de encontrar sobre a mesa de trabalho, destaca-se uma de Adherbal de Carvalho, intitulada *Ephemeras*, e tambem adornada com o retrato do auctor. Ha n'este livro fremitos de alegria e de mocidade, da mesma fórma que em algumas das suas mimosas paginas se extinguem rapidamente á maneira d'um céu feliz que ás vezes parece ennuclado.

É justo consignar, e comnosco o fará todo o critico sincero e imparcial, que o auctor se afirma com incontestavel brilho e mesmo talento artistico.

Ao dr. Adherbal, que conhecemos pessoalmente, enviamos os nossos parabens e sentimos que o pouco espaço de que dispomos não nos permita ser mais prolixo.

\*

Clovis Bevilacqua, auctor d'uma nova obra subordinada ao titulo *Epochas e Individualidades*, é como ainda no ultimo numero d'esta folha dissemos — um nome que se impõe á estima de todos pela sua brilhante e esclarecida intelligencia. Se algum dos leitores acreditar que erramos na nossa modesta apreciação, sirva-se de empregar algumas horas na leitura d'estes seus apreciaveis estudos litterarios que a conhecida livreria de José de Magalhães, da Bahia, acaba de publicar.

*Epochas e Individualidades*, formam um volume de 212 paginas de que nos foi remettido um exemplar.

\*

Temos tambem á vista os ultimos numeros d'algumas revistas litterarias do Brazil em forma de folheto, como *A Arcadia*, bella obra d'arte, de que são directores os snrs. Brito Mendes e Felix de Mello. Nella collaboram alguns litteratos já bastante distinctos, como os snrs. Alves de Faria e Collatino Barroso. No ultimo numero vem reproduzido um soneto de Alfredo Serrano, o estudante favorito do sandoso João de Deus e tambem um artigo de Delphin Guimarães, de Lisboa.

O *Cenaculo*, é outra revista que nos prendeu por alguns instantes a attenção, porque representa o trabalho forte e delicado de um intelligente grupo que tem o cuidado de fazer florir as lettras n'um meio em que, apesar de acanhado, existem muitos engenhos dignos de commemoração nas paginas de uma historia litteraria.

É que esses distinctos confrades comprehendem certamente que as lettras fazem a gloria de um paiz e se honram quem as cultiva, não menos resplandecem sobre a patria que é seu berço. Parabens pois a Dario Velloso e seus dignos companheiros.

\*

Annuncia-se para muito breve a appareição de algumas novidades litterarias em Portugal.

Julio Brandão o poeta do «Livro d'Aglaís» acaba um drama em verso que irá á scena no Theatro de D. Maria. O drama, que é esperado pela critica portugueza com o maior interesse, visto que o auctor é do grupo iconoclasta dos novos, é uma concepção transcendente de amor, d'uma intensidade moderna e suggestiva em que a ballada se suavisa n'um profundo estudo de psychologia humana.

\*

O illustre dramaturgo sr. Lopes de Mendonça sob o titulo *Sol Novo* compoz um quadro allegorico destinado á celebração das victorias dos portuguezes em Lourenço Marques.

Pode-se aferir do seu valor pelo entusiasmo que despertou no Theatro Principe Real durante as suas primeiras representações e o certo é que o auctor confirma mais uma vez o seu talento de poeta brilhante. N'este trabalho existem trechos de alta inspiração e refinado patriotismo.

\*

Agora, por ultimo, vamos terminar esta ligeira resenha, dando aos nossos amigos de além-mar uma boa noticia. Queremos tratar da appareição do poema *A agonía*, de Guerra Junqueiro, destinado a escandalo, segundo nos informam. Talvez já o tenham lido, porque devia ser lançado primeiramente no mercado brasileiro.

O auctor é que não sabemos se evitará algum incommodo, tão sangrentas são as referencias e tão evidentes são as allusões que n'elle se contém a altos personagens.

Claro que só quem fôr versado nos pormenores da historia portugueza e estiver perfeitamente em dia com as recentes oscillações da politica d'este paiz, poderá penetrar o completo sentido d'*A agonía* que, segundo alguns trechos que já conhecemos tem paginas verdadeiramente shakespearianas.

OSCAR LEAL.

## NOTICIARIO

Explendido o ultimo numero do «Correio da Europa» uma das melhores publicações destinadas ao Brazil. A sua primeira pagina vem illustrada com o retrato de João de Deus, admiravel trabalho do nosso amigo Francisco Pastor.

O «Paiz» do Rio de Janeiro de 1 do passado desmentiu a noticia dada na vespera por outra folha sobre ter sido posto em disponibilidade o nosso illustre e dedicado amigo Commendador João Vieira da Silva, que com a maior inteireza de caracter exerce o espinhoso cargo de consul do Brazil em Lisboa.

Realmente seria uma verdadeira calamidade se tal facto se desse, porque não conhecemos pessoa mais digna e mais habilitada para occupar aquelle lugar. Vieira da Silva, um cavalleiro distinctissimo, extremamente amavel e serviçal, tem o dom de ser querido e estimado por todos os brasileiros residentes em Portugal.

A «Bibliotheca Internacional», de que é director o distincto poeta Eugenio de Castro, e cuja edição pertence á livreria do sr. Augusto d'Oliveira, de Coimbra, acaba de inaugurar-se com um precioso volume de versos de João de Deus, mimosamente prefaciados, tambem em verso, por Eugenio de Castro.

Frederiek Moran, um cosinheiro recolhido no hospital do condado de Alameda, disse ao director d'aquelle estabelecimento que ha annos que o seu coração se achava em mudança para o lado direito. Examinado o homem, verificou-se que de facto aquelle órgão, mola real da vida, se achava n'elle no lado direito.

O nosso prezado amigo dr. Oscar Leal, director litterario d'esta revista, segundo nos informa, parece conservar a mais grata lembrança da sua ultima estada em Paris, onde teve occasião de encontrar-se com alguns dos seus patrios, amigos e admiradores alli residentes e que o encheram de amabilidades.

Um d'estes bastante conhecido no mundo da arte, o illustre maestro brasileiro Carlos de Mesquita, discipulo favorito de Massenet, levou-o no dia da sua chegada ao *Theatre Mondain* na Cité d'Antin, onde realisoou uma encantadora audição das suas obras com o gracioso concurso de M.<sup>lles</sup> Vêras de la Bastière e Suzanne Michel, diante de um publico verdadeiramente selecto, que freneticamente o applaudiu.

O nosso amigo Oscar guarda ainda grata lembrança do jantar que aquelle seu antigo condiscipulo intimamente lhe offereceu na sua artistica residencia de Anteuil em 23 de dezembro, durante o qual foram trocados brindes muito affectuosos.

Eis o

### Menu

Potage bisque a la Madeleine Portet.

Truit saumonée a la Carlos de Mesquita.

Entrée a la Breslienne.

Roti a Oscar Leal.

Asperges a la belle Marthe Portet.

Salade a Francisco Braga.

Desserts Gateaux variées.

Vins Bassac, 1862. Chabertin. Porto. Champagne.

Café et liqueurs.

Bellissimo sem duvida e muito bem escripto o artigo, que hoje inserimos na nossa primeira pagina e devido á habil penna do illustre confrade do *Seculo* o sr. Teixeira Bastos um dos mais distinctos membros da redacção d'essa folha da qual fazem parte os distinctos jornalistas Augusto Peixoto, F. Moraes e outros ao lado do illustre chefe — Magalhães Lima.

Suicidou-se ha pouco em Santos, Brazil, o portuguez Manoel Pereira, que por uma aberração da natureza se tomara de amores pela propria filha, a cujo casamento obstara.

Ernesto Senna, o mais habil reporter fluminense, acaba de publicar um livro intitulado *Notas de um reporter*.

A rainha Victoria, na lista das distincções por occasião do Anno Novo, incluiu o poeta Alfredo Austin, que é nomeado poeta laureado em substituição do finado Tennyson.

O poeta laureado recebe uma certa somma como vencimento. Antigamente tinha direito a uma pipa de vinho de Malvazia por anno. Este costume data do reinado de Jacques I.

Os nossos collegas Eduardo Fernandes, o espirituoso «Esenlappio» e Santos Junior, «Santonilho», emprehenderam a publicação da *Galeria de Criminosos Celebres* que deve despertar entre nós um grande interesse.

Annuncia-se para breve um jornal de Arte e de Critica com o suggestivo titulo *O Inferno*.

A synthese da orientação do novo jornal é a seguinte: «N'um paiz de Mentira e Convenção nós seremos a bocca amarga da Verdade.»

Diz a *Gazetinha* que se publica em Guaratinguetá que o seu collaborador sr. Ernesto de Castro tem em via de publicação um livro denominado *Contos para estrada de ferro*.

A *Academia Real da Suecia* acaba de conceder ao illustre botanico e distincto escriptor brasileiro Dr. Barbosa Rodrigues, uma medalha, em recompensa dos serviços por elle prestados á commissão sueca, de que era chefe o Dr. Lindmann em 1892. Esta distincção foi muito bem merecida.





Fallem do nosso amor os invejosos...  
Quanto mais fallam mais eu te desejo!  
Quando me ferem dentes venenosos  
Eu vou buscar allivio no teu beijo.

Assim, vivemos sempre n'um festejo...  
Na desventura somos venturosos!  
Seja bemvindo esse odio bemfazejo  
Que nos separa como criminosos!...

Para amar é preciso ser ousado!  
— A Biblia grita — baixo e vil peccado!  
— Vicio immoral! responde a sociedade

E, a despeito da fátua hypocrisia,  
Eu te amo, te amarei, e te amaria,  
Se fosse eterno, toda a eternidade!...

Acaba de fazer uma magnifica viagem de estudo pela França e Inglaterra o nosso amigo director d'esta folha, durante a qual adquiriu notaveis conhecimentos sobre as regiões que percorreu.

Em seu regresso de Paris e Londres partiu de Bordeaux para Lourdes e Pau onde se deteve em visita ao celebré castello de Henrique IV. De Pau seguiu para Oloron ultimo ponto servido por via ferrea, tomando lugar na deligencia postal que o conduziu a Urdos, derradeira aldeia franceza, no centro dos Pyreneus. Ahi não sem difficuldades que soube vencer mediante a intervenção do Abbade Soulé (cura d'Urdos), conseguiu obter um guia que o conduziu á fronteira, penetrando na garganta deserta do Gave d'Aspe e passando pela antiga via romana, pela qual passou Abd-er-Rahman em 732 á frente d'esse temível exercito que ameaçou a Christandade.

Na sua passagem pelo famoso valle d'Aspe, Oscar Leal parou muitas vezes maravilhado, a admirar o magico effeito das altas montanhas cobertas de neve e ao chegar ao sitio mais elevado onde está collocada uma pyramide marcando o limite dos dous paizes (Somport) o seu thermometro marcava 12 graus abaixo de zero! Ahi a neve cobria o solo inteiramente e a agua d'alguns pequenos lagos apresentava-se de todo gelada.

Alcançando Canfranc, no terceiro dia ás 10 horas da manhã, primeira aldeia de Aragão situada a mais de mil metros ainda de altura cujos habitantes fallam a lingua vascongada, teve ahi o nosso amigo que apresentar-se ao superior da guarda dos Carabineiros e sendo-lhe feita ligeira revista na sua bagagem, dirigiu-se em deligencia para Yaca, apanhando ás 2 horas da tarde o comboio e chegando ás 9 horas da noite a Saragoça.

Esta viagem sob todos os pontos de vista interessantissima veio provar-nos não ser de todo impossivel a travessia dos altos Pyreneus em pleno inverno, e o nosso amigo considera-se feliz por tel-a conseguido realisar sem impedimentos de nenhuma especie, apesar de sabermos que não se encontram alli os mesmos recursos que encontram os viajantes nos Alpes.

Em igual epocha do anno passado seria quasi um impossivel ou pelo menos bastante arriscado, porque a neve apresentava então em muitos sitios, em vez de um, dous e tres metros de espessura.

Os mais antigos jornaes do Brazil são: o *Jornal do Commercio* com 73 annos de existencia; o *Diario de Pernambuco* com 71; o *Monitor Campista* com 56; o *Diario do Rio Grande* com 47; o *Correio Paulistano* com 42; o *Diario da Bahia* com 41.

O nosso illustre amigo dr. Lourenço da Fonseca, que se acha actualmente no Brazil, tem feito magnificas excursões no interior do estado da Parahyba, trasladando para o papel as suas impressões, que temos visto estampadas na *Gazeta do Commercio*, jornal que se publica na capital do mesmo estado.

Surprehendeu-nos bastante a noticia do suicidio do nosso distincto amigo e confrade Raul Pompeia, o festejado auctor do *Atheneo* e das *Canções sem metro*. O illustre finado, cuja figura apparecia em grande relevo na imprensa fluminense, foi levado a esse acto de desespero, segundo parece averiguado, por causa d'um artigo publicado n'um jornal, que a elle tinha referencias e tratava da sua honra.

Lamentamos profundamente o fatal successo e ainda mais o abuso que no Brazil commettem alguns individuos pouco escriptos, atassalhando reputações illibadas. Apostamos em como agora, que a victima acaba de deixar este mundo, são os seus ex-detractores os primeiros a elogiar e a enaltecer as suas bellas qualidades! Vampiros que não sabem elevar-se nem distinguir-se senão devorando a custa do credito alheio e sugando o sangue precioso d'aquelles cujas glorias invejam.

## BIBLIOGRAPHIA

À disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar, temos mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradeceremos.

*Anathemas* — de Collatino Barroso. Rio de Janeiro. Bello volume com o retrato do auctor.

*Epochas e Individualidades* — Estudos litterarios de Clovis Bevilacqua. Um volume de 212 paginas. Livraria Magalhães, Bahia.

*Ephemeras* — Poesias de Adherbal de Carvalho. Obra impressa em Lisboa com um bello retrato do auctor. Edição da Livraria de Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup> do Maranhão.

*Hygiene da Bocca* — Considerações geraes sobre a arte dentaria de Aderson Ferro, illustrado cirurgião dentista. É um bello volume de 316 paginas em que abundam considerações proprias e utillissimos conselhos sobre tão importante especialidade clinica.

Este habil especialista de quem tinhamos já ouvido um amigo e distincto medico residente na Fortaleza fallar, enaltecendo as suas brilhantes qualidades, é digno das mais sinceras felicitações pelo serviço que acaba de prestar ás letras patrias.

*La Revue Blanche* — Tomo IX, n.º 61. Paris. Collaboration de Henri de Regnier, H. de Balzac, Romain Coolus, Victor Barrucand, A. de Lasdiverde, Albert Metin. Memoires do General Rossignol, Louis Baragnon et Georges Dalbert.

*Portraits* — H. de Balzac. A. Dumas Fils.

*Dôr Suprema* — Explendido drama de Marcelino Mesquita, ultimamente representado no Theatro de D. Maria II.

*Almanach da Familia* — Sahido dos prêlos da Fabrica de Peitoral de Cambará, de propriedade do distincto industrial J. Alvares de Sousa Soares.

*Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* — ao socio dr. Oscar Leal. Volumes 3, 4, 5 e 6 da 14.<sup>a</sup> série, contendo trabalhos pelo Conde d'Avila, Paiva Raposo, conselheiro Luciano Cordeiro, Paul Choffat, Casimiro C. de Nazareth, Joaquim Machado e conselheiro Augusto de Castilho.

*Fado «Antonio Joaquim e Ezequiel na berlinda»* — Original de Veterano. Editores Lello & Vieira, Porto.

*Um officio da Academia Cearense* agradecendo a remessa d'*A Madrugada* e pedindo a continuação, assignado pelo dr. G. Studart, muito digno secretario d'essa importante associação.

O dr. G. Studart propoz á Academia Cearense a elaboração de um excellente trabalho intitulado «O Ceará em 1896» publicação util sob varios pontos de vista.

*Outros officios* de associações identicas.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*A Luz* — Semanario politico, litterario e noticioso, de Bombaim.

*O Cabula* — Redactor Arthur da Silva, Castello Branco.

*A Galeria* — Director Manoel de Andrade, revista toureira e theatral, de Angra do Heroismo.

*O Preto no Branco* — de Ponta Delgada, Açores.

Fomos ultimamente visitados pela primeira vez, pelas seguintes folhas que se publicam no Brazil e que vieram enriquecer ainda mais a nossa collecção:

*Amazonas Commercial* — Redactor principal: o illustre jornalista dr. Oliveira Sobrinho (Edição da livraria Classica). Publicação diaria, Mandões, Amazonas.

*Pinsonia* — Redactor Mendonça Junior, Macapá.

*A Provincia do Pará* — Redactor principal Senador Lemos, por especial obsequio do nosso amigo sr. Antonio P. Magina, Pará.

*Pacotilha* — Redactor dr. Barbosa Godoes. Publicação diaria, Maranhão.

*Diario do Maranhão* — Redactor Alberto Pinheiro, por especial favor do sr. Nascimento Ferreira.

*Jornal de Caxias* — Redactor Luiz J. de Mello, Maranhão.

*O Republicano* — Director Antonio Bezerra, Ceará.

*O Pimpão* — de Maceió, Alagoas.

*A Luz* — Redactores Salvador Aragão e Alipio Motta, Areia, Bahia.

*O Combate* — Periodico litterario de Victoria, Espirito Santo.

*O Fluminense* — Folha diaria de Nitheroy, Rio de Janeiro.

*O Minas Geraes* — Orgão diario official dos poderes do Estado. Ouro Preto.

*A Tribuna* — Redactor, dr. Ferreira Tinoco, Oliveira, Minas.

*O Municipio* — Redactor, Domingos Jaguaribe. Importante folha diaria, de grande formato, que se publica na capital de S. Paulo.

*O Coritibano* — Orgão do club do mesmo nome. Director litterario Dario Velloso. Redactores, Alberto Gonçalves, Ferreira Leite e Silveira Netto. Paraná.

*Gazetinha* — Director, Octaviano de Oliveira. Magnifico semanario critico, litterario e noticioso. *Gazeta da Tarde* — Redactor, dr. Germano Hasslocher. Importante e bem escripta folha diaria. Porto Alegre. *A Ordem* — Orgão do partido republicano de Jaguarão. Rio Grande do Sul.

*O Republicano* — Importante folha diaria que principiou a ser publicada em Cuyabá e cujo apparecimento foi devido ao valoroso e illustrado coronel Generoso Ponce. Estão tambem á frente da sua redacção illustres e dedicados confrades, cuja modestia é notoria. Matto Grosso.

Enviaram-nos produções originaes os senhores: Arthur Costa, de Goyaz; Euclydes Dias, da Mina Litteraria do Pará; Luiz Pistarini do Rio de Janeiro; Acrisio Gama, de Goyaz; Pedro Moniz, do Centro Litterario do Ceará.

*Aviso*. — A outros cavalheiros que nos remetteram tambem produções firmadas com pseudonymos ou simples iniciaes, participamos que n'esta folha não se acceitam publicações anonymas. Em materia litteraria, a nosso vêr, a modestia representa medo, e portanto cada qual deve firmar aquillo que escreve.

## CORREIO DE MANAOS

O sr. Raymundo Pires, que infelizmente ainda continua a occupar o cargo de administrador do Correio de Manãos, pelos modos parece querer continuar a divertir-se connosco?! É isto o que podemos deprehender da soberba carta que ultimamente dirigiu ao nosso director e da leitura do artigo por elle assignado e publicado na *Federação* e que teve a lembrança de endereçar-nos.

Que nos importa a nós que o sr. Pires seja feliz e conte com o governo lá da sua terra e não tenha medo de demissões?! No que nós achamos graça é n'esse artigo já implorar a nossa benevolencia e obrigar-nos a agradecer-lhe a fineza com que nos distinguin chamando-nos illustrados, etc.

Muito obrigado, senhor Pires, mas o que nós queremos é saber onde pára ou que destino v. s.<sup>a</sup> deu á encomenda registrada, n.º 28518 F, expedida em 20 de agosto de 1894 pelos srs. Louis Hermann & C.<sup>a</sup>, do Rio de Janeiro para ahi, ao nosso director, que até agora não recebeu.

O que nós podemos, senhor Pires, é garantir que o documento que v. s.<sup>a</sup> fez publicar com o seu artigo na *Federação* e no qual se vê o nome do director da *Madrugada* e a data de 6 de março de 94, é um documento falso, porque ninguém pôde erer que tendo o nosso director justamente n'essa data passado uma procuração bastante authorisando o sr. Emiliano de Araujo para retirar do correio de Manãos a sua correspondencia, fosse tambem passar esse simples documento para o mesmo fim.

Esta sr. Pires só um tolo a pôde comer e permitta dizer-lhe que v. s.<sup>a</sup> foi enganado, porque, repetimos, esse documento é falso e ha de permittir tambem dizer-lhe que o documento verdadeiro que lá deve existir é aquelle em que o nosso director o avisou, antes de partir de Manãos para Lisboa e antes da chegada lá do tal registado — que havia retirado em julho do mesmo anno de 94 das mãos do sr. Araujo a procuração passada em março.

Agora do que se trata de verificar é se o sr. Araujo recebeu do correio ahi a dita encomenda sem estar mais authorisado a fazel-o ou se assignou enganado e illudido na sua boa fé o recibo ou certificado d'essa encomenda, recibo que o sr. Pires enviou ao Director Geral dos Correios do Brazil, que veio aqui parar ás nossas mãos e que já foi devolvido para novo procedimento.

E como o sr. Araujo quando estava de posse da procuração recebeu e entregou ao nosso director outros registrados expedidos tambem pelos srs. L. Hermann & C.<sup>a</sup> trata-se de saber se o fizeram assignar esse recibo dolosamente, como se tratassem d'uma das outras encomendas por elle recebidas em data muito anterior, fazendo-o erer que um primeiro se perdera e sem que elle reparasse na data e no numero da encomenda! (Aqui é que está o X).

Com esse recibo o sr. Pires e o seu digno auxiliar julgam-se garantidos não é assim? Resta o sr. Araujo explicar-se ou defender-se porque é o sr. Pires quem o accusa de ter recebido em setembro de 1894 o registrado em questão, isto é, depois da partida de Oscar Leal para Portugal.

O leitor talvez a aferir pelas nossas palavras comprehenda mais ou menos que tratamos duramente o sr. Pires e por isso devemos dizer que o procedimento d'este senhor era para já teros feito perder a paciencia, porque, podemos garantir, esse sujeito não parece um homem serio. A prova está em ter como diz entregue o registrado a um individuo que elle sabia não estar mais em setembro authorisado a receber-o, a apresentação de um documento que elle deveria ter verificado ser falso pelos motivos expostos, depois o facto de fazer entrega d'essa encomenda de valor ao mesmo tempo que enviava para Lisboa um maço de cartas violadas dirigidas ao mesmo destinatario, e finalmente o divertimento a que se tem entregue enviando certas cartas ao nosso director por si mal escriptas contendo graças e fazendo-o pagar multas por virem sem sellos.

A sua ultima carta encerra uma serie de disparates que nos fazem pasmar. Ella cá fêz para o fim que deve ter, porque a questão vai ser entregue a um advogado, caso o famoso registrado não tenha apparecido.

A REDACÇÃO.

«Pelo vapor *Olinda* vieram devolvidos pelo correio de Manãos alguns officios dirigidos á secretaria da assembléa e junta commercial do Amazonas, e mais de 600 cartas d'aqui remetidas todas com a simples nota do correio — não foi reclamada».

Esta é, com effeito, original! O que fazem então os carteiros d'aquella repartição postal?

Que se devolva uma ou outra carta por não ser conhecido ou encontrado o seu destinatario vá, porém officios dirigidos a repartições publicas do Estado, é o cumulo!

(Da *Republica* do Ceará.)

Se não temem a demissão...



THEATROS DE LISBOA

*S. Carlos* — Espectaculos pela Companhia Lyrica.  
*D. Maria* — A fera amansada.  
*Trindade* — Olgarra.  
*D. Amélia* — Companhia de Zarzuela Hespanhola.  
*Gymnasio* — A Madriha de Charley. Amor... e banhos de chuva.  
*Principe Real* — O capital. Miguel Strogoff.  
*Rua dos Condes* — Francillon. O busto.  
*Avenida* — Um poeta em pancas, revista.  
*Rato* — O diabo em casa. Bravo!  
*Colyseu dos Recreios* — Grandes espectaculos equestres, etc.  
*Circo Lisboense* — Espectaculos equestres.  
*Real Colyseu* — Espectaculos variados.  
*Exposição Imperial* — Avenida Palace.  
*Salão da Trindade* — Bailes de mascararas.  
*Salão do Real Colyseu* — Rham-a-Sama. O homem selvagem.  
*Retiro da Pipa* — Jogo de pau pelo professor Oliveira.  
*Jardim Zoologico* — Exposição de animaes de todas as partes do mundo.  
*Ponneys*, theatro infantil, velocipedes, etc.  
*Soirées e bailes publicos* — Em varias sociedades e salões.  
*Museus* — Jeronymos, em Belem. — Archeologico, nas ruinas do Carmo. — Bellas-Artes — Historia natural — Anthropologico — Galerias do Palacio da Ajuda, etc.

## THEATROS DO PORTO

*S. João* — Companhia Lyrica.  
*Principe Real* — El-rei damnado. Sol novo.  
*D. Afonso* — O capitão Joblshomem.  
*Trindade* (antigo Chatelet) — O Zé n'um sarilho. A prisão do Gungunhana.  
*Circo Cardinalli* — Espectaculos variados.  
*Palacio de Crystal* — Concertos, matinees, etc. Passeio e jardins.  
*Salão de Santa Clara* — Bailes de mascararas (publicos).  
*Salão da Porta do Sol* — Bailes publicos.  
*Figuras de cera* — Nas escadas do Principe Real.

Typ. da Empreza Litteraria e Typographica



# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III

LISBOA - MARÇO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno ..... 55000

Publicação mensal. Tiragem 5:000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno ..... 15500

Portugal, anno ..... 15000

Edição especial para o Brazil e Ultramar

## EXPEDIENTE

Aos nossos leitores do Brazil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa d'esta folha em varias capitães do Brazil e para maior facilidade e mais facil aqisição baixamos o preço da assignatura annual para 55000 réis, moeda fraca. Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empreza que trata, por todos os meios, de vulgarisar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous paizes.

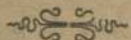
*A Madrugada*, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

**AVISOS**—Não se recebem publicações pagas.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á redacção, Correio geral, 222—Lisboa.

Jornaes mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugio.

Toda a correspondencia que não trazer a direcção acima não chega ás nossas mãos.



Em referencia ao movimento litterario no Brazil durante o anno ultimo, disse o snr. Luiz Trigueiros do *Jornal de Vianna* que era desolador o confronto, á vista do que se produziu em Portugal durante o mesmo praso de tempo e citou entre louvores os nomes dos mais notaveis cultores das letras brasileiras.

O nosso illustrado collega do *Reporter* de Lisboa, snr. Decio Carneiro, porém, depois de ter em primeiro artigo e após a primeira impressão adherido manifestamente ao que continha sobre tal assumpto a chronica de Luiz Trigueiros, veio no dia seguinte pela mesma folha e inspirado sem duvida n'uma mal entendida conveniencia patria, provocar a nossa indignação com as seguintes palavras:

«O Brazil litterariamente apesar das filaucias do snr. Valentin Magalhães, filaucias que en-

contraram infelizmente echo em Luiz Trigueiros está cem vezes abaixo de Portugal. O melhor livro brasileiro no que respeita a qualidades artisticas, não vale o peor dos portuguezes.»

Mais do que filaucia, ousada phrase e prova evidente de cabal ignorancia é este disparate do snr. Decio Carneiro.

E convença-se d'isto o snr. Decio, porque apesar da sua erudição, cegou-se ao menos d'esta vez, mostrando-se injusto e deixando-nos d'ora avante seriamente prevenidos comsigo, porque ficamos habilitados a affirmar que é bem capaz tambem de dar a palma aos authores de rapsodias mascavadas em estylo a Magalona e negal-a ao mais modesto escriptor de correcta prosa portugueza.

Pois pôde lá passar sem um ligeiro protesto da nossa parte, já que nos achamos n'este posto de honra como fracos representantes e propagandistas da litteratura brasileira em Portugal, tão atrevido e perfido commettimento?

Nada, que nenhum principiante mesmo que já tiver noções de dignidade e amor nacional, será capaz de igual arrojo, porque longe de encontrar applausos dos seus, só pôde ser tido por estes, quando sensatos, na conta de injusto e ambiguo.

Geralmente estes confrontos, se tem o grave inconveniente de provocar amargas questões em que por

fôrma alguma desejamos envolver-nos, teem tambem a soberba vantagem de aguçar a muitos o appetite. E é d'isso que precisamos.

Demais os resultados são bastante aproveitaveis, porque a vulgarisação das boas obras brasileiras em Portugal, começa a tornar-se uma necessidade palpante.

Assim não veremos muitos como Decio Carneiro que desconhecem absolutamente a litteratura braziliica dizer monstruosidades como esta que acabamos de consignar.

O que por lá e cá existe com abundancia é muito orgulho fôfo e muita cabeça oca.

Sem fazermos perigosas comparações que podem suscitar fataes polemicas, affirmamos, peremptoriamente convictos, que o Brazil tem muitos e grandes escriptores seus, e quanto a poetas, repetimos o que disse o nosso illustrado collega do *Correio da Manhã*, «leva a Portugal actualmente a palma» Dizer o contrario, é mostrar ignorancia completa a respeito do actual movimento litterario do Brazil.



Da mesma fôrma é verdade que se tem alcançado voga os poetas e escriptores mais felizes, que habitam e vivem no Rio de Janeiro e nas principaes cidades do Brazil, existem muitos que vivem immensamente afastados nos sitios mais reconditos do paiz, quasi completamente esquecidos e ignorados. D'elles só nos dá noticia algum jornal de provincia. No emtanto, muitos d'elles teem já produzido trabalhos de bastante merecimento, alguns dos quaes fazem parte da nossa modesta estante, que d'ora avante pomos á disposição do precipitado snr. Decio, a quem pedimos venia para um conselho:

Leia tambem o *Cortiço* e o *Livro de uma sogra* de Aloysio de Azevedo, *As Ondas* de Luiz Murat e as collecções de Olavo Bilac, Theophilo Dias, Raymundo Correia e muitos outros; as *Memorias Posthumas* de Machado de Assis; as magnificas obras de Silvio Romero, Clovis Bevilacqua, Affonso Celso e de muitos outros menos conhecidos mas não menos distinctos, e diga-nos depois se não ficou realmente envergonhado de ter affirmado «que o melhor livro brasileiro não vale o peor dos portuguezes.»

O enojo deve ser grande e para seu proprio descargo o snr. Decio, feita uma pillula de todo o seu artigo, melhor saberá do que nós dizer-nos quem a deve engulir.

A Direcção.

## REVOCATA DE MELLO

A nossa modesta folha, que tem prestado devida homenagem aos mais notaveis vultos nas letras, procede agora com toda a justiça para com duas distinctas litteratas brasileiras.

Revocata de Mello, cujo retrato em miniatura fulge na primeira pagina da *Madrugada* é uma senhora distinctissima, que muito tem trabalhado para a elevação do nivel intellectual da mulher no Brazil. Desde muito joven principiou a cultivar as musas com brilhantismo. Os seus primeiros versos foram publicados em 1874 na *Grinalda* e depois fez parte da redacção litteraria do *Diario de Pelotas*, folha hoje extincta.

Nascida em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, descende a nossa illustre patricia de uma familia conhecida no mundo das letras. Sua mãe, já fallecida, foi tambem uma distincta poetisa.

Ha tempos publicou um livro em prosa intitulado *Folhas Errantes* prefaciado pelo escriptor Mucio Teixeira e durante 12 annos redigiu *O Corymbo*, interessante revista em cujas columnas conseguiu firmar a reputação de que hoje gosa.

Tem collaborado em muitos jornaes brasileiros assim como na *Patria Illustrada* que em tempo se publicou em Buenos Ayres e de collaboração com a sua distincta irmã D. Julieta Monteiro escreveu o *Coração de Mãe*, drama em 2 actos, e outro intitulado *Mario*.

Julio Ribeiro, o saudoso philologo paulista e author da *Carne*, escreveu no *Correio de Santos* a 23 de janeiro de 1886, em numero especial a ella dedicado:

«Espírito superior, Revocata de Mello soube quebrar as prisões estreitas com que nós procuramos abafar as aspirações feminis, e fez voar o seu nome dos pampas do Rio Grande ás florestas do Amazonas.»

## JULIETA DE MELLO

Como sua irmã é uma distincta poetisa e digna da mesma sympathia.

Publicou um bello volume de poesias intitulado *Preludios* que mereceu a honra d'um prefacio traçado por Augusto E. Zaluar, e as *Oscillantes*, outra notavel obra poetica com uma bellissima carta de apresentação firmada pelo sympathico poeta Luiz Guimarães.

Ao lado de D. Revocata redigiu o *Corymbo* e tem collaborado em muitas revistas litterarias da sua patria e principalmente do seu estado natal.

A serem dados á luz da publicidade tem prompto um livro em prosa *Alma e Coração* e tambem um novo volume de versos sob o titulo *Tabernaculo*.

D. Julieta de Mello tem a vantagem de reunir aos seus bellos dotes uma intelligencia superior.

Á distincta rio-grandense enviamos as nossas mais vivas felicitações.





## FIALHO DE ALMEIDA

É medico e litterato.

D'elle pouco vamos dizer, apesar de podermos dizer muito, tão grande é a sua obra, tão vastos os seus conhecimentos.

Tambem o proprio leitor agradecer-nos-ha sem duvida o nosso favor, porque quem ha por ahi que não conheça Fialho de Almeida? Pessoalmente não dizemos, porque até nós ainda não tivemos esse prazer — mas pelos seus livros, pelos seus assombrosos trabalhos de imaginação, pelos seus *Gatos* tão propensos ao *dolce far niente* como já houve quem o dissesse.

Como critico gosa a fama do mais sincero e os seus juizos são sempre bem aceitos e reputados.

A sua alma é um brilhante de tão pura agua como o talento robusto que tanto o recommenda.



## LITTERATURA

## IDOLO QUEBRADO

Morta... Morta... d'extranha pallidez,  
roubei de um cemiterio a virgem branca...  
E fugi n'um corcel, á redea franca,  
com macábrica e douda rapidez.

A um palacio a levei d'estylo inglez,  
que tem na ampla portada uma carranca.  
Mas eis que a bella acorda... e me desbanca  
em comer e em beber por dous ou tres.

Ah! contando as garrafas despejadas,  
trutas, pasteis, as ostras devoradas,  
tendo na face a cor que o pasmo estampa...

com gesto grave, solarengo, e amigo,  
clamei á bella, no palacio antigo,  
— Rua! Volte, menina, á fria campá!...

Lisboa.

GOMES LEAL.

## METAMORPHOSE

(AO DR. ALVARES DA COSTA)

Quando parti deixei-a soluçando  
De profundo pezar por que eu partia;  
As lagrimas seu rosto iam sulcando,  
Como nas bellas faces de Maria.

E com tremula voz ella dizia,  
— Minha mão ao seu peito aconchegando: —  
Que dôr eu sinto!... — Intermina agonia!...  
(E eu senti seu coração pulsando).

Parti levando a dôr; tambem sentia  
A mão pezada do destino, fria...  
Que p'ra tempo cruel nos separava...

E, quando volto, ó fêra tyrania,  
Nos braços d'outro essa mulher sorria  
Com mais amor do que nos meus chorava.

Da Mina Litteraria, do Pará.

EUCLYDES DIAS.

## OS SEIOS

Quando a seiva da carne perfumosa  
Protubera-se em conchas offegantes,  
Os seios da mulher são como errantes  
Aves do céu, com bicos cor de rosa.

Pomos com fibras de setim, inconhos,  
São quando a virgem, na cerulea estancia,  
Rompe o cazulo lirial da infancia,  
P'ra ser a Chloris de um pomar de sonhos.

Mas, quando, oh nune da paixão, os mundos  
Aos olhos frageis dos mortaes desvendas  
Cheios de amor, de seducção fecundos,

Elles, qual fructo tentador das lendas,  
São dous abysmos santamente fundos,  
Dous assassinos no grilhão das rendas.

Ceará.

RODRIGUES DE CARVALHO.

## CRENTE

Eu creio em ti... na immensa profundez  
Do teu olhar sereno e illuminado,  
Eu busco reviver do meu passado  
Toda ideal e esplendida grandeza!

E n'esse céu de immacula pureza  
Dos meus sonhos benditos constellado,  
De joelhos meu ser extasiado  
Surge do chãos da intermina tristeza.

Só então sou feliz! rasgo os abrolhos  
Da noite d'alma e miro-me em teus olhos  
Oh minha casta e doce juryty!

E si o desgosto apoz me fere a mente,  
Tu me ouves dizer que sou descrente...  
Perdôa a hypocrisia: eu creio em ti!

Recife.

MANOEL ARÃO.

## MAR LARGO

Gondoleiro do amor, eu venho, oh! feiticeira,  
loura filha gentil das brumas da Allemanha,  
eu venho offerecer-te a gondola faceira  
que em perfumes e sol — phantastica — se banha.

Cabemos só nós dois. Da luz na larga esteira,  
do largo mar sereno á vastidão tamanha,  
havemos de cantar, — bem como na balseira  
descanta o rouxinol que desce da montanha... —

O mar, sereno e azul, suspira brandamente  
um cantico de amor, um hymno de saudade,  
um queixume talvez de coração gemente...

Unamo-nos sorrindo, oh! flor da castidade,  
e vamos, — mar em fôra, alegres, mansamente, —  
cantar o nosso amor — em plena immensidade!

(S. Cathar.ª — Brazil).

HORACIO NUNES.



FIALHO DE ALMEIDA

## OS LITTERATOS

Hoje como sempre, a eterna mania da epocha, succede justamente o que o nosso grande Camillo asseverou n'uma das suas geniaes produções — que não havia litteratos, que, com sôlla e tira-pé deitasse meias sôllas; mas havia sapateiros que com papel e tinta faziam folhetins.

E assim é.

Um parvo qualquer, um *badoni* que por ventura compre pomadas e legues de tóssão, é jornalista por nascimento; ainda mesmo que um fiasco o tenha dentado na sua reputação de peralta, ainda mesmo que o pontapé dos entendidos o tenha deitado a rigol para o pantheon das inutilidades!...

Um marçano em segunda instancia, qualquer lavrador mesmo, e com presumpções a regedor d'aldeia, escreve para os jornaes da localidade, ressuando no almasso as baboseiras que se lhe encharcam no cerebro, tanto se lhe dando que a etymologia grite por soccorro, como se a prosodia vá plantar batatas, berrando pela guarda á vista do sangrador que a estraga.

A questão, o decantado xis, é que o seu nome venha em letra redonda nos fundilhos da supradita asneira. E em typo vinte e quatro, se tanto podesse ser!...

E barafuste-se muito embora contra a degradação a que chegou o jornalismo na actualidade!... — Um marialva que usa junetas e comprou polainas, deve escrever lóas attenta a fochineira de bom entendedor; e um seminarista qualquer, deve infallivelmente fazer revistas para os periodicos, porque não ha nenhum... que não seja neto direito da senhora sua avó!...

E á vista d'isso pois, chegamos á conclusão de não termos remedio se não aceitar de bom grado as considerações de Michelet — que até os parvos tem a sua utilidade n'este mundo, porque desopilam a figadeira aos que soffrem de *melancholia*,

dando-se a circumstancia attenuante, d'aquella loucura mansa não fazer mal a ninguém. Antes pelo contrario — augmenta a industria typographica, ainda que, derrancando os compositores, os ponha mais tolos do que a propria grammatica do Cas-soila de Freixo de Numão!...

E para terminar:

Havia em tal terra um rei, que tinha um filho tão gentil, tão galante, tão galante, que fazia o encanto das feiticeiras.

O pae, como então era uso, no dia do baptizado do Lucas, convidou as fadas dos seus estados, a assistirem ás regias bodas, dando cada qual ao seu pimpolho uma prenda á sua escolha e feição.

Reuniram-se pois em conclave no vasto palacio da Magia as fadas de mais nomeada, e todas á uma concordaram em prognosticar ao Lucas as maiores delicias e felicidades.

Será um portento de formosura, dissera a fada Elisa. E um caudal d'intelligencia, regougou a Ermengarda. E um escriptor *pur-sang* appoia D. Ximenes. Um maleficio especial para as maleitas, diz do lado D. Gertrudes. Mas tambem ha de ser um *macarêno* apostrophou d'um canto a fada da Mãe Noute.

E todas á uma, fugindo cada qual para o seu soute, a pipilar como os carriços novos: *Um macarêno, um macarêno!!!*...

E no paço d'aquelle monarcha tudo são choros, tudo são prantos, por causa do maldito *macarêno*; do raio do palavrão que veio entupir a santa familia em romaria.

E tudo assim, justamente, succedeu. O Lucas é hoje um portento, uma intelligencia, um grande sabio; mas *macarêno* como um pataco falso, *macarêno* como o Roupinhas da Batalha, *macarêno* como a sineira de Requião!...

Lombroso esqueceu mencionar na sua grande obra esta especie de larvados — os *litterato-maniacos-pedantes*.

E se o fez propositadamente, deve-se á circumstancia de querer o celebre e eminentissimo criminalista, elevar a industria graphica ao mais alto grau de prosperidade.

— Ou então era por força socio d'algunha fundição typographica.

Tudo pôde ser.

## O ESCRIPTOR BRASILEIRO

além de não poder ainda fazer da penna a sua fonte unica de renda, por não se prestar a isso o nosso meio, essencialmente mercantil e jogatinal, além de ser mal remunerado e não poder dedicar-se a obras de folego largo e estudo profundo, tem outros males que lhe envenenam a existencia.

Por exemplo — os pedidos de collaboração gratuita em revistas, jornaesinhos estadoaes, polyantheas e albuns.

Escrrever de graça! mas isso não é cousa que se possa decentemente pedir a um jornalista, a um homem de letras de alguma cotação no apreço publico, que já tenha escripto uma linha sequer mediante retribuição.

Escrerem de graça os principiantes, os que se estreiam; e é natural; porque essas primeiras cousas são geralmente fracas e pallidas, e, não trazendo nenhum elemento de vida ao jornal ou revista que as insere, não é justo que elle dê dinheiro por ellas.

Escrerem de graça os amadores, essa casta numerosa e terrivel de individuos que fazem da sua incompetencia um titulo de apresentação e exigem por isso toda a benevolencia.

Os amadores litterarios são como os artistas. O publico diante de um quadro de amator, exclama, enlevado: É admiravel! Não tem desenho, nem colorido, nem expressão. Mas é um amator, não aprendeu nada de pintura. Que portento!

Os livros são como os quadros, não têm grammatica, nem estylo, nem senso commum. Mas o auctor não é um litterato, é um simples amator. Ah! que assombro! O admiravel seria justamente o contrario: que os não profissionaes exhibissem dotes e qualidades de factura dos que o são.

Mas pedir a um escriptor, a quem não é mais estreante nem pôde ser considerado amator, que dê de graça um conto, um artigo qualquer, equivale a pedir gratis um par de botinas a um sapateiro ou um podim a um confeitiro.

Além d'essas considerações, accode ainda a seguinte: que se ha litteratos ou jornalistas em condições de escrrever de graça, elles não devem fazel-o, porque fariam com isso uma concorrência pernicioso e pouco leal aos collegas que precisam da penna para viver. E' necessario que todos quantos se acham n'este caso adoptem, em bem de seus interesses, como principio inilludivel e constante, não escrrever uma linha unica de meia cara.

Felizmente essa verdade já vae sendo geralmente aceita. Não ha mais jornal de certa importancia que se anime a pedir collaboração gratuita e alguns mesmo recusam a que lhes é offerecida, no que fazem muito bem, porque com esse systema só publicam o que lhes conven. Sómente as revistas, os pequenos jornaes dos estados e os organisaes de polyantheas é que ainda nos perseguem ferozmente com es seus pedidos *cara-duras*.

Outra praga são os pedidos de livros para bibliothecas. Se cada um de nós remetteste as suas obras a todas as bibliothecas e gabinetes de leitura que nol-as sollicitam não teria outra occupação senão embrulhar e endereçar volumes e gastaria em portes do correio todos os magros proventos da penna. Quem quer livros, compra-os. Não faltava á gente mais nada senão mandar os seus livros de graça para os confins da Republica pagando ainda por cima á franquia e registro postaes.

E' preciso que os directores d'essas innumerables bibliothecas, sem leitores aliás, se convençam que o dinheiro dos pobres rabiscadores custa tanto, se não mais a ganhar como o d'elles e fiquem sabendo que o numero de exemplares concedido para presentes pelo editor a cada auctor é muito limitado, o que é justo visto a fraqueza do consumo; e fiquem sabendo ainda mais que as suas cartas circulares são rasgadas antes de serem lidas. É cheirar a pedido de livros e *zas*: mil pedaços.

Ha uns bons tres mezes que rolam na caixa da correspondencia... meia duzia de cartas desse genero das quaes só uma foi aberta, porque o destinatario ignorava o conteúdo. Mas esse



avisou os collegas e as cartas ahi estão, com os seus envelopes azues empallidecidos e poidos nas dobras.

Que esta tremenda revelação sirva de proficuo exemplo para o futuro.

Rio de Janeiro.

V. M.

**A**NTHERO de Quental, no prologo de um livro de versos de Joaquim de Araujo, se a memoria me não falha, afirma que os cyclos poeticos, cyclos grandiosos de outros tempos, são incompativeis com a civilização moderna, e que a poesia virá apenas a trasladar opiniões subjectivas, para gosto e consolo de algumas almas juvenis. O auctor das *Phantasias* cita, no seu volume, alguns trechos do trabalho de Anthero. Lembro-me, e com pungitiva, embora grata recordação, que muitas vezes discutimos o assumpto, e que eu me oppunha sempre ao seu modo de vêr. Não mudei de opinião ainda; antes me parece têt-a mais afincada. Na marcha assombrosa do progresso humano, abrem-se horisontes para novas Odysseas. Os deuses não morreram, transformaram-se, e os santos tambem. O pulso d'Achilles renasce, no homem de sciencia, mas só para curar. Que fez Pasteur? Não se engolfou por mares nunca d'antes navegados? Não conquistou um novo mundo? E as pareas que trouxe á patria não as arrancou de pavorosos morticinios, sahiram do seu cerebro de luz e do seu coração piedoso. Não foi esse gigante de dimensões humanas, e até debil, que n'um clarão de genio enxugou as lagrimas cruéis do seu paiz heroico, mas abatido, e, ao mesmo passo lhe resgatou os cinco miliares, uma montanha d'ouro da terrivel contribuição de guerra? Ha, no mundo pagão, heroe mais poderoso e deslumbrante, e, no orbe catholico, thaumaturgo capaz de operar maiores milagres? Não foi só a patria que elle logrou redimir, tentou ainda redimir a humanidade, *immunizando-lhe* o sangue — como agora toda a gente faz verbos, deixem lá passar tambem este — para inutilisar o veneno mortal dos seus implacaveis inimigos. Ha miserias abjectissimas, e ameaçam-nos pavorosas tormentas? A sciencia ha-de desvirtuar a peçonha dos vermes e conjurar as tempestades.

BULHÃO PATO.

Eu tenho quatro vintens,  
Com dez réis são quatro e meio,  
Para comprar as laranjas,  
Que a morena traz no seio.

## HORACIO NUNES

Nasceu no Rio de Janeiro (hoje capital federal do Brazil) a 3 de março de 1855. É filho de Amphiloquio Nunes Pires, antigo director do Lyceu Provincial, deputado, official maior da secretaria do governo e em 89 pouco antes do advento da republica, director geral da instrucção publica.



HORACIO NUNES

Horacio Nunes de quem ligeiramente nos vamos occupar, como

escriptor distincto que é, occupa actualmente o cargo de director da secção de contabilidade do Thesouro do Estado de Santa Catharina onde vive desde 1870 pelo menos e onde tem exercido varios cargos de confiança e que requerem talento para o bom desempenho.

Desde essa epocha até agora tem collaborado em innumeras folhas não só d'aquella capital como de todo o paiz.

Mais do que ao romance e á poesia, tem-se dedicado á litteratura dramatica, de que é apaixonadissimo. Os seus trabalhos porém, estão quasi todos ineditos, porque como é sabido são carissimas no Brazil as impressões typographicas e raros os editores.

Em romances tem *Jurity*, *Marietta*, *A Orgulhosa* e *A Leprosa* sendo o melhor o primeiro. Em verso — *Saudades* e *Nebulosas*. Dramas com mais de um acto — *Rosas e goivos*, *Dolores*, o *Bem e o mal*, *Coração de mulher*, *Helena*, o *Anjo do lar* e muitas comedias.

Além d'esses trabalhos tem alguns romances e diversos dramas e comedias traduzidas do francez e uma grande quantidade de contos e artigos publicados nos jornaes de Santa Catharina.

Horacio Nunes é pois um homem que por seu valor e seu talento, tem prestado já bastantes serviços ás lettras brasileiras e digno portanto de figurar nas columnas da nossa modesta mas escrupulosa folha.

## DIOGO SOROMENHO

Nascen em Lisboa a 4 de janeiro de 1849 e é filho de J. Pedro Soromenho, antigo official do ministerio do reino.



DIOGO SOROMENHO

Desde muito joven começou a produzir trabalhos de bastante merecimento. Para o theatro principalmente escreveu muitos originaes, que seria longo innumerar n'esta ligeira noticia biographica.

Todas as suas peças correram as principaes scenas de Portugal e muitas mesmo no Brazil tem recebido em nome do auctor os applausos entusiasticos das plateias.

Tem sido redactor de muitos jornaes e revistas e publicado entre outros os seguintes livros *Os grotescos* (critica) *Encyclopedia estudiosa*, *As minhas recordações* (poesias) *Contos sem poesia* (romances), etc.

Diogo Soromenho possui uma magnifica bibliotheca onde conseguiu reunir uma das mais ricas colleções Camillianas.

Desde muito tempo consagra viva dedicação as instituições de previdencia, especialmente ás associações de soccorros mutuos, ás quaes está o seu nome ligado.

Soromenho dignou-se fazer parte do nosso corpo de collaboradores distinctos e *A Madrugada* cobre-se de jubilo publicando a sua mimosa miniatura.



## MOVIMENTO LITTERARIO

*Le Magazin Internationale*, orgão trimestral da «Société International Artistique», é sem duvida uma das principaes revistas litterarias que se publicam em Paris, e a grande notoriedade que vae alcançando fóra das fronteiras da França parece perfeitamente justa, porque a ninguem é licito deixar de comprehender o alcance valiosissimo d'aquella magnifica sentença de Goethe, que lhe serve de sublime divisa: «La litterature nationale n'a plus aujourd'hui grand sens; le temps de la litterature universelle est venu, et chacun doit aujourd'hui travailler à hâter ce temps.»

No numero que temos á vista encontramos dous extractos da «Visão dos Tempos» do nosso illustre confrade Theophilo Braga, em versões magistraes de Mr. Louis P. de Brinn Gaubast e Phileas Lebesgue.

Sem que o pensamento do auctor tenha sido deturpado, estas versões apresentam ainda uma nitidez perfeita na construcção da phrase, o que lhes dá todo o brilho e realce que se encontra no original.

Xavier de Carvalho o illustradissimo e operoso correspondente do *Seculo* de Lisboa e do *Paiz* do Rio de Janeiro, tambem a honra com a sua preciosa collaboração e termina assim um bellissimo artigo em homenagem ao saudoso auctor do *Campo de Flôres*: «Je salue dans ce cher mort la Poésie tont entière, le rythme essentiel du langage humain!»

Graças a esta esplendida revista de mais de cem paginas e na qual collaboram escriptores de nomeada, muitos auctores estrangeiros totalmente desconhecidos em França, poderão, como Theophilo Braga, ser devidamente apreciados alli, porque á frente de tão sympathica propaganda está o ousado Brinn Gaubast a quem vivamente felicitamos e agradecemos tambem a remessa da *Revue encyclopédique Larousse*, n.º 128, 6.º année, que insere outro artigo seu, sobre o saudoso João de Deus, e na qual cada auctor se occupa de determinado assumpto.

Agora, já que estamos com as revistas ás voltas, torna-se forçoso destacar uma outra, cujo programma nos chamou a attenção, tão adiantadas e soberbas as ideias que n'ella se descobrem, tão elevados e nobres os fins que teem sob vistas seus auctores, ao appellar para o esforço d'uma mocidade, que chamaremos por nossa conta, de velha e forte em principios novos, e que não pôde certamente deixar de accudir ao gracioso convite, cantando por convicção entre festivos vivas a Marselheza do ideal moderno!

Não se trata, sem duvida, de uma tentativa vã da parte dos mais distinctos e brilhantes espiritos da geração actual, contra uma doutrina decadente, ou uma

escola, que, mesmo apreciavel, deve irremediavelmente cahir em desuso e que apezar de repetidos fracassos ainda pretende impôr-se, n'uma epocha em que tudo deve cheirar a novidade. Do que se trata é de uma consolidação.

Sobejada razão teem esses dignos confrades que viram cahir os *medalhões* do Imperio, em esperar pela queda dos *medalhões* litterarios, e o seu triumpho será para nós motivo de satisfação. Não estamos já em epocha que se possa impôr o veto de censura ociosa e banal ás obras de toda e qualquer faculdade inventiva.

Applaudimos mesmo «a guerra ao convencionalismo em todas as manifestações do pensamento» e ardentemente desejamos que façam proselytos e vão encontrando um lugar de honra, aquelles que pondo em evidencia os seus meritos, trabalham pela renovação litteraria do Brazil.

Quando se reúnem qualidades de exuberante espontaneidade e tão facil e feliz inspiração, como possuem de sobra os illustres e delicados collaboradores da «Nova Revista» todo o elogio torna-se futil, porque o leitor versado sabe bem distinguir o ouro do cobre como o brilhante do vidro, e não deixará espontaneamente de applaudil-os, tanto mais que tratando-se d'estes *novos*, tratamos de verdadeiros idolatras da arte, que não podem impressionar-se pelo que está feito, mas sim pelo que se pode fazer.

Adolpho Caminha, o distincto director da «Nova Revista», é um nome já glorioso nas lides litterarias e com certeza ao lado de Collatino Barroso, o sympathico e festejado auctor dos «Anathemas» e de Oliveira Gomes, não menos distincto companheiro e auxiliar, verá coroados de exito brilhante os seus patrioticos exforços.

No numero 1 d'esta mimosa e bem cuidada revista encontramos tambem produções de outros distinctos litteratos, entre os quaes seja-nos dado o prazer de citar o nome do nosso amigo Clovis Bevilacqua que tem talento bastante para espalhar com abundancia por toda a parte as galas da sua luxuosa e fertil imaginação.

Permittam-nos um ligeiro reparo. Como geralmente succede e que é deveras lastimavel, torna-se cada vez mais sensível a falta de uma secção bibliographica n'esta especie de publicações litterarias brasileiras, e esse mal, que assim pôde ser reputado, deve de preferencia ser obviado, por que a bibliographia é sem duvida a chave de todas as sciencias, e um trabalho necessario, pelo qual nos é dado tomar conhecimento dos progressos intellectuaes de um povo.

Tal falta contribue poderosamente para a perda de elementos seriamente aproveitaveis, na base d'uma historia litteraria.

Não queremos terminar sem claramente dizer duas palavras acerca dos *Nevoeiros* do snr. Eustachio d'Azevedo, em cuja leitura empregamos hoje algumas horas.

Manda-nos a verdade dizer que o auctor possui além de talento, tambem uma imaginação fertil.

O snr. Ovidio Filho diz n'uma carta ao poeta:

«No teu livro de versos não ha *nevoeiros* mas sim leves *nuanças* que por momentos empallidecem o brilho dos teus versos como ligeiras nuvens, um bello luar de maio em ceu brasileiro». ... «Percorreste com felicidade a gamma dos sentimentos que motivaram os teus versos. Agradam-me sobretudo *A Tempestade*, *O Inverno*, *Meio dia*, que são feitos d'*après nature*.

Não concordamos com a escolha naturalista do distincto senhor Ovidio. Ha outras poesias mais bellas, mais sentidas, mais humanas nos *Nevoeiros*. Isto d'*après nature* em poesia é uma cousa secundaria e morta. Em verso querem-se outras cousas subjectivas e d'essas tem-nas formosas Eustachio de Azevedo. Honra lhe seja.

E esta é não só a nossa opinião, mas tambem a de um distincto poeta portuguez a quem casualmente apresentamos antes o mimoso volume, que agora devidamente encadernado faz parte da nossa modesta bibliotheca.

OSCAR LEAL.

## NOTICIARIO

Seguiu para os Açores o nosso distincto amigo capitão do exercito Albino de Menezes Leal, primo do director d'esta folha. Acompanhará-no sua esposa e filhos.

Os passageiros do vapor «Sobralense» da Red Cross Line chegado a Parã em Dezembro queixaram-se amargamente pela imprensa d'aquella cidade, do pessimo tratamento que tiveram a bordo d'aquelle navio, contando cousas verdadeiramente horribes e que não nos causaram espanto algum, porque sabemos bem o que é esta navegação. Enquanto não for estabeleci-



da uma linha de paquetes, com as devidas acomodações para passageiros é, muito mais preferível a toda a pessoa de consideração que demanda a região amazônica ou em regresso aos portos da Europa, fazer escala pela Bahia e Pernambuco, aproveitando os grandes paquetes francezes ou inglezes que atravessam o Atlantico e os melhores vapores costeiros da Lloyd brasileira.

Os navios—carroças, das companhias inglezas da carreira do Pará além de terem só duas classes não possuem acomodações. Os preços são exorbitantes, até mesmo inerveis, e o tratamento horroroso. Os beliches da 2.ª classe que equivale a 3.ª servem para depositos de cargas quasi sempre e os proprios imigrantes são tratados como os suínos n'uma acanhada possiga.

A *Graça inefável*, o epilogo da *Visão dos Tempos* de Theophilus Braga conta já tres traduções: a sueca de Bjarkmann, a allemã de Stark e a franceza de Brinn Gaubast.

N'esta redacção fornecem-se listas dos jornaes brasileiros que tem redactores encarregados d'uma secção bibliographica e aos quaes os senhores authores ou editores podem enviar as suas obras.

Aos senhores que nos tem enviado originaes manuscritos para serem aqui entregues a alguns editores, participamos que melhor seria tratarem directamente com elles n'esse sentido. E para ensinar-lhes o meio mais pratico, transcrevemos a seguinte noticia que encontramos n'ua folha do Brazil:

«Realmente é entre nós considerada como uma honra para alguns authores e um grande passo dado na carreira das letras o favor que raro livreiro de além-mar, áquelles concede—editando-lhe a primeira obrinha. Ora um joven-auctor para ás vezes isso conseguir, tem primeiramente que fazer grosso e gratuito reclame á livraria de que espera receber *tamamha* honra e nada mais. Amor com amor se paga».

A Academia Real de Sciencias da Suecia concede em signal de gratidão a medalha comemorativa do Dr. Regnell aos senhores Pedro Celestino Corrêa da Costa e Estevam de Mendonça, por serviços prestados á commissão scientifica do Dr. Lindman, em Matto Grosso, Brazil.

Julio Brandão tem no prelo um novo livro intitulado — *A Pharmacia Pires*.

Um dos redactores da «Madrugada» presta-se mediante modica remuneração a enviar correspondencias litterarias, politicas etc para qualquer jornal do Brazil, que tal deseje e solicite por carta a esta redacção.

Pelo distincto cavalheiro senhor Manoel Lello foram postas á disposição do director d'esta folha algumas photographuras representando edificios importantes do Pará e que eram destinadas a ornar a obra «Do Tejo ao Amazonas» do padre Guilherme Dias, que não chegou a ser publicada. Já temos ornado um numero d'esta folha com a gravura que representa a Bolsa do Pará e logo que tivermos espaço apresentaremos outras.

A respeito do illustrado padre Guilherme Dias, que anda actualmente em excursão pelo norte do Brazil, encontramos varias noticias nos jornaes d'alli chegados. A *Republica* do Ceará por exemplo diz no seu ultimo numero de 13 de Fevereiro do corrente anno que o illustre padre Dias, tendo solicitado do Governo d'aquelle estado o auxilio de cem libras para a publicação do seu livro «Do Tejo ao Maranhão e Ceará» obteve o seguinte despacho: O auxilio pecuniario solicitado só pôde ser concedido pela assembléa legislativa; todavia pôde o supplicante no seu projectado livro incluir a parte referente a este estado com o numero de photographuras designado, que opportunamente será pedida quantia precisa ao poder legislativo».

Consta-nos tambem que em outros estados que vai percorrendo obteve o senhor Padre Dias além de bonito acolhimento, magnificos auxilios para a publicação da sua obra, o que é motivo para o felicitarmos e tambem ao governo d'esses estados brasileiros, que tem sabido ser generoso e hospitaleiro para com os escriptores estrangeiros.

Para o livro «Do Tejo ao Amazonas» consta-nos tambem que o senhor Padre Dias recebeu ha tempos boa maquia dos governos do Pará e Amazonas.

Cá o nosso director nunca pediu nem obteve auxilios dos governos para a publicação dos seus livros, apesar de Pinheiro Chagas ter escripto que «antes de os ler, Matto Grosso e Goyaz conservavam não só para elle mas para os Europeus todos os encantos do desconhecido».

E esses trabalhos talvez sem valor tem-lhe valido grandes distincções e ser honrado com os titulos de membro das principais associações geographicas e scientificas do mundo!

Para poder escrever essas obras, o nosso director teve de fazer viagens de exploração por todo o seu paiz e as despesas só foram cobertas com o producto do seu trabalho, porque nas grandes cidades onde estacionava ia passando ao papel as suas impressões ao mesmo tempo que exerceia a honrosa e nobre profissão de medico-dentista. E soffrendo as mil consequencias das suas arrojadas jornadas, que lhe produziram bons amargores, sujeito a enganar que elle proprio buscou desfazer, em lugares afastados onde o estranho é sempre victima da desconfiança publica e de meios banaes de vingança, nunca, nem mesmo hoje longe da patria, deixa de bem honrar-a e por ella trabalhar. E como mais de uma vez, tem sido aqui sempre bem recebido e festejado pelos nossos collegas de imprensa á qual é deveras grato.

Justamente por isto mesmo, sentimos grande satisfação pelo acolhimento digno e proveitoso que tem recebido tambem no Brazil o ex-redactor da *Reforma* o senhor padre Guilherme Dias, e se aproveitamos o facto para ligeiro desabafo, a elle só temos motivos para felicitar.

E' do nosso distincto confrade da *Noticia* do Rio de Janeiro o dr. Valentim Magalhães, um artigo que honra hoje uma das paginas d'esta folha assignado com as suas iniciaes.

Publicamos hoje na secção competente algumas produções poeticas que consideramos ineditas, por nos terem sido enviadas pelos proprios authores e terem merecido a attenção e revisão da commissão de censura.

Luiz Pinto Coelho o mimoso poeta madeirense trata actualmente da publicação d'um livro contendo todas as suas produções.

Chegou a Lisboa Aloysio de Azevedo, o mais notável e fecundo escriptor brasileiro. Do lazareto escreveu-nos enviando-nos os seus cumprimentos e agradecendo gentilmente as nossas boas vindas.



## BIBLIOGRAPHIA

Á disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar, temos mais os seguintes livros, folhetos e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

*Sonancias*. — Poemas de Alvaro Pinheiro. Espozende. O auctor possui talento e estro para vir a occupar um logar no templo da poesia patria. Os seus versos são simples e bellos, faéis e quasi sempre correctos.

N'este bello volume reuniu notas da sua «Alma emotiva e melancolica».

«Sonancias breves  
Versos e flores;  
Versos doados  
Aos seus amores».

E atirando-se ás cachopas, canta:

«Alegres namoradeiras  
são joviaes  
As moças novas, solteiras,  
Baillando nos arraiaes».

*Humorismos*. — Contos, por Amancio Pereira. Espirito Santo, Brazil. É um pequeno volume contendo varias historias engraçadas, nas quaes sempre transparece a na jubilosa emoção.

*O Compasso Musical*. — Comedia em dous actos ornada de cantos, musica de Theotonio de Lima. Do mesmo auctor.

*Geographia e historia* do estado do Espirito Santo. Noções do mesmo auctor, approvadas e adoptadas. É um trabalho realmente digno de louvor.

*Brinde do Diario de Noticias* de Lisboa, contendo magnificos contos, de que são auctores Eugenio de Castro, Narciso de Laeerta, Francisco de Almeida, Bulhão Pato e Alfredo da Cunha.

*Atraz da Elegancia*. — Romancete em forma de gracioso reclamo por Flavio Reis e mandado publicar no catalogo da Alfaiateria Teixeira—Maranhão.

*Crítica*. — Estudos sobre cirurgia dentaria pelo cirurgião dentista Francisco A. do Amaral—Porto.

*Mudinholos*. — Contos por F. Weine do Centro Litterario do Ceará.

Antes de emitirmos a nossa opinião sobre o merito d'este mimoso livrinho, permitta-nos o auctor ligeiro cavaco, porque a duvida é para nós um phantasma perigoso e difficil de desalojar. É que não temos a certeza se F. Weine é um nome ou um pseudonymo e nós gosta nos muito de saber co n quem tratamos.

Em todo o caso o certo é que o auctor é membro de uma associação de letras muito distincta e afinal de contas merece pela lembrança que teve, e da gentil dedicatória que nos fez, toda a nossa gratidão, tanto mais que ficamos encantados durante a leitura d'alguns dos seus singelos e graciosos contos.

E fica n'isto a nossa opinião sobre o merito dos *Mudinholos* a cujo auctor agradecemos a mimosa offerta.

*Espiritismo racional*. — Victor A. Vieira—Rio de Janeiro. O auctor d'esta importante obrinha é nosso velho amigo e justamente por muito o conhecermos, e apreciarmos os arrojos do seu espirito culto e irrequieto, sentimos maior prazer em d'elle nos occuparmos mais uma vez, embora ligeiramente.

Tudo quanto n'este livro se encontra é producto de uma clara e nitida percepção baseada em phenomenos espontaneos. Este trabalho, que denota muito estudo, não pôde ser apreciado n'uma ligeira noticia.

*Revista do Instituto Historico e Geographico* de S. Paulo. Volume I—186 paginas, endereçado ao socio correspondente Dr. Oscar Leal. Além de um magnifico discurso lido na sessão de 4 de julho do anno passado pelo Dr. João Monteiro em homenagem á *Independencia dos Estados Unidos* do norte, inclue no seu summario um magnifico estudo do Dr. Orville Derby sobre a denominação da *Serra da Mantiqueira* e um notavel trabalho acerca das *Origens republicanas* do Brazil pelo Dr. Domingos Jaguaribe.

*A Nova Revista*. — Director, Adolfo Caminha, secr. Oliveira Gomes. Collaboração de Collatino Barroso, Rodrigues Carvalho, Frota Pessoa, Evangelista da Silva, C. Bevilacqua, Th. Magalhães, F. Pacheco, etc. Rio de Janeiro.

*Revista Agricola*. — Redactores, Drs. Luiz Pereira Barreto, Carlos Botelho e Domingos Jaguaribe. Orgão da Sociedade Agricola e Pastoral. S. Paulo, Brazil.

*L'Aerostati Vieira*. — Systhème d'aerostation par Victor Vieira.—Rio de Janeiro.

*Agencia Internacional* contendo o programma d'essa magnifica associação que realisa sem duvida um importante melhoramento nas relações entre a França e outros paizes. Acompanha uma carta dirigida a esta redacção e assignada por Blanche de Mirebourg, Xavier de Carvalho e A. de Sousa, residentes em Paris e que nos recommeadam a referida Agencia.

*Le Magazin International*. — Organe de la Société I. Artistique. Anno II, n.º 5, 100 paginas. Revista illustrada. Paris.

*La Grisette*. — Journal en 4 couleurs du Samedi, humoristique et psychologique. Seize pages de texte. Paris.

*Revue encyclopédique Larousse*. Directeur Georges Mareau —Com magnificas illustrações. Paris.

Um officio assignado pelo secretario da American Geographical Society, participan lo ter sido incluido o nome do director d'*A Madrugada* para membro correspondente da dita associação scientifica.

*Novo systema de curar*. — Comedia por um doutor em Medicina. Edição da importante livraria de José Magalhães. Bahia.

*Revista Azul*. — Revista d'arte, illustrada. Porto. Director, Alvaro Meades. No seu genero é uma das melhores publicações que conhecemos. Além de bellos desenhos, traz o n.º 3 que temos á vista, magnificos escores litterarios em prosa e verso.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*O Inferno*. — Jornal illustrado de arte e critica. Lisboa.

*A Voz Publica*. — Bello semanario do Funchal.

*Estrella Povoense*. — Povo de Varzim.

*Independente Regoense*. — Regoa.

*Correio de Cintra*.

*Gazeta de Noticias* do Porto. — Redactores Dr. Gonçalves de Freitas e Daniel de Albreu Junior.

*O Bem Publico* de Villa do Conde.

*O Jornal do Povo* de Oliveira de Azemeis.

*Revista dos Lyceus*. — Director dr. João M. Moreira — Redactores dr. Simões Figueirinhas e outros illustres professores no lyceu do Porto.

*A Lucta* do Funchal. Director politico o illustrado cavalheiro Azevedo Ramos. Redactores os distinctos jornalistas Coutinho Gorgão e Pedro Rodrigues.

Da empresa d'esta folha faz parte o nosso velho amigo sr. Manoel Casa Branca, que residiu por muitos annos no Brazil.

*O Pimpão*, illustrado—Lisboa. Expleadido o numero que temos á vista.

Do Brazil visitaram-nos pela primeira vez:

*O Matto Grosso*. — Director Emilio Calháo. Esta magnifica folha, que já conta 18 annos de existencia, traz no numero 823 os retratos do seu intelligente director e fundador e n'ella collabora o modesto e illustrado joven Estevam de Mendonça ao lado de distinctos companheiros.

*O Arauto*. — Pelotas—Rio Grande do Sul.

*O Astro*. — Redactor Ananias Ribeiro de Souza. S. Anna de Jacaré, Minas.

*Diario de Santos*. (Apenas 2 numeros).

*Tribuna do Povo*. — Excellente folha diaria que se publica em Santos sob a direcção do proecto jornalista Olympio Lima.

*O Combate* orgão do partido operario do Ceará.

*Folha de Barbacena*. — Minas.

*Oasis*. — Redactores Benevenuto de Oliveira, Rodrigues Leite e José Rospero — Orgão do Gremio Litterario «Le monde marche». Rio Grande do norte.

*A Galeria Cearense* n.º 1 do 2.º anno vem ornada com o retrato de Francisco Joaquim da Rocha distincto cidadão ultimamente fallecido em Paris.

*O Friburguense* que sob a criteriosa direcção e redacção de Cardoso & Irmão se publica em Nova Friburgo, offerece-nos agora uma pagina litteraria muito bem cuidada, o que é motivo para sinceras felicitações.

As nossas mãos chegaram alguns volumes cuja remessa agradecemos simplesmente, por não sabermos quem nol'os remetteu.

### Ligeiro cavaco

Cá não nos consta que faça parte da redacção d'um jornal portuguez, um Wenceslau Queiroz, que falsamente attribua a um illustre auzente do seu paiz actos menos dignos como escriptor e como aquelle senhor desca do seu posto para n'uma folha importante *O Municipio* de S. Paulo, de que é director um dos mais distinctos jornalistas e escriptores brasileiros, por em duvida a reputação litteraria de quem uma vez, no escriptorio da redacção do *Correio Paulistano* galhardamente lhe apertou as mãos.

E porque? Com que fim? Teria medo da carapuça applicada na cabeça d'alguem que se parece consigo?

Ora o seu Wenceslau que continue a fazer versos e a traduzir os de Martino Bersale com todo o *puêr* e de outros distinctos poetas italianos e deixe-nos em paz que afinal de contas não nos offende.

Ainda bem que o nosso plano vai surtindo effeito. Os maldizentes vão se pondo em evidencia. Ficamos por aqui, aqui.

### THEATROS DE LISBOA

*S. Carlos*. — Espectaculos pela Companhia Lyrica. Concertos Sarsate.  
*D. Maria*. — A fera amansada.  
*Trindade*. — Cigarra.  
*D. Amélia*. — Companhia franceza.  
*Gymnasio*. — A Madrinha de Charley. Amor... e banhos de chuva.  
*Principe Real*. — O capital. Miguel Strogoff.  
*Rua dos Condes*. — Francillon. O busto.  
*Avenida*. — Um poeta em paucas, revista.  
*Rato*. — O diabo em casa. Bravo!  
*Colyseu dos Recreios*. — Grandes espectaculos equestres, etc.  
*Circo Lisbonense*. — Espectaculos equestres.  
*Real Colyseu*. — Espectaculos variados.  
*Exposição Imperial*. — Avenida Palace.  
*Salão da Trindade*. — Bailes de mascarar.  
*Salão do Real Colyseu*. — Ruum-a-Sanna. O homem selvagem.  
*Retiro da Pipa*. — Jugo de pau pelo professor Oliveira.  
*Jardim Zoologico*. — Exposição de animas de todas as partes do mundo. Pomeya. theatro infantil, velicipedes, etc.  
*Soirées e bailes publicos*. — Em varias sociedades e salões.  
*Museus*. — Jeronymos, em Belém. — Archeologico, nas ruínas do Garmo. — Bellas-Artes — Historia natural — Anthropologico — Galerias do Palacio da Ajuda, etc.

### THEATROS DO PORTO

*S. João*. — Companhia Taveira.  
*Principe Real*. — Espectaculos variados.  
*D. Afonso*. — Companhia Alegria.  
*Trindade* (antigo Chatelet). — O Zé n'um sarilho. A prisão do Gunghana.  
*Circo Cardinalli*. — Espectaculos variados.  
*Palacio de Crystal*. — Concertos, matinees, etc. Passeio e Jardins.

### ANNUNCIO

#### RETRATOS A CRAYON

Bustos em tamanho natural, completamente parecidos. Fazem-se e enviam-se pelo correio para qualquer parte, pelo preço de 35000 réis para Portugal, ilhas e ultramar e 205000 réis fracos para o Brazil.

Escrever e remetter uma photographia a *Jayme de Sá* da Academia das Bellas Artes.

Ao cuidado da redacção da *Madrugada*.

Tambem se fazem a oleo.

Typ. da Empresa Litteraria e Typographica



# A MADRUGADA



REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE IV

LISBOA - SETEMBRO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA — BRAZIL	REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES	ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR
Anno ..... 40\$000	Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA	Anno ..... 1\$500
Tiragem 5:000 exemplares		Portugal, anno ..... 1\$000

Edição especial para o Brazil e Ultramar

## EXPEDIENTE

Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empresa que trata, por todos os meios, de vulgarisar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous paizes. *A Madrugada*, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

**AVISOS**—Não se recebem publicações pagas. Toda a correspondencia deve ser endereçada á redacção, Correio geral, 222—Lisboa. Jornaes mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugio. Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.

**REDACTORES E COLLABORADORES**—D. Guiomar Torresão, Aluizio de Azevedo, Julio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heliodoro Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.

## A NOTORIEDADE

**A** PRIMEIRA cousa com direito a aspirar todo o individuo que escreve, é ser lido. E realmente assim deve ser.

Mas não basta o merito ao escriptor para conseguil-o. Conhecemos por ahí muitos litteratos ainda novos e bastante ferteis, que tendo chegado a produzir obras em abundancia precedidas mesmo de ruído chamariz, apreciadas com justiça por um pequeno numero de admiradores, nada conseguiram nem conseguem da notoriedade publica.

As vezes possuem mais espontaneidade que estudo e uma jactancia sympathica das galhardias e pompas d'uma faculdade inventiva embryonaria. D'ahi o somno traidor que os assalta sobre os primeiros laureis colhidos, antes das amarguras que hão de experimentar na lucta futura pelo ideal e pela gloria.

Um pensamento fixo os acompanha e martyrisa — o desejo que teem do tornar os seus nomes immortaes pela notoriedade. E quanto mais invocam o seu auxilio, mais irada e tyrannica d'elles ella se afasta como uma mulher de fórmas divinaes e meneios provocantes a descrever zigzags na nossa frente para evitar que a possamos alcançar e envolver n'um amplexo immerecido.

Tem-se visto comtudo que muitas vezes ella digna-se favorecer repentinamente a quem ainda hontem, estando conscio da sua obscuridade, temia-lhe as honras d'um simples bafejo. Chama-se a isto, — obra do acaso.

Que o seja, pouco importa, mas segundo a nossa fraca maneira de pensar, se assim quizerem, nem ao invalido é licito deixar de merecel-a quando vemos que o proprio agiota, individuo ás vezes repellente, tem na sua usura um pretexto para alcançal-a.

N'este caso o pretendente não deve ser classificado de pretencioso, mas sim de martyr; o seu triumpho, quando mesmo posthumo, é ephemero como tudo que é sol de pouca dura.

A notoriedade! Não é ella afinal que resume todas as nossas aspirações? A nossa amada e bella soberana a quem não devemos deixar um só instante de render respeitoso preito, porque qual luminoso animatographo a funcionar successivamente atravez do tempo e dos seculos, anima sempre os homens illustres; torna immortaes aquelles que baixaram ao tumulo, cadaveres cobertos de folhas flavas, que d'ella receberam a preciosa dadiva da ubiquidade.

Camões e o Gama, Raphael e Miguel Angelo, artistas sublimes, audazes conquistadores «que passaram ainda alem da Taprobana» que conceberam a

reprodução da natureza esmaltando-a na tela ou no livro, entre uma magestosa prodigalidade de cores: Edison, Guttenberg, os heroes das grandes applicações da sciencia á vida; Demosthenes, Descartes, Pasteur, Copernicus, Galileu, Pitagoras, verdadeiros Hercules do pensamento, philosophos profundos, senhores do proprio universo sideral, donos d'essa sombria e immensa Baobab em que cada folha é um enigma e cada ramo um problema; todos, todos aquelles que souberam collocar-se pela intelligencia e saber acima do vulgar, todos são immortaes pela notoriedade.

Todavia, é certo e não pôde merecer contestação que afinal um aspirante á notoriedade, sem motivos para tal, é geralmente um typo desdenhavel. Ella propria o repelle altivamente.

Aquelles que levando em conta o merito proprio, crescente na boa fé do vulgo, pela bajulação ou pela ironia, têm a incensatez de aspirar a uma celebridade incondicional, difficilmente conseguem alcançal-a. Com estes devemos usar de prudencia e de reserva, porque de desespero em desespero, luctando com uma fé inquebrantavel, senão conseguem chamar a attenção sobre si por bem, em ultimo recurso alistam-se nas fileiras dos mal aventurados e são capazes como Eros-trato da antiga Epheso, de incendiar o templo de Diana para se tornarem conhecidos.

leiras dos mal aventurados e são capazes como Eros-trato da antiga Epheso, de incendiar o templo de Diana para se tornarem conhecidos.

Não foi o desejo de notoriedade que levou Vaillant, e Pranzini, Garfield, Santo, o assassino de Carnot, ao patibulo?

Seria só por simples amor á sciencia que Franklin caminhou para o polo austral ao encontro d'uma morte horrorosa?

A vaidade muitas vezes pôde mais em muitas pessoas que o raciocinio.

Mesmo assim, força é confessal-o, muitos aspirantes á notoriedade são obrigados a reconhecer que se caminham ao seu encontro mesmo despreoccupadamente, é porque como mais sensatos, sastisfazem ao mesmo tempo uma necessidade condigna com o seu temperamento, na rectidão de principios a que os obriga um caracter altivo, que lhes não permite deverem uma fineza sem a convicção inabalavel de poderem retribuila. E para não serem pesados a ninguém nem prejudicarem o movimento progressivo da sociedade, por falta de applicação, são obrigados reconhecidamente a pôrem em evidencia todos os recursos naturaes de que dispõem.

Eia pois, jovens de ardente imaginação! Não de-

sespereis nem vos deixeis cahir em plena lucta prezos de desesperos, carecentes de perseverança.

A lucta é a vida e a morte a gloria, que não pertence a um só mas a toda humanidade.

OSCAR LEAL.

## SILVIO ROMERO

**U** dos retratos que ornarn o presente numero da nossa modesta folha, representa um dos vultos mais prestigiosos da litteratura brasileira.

O Dr. Silvio Romero nasceu no Estado de Sergipe e é filho de paes portuguezes.

É um verdadeiro homem de sciencia. Possui um temperamento excessivamente ardente e uma imaginação entusiastica propria dos grandes pensadores.

Os seus escriptos são sempre lidos com avidez e as suas obras muito procuradas.

Como critico dizem ser um tanto apaixonado e aggressivo, consequencia sem duvida da sua firme e terminante maneira de pensar e de obrar.

Silvio Romero é lente do Gymnasio Nacional, da Academia Livre de Direito do Rio de Janeiro e socio de importantes associações scientificas.

## Marcos Guedes

**H**ONRA hoje tambem uma das paginas da nossa folha, o retrato do sympathico jornalista portuense o snr. Marcos Guedes, um dos vultos mais prestigiosos da imprensa portugueza.

Guedes reune, segundo a opinião dos que o conhecem de perto, os primores de esmerada educação, de fina e captivante affabilidade e bellas qualidades de cavalheiro que muito o distinguem.

Se não é um artista como o parece indicar a sua basta cabelleira, ninguém poderá negar que seja, como effectivamente o é, um admirador estrenuo de tudo o que se relaciona com a arte, em todos os seus ramos, contribuindo muitas vezes com o seu incitamento, para os triumphos dos seus mais notaveis cultores.

Marcos Guedes nasceu em Poiães e além de occupar um lugar distincto na redacção do *Primeiro de Janeiro*, a mais lida folha que se publica no Porto, occupa ahí tambem ha muito tempo o cargo de correspondente do *Seculo* de Lisboa.

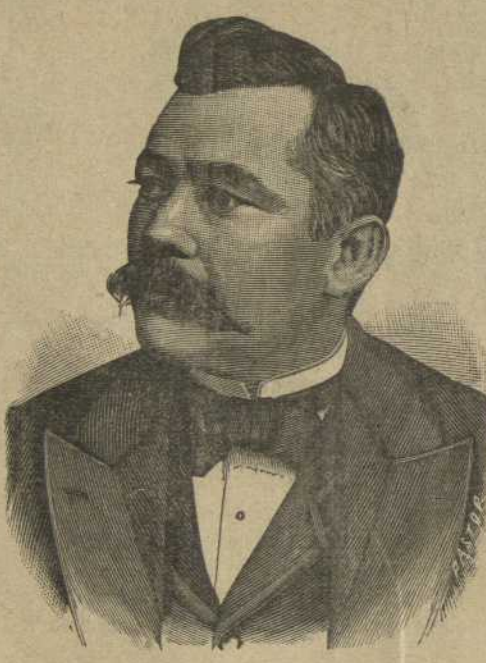
## Arthur Azevedo

**E** DE todos os escriptores brasileiros o que mais horas consome no trabalho mental.

Dramaturgo, poeta, jornalista, *conteur*, e em todos os ramos da litteratura que brilhantemente cultiva, o seu talento e fertilidade estão sempre em continua evidencia.

Actualmente occupa um cargo publico qualquer no Rio de Janeiro, onde vive ha longos annos e é redactor e collaborador do *Paiz* e da *Noticia*.

Copiosissima é a sua obra e notavel por muitos titulos, comprehendendo prosa e verso. A sua folha de serviços destaca-se de longa data nas fileiras do jornalismo fluminense, pelos extremos de uma dedicação viva e intelligente.



SILVIO ROMERO



Arthur de Azevedo nasceu no Maranhão e é irmão do nosso illustre amigo e grande romancista Aluizio de Azevedo, que actualmente se acha em Vigo como consul do Brazil.

### RAYMUNDO CORREIA

POETA das *Alleluias* nasceu em 1860 a bordo do vapor S. Luiz em aguas brazileiras.

Valentim Magalhães, ha pouco, em uma das suas conferencias no Rio de Janeiro, tendo em vista a vulgarisação ou a propaganda da litteratura, fez um retrato da physionomia moral, intellectual e physica do insigne poeta, e disse que elle é um nervoso, magro, de estatura regular e musculatura mediocre; que parecendo um ingenuo á primeira vista, é pelo contrario um espirito observador e atilado.

Raymundo Correia é um poeta original e sem escola, auctor de muitos sonetos bellissimos, que por ahi andam reproduzidos em muitas folhas de Portugal e Brazil.

Alem das *Alleluias* já publicou outros volumes — *Primeiros Sonhos*, *Symphonias* e *Versos e Versões*.

É um poeta na mais perfeita acceção do termo. No ultimo dos seus livros o seu talento manifesta-se brilhantemente. A poesia *Job* d'esse volume é um verdadeiro primor, como já eram considerados os seus sonetos *As Pombas* e a *Missa da Resurreição*.

#### GAZETILHA AO MEU MARCOS

Eu não sei se emperraria  
A fina flor dos Plutarcos  
Com a simples biographia  
Do Marcos.

Por esses mundos sem par,  
No rol dos grandes varões,  
Elle é a nata dos Mar-  
cantões!

A terra que lhe foi berço  
Tem, de o ver em seus annaes,  
Orgulho de palmo e terço,  
— Ou mais!

Orgulho que só se irmana  
No amor que o Marcos lhe encerra,  
Pois tambem elle se ufana  
Da terra!

E que amor! Terra bendita!  
Cidades, villas, logares,  
Com todas pões á compita  
Poiars!

Poiars, upa! É de vel-o  
Dar-lhe uma tal cotação,  
Que a torna mais que Campello,  
(Baião)!

D'onde este apêgo virá  
Seisma-se E á vol d'oiseau  
Se vê que é de o haver lá,  
— Do bó!

Tanto, que o vejo d'aquí,  
Ao pôr-lhe ao léo a tineta,  
Dizer-me: — *Pudéra! Ali,*  
— *Á preta!*

TITO LITHO.

## LITTERATURA

### A MADRUGADA

A LUIZ PISTANINI

A treva aos poucos vae-se dissipando,  
Frouxo clarão ao longe, vêm nascendo;  
E o bello dia, a rir, apparecendo  
Rompe de leve, os montes orvalhando.

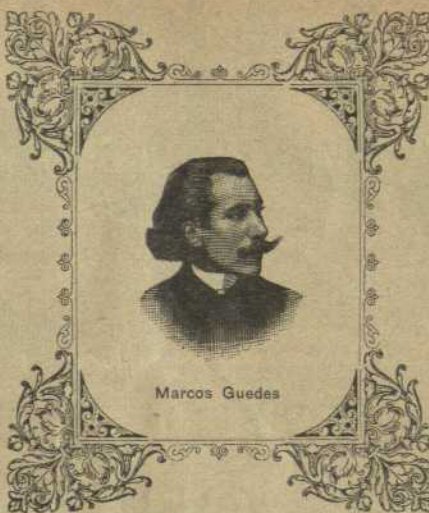
O fulvo sol, a custo, vem-se erguendo...  
De proletarios, numeroso bando,  
Marcha feliz, a caminhar, cantando,  
Estrada a fóra, maguas esquecendo...

Ouvem-se os sinos badalando perto  
Como as notas d'um magico concerto...  
Rompe festiva a bella madrugada!

Desperta a natureza. Os passarinhos,  
Canções de amor entoam nos seus ninhos...  
Que momento feliz, ó minha amada!

Rio, XII-XCVI.

LAFAYETTE SILVA.



Marcos Guedes

### AMOR!

(INEDITO)

Giram astros no espaço, navegando,  
cen em fóra, do sol em de redor.  
Que força os traz continuo gravitando  
para o fóco da luz?... será o Amor?...

Olha a brisa. Suspira embalsamada,  
deslisando entre as arvores em flor...  
Parece, de saudades trespassada,  
estar em trovas cantando o seu amor.

Quando as rolas de espuma á praia vêm,  
ás areias trazendo o seu frescôr,  
no murmúrio das vagas, todos têm  
a fervida expressão de intindo amor.



ARTHUR AZEVEDO

A ave que percorre um ceu sem fim,  
os fructos sazonados do calor,  
as flores que perolisam o jardim,  
tudo no mundo canta e affirma o amor.

Amor, Maria! amor em toda a parte,  
desde o vil infusorio até á estrella!...  
É de amor que meus versos vêm falar-te,  
entre as mais bellas, oh mulher mais bella!

É thema eternamente renovado,  
em quanto palpitarem corações,  
dos rouxinões no magico trinado,  
dos trovadores nas divinaes canções...

Amar! amar! pois que no amor se extinguem  
todas as dôres que uma alma cruciaram...  
Amor! Amor! que tuas mãos nos vinguem  
das torturas que a Vida illaquearam!...

1879.

HELIODORO SALGADO.



Raymundo Correia

### A SUA LYRA

(NA MORTE DE JOÃO DE DEUS)

Lyra divina  
de fino ouro.  
Lyra p'regrina,  
raro thesouro.  
Lyra tão bella,  
brilho d'estrella,  
coberta a louro.

Lyra tão doce,  
lyra d'Orpheu  
como se fosse  
vinda do ceu.  
Lyra querida,  
da sua vida,  
do peito seu.

Lyra singela,  
lyra d'amôr,  
meiga, tão bella,  
lyra da dôr.

Ave liberta,  
joia d'offerta  
do Creador.

Lyra que brilha,  
lindo ornamento.  
Lyra que é filha  
do sentimento.  
Suave lyra,  
alva saphyra  
do firmamento.

Lyra d'anil  
d'esta amplidão.  
Lyra d'abril  
inda em botão.  
Lyra mui alma  
vinda da Alma  
do Coração.

ALVARO PINHEIRO.

Espozende.

### A ALAMPADA



A terra, o mar, o ceu, tudo descança.

O pó dos mortos jaz esquecido, o pó dos vivos jaz socegado. Mas no sanctuario, não descança o luzeiro, que nutre o mysterio d'essa hora. Hora de mais profundo silencio, essa em que tudo dorme.

Ninguém em sua vida terá nutrido uma esperança envolto nas sombras da capella, embebido no bruxulear da alampada, no adejar do morego, nas horas em que a egreja vae deserta.

O medo, não deixa a todos a posse de tal goso.

Gerações que dormem debaixo do pavimento que pizeí, se acaso necessitasse do vosso testemunho, uma voz unisona da sempre humida renque das vossas sepulturas, bastaria para o atestar.

A terra parecia um largo cemiterio, em que só a aragem da noite recostada sobre o arvoredor o vivificava.

O mar parecia immensa esteira, ou do passado ou do futuro, ondê estava patente o triumpho das edades, e o cataclismo das gerações.

O ceu, era sem estrellas. O astro que a taes horas já declinava, a espessura das nuvens o escondera. Quem tentaria sondar os arcanos da noite, ante o rouco estrondo da tempestade, que desceia gradualmente sobre os choupos que adornavam o adro d'essa ermida, para depois escoando-se pelas fendas que tem as portas da egreja pobre levar com mão invisivel o terror á alma que a taes horas quebrava o magestoso sacrificio da noite.

Eu manchei a paz do sanctuario. E nem as larvas dos finados, nem os pyrilampos, e tudo o que a engenhosa phantasia das turbas fez nascer d'entre a vaga solidão da noite. Nada d'isso fazia com que deixasse de ouvir os cantos d'essa epopeia solemne.

A noite ia adiantada. E a alma do poeta, durante o dia esmagada pelo desvaír das turbas, espera as horas do silencio para dar azo a suas aspirações.

Procurei um angulo da capella, e o goso que lá senti, não cabia em minha alma. Necessitava d'outra que partilhasse conmigo taes venturas, pois no correr da phantasia, sentia esvaír-se-me a respiração.

Oh vinde todos os que no leito do infortunio vos revolveis, vinde experimentar a paz que aqui se gosa.

Oh minha alma nascida no bulicio, entre o escarneo que ahi sómente impera, renega esse viver, ou a paz do sanctuario é inimitavel.

Oh mais uma vez comparsas na immensa tragedia social, mais uma vez vos convido ao goso que se tem aqui.

Um braço da tempestade, descido das altas montanhas d'além estremeceu com força a janella do presbyterio. E o ecco sahido d'esse angulo do templo, repetiu-se uma e duas vezes pelas columnas de marmore que o sustenta.

A phantasia creou imagens, que só razão desvaírada podia respeitar.

A alampada impelida pela corrente d'ar que atravessara o templo, oscilava e levando seu reflexo ao logar devassado, desfizera-me todas as illusões. Desvaneceu-se todo o susto e eu cravava os olhos nas sepulturas e quasi que poderia dizer juntamente com a voz mysteriosa que de lá sahia: «É falsa a ventura que o mundo tem; são falsos todos os pergaminhos que elle tem; só aqui é verdadeiro o goso, só aqui existe o germen da verdadeira nobreza.»

Era o ecco da pura verdade que se calava em meu peito; por isso que o ladrão da estrada depois de ter sido assassino, rico das prezas que tomou, se apresenta á sociedade, pedindo-lhe os foros que só tem aquelles, que commungam no calix da virtude.

Vem-lhe os ascendentes, apanhar o brazão de nobres, e a plebe gemedora, ri ao vêr que é massacrada. Não ha no mundo verdadeira nobreza.

Receio perder o fio da narração pelas digressões que vão sahindo.

Passára a noite no sanctuario, e alem da paz que ahi gosi, prendeu-me mais a attenção a alampada que defronte do altar da Virgem, semilhava a alma do mortal que se esvaía toda com preces ao Creador. Posei a fronte no braço da lyra, esqueci o mundo das illusões, embrenhado no vasto deserto do pensamento, para onde essa luz me levou.

O passaro que ao descer da noite, sae de seu ninho escondido.



dido, esvoaçou pelos quatro lados da egreja, perturbando com o seu adejar o socego de tão longa aspiração.

Se povoassem o mundo almas sensíveis, que paraíso seria elle.

Agora passo entre o desvairar das multidões, lembrando-me que uma vez vivi d'uma illusão, que d'ella emballei a esperança, que foi só ella quem me deslembrou o scepticismo, e que entre o vago ideal de meu sonho creei uma sociedade tal como a desejara o auctor das *Harmonias da natureza*.

A alampada que por horas mortas bruxuleava a sós no sanctuario, semelha muito minha alma que também em taes horas surgira do leito do descanço, para dizer entre o mysterio que reinava no sanctuario—sociedade, quanto és enganosa, teus membros te chamam justiceira, mas as gerações passadas te chamarão — sceptica.

Alampada que bruxuleavas a sós no sanctuario eu hei-de amar-te.

THEOPHILO BRAGA.

## PEQUENAS IMPRESSÕES

**A** COSER á varanda.

Observo-a na frescura do seu vestido branco. Meiga creaturinha! que vontades tenho de te beijar nas faces!

Não sente que a olham. Uma trança loira, que vem das costas, poisa-lhe de manso sobre o peito. O azul muito limpido do ceu, a primavera frescura da manhã, a sonata que, de leve, sôa dentro, tocada pela irmã mais velha, o perfume de uma acacia em flôr, é fundo maravilhoso e placido á quietude da sua posição de trabalho.

Quadro que nada reproduz na intensa vida que o anima, nem palavras, nem tintas, nem sons por mais divino o genio que lhes dê vida, e canta dentro em nós na escala purissima e sensível da nossa alma!...

O movimento da agulha rythma-se pela cadencia da sonata; a seus pés o sol vem estender um pequenino raio. A sua attenção é profunda, o ponto deve ser miudinho e perfeito.

Que vontades tenho de te beijar nas faces!

Uma creada apparece e fecha uma janella. A sonata distancia-se. O sol aquecendo os raios vem brincar-lhe no oiro dos cabellos. Alguem chama. O almoço está na mesa.

Guarda o dedal, poisa a agulha, embrulha a tela, ergue-se e vê-me, sorri-se e desaparece.

Que vontades tenho de te beijar!

A sonata acaba. A frescura da manhã, vae-se tornando no calor do dia.

GUILHERME GAMA.

## NOTICIARIO



O nosso collega J. F. Nery Soares Rebello de Margão (India) foi honrado ha pouco com o diploma e cruz de membro titular da Academia de Tozoa. Parabens.

Tem passado ultimamente incommodado na sua saude o nosso distincto e illustrado amigo Heliodoro Salgado.

Folgaremos em vel-o breve restabelecido radicalmente.

O dr. Candido de Figueiredo, illustrado escriptor e abalizado philologo, prestou um grande serviço ás letras com a publicação do seu importante *Diccionario Portuguez*, em que introduziu consideravel numero de termos usados no Brazil.

Manoel Arão, distincto redactor do *Diario de Pernambuco*, prefaciou um livro da poetisa Maria Bezerra, intitulado — *Flores da Selva*.

Adolpho Portella, autor das *Orvalhadas*, tem a sahir do prelo um novo livro de versos *Sol Posto*, editado pelo nosso amigo José Bastos, da antiga casa Bertrand.

Para cumprir a pena de tres mezes de prisão em que foi condemnado pelo supposto crime de abuso de liberdade de imprensa, deu entrada nas cadeias do Limoeiro, o nosso intemerato collega da *Vanguarda*, Faustino da Fonseca. Ficou installado no quarto onde em tempos estiveram Heliodoro Salgado, Alves Corrêa e dr. João de Menezes.

Faustino da Fonseca, tem sido muito visitado.

Estevam de Mendonça, distincto jornalista brasileiro, residente em Cuyabá, de onde é natural, está prestando relevante serviço ao seu estado, com a publicação de apreciaveis subsidios para a historia de Matto Grosso, insertos nos jornaes d'aquella cidade.

Visitou-nos o nosso distincto e cavalheiroso amigo, José Claudio de Mesquita, residente em Manáos ha alguns annos, e socio da casa Andresen.

S. ex.ª, de volta de Pariz e Londres, partiu já para Manaus.

Foi eleito ultimamente socio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, o nosso amigo Oscar Leal, director d'esta folha.

O director d'esta folha esteve ha pouco em Vigo, de visita ao seu illustre amigo e compatriota Aluizio de Azevedo, e em Ponte Vedra e Mondariz na companhia de D. Alejandro Rivera, ex-prefeito do departamento de Loreto (Perú), que alli foi fazer uso das celebres aguas.

Teixeira de Queiroz, publicou um novo livro a que poz o titulo — *As minhas opiniões*.

Segundo um telegramma expedido de Lisboa para o Rio, sabemos que el-rei D. Carlos, resolveu não conceder mais titulos hierarchicos a cidadãos brasileiros, sem consultar previamente o representante do Brazil, afim de evitar recusas.

No combate de Lechuza, em Cuba, o general Antonio Maceo, commandava 8:000 homens e teve 200 mortos e 400 feridos; e os hespanhões eram em numero de 41:500, e tiveram 440 mortos e 500 feridos.

No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 5 de maio ultimo, publicou o illustre dr. Barata Ribeiro as razões do recurso de revisão extraordinaria a favor de José Pinto de Almeida Junior, de quem é acerrimo defensor. Pinto, tido como autor do assassinato de Victorino de Menezes, cujo cadaver foi encontrado na latrina da sua casa de Campinas em 1885, foi condemnado á morte, e ha cerca de 11 annos que se acha preso na cadeia de S. Paulo, por ter sido commutada essa pena *ex-vi* do nosso Código Penal, em 30 annos de prisão cellular.

Diz o dr. Barata, que Pinto foi condemnado injustamente e sob a influencia da grave impressão publica, pelo crime — roubo e homicidio, e alega que nenhum dos elementos d'esse crime se acha comprovado. Realmente sempre se disse que o verdadeiro auctor d'esse monstruoso crime não deixou de ser coadjuvado por um cumplice, que nunca foi descoberto.

É justo, pois, que o Supremo Tribunal Federal, tomando conhecimento do luminoso recurso, faça ao infeliz Pinto de Almeida a devida justiça, porque não é para admirar ser elle um innocente.

*Particular* — Crime quasi identico foi praticado na Ilha da Madeira, poucos annos depois, por Victor do Valle, coadjuvado por um irmão menor. Valle, que hoje cumpre na Penitenciaria de Lisboa, a pena a que foi condemnado, também esteve no Brazil, n'aquella epocha.

Brin'Gaubast, illustre collaborador da *Magazine Internationale*, publicou uma bella traducção do magnifico poemeto, *A Vida de João de Deus*.

Francisco Alvaro de Carvalho, Alfredo e Adriano Pinto Coelho, Affonso A. de Azevedo e outros muitos distinctos cidadãos portuguezes, residentes em Pernambuco, levados por um nobre e patriótico fim, publicaram um bem redigido protesto e apello dirigido a el-rei, justamente indignados com a suppressão do concelho de Mondim de Basto.

Gomes Leal, o illustre auctor das *Claridades do Sul*, acaba de publicar uma bella phantasia mystica intitulada, *As Serenadas do Hylario no Ceu*.

Está a sahir do prelo o magnifico poema do illustre poeta brasileiro dr. Carvalho Ramos, e desde já podemos assegurar que a *Goyania*, tal o seu titulo, vae obter um successo completo.

O autor dos *Genios*, cantando com entusiasmo e sonoridade a historia de Goyaz, onde vive ha bastantes annos, faz jus aos nossos applausos.

No *Seculo*, tem apparecido um annuncio concebido nos seguintes termos:

«Ensinase a ganhar 800 a 1000 reis por dia, em poucas horas de trabalho. Dirijam-se por carta a Enfoux & C.ª 36. Escudiliers, Barcelona.»

Alguem querendo decifrar isto, escreveu, e teve uma longa resposta em circular impressa, onde os taes senhores pedem para lhes ser enviada a quantia de 900 reis, antes de nos mandarem as instruções definitivas, etc. etc. etc.!



## BIBLIOGRAPHIA

Á disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar temos mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

Na *Europa Latina* — Impressões de viagens, por Gustavo Penna. Typographia da Empreza Litteraria e Typographica, 298 paginas. O auctor brasileiro, natural de Minas Geraes, patria fecunda de grandes talentos, revela-se n'este livro além de fino observador, escriptor emerito.

*Diccionario biografico Nacional 1550-1892*. Reseña historica de litteratura chilena por Pedro Pablo Figueroa, Santiago de Chile, 206 paginas.

*Historia de Francisco Bibão*, por Pedro Pablo Figueroa,

Santiago. É um bello estudo analytico para servir de introdução ás obras do illustre philosopho chileno — 237 paginas.

*Problemas americanos*, por Pedro Pablo Figueroa, 101 paginas. Bellissimo trabalho sobre as fronteiras e a libertação de Cuba, que muito honra o seu illustrado auctor.

*A Ideia republicana no Brazil*, pelo major José Domingues Codeceira, 129 paginas, Pernambuco. Bello e bem escripto trabalho, cujo maior valor se traduz n'um esforço patrio do seu auctor. Off. do dr. Ribeiro da Silva.

*Paginas Timidas* contos e escriptos muito apreciaveis por Nelson de Senna, distincto jornalista mineiro e cujo talento juvenil e promettedor se vae pondo em evidencia de maneira brilhante. Ouro Preto, 170 paginas.

*Atomos lyricos*. Versos de Bento Ernesto Junior 103 paginas. Rio de Janeiro.

O distincto poeta mineiro que marcha intemerato pelo espinhoso caminho das letras, depressa chegará á gloria senão temer os tropeços que lhe devem surgir após os momentos de primeiro triumpho.

As suas estrophes são, na opinião de Thomaz Ribeiro, bonitas e perfectas.

O *Necroterio da família* Editor o festejado cavalheiro Domingos de Magalhães, dono da importante livraria Moderna, Rio de Janeiro, 353 paginas. O auctor, o dr. Eurico Coelho, que se encobre sob o mysterioso pseudonymo de Paula Luiza, é um espirito lucido já bastante saliente.

As suas convicções são tão admiravelmente explanadas e persuasivas que não podemos deixar de applaudir a maneira brilhante como as defende o illustre deputado ao congresso Federal do Brazil.

*Almanack municipal* de Baturité, Ceará, para 1896. Com o retrato do Ten. Gustavo Sampaio, uma das victimas da revolta no Rio de Janeiro. Com perto de 300 paginas.

*Pela Republica*, Por Pereira da Costa Filho, 29 paginas Pernambuco. Serie de brilhantes artigos publicados pelo seu illustrado author na *Gazeta da Tarde*, de Recife. Vem junta uma bella e patriótica poesia de Olympio Galvão «Á memoria do Mar. Floriano Peixoto».

*A Derrubada*, Bonitos versos por B. Cepellos. S. Paulo, 20 paginas.

*Discursos* de Nelson de Senna, Ouro Preto, 28 paginas.

*Leitura* de varias anedoctas, contos e fabulas colleccionadas pacientemente pelo distincto senhor J. F. Nery Soares Rebello. Margão. India Portuguesa, 47 paginas.

*Em prol da Integridade* do territorio de Pernambuco. Editado pelo Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Bello trabalho do socio F. A. Pereira da Costa, Recife, 43 paginas.

*Alma em Flôr*. Versos do joven Lindolpho Gomes. 164 paginas. Juv. de Fora. O auctor dedica uma das suas produções a simples amigos e a alguns litteratos distinctos. Gomes ensaia os seus primeiros hymnos á natureza e ao amor ou á sensação que na sua alma infunde a formosa madrugada de um dia primaveril.

*O Sapatinho vermelho* Memorias de um frade franciscano. Leitura para devassos, fornecida pela livraria Editora de F. Silva, da Bibliotheca amorosa. Lisboa, 44 pag. Volume illustrado com gravuras adequadas.

*Viagens e Costumes* — Arthur Guimarães (brasileiro). Typographia da Empreza Litteraria e Typographica — 134 pag.

São impressões de viagem colhidas em Portugal e outros paizes da Europa. Narrativas despretenciosas e muito interessantes que se lêem com agrado.

*Iris* — Versos de Alfredo Nunes Corrêa. Porto, 174 paginas. Primeiro livro do author, que realmente tem talento e é digno de elogio.

*Rabiscos e Verbenas* — Contos e versos por Arthur Esmeriz. Porto, 116 paginas. Boa impressão e magnifico papel. Esta obra teve a honra de ser prefaciada pelo nosso amigo e distincto escriptor dr. Rodrigo Velloso, um dos mais notaveis representantes do Portugal litterario contemporaneo, que diz possuir o author uma imaginação viva e fecunda e boa observação da natureza em toda a sua complexidade. Pelo nosso lado felicitamos o author a quem desejamos boas horas de triumpho.

*Ensaio Ethnographico*, por J. Leite de Vasconcellos, Espozende. Collecção Silva Vieira. Em volume. É um proveitoso e muito útil livro, cuja efferta muito agradecemos.

*Folk Lore* — Collecção Silva Vieira — Outro interessante volume com trabalhos em prosa e verso de varios authors.

*Os Novos*, Revista quinzenal de Litteratura — Red. Vidal Oudinot e J. de Vasconcellos. Aveiro.

*Sirius*, Revista litteraria e scientifica. Anno II numero 12. Redactor principal Narciso Araújo. Terra da publicação?

O *Cenaculo*, de Coritiba.

*Revista do Instituto Archeologico* de Pernambuco n.ºs 46 e 47 — Dous volumes com cerca de 200 paginas. Off. do dr. Ribeiro da Silva.

*Revista Azul* — Bella revista de que são directores Antonio de Oliveira e Francisco de Castro Junior. S. Paulo.

*Revista Catholica* — Dir. dr. J. Agostinho dos Reis, Padre Manuel Lobato e outros. Rio de Janeiro.

*Revista do Minho* — Annos X e XI. Dirigida brilhantemente por José da Silva Vieira. Espozende.

*Revista Academica* da Faculdade de direito do Recife. Redactor principal o nosso amigo e illustre offerente dr. Clovis Bevilacqua.

*Revista dos Lyceus* do Porto.

*Anales de la Sociedad de Historia natural*. Serie II, Tomo IV — 253 paginas. Ao socio correspondente dr. Oscar Leal.

*A Chronica*. Dir. a illustre escriptora Guiomar Torresão. O ultimo numero traz uma bella gravura representando o Rio de Janeiro e magnificos artigos litterarios.

*Um officio* do Club Litterario e Recreativo 23 de Agosto de Correntes, Pernambuco, assignado pelos distinctos cavalheiros dr. Francisco Martiniano de Oliveira, presidente, Alexandrino Justino da Silva e Manoel Santiago de Sequeira 1.º e 2.º secretarios, aos quaes agradecemos as affectuosas expressões que n'elle nos dirigiram.

*Correio Internacional Odontologico* — Revista mensal dos senhores Colina y Valle, de Madrid.

*A Tuba* — Ulysses Pennafort continua a inserir n'esta folha, de que é director, os seus bellos Estudos de Philologia Onto-Biologica sobre as palavras America, Brazil e Chistopher.



*Revista de Educação e Ensino* — Dir. Octavio Pires. Publicação mensal de Pedagogia, sciencias lettras etc.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*A Chacota* — Semanario humoristico de Lisboa.

*A Integridade* — Semanario que principiou a publicar-se em Leiria.

*La Perla Artistica* — Periodico quincenal de dibujos para bordar Dir. Manuel R. Llorat Valencia — España.

*O Norte* — Red. Antonio Chaves. Publica-se em Chaves.

*O Ovarense* — Jornal politico e litterario de Ovar.

*Les temps Nouveaux* — Orgão dos socialistas de Paris. Traz sempre um suplemento litterario.

*El Comercio* — Revista illustrada de Santiago, Republica do Chile, n.º 2 contendo o retrato do illustre periodista Chileno Pedro Pablo Figueiroa.

*La Nueva Republica* — Diario da Tarde de Santiago — Chile.

*Evora Postal* — Folha Litteraria e charadistica.

*Vitalidade*, de Aveiro.

*O Tribuna Popular*, de Coimbra.

*O Reformador*, de Agueda.

*La Republique Cubaine* — Importante orgão dos cubanos residentes em Paris. Edição em francez e hespanhol. Redacção á rua S. Vicent de Paul, 20 — Paris.

*O Meridional* — De Monte mór o Novo. Red. Rodrigues de Andrade.

*Boletim Bibliographico* da Companhia Nacional Editora Porto.

Do Brazil, visitaram-nos pela primeira vez:

*O Carteiro* — Red. Max. Barbosa, Antonio Bentes e Henrique Velasco. Pará.

*Gazeta da Tarde* — Diario do Recife. Dir. Dr. Martins Junior, Red. Dr. Carocha (n.ºs 115, 116 e 127) *A Cidade* — Diario. Red. Drs. Teixeira de Sá, Cornelio Fonseca, Affonso Costa Raul Cintra e Medeiros Albuquerque. Recife. *A União* Red. João Ezequiel. Recife. *Congresso academico* — Bella publicação mensal. Red. chefe: Pedro Motta, coadjuvado por distinctos auxiliares.

*As Lettras* — Revista litteraria. Dr. Octavio Mendes, Ceará. *O Symbolo* do Apostolado Litterario de Baturité.

*A Palavra* — Antiga e excellente revista litteraria de Penedo. *A Alvorada* — Dir. Torquato Cabral — Macaio.

Boletim do Collegio de S. Thomaz de Aquino. Bahia.

*Sul do Espirito Santo*. Red. Miguel Dragueiro e S. A. Cachoeiro de Itapemerim. *L'immigrato* — Giornale Popolare Italiano. Dir. Publio Pugo, n.º 23, illustrado com o retrato do nosso illustre e velho amigo Cleto Nunes, deputado federal e jornalista, Victoria.

*A Tribuna* — Fundador Lauro Filho, Magdalena. *Gazeta de Petropolis* um n.º — *Revista Philatelica*. Dir. A. Bruch, magnifica publicação dedicada aos interesses dos colleccionadores de sellos.

*O Javary*, de Ouro Preto. *Cidade de Itabira* — Red. Dr. Olyntho Andrade. *A Lucta* — Orgão litterario e recreativo. Red. o intelligente cavalheiro Joaquim Vaz de Mello Junior. Uberaba. *Gazetinha Popular*, de Paracatu. *O Contemporaneo* — Magnifico jornal de Sabará. *Centro de Minas* de... S. A. de S. J. Acima (Upa) *Folha Popular*. Red. Adolpho Guimarães. Poços de Caldas. *Jornal de Uberaba*, do distincto padre Aurelio E. de Sousa. Redactores politicos, dr. Garcia Adjuncto e A. P. Artiaga.

*Expositor Christão* um n.º — Orgão da Igreja Methodistista brasileira — Red. J. W. Wolling.

*A Mococa* — Red. Dr. João G. Barreto. *O Juvenil* um n.º de S. Paulo. *Folha da Aparecida* Red. Luiz Vistarini, distincto e mimoso poeta. *O Rebate*. *O S. Simão* Bello jornal da localidade do mesmo nome. *A Bohemia*, Director Jose Piza. Bello quinzenario illustrado. *Diario de Taubaté*, Dir. V. Coelho de Carvalho. *A Revista* — Dir. Arthur R. Silva. Amparo, S. Paulo. *O Avanço*, de Santos.

*A Evolução* — Red. Julio Pernetta e Romario Martins, de Curitiba.

*O Estado*, Diario que se publica em Florianopolis. *O Município*, de Lages. S. Catharina.

*Cidade do Rio Grande* — Importante diario da tarde — Redactor? *União Caixeiral* de Pelotas. *O Taquaryense* — Dir. Alberto Saraiva. Rio Grande do Sul.

Aviso — Muitas folhas do Brazil são dirigidas em maço para varios ao correio geral de Lisboa ou á redacção d'outros jornaes, e nós devemos lembrar que nem de uma maneira nem de outra as mais das vezes chegam á mão dos seus destinatarios. O mesmo succede quando as folhas veem ás respectivas redacções com falta de sello.

Do distincto poeta mineiro, Arthur Lobo, acabamos de receber uma affectuosa missiva em que nos avisa da remessa do seu livro intitulado *Kermesses*, que até á ultima hora não chegou ás nossas mãos.

## A MADRUGADA

Em Portugal e no estrangeiro

É uma revista bem escripta e dirigida pelo snr. Oscar Leal, publicista já conhecido e justamente apreciado.

Do *Diario Popular* — Lisboa.

A *Madrugada* é uma publicação que se apresenta donairosa e excellentemente impressa e redigida. É dirigida pelo dr. Oscar Leal, distincto escriptor e incansavel viajante brasileiro.

Dr. Rodrigo Velloso. *Da Aurora do Cavado*.

A *Madrugada*, interessante revista dirigida distinctamente pelo nosso amigo e fecundo publicista dr. Oscar Leal.

Do *Diario de Noticias*, do Funchal.

A *Madrugada*, especialmente destinada ao Brazil, será de certo apreciada pelo primor com que é redigida e pelo brilhantismo de fôrma que reveste.

Da *Verdade*, de Thomar.

A *Madrugada*, pelo numero que temos presente mostra a sua importancia, conservando-nos em viva anciedade pelos numeros subsequentes.

Do *Lima*, de P. do Lima.

Em todas as secções da *Madrugada* vê-se o scintillante espirito do illustre escriptor dr. Oscar Leal, uma das glorias do Brazil contemporaneo.

Da *Reforma*, do Porto.

A *Madrugada* é uma revista intelligentemente dirigida por Oscar Leal.

Da *Geração Nova*, do Porto.

A *Madrugada*, esplendida revista dirigida por Oscar Leal.

Da *Gazeta de Noticias*, Terceira, Açores.

A *Madrugada*, linda publicação illustrada de que é director o nosso amigo sr. Oscar Leal, conhecido escriptor brasileiro. Magnifica a secção litteraria.

Do *Seculo*, de Lisboa.

É director da *Madrugada* o distincto escriptor brasileiro sr. dr. Oscar Leal.

Do *Primeiro de Janeiro*, do Porto.

A *Madrugada* é dirigida com criterio e arte pelo nosso amigo e distincto escriptor brasileiro sr. Oscar Leal.

Da *Vanguarda*, de Lisboa.

Sob a intelligente direcção de Oscar Leal, distincto escriptor brasileiro, publica-se a *Madrugada*, etc.

Da *Voz Publica*, do Porto.

A *Madrugada* é uma revista illustrada de que é director o distincto jornalista Oscar Leal e em que collaboram distinctos escriptores.

Do *Extremo Oriente*, de Hong-Kong.

A *Madrugada* é uma magnifica publicação superiormente dirigida pelo conhecido homem de lettras, Oscar Leal.

Do *Noticias*, de Margão — India.

A *Madrugada*. Dir. Oscar Leal. Ou de três interessantes aperçus sur la jeune littérature portugaise est bresilienne et des vers de...

De *La Lutte*, abril de 96. Bruxellas.

«Croyez mon cher confrère Oscar Leal de la *Madrugada*, à notre haute sympathie intellectuelle.

Leon Bazalgette».

De *Le Magasin International*, Paris.

Acho muito interessante a *Madrugada* e leio-a sempre de principio a fim, o que não succede com a maioria dos jornaes que recebo.

Lisboa — Guiomar Terresão.

Na *Madrugada* duas cousas encontro bastante notaveis — gosto e saber, que tanto possui de sobra o seu director.

Lisboa — Gervasio Lobato.

A *Madrugada* da qual é redactor o intelligente snr. Oscar Leal, é um jornal bem escripto e illustrado.

Do *Commercio de Pernambuco*.

A *Madrugada*, dirigida pelo notavel escriptor Oscar Leal, tem uma redacção mascula e brilhante.

Do *Monitor do Sul* — Goyaz.

A *Madrugada*, publica-se em Lisboa sob a direcção do nosso velho amigo e illustrado confrade, Oscar Leal.

Da *Gazetinha* de Uberaba — Minas.

Não deixamos de alegrar-nos sempre que de longe em longe temos o prazer de receber a *Madrugada*, importante revista de que é director o litterato brasileiro, Oscar Leal.

Da *Gazeta de Alagoas*.

A *Madrugada*, interessante publicação litteraria de Lisboa sob a direcção do nosso illustre e talentoso patricio, dr. Oscar Leal. O numero que temos presente é um verdadeiro primor.

Do *Estado*, de Pernambuco.

É director da *Madrugada* o talentoso litterato, Oscar Leal.

Da *Renascença*, Bahia.

A *Madrugada*, sob a criteriosa direcção de Oscar Leal, é uma folha que prima pela amenidade de estylo e correcção de seus escriptos.

Da *União*, da Parahyba.

A *Madrugada* é uma esplendida folha litteraria do nosso operoso compatriota dr. Oscar Leal.

Do *Correio Mercantil*, de Macaio.

A *Madrugada* é uma importante revista publicada em Lisboa, sob a intelligente direcção do sr. Oscar Leal.

Do *Commercio de Esp-Santo*.

A *Madrugada* é uma revista que honra o nome brasileiro.

Do *Prateano*, Minas — Prata.

É sempre de bom gosto artistico e bem escripta a *Madrugada*, revista de que é director Oscar Leal.

Do *Jornal do Brazil*.

A *Madrugada* é uma bella revista litteraria de esplendoroso sol.

Da *Platêa*, de S. Paulo.

A *Madrugada* é uma apreciavel publicação, na qual grande parte é consagrada aos homens de lettras do Brazil, encontrando-se n'ella muito bons artigos.

Do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro.

É redactor da *Madrugada*, o conhecido escriptor Oscar Leal.

Do *Correio Paulistano*.

A interessante revista *A Madrugada*, que se publica em Lisboa sob a direcção intelligente do distincto escriptor Oscar Leal, é... uma brilhante publicação.

Do *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre.

Na *Madrugada*, verte a sua alma de patriota o dedicado brasileiro Oscar Leal, um dos nossos apreciaveis litteratos.

Da *Democracia*, de Oliveira — Minas.

A *Madrugada* é folha de muito merecimento artistico e litterario.

Da *Iracema*, do Ceará.

A *Madrugada* é um jornal bem feito muito moderno sob a direcção do nosso illustrado compatriota dr. Oscar Leal.

Da *Republica*, do Ceará.

A *Madrugada* é um primor pela belleza dos escriptos, etc. Do *Rio Grande do Norte*.

A *Madrugada*, bem redegida deve occupar lugar distincto na imprensa portugueza á altura das illustradas penas dos seus redactores.

Da *Republica*, do Rio Grande do Norte.

A *Madrugada*, da qual é director o eminente escriptor Oscar Leal, traz artigos onde se revela o fino talento dos seus laureados redactores.

Da *Lanterna*, do Rio Grande do Sul.

Mais um numero da *Madrugada*, que se publica em Lisboa sob a direcção do incançavel dr. Oscar Leal.

Do *Diario do Ceará*.

A *Madrugada*, continua brilhantemente dirigida pelo nosso compatriota, dr. Oscar Leal. Texto variado e digno de leitura.

Do *Diario de Pernambuco*.

Sob a intelligente direcção de Oscar Leal escriptor brasileiro, publica-se em Lisboa uma conhecida revista, *A Madrugada*.

Do *Rio de Janeiro*.

Alegre como o alvorecer de uma manhã primavera, sonora como o coro jovial das aves despertando, entrou-nos portas dentro a *Madrugada*, a apreciada folha de Oscar Leal, com todo o seu concerto de harmonias, etc.

Da *Gazeta de Cacapava*.

A *Madrugada*, excellente folha litteraria do litterato brasileiro Oscar Leal.

Da *Republica*, do Paraná.

A *Madrugada* é uma revista primorosa e chic que o talento e fino espirito do nosso patricio Oscar Leal habilmente conduz atravez da imprensa europea.

Do *Tymburibá*, Rio de Janeiro.

É de Lisboa que nos vem esta *Madrugada* alvinitente e doce como as brisas do Tejo... Oscar Leal está alli para ser o sereno d'esta alvorada de amor e fraternidade.

Do *Amazonas Commercial*.

É director da *Madrugada* o nosso patricio e correspondente do *Brazil* Dr. Oscar Leal. E' uma revista digna da leitura.

Do *Brazil*, do Rio de Janeiro.

Dirigida por Oscar Leal a *Madrugada* cuidada como é com muito capricho recommenda-se e impõe-se.

Do *Mercantil*, de Porto Alegre.

A *Madrugada* é uma afamada revista cujo redactor em chefe é o egregio escriptor Oscar Leal.

Da *Tuba*, Pará.

O numero com que o Dr. Oscar Leal fez a *Madrugada* completar o primeiro anno de vida está mesmo a pedir — Viva a *Madrugada*.

Do *Matto Grosso*.

A *Madrugada* é a bem cuidada e interessante folha sob a intelligente direcção do distincto cultor das lettras Dr. Oscar Leal.

Da *Republica*, de S. Catharina.

A *Madrugada* é uma sympathica e interessante revista editada em Lisboa pelo laborioso e distincto escriptor, Oscar Leal.

Do *Monitor Sul Mineiro*, Campanha.

A *Madrugada*, está a cargo do afamado escriptor brasileiro Oscar Leal.

Do *Friburguense*, Rio de Janeiro.

A *Madrugada*, sob a proveecta direcção do distincto escriptor Oscar Leal, tem na capital portugueza sabido elevar o nome dos escriptores brasileiros.

Do *Diario de Noticias*, do Pará.



### THEATROS DE LISBOA

S. Carlos — Fechado.  
D. Maria — Fechado.  
Trindade — Espectaculos da companhia Souza Bastos.  
D. Amélia — Os carvoeiros. O Cinematographo.  
Gymnasio — Amor... e banhos de chuva.  
Principe Real — A Princesa de Arrentelia.  
Rua dos Condes — O perfume.  
Avenida — Um poeta em pincas, revista.  
Rato — O diabo em casa. Bravo!  
Colyseu dos Recreios — Grandes espectaculos equestres, etc.  
Circo Lisbonense — Espectaculos equestres.  
Real Colyseu — Espectaculos variados.  
Infantil — (Feira de Belem). A guerra d'Africa.  
Exposição Imperial — Avenida Palace.  
Salão da Trindade — Balles de concertos.  
Variedades — As Marinhadeiras de Banhoche.  
Retiro da Pipa — Jogo de pau pelo professor Oliveira.  
Praça do Campo Pequeno — Grandes touradas.  
Jardim Zoologico — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponnyes, theatro infantil, velocipedes, etc.  
Sóides e balles publicos — Em varias sociedades e salões.  
Museus — Jeronymos, em Belem. Archeologico, nas ruínas do Carmo. — Bellas-Artes Historia natural Anthropológico — Galerias do Palacio da Ajuda, etc.

### ANNUNCIO

## SELLOS USADOS

Quem nos enviar 100, 200, 500 ou 1.000 sellos de qualquer paiz, receberá em troca a mesma importancia em sellos de paizes diferentes. Damos sellos raros em troca de sellos raros. Recebemos tambem sellos para trocar p r livros, romances, viagens, etc. que enviaremos pelo correio para qualquer paiz. Escrever e enviar á redacção da *Madrugada*. 222 — Correio Geral — Lisboa.

Typ. da Empreza Litteraria



# A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE IV

LISBOA - DEZEMBRO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA — BRAZIL

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno ..... 103000

Anno ..... 13500

Tiragem 5:000 exemplares

Correspondência para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

Portugal, anno ..... 13000

Edição especial para o Brazil e Ultramar

## EXPEDIENTE

Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empresa que trata, por todos os meios, de vulgarisar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dois paizes.

*A Madrugada*, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

**AVISOS**—Não se recebem publicações pagas.

Toda a correspondência deve ser endereçada á redacção, Correio geral, 222—Lisboa.

Jornaes mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugio.

Toda a correspondência que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.

**REDACTORES E COLLABORADORES**—D. Guiomar Torrezão, Aluizio de Azevedo, Julio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heitor Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.

## CINZAS E PRISMAS



Conheço pessoalmente o illustre e sympathico auctor das «Cinzas» de ha muito pouco tempo. Foi em Vianna do Castello durante a minha ultima excursão á pittoresca provincia do Minho que tive o prazer de ser-lhe apresentado por um amigo, e na casa onde me achava hospedado.

Fallou-me com enthusiasmo da sua obra ainda no prelo, e fez-me ler á pressa algumas paginas. Todavia, tanto interesse me despertaram, que o ia fazendo perder o comboy para Cerveira, sem me lembrar que sendo dia de feira, acotovelavam-se nas ruas as bellas camponezas dos arredores de Vianna, com os seus encantadores e vistosos trajos e não faltavam distrações a quem não tivesse outra cousa mais proveitosa a fazer. Meio dia perdido, mas meio dia cheio.

Oh! o Minho, com os seus costumes, as suas tradições e sobretudo com as suas formosissimas mulheres, é sem duvida um dos mais adoraveis recantos da peninsula Iberica.

Mas... fallemos de Queiroz Ribeiro.

Logo ao trocar com elle as primeiras palavras, percebi que estava diante d'um verdadeiro interprete da arte que immortalizou Camões e João de Deus.

E não me enganei. Agora que elle acaba de mimosear-me com um exemplar da sua obra pude melhor apreciar-o.

É que se trata de um poeta que sabe arrancar do-lentamente ao coração angustiado, purissimas bellezas lyricas, formando com ellas um livro, que ha-de por sua vez arrancar lagrimas de alegria aos proprios scepticos. É um poeta que ama, crê, ri, chora, descreve e canta, justificando brilhantemente a phrase de Chateaubriand:

*Les poètes sont des oiseaux: tout bruit les fait chanter.*

A leitura das «Cinzas» quaes destroços de um delicioso jardim que o poeta chegou a entrever e que o cyclone levou e desfez na sua inclemente varrida, cansou-me gratissima impressão e faz-me, ao repetil-a, avaliar quanto é grande a amargura de que se acha saturado o espirito do apreciavel bardo.

É que ha n'este livro inspiração e, sobretudo, espontaneidade, alem de um alarde sympathico das gallardias proprias de um engenho vivo, que marcha impavido na luta pelo ideal e pela gloria.

Encantado sentir-se-ha o leitor ao abrir o formoso volume quando ler mesmo as bellas quintilhas da *Cega* que principiam assim:

«Magra, velhinha, toda curvada  
Cara de rugas, lavada em riso  
A pobre cega, junto da estrada  
Lembra uma santa, que anda exilada  
Mas que está perto do paraizo.»

e mais encantado successivamente ficará ao conhecer o valor descriptivo, como no *Passeio* pelos recantos pittorescos do Minho e da Galliza:

«Noiva formosa e noiva sorridente  
Fallam do seu carinho  
De que o rio é confidente.»

«D'este abraço leal trocado entre as fronteiras  
Estamos nós em refens;  
Olha ainda que não queiras  
É d'elie que tu provens...»

«E quando ebrio de amor, no teu amor fluetuo  
Não julgo o abraço extincto!  
Parece-me que o sinto  
E até que o continuo!»



GUIOMAR TORREZÃO

Mais adiante:

O mar tem uma paixão... — o rio,  
É doido pelas aguas!  
Se o deixarem, não quer saber de maguas...  
Corre, n'um desvario!

Não somos barcos, minha terna amiga  
Gostamos de andar ao largo,  
Navegando a redeas soltas  
Ao sabor doce ou amargo  
Das aguas mansas ou revoltas.

Queiroz Ribeiro enaltece a sua obra entre estrophes de amor, cantando em puro portuguez as bellezas d'uma região bemfadada pela natureza e despertando nos o desejo de passar á margem fronteira onde outrora, um poeta gallego, Valentim Carvajal tambem disse:

«Eu vin á lus, do renebrado Miño  
N'as froridas e maxicas ribeiras;  
D'isse rio prateado e maxestoso  
Que nace e morre n'a rexion gallega.  
Nido d'amor minado pol-o eco  
Encantado xardin d'a natureza  
Vinde, sensibres e garridas nenas,  
Eu cantarei tamen vossos amores,  
Aque probe e sin lus, Dios m'alumea.»

O leitor que desconhece o dialecto gallego deve gostar de ler mais estes versos:

«Días de sol feiteiros  
Noites de luar seréas  
Albas d'o enxoiito verão  
Tardiñas d'a primavera;  
¡ Ay! traendeme isés aires  
Que sospiram, que se queixan  
N'os alboriños d'o souto  
N'as fontelas d'a ribeira  
N'os picoutos das montanhas  
E nas chouzas d'as aldeas  
Os airiños de Galicia.»

Queiroz Ribeiro cantando ou carpindo os seus amores em estrophes harmoniosas, entre uma invejavel simplicidade que dá ao livro todo o encanto que o distingue, é a meu ver um poeta brilhante a quem devem ficar desde já reservados bem merecidos triumphos.

Não se me dá saber se o auctor é romantico ou classico, se ama ou segue esta ou aquella escola, se é admirador de Hugo ou de Musset, de Junqueiro ou de João de Deus; o que posso garantir, mesmo como fraco entendedor que sou, é que essas «Cinzas» são fragmentos quentes da alma de um verdadeiro poeta e d'ellas evola-se um perfume suavissimo, que todos os idolatras e cultores da arte devem deliciosamente aspirar.

Se o dr. Queiroz Ribeiro com as suas *Tardes de Primavera* viu abrirem-se-lhe as portas da Academia, deve agora, depois da publicação das *Cinzas*, ver desfilar atraz de si o cortejo enorme dos seus admiradores, a entoar as suas proprias hosannas e elegias, em festivo e honroso coro, para aclamar-o no magestoso templo da Arte.

Um outro volume igualmente bello e catita, impresso na terra de Iracema, acaba de chegar-me ás mãos n'este momento.

*Prismas* traz por titulo, e Rodrigues de Carvalho é o seu auctor.

Que seja bemvindo.

Abriendo-o ao acaso, encontro produções já conhecidas dos leitores da *Madrugada*, porque aquelle meu patricio tem tido a delicadeza de honrar-nos com a sua boa collaboração. Mais um motivo para consagrar-lhe, ainda que poucas, algumas linhas.

A proposito de um poemeto que Rodrigues de Carvalho ha tempos publicou e de que me enviou um exemplar, citei esta phrase de Shelley: «Um grande poeta é uma obra prima da natureza». E depois — Quem analysar este livrinho ha de forçosamente crer que o auctor principia a cultivar as Musas com brilhantismo e deve fazer carreira como poeta.

E se então o disse, melhor hoje o affirmo, porque Rodrigues de Carvalho nasceu poeta e morrerá poeta. *Prismas* é uma prova da nossa affirmativa.

O presente volume foi editado pela bibliotheca do «Centro Litterario» do Ceará, que tem publicado e continua a publicar obras de outros consocios como Pedro Moniz, F. Weine, A. Martins, Temistocles Machado, Ulysses Sarmento, todos novos mas talentosos, segundo me informam.

Que o poeta parahybano não durma sobre os laureis colhidos são os meus votos, para que no fim da jornada os applausos unanimes da opinião, possam dedicar á musa do auctor dos *Prismas* este juizo d'um grande pensador: «Primeiro foste flor formosa e pura, logo materia acerba e depois perfeita, doce e madura».

OSCAR LEAL.



## NEVROTICA

ANETTE está sosinha no terraço do hotel aquella hora do sol posto, absorta a olhar o azul que ennoitece vagarosamente.

A vaga bate de encontro á muralha, e o mar dorme embaixo-se.

Em torno, o silencio. Emmudecem as coisas; apenas um vago murmúrio resoa como uma prece balbuciada, diluindo-se n'uma vastidão de nave religiosa.

A noite appproxima-se com as precauções de mãe sollicita, que vem junto do berço em que o filho dorme, pé ante pé.

Na altura infinita ha indecisões de tintas, no immenso horizonte a luz extingue-se n'uma agonia lenta. E tudo parece resvalar para um profundo sorvedouro de sombras.

A agua enegrece, o oceano torna-se tenebroso como se guardasse no seio innenarraveis mysterios.

Annette deixa-se penetrar d'uma emoção que a tem coagida, paralisada, immovel. Sente que vae chorar.

Um vapor passa ao longe, soltando ao vento da tarde um penacho de fumo tenue como um farrapo de gase. Avança arquejando e rompendo a vaga altivamente. O casco surge á flôr d'agua e mergulha fundo, a mastreação balança-se. De terra distingue-se vagamente a luz do farol, uma luz vermelha como uma granada d'annel. E o casco avança sempre, já indistincto, como que a penetrar no horizonte livido. Não é mais que uma concha movediça no dorso do largo mar ondulante.

No ceu, começam a acender-se as estrellas; uma por uma como os lampeões nas cidades vistas de longe, ao anoitecer.

E Anetta soluça tranzida de frio chorando lagrimas, toda sacudida, como um arbusto n'um torvelinho de vendaval outonoico.

JOÃO CHAGAS.



## GUIOMAR TORREZÃO

INSERIMOS hoje o retrato da distincta escriptora D. Guiomar Torresão, prestando assim á illustre litterata uma pequena mas devida homenagem o que bem merece.

É um nome conhecido hoje em Portugal e Brazil, como um dos talentos mais brilhantes do moderno mundo litterario e esplendida e ruidosa é a sua nomeada, porque Guiomar Torresão sendo dotada de fecunda e viva imaginação, tem no vasto campo da litteratura affirmado a pujança da sua intelligencia, de um modo sempre notavel.

Aos seus esforços e sincera dedicação, deve-lhe a litteratura brasileira serviços que nunca poderão ser olvidados.

Esriptora aos 16 annos encetou garbosamente a sua carreira, com a publicação do romance — *Uma alma de mulher*, publicando logo em seguida um bello livro de contos.

Litterata por necessidade e vocação, vive das letras e para as letras no mais delicioso contacto, e deixando um dia de ser a idealista romantica e sonhadora das *Rosas pallidas*, apresentou-se como escriptora completa, fiel interprete da moderna escola naturalista, atrahida e seduzida por melhores modelos na observancia da vida real.

Os seus melhores trabalhos são *A Família Alberga*, romance historico; as impressões da sua viagem a *Paris*, obra cujo valor descriptivo é notavel.

O seu repertorio theatral, como auctora e mesmo como traductora, é bastante vasto. Entre outros podemos citar: *Condessa Sarah*, drama em cinco actos; *Educação moderna*, comedia em tres actos; *Amor de Filha*, drama; *Vingança de mulher*, drama em cinco actos, e muitas peças ineditas, algumas das quaes já tem feito a delicia das primeiras plateias de Portugal e Brazil.

Na opinião de Camillo Castello Branco e de muitos outros escriptores notaveis, Guiomar Torresão pôde «dar-nos o exemplo da elegancia de estylo e de profundidade e variedade de ideias, indicativa da leitura vasta e methodica».

Pelas suas innumeradas aptidões é-nos licito garantir que a sua organização é realmente privilegiada.



## VICTOR A. VIEIRA



Portuguez de nascimento e brasileiro de coração. Vive ha longos annos no Rio de Janeiro, de onde parece haver-se afastado apenas durante curto periodo, em consequencia talvez de estar cansado de lutar e nunca ver a fortuna dar-lhe um ar da sua graça.

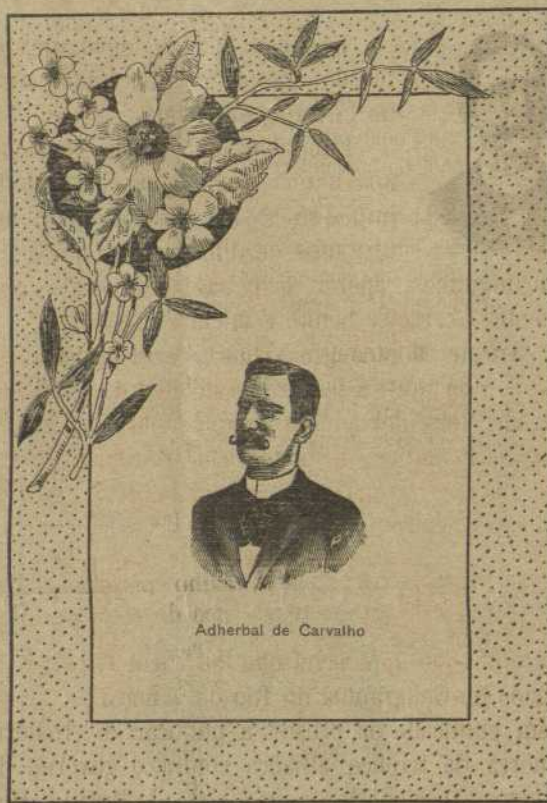
Victor A. Vieira, é irmão do nosso sempre chorado e querido amigo Lopes Cardoso, o fundador do *Diario de Noticias da Bahia*.

Publicou ha bastantes annos um bello volume intitulado «Typos em prosa e verso» e successivamente deu a lume muitos outros trabalhos que foram bem recebidos pela critica.

Abandonando mais tarde os devaneios romanticos, publicou um poema que pretende reeditar. «Alpha e Omega» e um bellissimo estudo — «Espiritismo racional». Victor Vieira tambem ideou um aereostato, cujo desenho veio estampado na *Gazeta de Noticias*.

## Adherbal de Carvalho

De entre os escriptores brasileiros contemporaneos destaca-se Adherbal de Carvalho, como um dos mais notaveis e dos mais fecundos.



Tendo perdido seu pae, o nosso illustre e saudoso amigo dr. José Alves Pereira de Carvalho, ainda bem novo principiou Adherbal a dividir o tempo entre os seus estudos e as locubrações litterarias, que constituem a sua irresistivel vocação, para o que não lhe falta talento, a par do seu bello temperamento artistico.

Adherbal do Carvalho, nasceu em Nictheroy (estado do Rio de Janeiro) em 3 de maio de 1868. Publicou aos 18 annos um romance naturalista — *A Noiva*, que produziu um ruido escandaloso; e depois varias obras, entre outras, o *Naturalismo no Brazil*, *Ephemeras*, poesias.

Fundou com Silvio Romero o periodico litterario *O Tempo*, de pouca duração, e é formado em sciencias juridicas e sociaes pela Academia do Recife, obtendo logo em seguida a terminação do seu curso, o doce premio do desterro, indo parar a Santa Luzia de Carangola, no interior do Estado de Minas, como promotor publico, aonde é provavel continue a estas horas.

O dr. Adherbal, além do *Brazil Litterario em 1897*, tem para publicar dous volumes de critica, *Psychologia Litteraria* — *A lei da razão no theatro*, etc.

## NELSON DE SENNA



Nelson Coelho de Senna, filho legitimo do major-cirurgião-mór, Candido José de Senna e nascido a 11 de outubro de 1876, na cidade de Serro (Minas-Geraes) é graduado pela Escola Normal de Diamantina, cujo curso terminou com distincção, em 1893. Occu-

pa actualmente o cargo de Lente Substituto, no Externato do Gymnasio Mineiro, em Ouro-Preto (a velha capital do Estado), estuda Direito na Faculdade Livre de Minas, estando prestes a terminar o seu bacharelato em sciencias juridicas e sociaes; faz parte da redacção litteraria do «Estado de Minas», conhecido órgão po-

litico redigido pelo Ministro da Viação da Republica Joven ainda, é auctor de varios e apreciados trabalhos, uns publicados em periodicos do Estado, outros já dados á luz em folhetos, opusculos, monographias, além de novas produções que conserva ineditas.

Faz parte de varias associações litterarias, que o têm distinguido com honrosos diplomas.

Nelson de Senna, é o auctor do bello volume intitulado *Paginas Timidas*, de que demos noticia n'um dos ultimos numeros da nossa folha.

## O ESCRIPTOR E O ARTISTA

São coisas muito differentes — ser escriptor ou ser artista. O escriptor, escreve. Fixa pela penna idéas: suas ou dos outros, mas sempre idéas. O artista, não, o artista *cria*, inventa, sonha, e o que diz é sempre novo. O escriptor pôde attingir a perfeição, que é sempre um estado relativo. O artista realisa o *perfeito*, que é já um estado absoluto. O artista procede inconscientemente: é uma machina sublime. O escriptor procede racionalmente: é uma machina aperfeiçoada. Um é todo intelligencia, raciocinio, razão. Até no verão põe letras dobradas, como diria João de Deus. O outro é apenas sensibilidade, sensibilidade e mais nada. E nem quer saber de orthographia.

No momento da elaboração, é que se conhece bem aquella differença. O artista é um como espectador de si mesmo: e ás vezes, o que lança no papel surprehe-o como uma coisa nunca vista, nunca ouvida, nunca pensada sequer, inteiramente nova e absolutamente improvisada. — «Isto é bonito! isto é assim! quem poria aqui isto?» exclamam os artistas muitas vezes.

Eu, por exemplo, se pensar n'uma coisa, n'um conto, por exemplo, já o não escrevo. Mas escrevo-o, se poder, n'um dado momento, abandonar-me todo á sua simples sensação, á simples necessidade de crear, de alimentar, de dar corpo a qualquer coisa que é só uma vibração de todo o systema nervoso, ao influxo de uma sensação que só tem de idéa o nome banal... Não entendo bem isto, mas é assim. Outras vezes, a gente escreve. Mas como escrevem depressa e ás vezes em dois papeis ao mesmo tempo, quando lá, depois, encontra aqui e ali qualquer coisa que não está bem nitida, uma tinta que devia ser mais viva — aquella mesma, só um pouco mais viva! — e sem ser capaz de dizer, de *pensar*, em que é que o defeito consiste, soffre, no entanto, a necessidade impreterivel de o remediar, de o preencher, de o expulsar, — de *afinar* (a palavra é esta) o que sente, com o modo de o exprimir. D'aqui, está claro, a necessidade de conhecer bem a lingua, a necessidade, mesmo, de inventar palavras, quando as que lhe fornece o dictionario são falhas, falsas de cor e de som, descoradas ou anemicas. Aqui, pois, o artista corre o perigo de ser, em certo sentido, o peor dos escriptores, principalmente se os preceitos synteticos da lingua repugnam, ou simplesmente não se casam, com as suas necessidades de expressão. Este defeito de Fialho d'Almeida, por exemplo, é a sua maior definição, aquelle em que elle vive mais pessoal: este defeito é *elle*; o que não tira que seja, a par de um genio, um grande, enorme escriptor n'uma lingua que é só d'elle... Pois se Fialho não é como os outros, como ha de elle escrever como os outros? Camillo, á sua parte, esse tem, só elle, um vocabulario extensissimo, talvez de mais de duas mil palavras, umas inventadas, outras achadas, outras derivadas, e que o maior numero desconhece inteiramente. Camillo disse, por exemplo *intuspeção*, que não vem no dictionario. Fialho, quasi para a mesma idéa, achou a palavra descorada, e, á falta d'outra, fez esta: *ensimesmação*, que vem no ultimo numero dos *Gatos*. Ambos tem razão; a lingua não lhes dava a palavra, mas elles, creando-a, aquella e outra, enriquecem a lingua. É n'isto, ainda, que o escriptor diverge do artista; aquelle é conservador, o segundo evolucionista. Aquelle não tem necessidades, contenta-se com o existente, e impõe o existente como um dogma. O outro não; todo elle é insaciabilidade, revolta, incoherencia, e gosa com a propria ignorancia. Eu uma vez fui ao lyceu, onde se analysava, n'um exame, um trecho escripto por mim. Que horror! fugi horrorisado! O pequeno ia ficar reprovado, mas eu mesmo não sabia que tinha feito aquillo tudo: sujeitos, verbos, attributos, complementos de toda a especie, com muitos nomes arrezados! Como havia de elle saber isso, o pobre estudantinho, que eu sem querer martyrisei? Mas se o coração ficava inedito, se não fossem os artistas, a lingua ficava entevada se não fossem os artistas tambem. No entanto, muitos



escriptores chamam-lhes doidos,— mas são elles que não percebem o phenomeno...

Não os confundamos, porém, minha amiga. Não seria isso uma injustiça?

TRINDADE COELHO.



## LITTERATURA

INEDITOS

### VISÃO

Quando ella appareceu,— belleza ingente,—  
constellada de pérolas custosas,  
muda ficou a multidão ardente,  
e perderam a cor as proprias rosas...

Grega estatua animada á luz fremente,  
passou,— sultana altiva,— e as mais formosas,  
aquella apparição grande, esplendente,  
sentiram n'alma agruras invejosas...

A que ceu pertencera aquella estrella?...  
d'onde surgira assim — soberba e ousada —  
aquella flôr soberbamente bella?...

Veio e passou,— de fronte levantada,  
mostrando o riso que o desdém revela,  
de um murmúrio de pasmo acompanhada!

(Santa Catharina — Brazil).

HORACIO NUNES.

### LEMBRANDO O PASSADO

A OSCAR LEAL

Como no mar a luminosa esteira  
Deixa o navio na onda enfurecida,  
Vendo apagar-se a região querida  
N'um naufragio de sombras e de poeira...

Assim, minh'alma: eterna forasteira  
Vê nas brumas a estancia já perdida  
Onde só vive a magua indefinida  
D'esta saudade que é uma vida inteira.

E vae, caminha e attonita procura  
Por toda a parte a perennal doçura  
Dos dias idos, nos vergeis risonhos!...

Ah! se o passado vindo dos seismares  
Voltasse agora p'ra accordar meus lares  
Vivesse ainda para encher meus sonhos!

MANOEL ABÃO.

### SOLOS!...

(J. EUSTACHIO DE AZEVEDO)

Tú y yo solitos, nadie más, leyendo  
nuestras cartas de amor immaculado,  
en nuestro hogar de flôres circundado,  
sin ver á nadie y del bullicio huyendo...

Más tarde un angelito á nuestro lado,  
fruto de nuestro amor,— tambien viviendo...  
ora dormido cuando el sol muriendo  
vaya, ó por nuestros besos despertado...

Unirte al pecho mio, revelarte  
lo que el verso no dice, y adorarle,  
ébrio del néctar que tu labio encierra...

es todo cuanto ansio en esta vida,  
la esperanza más dulce y más querida  
que me deja aun vivir sobre la tierra!

(Dos Neveiros).

FRANCISCO CEPEDA.

Fatigados de ver tanta tristeza,  
Meus pobres, tristes olhos lacrimosos,  
—Pergrinos do Sonho e da Belleza  
Pelos largos desertos dolorosos—

Quedaram-se a chorar, na dôr accessa,  
De ver em pó os mundos luminosos...  
E em meio da ineffável natureza  
Sepulchros, feras, troncos venenosos!...

Moços ainda e em lagrimas banhados,  
Pelos vastos areaes que percorreram  
Andaram de miragem em miragem...

E errantes sempre, os olhos marejados  
Cegaram, meu Amor, porque se encheram  
Da tua linda e mentirosa imagem...

Porto, 1896.

JULIO BRANDÃO.

### VELANDO...

Tres horas da manhã. Eu velo e penso.  
Brilham no ceu os astros lucilantes,  
E ouvem-se ao longe as vagas soluçantes  
Do mar, no seu lamento eterno, immenso.

E idealmente, então, se me afigura  
Transpôr a vastidão do mar profundo,  
E entrar, livre das maguas d'este mundo,  
Nos paços encantados da Ventura...

Echoam melodias inspiradas,  
Passa um perfume bom, que suavisa,  
E entram jorros de luz que magnetisa,  
Sob a curva das gothicas arcadas.

E, tentando saber porque magia  
Eu, que vivo atrellada ao desalento,  
Pude uma hora ascender em pensamento,  
Aos arroubos ideaes da phantasia.

Cheguei á conclusão consoladora  
Que me envolveu n'um ar de primavera:  
— Fôra a tua lembrança que viera  
Cingir-me a alma, n'um clarão da aurora!

Ponta Delgada, 20 — 40 — 96,

ALICE MODERNO.

## ARTHUR MONTENEGRO



Escriptor historico de alguma nomeada. Nasceu na Uburetama em 20 de Fevereiro de 1864.

Emmoldurando a sua physionomia n'uma das paginas d'esta folha impõe-se ao nosso apreço por dois attributos de difficil e rara união que lhe distinguimos, apesar de o não conhecermos pessoalmente — caracter bonito e talento rasoavel.

J. Arthur Montenegro viajou nos seus primeiros annos de vida pratica nas costas do Brazil, estudando pilotagem, mas deixando a carreira maritima entrou para a escola militar de onde ficou desligado annos depois em consequencia de questões politicas em que se viu envolvido.

O seu mais importante trabalho publicado é o «Diccionario historico e Geographico do estado do Rio Grande do Sul». O trecho sobre o rio Ibicuy é uma monographia tão apreciavel que lhe abriu as portas da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Tem publicado ou prestes a publicar a «Historia de Guerra da triplice alliança contra o governo do Paraguay» «Diccionario das madeiras do Brazil» «Historia da Guerra Chileno-Perú-Boliviana» «Viagem pittoresca pelos rios Paraná e outros. Etc. Etc.

### DANÇA DO DIVINO

A OSCAR LEAL

Ruflam pandeiros, ergue-se a vermelha  
Bandeira ao ar, que o vento desenrola,  
A multidão de subito ajoelha  
Em meio á dança, que os tapys consola!

Fulgem tangas; alguém vae-se de esguelha  
E a dama beija. As notas da viola,  
N'um prestito lithurgico que abelha,  
Move-se o grupo entoando a cantarola.

O Rei divino agita a barretina,  
Olha a mais linda, sensual menina,  
E a turba afasta respeitosa e lesta;

E, então, de braço, ao som de um grave canto,  
Vae-se com a bella, sacudindo o manto...  
Ronca o tambôr e recrudescer a festa!

Brazil—Minas—1896.

LINDOLPHO GOMES.

\*\*\*

(N'UM ALBUM)

Ao vêr-te a cor esmaida  
Disse o sol, um dia, á lua:  
— «Desce da curva anilada,  
Brilha mais que a face Tua!»

Má, e, como nunca bella,  
Quedando, a lua voltou:  
— «Mas brilhando os olhos d'Ella,  
Foge, sol, também do ceu!»

Fins d'outubro, 96.

Vianna do Castello.

JULIO DE LEMOS.



### «O PARTEIRO»

**T**AL é o título d'uma novella naturalista ultimamente publicada pelo snr. dr. Oscar Leal, já conhecido no mundo das lettras por anteriores produções.

A critica tem-se occupado diversamente d'este pequeno romance de costumes: uns louvam e applaudem; outros censuram acremente o auctor, resalvando apenas a fôrma litteraria, e fulminando anathemas sobre a novella em si. Deixemos liberdade á critica, e elucidemos apenas os timoratos que acharam aquillo em demasia crú, dizendo-lhes que a crueza lhe veio da realidade observada. Se os criticos timoratos se não contentarem com essa explicação é que, positivamente, a sua timidez orça na toleima.

Ha porém um critico que arremette, furioso. É o snr. Valentim Magalhães, econoclasta terrivel, que depois de ter demolido (sic) Camillo Castello Branco e Anthero de Quental, Guerra Junqueiro e Theophilo Braga, trata agora de demolir o director da *Madrugada*.

O *Parteiro*, no entender d'este critico lusitanophago não prima nem pela concepção nem pela decencia.

Vê-se que o snr. Valentim còrou, ao ler aquillo. É pudico como a sensitiva, este demolidor de reputações litterarias.

Zola e Eça de Queiroz têm tido a sua obra accusada do mesmo delicto. Estes criticos não se queixam das latrinas sociaes creadas por uma civilisação viciada que importa botar a baixo; queixam-se do espelho que reflecte as podridões visiveis, e da voz audaciosa que denuncia as podridões invisiveis.

O *Parteiro* é a romantisação d'uma vida porca de malandro authentico, que toda a gente poderá apontar a dedo, porque o conhece. O snr. Valentim de Magalhães queria que o romancista o apresentasse alvo e puro como o arminho!

Positivamente, este Valentim, com a sua mania de bota-abaixo, está destinado a fornecer a futuros novelistas o mais grotesco typo do charlatão ensabiçado que nos seja dado conceber.

Cerebralmente impotente, desforra-se d'essa impotencia dizendo mal de tudo e de todos, a ver se, por exclusão de partes, só elle fica na galeria dos mestres. Póde ficar: mas dos mestres sapateiros.

Porto, 1896.

HELIODORO SALGADO.

## NOTICIARIO

Tem tido bom acolhimento da imprensa a novella naturalista *O Parteiro*, do nosso amigo Oscar Leal, director d'esta folha. Abaixo reproduzimos noticias dos principaes jornaes.

O *Parteiro* — Novella por Oscar Leal — A litteratura brasileira acaba de ser enriquecida com um romance de verdadeiro valor.

«Oscar Leal, tem dado provas de grande valor intellectual e d'uma illustração não muito commum.

O *Parteiro*, cuja bem conduzida acção se desenrola em Pernambuco, é um romance magistralmente feito, com situações que nos prendem o espirito. Pode considerar-se um estudo do natural, feito por um observador profundo, que não perde a mais insignificante particularidade da vida real, e que não sacrifica a verdade da narração aos arrebiques estudados do estylo.

Com esta nova obra, Oscar Leal revela-se-nos um escriptor naturalista de grande valia, o que para nós não foi surpresa, pois temos cabal conhecimento das suas altas qualidades litterarias.»

(Do *Século* de Lisboa).

«O snr. dr. Oscar Leal, já conhecido no mundo litterario por diversas composições... acaba de nos brindar com um exemplar do *Parteiro*... romance de costumes, em que o auctor, escarpellando alguns dos pódras da sociedade pernambucana, toma por vezes as proporções de um pamphletario.

Trata-se de um medico-parteiro, totalmente desprovido de senso moral, abusando da santidade do seu ministerio para, por toda a parte, semear a corrupção.... É a besta humana apinhada em flagrante torpeza e exposta á abominação....

Os caracteres, são bem traçados e bem sustentados, especialmente o do protagonista. As descrições, são de um bom colorido e os typos reaes bem estudados e bem expostos. etc. etc.»  
(Da *Voz Publica* do Porto).

O *Parteiro*, novo romance do dr. Oscar Leal, está magistralmente delineado, e bem escripto.....

(Da *Patria* de Braga).



O Novo trabalho, *O Parteiro*, que nos acaba de chegar da lavra de fecundo litterato, revelou o mesmo escriptor, habilitissimo na forma de escrever as suas impressões, a que sabe dar um colorido vivo e intenso.....

(Do *Diário de Pernambuco*).

Garcia Redondo, o festejado collaborador do *Paiz* do Rio de Janeiro, em carta que dirigiu ao auctor, diz:

«Recebi e agradeço-lhe o seu romance *O Parteiro*, onde, com franqueza lhe digo, ha notabilissimo progresso no seu estylo e bellezas taes que o collocam em primeiro lugar entre as suas obras...»

Sentindo não podermos reproduzir outras noticias semelhantes, não nos podemos furtar tambem ao desejo de transcrever da importante e imparcial, *Folha do Norte*, que se publica no Pará as seguintes referencias, para que o leitor adverso aos merecimentos do auctor, bata palmas.

...*O Parteiro* é uma insignificancia... Antes o auctor tivesse varrido da mente a ideia de lançar o *Parteiro* á publicidade, porque infelizmente elle constitue o seu primeiro insuccesso nas lettras e oxalá elle seja o ultimo, etc.

A porta do Café Suíço:

— Então V. Ex.<sup>a</sup> não é realmente brasileiro?

— Não senhor, repito.

— Pois não me disse V. Ex.<sup>a</sup> que nascera no Brazil...

— É verdade e justament: porque sou natural do Brazil é que não sou brasileiro.

— Ten graça!

— Sou brazilez.

— Ah!...

— Brazileiros, são realmente aquelles que foram ao Brazil para traficar, negociar com os seus productos. Ao prefixo que exprime e substancia se associa a desinencia *eiro*, que quer dizer trabalho, como em *sapateiro*, *mineiro*, *ferreiro*. *Eiro* é *aro*, *aris* latino (lavar, trabalhar) transformação por conveniencia phonetica de *ario* como e.n *operario*, *notario*, *boticario*. Brazileiro exprime officio e nunca patria.

Eis porque entendo que são effectivamente brazileiros os portuguezes que regressam do Brazil e brazilezes ou mesmo brazilianos os que lá nasceram.

Albertina Paraizo, a distinctissima poetisa, e uma das poucas senhoras portuguezas que se dedicam com brilhantismo ao cultivo das lettras, tem no prelo um volume de versos, cujo apparecimento é ansiosamente esperado pelos seus admiradores.

Está no prelo a nova obra do illustre e distincto poeta Luiz Guimarães, Filho, intitulada — *Idyllios Chinezes*.

Já sahio do Limoeiro, o nosso festejado collega e director da *Vanguarda*, sr. Faustino da Fonseca, que alli cumpria a pena de tres mezes de prisão, que lhe foi imposta pelo supposto crime de abuso da liberdade de imprensa.

Tambem cumpriu a mesma pena alli e pelo mesmo motivo, o sr. Hildio Costa, editor da *Vanguarda* e da nossa folha.

Faustino da Fonseca, escreveu e acaba de publicar um livro intitulado «Tres mezes no Limoeiro» cujo valor se pode adivinhar pela enuneração dos capitulos: Cadeia do Limoeiro — Presos — Execuções — Prisões no tempo de D. Miguel — Historia da Cadeia — Carrascos — Grilhetas — A cadeia hoje — Estatística, etc.

Parte para Italia ainda este mez o director da *Madrugada*.

## Bibliographia

Temos sobre a nossa meza de trabalho mais os seguintes — livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

*Giovanina* — Romance dialogado e magistralmente escripto pelo conhecido escriptor Affonso Celso. Bellissima edição da livraria de Domingos de Magalhães, Rio de Janeiro. Um volume de 227 paginas.

*Luaves e Soes* — Bello volume de bem escriptos e interessantes contos de Jules Granval (Francisco Rufino), nosso illustre collega do *Commercio do Espirito Santo*. Um vol. 172 pag. Victoria.

*Rosas de um dia* — Mimosas produções poeticas do apreciavel bohemio Manoel Roças. Um vol. 416 pag. Vianna.

*A obra scientifica de Burgrawe*, traduzida pelo illustre medico portuense dr. Manoel Bernardo Birra, que tambem se dignou mimosear-nos com a sua *Treplica* ao dr. Oliveira Castro, sobre os granulos dosimetricos de Chanteau.

*El Plata Intelectual* — Notavel e interessante bosquejo litterario, pelo conhecido escriptor chileno D. Pedro Pablo Figueroa. Santiago do Chile.

*A Fantasia* — Revista fluminense dos acontecimentos de 1893, em um prologo, 2 actos e 13 quadros, do nosso illustre confrade do *Paiz*, Arthur Azevedo. Musica de Assis Pacheco. Editor, Domingos de Magalhães, Rio de Janeiro.

*As Abelhas* — Comedia em verso, original do festejado e já bastante conhecido litterato Luiz Trigueiros, nosso collega do *Jornal de Vianna*, que, por occasião da nossa recente visita a essa cidade, tambem se dignou mimosear-nos com outras produções da sua lavra:

*O Loto* — Mono/ogo em verso e

*Nas Trevas* — Conto.

*Coisas Castas* — Humorismos galantes em prosa e verso por Claudio Gil, travesso pseudonymo do apreciavel e distincto escriptor e jornalista pernambucano Cleodon de Aquino. Recife. Um vol., illustrado com bellas gravuras. 136 paginas. Editores, Hugo & C.<sup>a</sup> A venda em Lisboa na livraria Bertrand.

*A Poesia e a arte* — (no ponto de vista philosophico) pelo illustrado dr. Adherbal de Carvalho. Um grosso vol. de perto de 300 paginas, sahido das officinas Leuzinger & Filhos, do Rio de Janeiro. É um notavel trabalho que muito honra o seu estúdio auctor.

*Acajaca* — Celebre romance indigena do dr. J. Felicio dos Santos. Ouro Preto. Um vol. 120 pag. O auctor, notavel juriconsulto e historiador mineiro, falleceu ha pouco em Diamantina, sendo então Senador da Republica. Ao nosso confrade Nelson de Senna, agradecemos a offerta d'esta obra, incontestavelmente uma d'aquellas que mais honram a litteratura brasileira.

*Cinzas* — Poema lirico, do nosso amigo e illustrado poeta dr. Queiroz Ribeiro, festejado auctor das *Tardes de Primavera*. Acerca do merito d'esta obra é de esperar que se pronuncie claramente a imprensa pela penna dos seus mais illustres criticos. Quanto a nós, parece-nos que ha no volume muita belleza e simplicidade dignas de nota, que bastará para dar ao auctor logar entre os mais distinctos poetas contemporaneos.

*Discurso* — Pronunciado no festa civica de 7 de setembro em Ouro Preto, por Nelson de Senna.

*Kermesses* — Novo volume de poesias de Arthur Lobo, poeta mineiro já conhecido e muito apreciado, apesar de continuar a viver n'um pequeno meio, aonde lhe deve fazer falta o convivio preciso aos cultores das lettras e aos apostolos da arte. Arthur Lobo sendo um erudito como parece, só pôde ser comprehendido pelos eruditos. Ha no seu pequenino volume de 88 paginas, bonitos e primorosos versos.

Ao auctor agradecemos a remessa do seu bello livrinho, impresso na casa Laemmert, do Rio de Janeiro.

*Discurso* — Pronunciado pelo dr. Manoel Homem de Bitencourt, por occasião de inaugurar-se o Centro Portuguez, na cidade de Santos. O auctor é formado em medicina dentaria pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e membro de varias associações scientificas.

*Noticia historica e pratica sobre as aguas de Melgaço*, por Almeida Silvino.

*A Escola* — Revista litteraria do collegio de S. Thomaz d'Aquino. Braga.

*A Alvorada* — Revista litteraria do Porto. Director, Paulo Osorio. Collaboradores: Alberto Pimentel, Alfredo Gallis, Bulhão Pato, Julio Dantas, Xavier de Carvalho, Oscar Leal, Trindade Coelho, Otto Kermann, Fialho d'Almeida e outros.

*Georgina* ou os effeitos do amor — Poema em cinco cantos pela distincta poetisa Luiza Amelia de Queiroz 129 pag. Maranhão.

*Folhas Tristes* — Versos por Julio Silvio. Porto.

*Flôres da Selva* — Bellas poesias de Maria Bizzera com uma carta-prefacio do distincto jornalista — Manuel Arão.

*Lyra Hebraica* de Eugenio Leonel. — Com um artigo critico do Conego Manoel Vicente.

*Hymno do Apostolado Litterario de Baturité*. Ceará.

*Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart intitulado «Notas para a historia do Ceará»*. Fortaleza.

*Pela Republica* — Brilhantes artigos já publicados no «Correio de Minas» pelo estudioso e illustrado jornalista Estevam de Oliveira. — Um volume 98 paginas. Juiz de Fora.

*A Arte* n.º 1 — Director Albano Alves. Revista quinzenal litteraria. Porto.

*O Mundo em Casa* — Dir. Hygino Mendonça. Lisboa. Com magnificas illustrações de Pastor.

*Almanach das Senhoras para 1897* — Directora D. Guiomar Torrezão. Entre outros, traz os retratos dos nossos compatriotas e distinctos escriptores brazileiros Aluysio de Azevedo, Clovis Bevilacqua, Ernesto Santos, Furtado Filho, Generoso Ponce, João Barreto, Revocata e Julieta de Mello, Manoel Arão, Tobias Rosa, do consul portuguez no Recife dr. João Salgado, do dr. Assis Brazil e de muitos outros apreciados homens de lettras.

Visitaram-nos pela primeira vez:

*Tribuna Popular*, de Coimbra.

*Correio de Leiria*.

*Jornal da Louzã*.

*Semana Alcobacense*.

*Circulo das Caldas* — Red. J. Pedro Ferreira.

*O Elmano*, de Setubal — Red. M. Padilha e Leonardo Duarte.

*Imparcial do Marco* — Dir. José T. Miranda e Araújo Valente.

*O Bejense* — Dir. Umbelino Palma.

*A Folha de Beja* — Dir. José Mendes Lima.

*O Feirense* — João J. Ferreira.

*O Liberal* — Povo de Varzim.

*Commercio da Guarda*.

*Valenciano*.

*A Folha de Lisboa*.

Do Brazil visitaram-nos pela primeira vez:

*Sul de Goyaz* — Dir. Modesto Leão. Red. Arthur Costa e outros. Rio Verde. *A Cigarra* órgão critico. Rio Verde. *O Estado de Goyaz* — Red. Conego Ignacio Xavier e dr. Luiz Jayme.

*Ordem e Progresso* — Red. Raymundo da Silveira.

*Jornal de Piamhy* — Parnahyba.

*O Labor de Bananeiras* — Parnahyba.

*Sul de Alagoas* de Penedo.

*Cidade de Joazeiro* — O *Cysne* da Amargosa. Bahia.

*O Luniarense* do Luniar de Nova Friburgo. *O Estudante*

— Dir. Euclides Aguiar e Joelym Fragoso. Capital Federal.

*Echo da Barra* — Red. M. L. Costa. Barra do Pirahy. Rio de Janeiro.

*A Arte* — Órgão do Grupo Dram. A. Azevedo de Santos. *A Opinião*, de S. Carlos do Pinhal. Red. Dr. Augusto Castilho e Americo Penna.

*Município de Caldas* — *Tribuna Mineira* de S. José do Paraizo. Red. J. Lopes Ribeiro Junior — *Treze de Março* — Red. Publico Ribeiro, de Opo Preto. *Nova Philadelphia* de Theophilo Ottoni. *Folha Azul* — Jornal em miniatura que nos vem de muito longe — ora vejam, da... Villa de Santa Anna de São João Acima, abaixo da Porochia da Onça na comarca de Pitangui! Ih! Ih! Ih! Muito bonito, pois não é? Oh senhores lá d'esse lugar, por amor de Deus e de todos os santos do Céu e da terra, vejam se encontram um nome para essa longinqua aldeia, villa ou cidade se o não tarda a ser. Olhem que nós votamos com o Conego Ulysses Pennafort para que a villa de S. Anna de João Acima etc. passe a denominar-se — *Pitanguape*. Este nome é mais original e sobretudo mais patriótico. Minas.

*Cidade da Lapa e Gazeta Postal* de Curitiba. Paraná.

*Officios* — Do Instituto 49 de Setembro, de Lisboa; do Circulo Floriano Peixoto, de Pernambuco; do Gabinete Litterario Cametaense; do Grêmio Agro-Scientifico de Uberaba; do Centro Portuguez de Santos; do Gabinete de Leitura Camillo C. Branco de S. Mathews, Açores; da Sociedade de Geographia de Lisboa.

*Constituição* do Circulo Floriano Peixoto, do Recife. Pernambuco.

*Estatutos* do Centro Portuguez de Santos.

Participação de casamento do nosso antigo confrade Lafayette de Toledo e D. Umbelina X. de Toledo residentes em Casa Branca — S. Paulo.

*Prismas* — Poesias de Rodrigues de Carvalho, (á ultima hora).

## CAVACOS

Recebemos um numero da *Republica* do Ceará em que o distincto cultor das lettras sr. Rodrigues de Carvalho verbera o procedimento de um senhor do Porto que lhe plagiou a sua phantasia litteraria intitulada «A Trepadeira». Pela nossa parte deixamos de mencionar aqui o nome do auctor do audacioso plagio, porque doe-nos expor ao ridiculo (apesar de o não conhecermos) o joven auctor de tal levandade.

Veio parar ás nossas mãos uma carta cheia de ameaças vinda de Pernambuco. Em resposta só podemos, e connosco todo o mundo, afirmar que, se o gajo enfiar a carapuça e disso nos der uma prova como annuncia, muito contribuirá para o apparecimento de uma edição especial em que elle surgirá nuzinho ao lado dos novos personagens seus collaboradores e com os nomes proprios, etc., etc., etc. O mais é segredo.



Na *Semana litteraria* da «Noticia», importante e bem redigida folha diaria que se publica no Rio de Janeiro, o nosso collega Valentim de Magalhães noticiando o apparecimento do *Parteiro*, principia assim neste ironico ar de troça — *O Parteiro* chama-se a «novella naturalista (sic) publicada em Lisboa pelo sr. Oscar Leal, doutor, nosso patricio, auctor de dezesseis obras etc.....

Não é preciso mais, para o leitor avaliar do resto.

Valentim Magalhães, doutor por ser bacharel como outros por serem dentistas ou medicos simplesmente, é um escriptor conhecido e tido no Brazil e tambem aqui por nós como possuidor de talento e tambem de merecimento. Mas Valentim tem, como todos sabem, dous defeitos capitais — ser desconfiado e ter habitos de seminarista.

Ora digam-nos com franqueza se conhecem cá ou lá, outro litterato nas suas condições de notabilidade, que se dê, ao envez de fazer critica, ao trabalho de atirar ironias aos seus confrades.

Pois o Valentim é ainda um menino de escola nos seus habitos, e apesar de não nos arrogarmos em mestres, precisamos de ora avante pôr de prevenção a Santa Luzia dos cinco olhos.

E nós a mandarmos o Decio engulir a pillula a proposito das philaucias do Valentim e sahirmos em sua defeza, para recebermos este pago, e porquê?

Por causa do *Parteiro*! Pobre dr. Xis! Até o Valentim te quer fulminar.

E contarmos hoje no numero dos nossos melhores amigos a Decio Carneiro, incontestavelmente um talento superior que todos reconhecem e o Valentim como nosso adversario! Tudo a proposito de um arranco patrio, que afinal só honra a Dócio.

Ora, o Valentim, de duas uma — ou é victima de suggestão, ou tem saudades da gatinha cinzenta da rua das Atafonas.

## THEATROS DE LISBOA

*S. Carlos* — Companhia lyrica.  
*D. Maria* — O amigo das mulheres.  
*Trindade* — A gata borralheira.  
*D. Amelia* — Companhia franceza de operetta.  
*Gymnasio* — De camaradagem.  
*Principe Real* — Homens do mar.  
*Rua dos Condes* — A sorte grande.  
*Avenida* — 1840 ou a restauração de Portugal.  
*Rato* — O diabo em casa. Bravo!  
*Colyseu dos Recreios* — Grandes espectaculos equestres, etc.  
*Circo Lisbonense* — Espectaculos equestres.  
*Real Colyseu* — Espectaculos variados.  
*Infantil* — A guerra d'Africa.  
*Exposição Imperial* — Avenida Palace.  
*Solão da Trindade* — Balles, e concertos.  
*Variedades* — As marinheiras do Banhoche.  
*Retiro da Pipa* — Jogo de pau pelo professor Oliveira.  
*Praça do Campo Pequeno* — Grandes touradas.  
*Jardim Zoologico* — Exposição de animas de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.  
*Soirées e balles publicos* — Em varias sociedades e salões.  
*Museus* — *Jeronymos*, em Belem. *Archeologico*, nas ruinas do Carmo. — *Bellas Artes*, *Historia natural*, *Anthropologico* — *Galerias* do Palacio da Ajuda, etc.

## ANNUNCIO

## SELLOS USADOS

Quem nos enviar 100, 200, 500 ou 1.000 sellos de qualquer paiz, receberá em troca sellos de paizes diferentes. Damos sellos raros em troca de sellos raros. Recebemos tambem sellos para trocar por livros, romances, viagens, etc., que enviaremos pelo correio para qualquer paiz.

Escrever e enviar á redacção da *Madrugada*. 222 — Correio Geral — Lisboa.

Typ. da Empreza Litteraria